

QUANDO
se dissipa a
TEMPESTADE

JANETTE OKE

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

Q UANDO *se dissipa a* TEMPESTADE

Série Oeste Canadense
Livro 5

Copyright 1985 by Janette Oke

Originally published in English under the title *Beyond the Gathering Storm* by Bethany House Publishers, a division of Baker Publishing Group,

Grand Rapids, Michigan, 49516, U.S.A.

All rights reserved.

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA UPBOOKS

Rua Francisco Otaviano Queluz, 103

Braz Cavenaghi, Itapira, SP - 13976-508

www.upbooks.com.br

Direção e tradução

Eneas Francisco

Edição e copidesque

Carla Montebeler

Ilustração da capa

Dyene Corrêa Nogueira

Revisão e copidesque

Tully Ehlers

Q UANDO *se dissipa a* TEMPESTADE

Janette Oke

1ª EDIÇÃO

ITAPIRA, SP
2021

*Dedicada aos muitos leitores
que me pediram mais uma história
sobre a Família Delaney.*

Capítulo 1

A chuva fria e o vento não contribuíam para o tipo de manhã que ela teria escolhido para o compromisso do dia. Embora tenha tentado de todas as maneiras se proteger com o guarda-chuva emprestado, era impossível evitar que o vento ou a chuva penetrassem suas roupas. Mas não era exatamente o clima que ela achava difícil de suportar.

O motivo de sua angústia era o fato de seu pai ter acabado de passar três dias em sua companhia, enquanto ela cuidadosamente escolhia um novo, embora limitado, guarda roupa. Será que as roupas seriam arruinadas em seu primeiro dia e todo aquele tempo desperdiçado? O pai não fizera nenhum tipo de reclamação, mas a jovem tinha certeza que ele pensava que a tomada de decisão podia ter sido apenas um pouco abreviada.

Ela estava bastante nervosa ao sair do pequeno quarto na pensão, e o clima não ajudava muito.

'Queria que papai pudesse ter ficado — ou mamãe tivesse vindo comigo' — sussurrou para si mesma.

Lembrou-se das palavras de conforto da mãe na despedida, mesmo que as lágrimas escorrendo pelo rosto tão querido parecessem desmenti-las.

— Deus estará com você, jamais se esqueça disso. E nós estaremos orando... Todos os dias — sussurrou a mãe.

Aquele pensamento teve um efeito estabilizador, e a moça agarrou mais firme guarda-chuva, preparando-se para atravessar a rua.

Ela ergueu o pé para descer a calçada quando ouviu um carro se aproximando. Automaticamente, virou a cabeça e parou, ainda surpresa e impressionada com o barulho e a velocidade com que se deslocavam esses veículos modernos. Este que se aproximava era azul escuro, com uma elegante estatueta adornando o capô.

O homem ao volante colocava a cabeça para fora da janela aberta, obviamente buscando uma visão mais clara daquela que tinha através do para-brisas respingado de chuva. Tinha os olhos cobertos com óculos escuros e um longo cachecol pendurado no pescoço, que ameaçava sair voando com o vento.

Ela não conseguia deixar de olhar, um sorriso desconcertado que lhe erguia as comissuras da boca. Momentaneamente, a jovem esqueceu a chuva e seu nervosismo, tão atraída estava pelo carro em alta velocidade que passava pela rua enlameada.

A moça virou o guarda-chuva, para não bloquear a visão e pisou na beira da calçada.

Tarde demais ela reconheceu seu erro. Um jato de água suja da chuva espirrou em sua saia quando o automóvel passou disparado. Voltou para a calçada alarmada, mas o dano já tinha sido feito. Depois de ver a roupa pingando, olhou para o automóvel que passara. O motorista tirou a cabeça para fora da janela novamente e olhou para trás na direção da moça. Talvez fosse parar e voltar apressado para se desculpar. Mas o homem apenas deu de ombros em um gesto exagerado, e depois teve a ousadia de sorrir e acenar.

A jovem não podia acreditar naquela grosseria. Isso jamais aconteceria na localidade onde ela morava. Estava certa de que de que as roupas novas estavam arruinadas, e parecia que o homem considerava que tudo aquilo não passava de uma brincadeira inofensiva.

— Oh, Deus! — exclamou ela, enquanto olhava consternada para a saia molhada. Estava indo para uma entrevista de emprego, no prédio do outro lado da rua. O pai tinha marcado a reunião, e esperava acompanhá-la, mas suas obrigações o chamaram e ele teve que deixar a cidade. Agora, aqui estava ela, com as roupas desordenadas, sapatos encharcados, e sem tempo para voltar e se trocar.

— O que eu faço agora? — perguntou em voz alta, com os olhos arregalados e consternados. — Não posso... — balançou a cabeça e começou a rir. — Bem, serei obrigada ir assim mesmo, não há mais nada a ser feito. Creio que terei que dar o meu melhor.

Ela observou a rua com cuidado para certificar-se de que não

havia mais automóveis se aproximando, e então atravessou correndo, com o guarda-chuva pendurado no ombro. Já estava já tão desordenada, que um pouco mais de chuva não ia fazer muita diferença.

A jovem empurrou a pesada porta do saguão e parou ali, olhando ao redor desconsolada. Não parecia haver ninguém ali, e ela não tinha certeza por qual das portas que davam para a ampla entrada deveria entrar. Ela fechou o guarda-chuva, colocou-o no suporte e tentou em vão sacudir a água da saia

— Mamãe sempre disse que a vida pode trazer algumas surpresas desagradáveis e é preciso aprender a apenas se virar — sussurrou para si mesma enquanto alisava o cabelo escuro para trás do chapéu. — Bem, não tenho certeza de como ‘me virar’ desta vez.

Esfregou o casaco o melhor que pôde, notando que nele tinha respingado a maior quantidade de lama, embora a saia cinza nova também tivesse uma listra escura na frente.

Tirou o casaco, pois poderia virar a parte mais suja para o lado que não seria visto. Com um lenço limpo, enxugou as gotas de chuva do rosto e novamente afagou conscientemente o cabelo úmido. A moça endireitou os ombros e respirou fundo, ansiando pela segurança das orações de sua mãe. Então, lançou outra olhada rápida ao redor.

Ela deu apenas alguns passos quando se lembrou do guarda-chuva, que era emprestado. E se alguém pensasse que os guarda-chuvas no suporte eram para uso público? E talvez fossem. A moça não tinha ideia dos costumes da cidade. Virou-se e o retirou do suporte, embora fosse difícil carregar tanto o guarda-chuva pingando quanto o casaco úmido.

Papai disse: Suba as escadas e vá para a direita, recordou-se. O nome do homem é Kingsley. Arthur Kingsley — mas só preciso me lembrar que é Sr. Kingsley — senhor. Ela forçou outro sorriso e endireitou os ombros. Era realmente uma aventura, assim como o pai tinha dito. Olhou para baixo com olhos pesarosos e, determinada, subiu o último degrau e virou para a direita.

Papai disse que há uma recepcionista. Devo falar com ela,

apresentar-me e dizer a razão da minha presença ali.

Ela fez uma careta e moveu o casaco na tentativa de cobrir a frente da saia. O que a senhora pensaria de sua aparência?

— Espero que a recepcionista tenha senso de humor — murmurou a jovem.

Encontrou a sala no final do corredor e hesitou apenas um momento antes de entrar a convite do sinal: Arthur Kingsley e Associados. Por favor, entre.

Havia muitas pessoas na sala. Mesas alinhadas numa parede inteira, e pelo menos meia dúzia de mulheres estavam curvadas sobre máquinas de escrever, enquanto dedos batiam cadenciadamente nas teclas preto e brancas. Em uma fileira de cadeiras perto da porta, outros indivíduos esperavam, movendo os pés inquietos para um lado e para outro, aparentemente com a intenção de falar com a recepcionista que estava mais próxima, presidindo a mesa. Os papéis empilhados ao redor dela quase encobriam a placa que dizia Senhorita Stout, Recepcionista.

A jovem deu um suspiro de alívio, então não conseguiu esconder outro sorriso enquanto se movia em direção à mesa.

A mulher de meia-idade que usava o nome de Srta. Stout era tão delgada quanto um bambu.

— Sim? — disse a mulher sem nem mesmo desviar os olhos da papelada.

A palavra isolada fez com que todas as cabeças na sala se erguessem e se concentrassem na figura solitária perto da mesa. A jovem sentiu um momento de pânico, então pigarreou e conseguiu dar um sorriso amarelo, enquanto falava com mais confiança do que sentia.

— Eu sou Christine Delaney. Eu tenho... — por um breve momento a palavra escapou. Mentalmente, Christine lutou para se livrar de mais constrangimento. — Tenho um compromisso com o Sr.... ah... Sr... — houve outro momento de pânico enquanto tentava recordar o nome. — Senhor... Kingsley. Sr. Arthur Kingsley — ela soltou de repente, e respirou aliviada.

A mulher franziu a testa.

— Mas estou com um probleminha... — Christine apressou-se,

surpresa com sua ousadia. — Bem, quando estava atravessando a rua — ela acenou com a mão na direção rua da frente —, um carro passou e respingou lama na minha saia. Talvez o Sr. Kingsley prefira que eu marque outra hora — para mais tarde — quando estiver mais apresentável.

Christine hesitou e parou quando a mulher franziu mais a testa.

— Motoristas malucos — a Srta. Stout finalmente disparou. — Eles nunca deviam ter permissão para andar nas ruas, pois não se importam com a forma como dirigem.

— Oh, eu...

— Tive que pular fora do caminho deles duas manhãs seguidas — a mulher continuou, agora completamente exaltada. — E não são apenas as poças. Você corre risco de morrer. Nunca deveriam ter dado permissão a eles.. Nunca. Automóveis e pessoas não pertencem às mesmas ruas — isso é que é.

Durante todo o tempo em que falava, a mulher estava empilhando e virando papéis com tanta força que a mesa chegava a tremer.

Christine ouviu uma risadinha de uma das carteiras à sua esquerda.

A mulher deve ter ouvido também, pois lançou um olhar sombria naquela direção. Teclados de máquinas de escrever começaram a estalar com renovada energia.

— Venha — disse a mulher, acenando com a cabeça em direção a Christine ao levantar-se da mesa.

— Mas eu não deveria...? — começou a dizer Christine, olhando para a saia manchada mais uma vez.

— O senhor Kingsley é um homem muito ocupado. Ele não tem tempo para marcar outra entrevista, e quer que o assunto seja resolvido — hoje. Você apenas terá que dar o seu melhor.

Dar o seu melhor. Ela não tinha ouvido essas palavras toda a sua vida? Christine deu de ombros e se virou para segui-la.

— E deixe seu casaco e esse guarda-chuva ali. Não vai deixá-los pingando no tapete — ordenou a mulher bruscamente, mostrando a fisionomia mal humorada que expressava sua atitude em relação aos dois itens, enquanto apontava para o cabideiro do outro lado da sala.

Christine obedientemente pendurou o casaco novo ao lado de outros quatro, esperando que ele e o guarda-chuva emprestado estivessem seguros. Então, seguiu humildemente a mulher impaciente pela porta de carvalho maciça, feliz por estar fora da vista dos olhares curiosos.

Era um grande escritório, cheio de prateleiras, mesas e armários de arquivos, todos abarrotados de papéis, embrulhos e pilhas de livros. No meio do aposento, havia um homem imponente sentado na cadeira, ocupando uma grande mesa. Estava com a cabeça inclinada para frente, e as mechas de cabelo grisalho o faziam parecer um criatura estranha com uma juba desalinhada. Mãos grandes estavam ocupadas traçando uma linha nas páginas espalhadas diante dele. Christine podia ouvir murmúrios que incluíam palavras desconhecidas e expressões que ela tinha certeza que sua mãe jamais teria permitido em sua casa. A julgar pelo tom e a fisionomia sombria que franzia o rosto, parecia que o Sr. Kingsley estava descontente com alguma coisa.

— Senhor — disse a recepcionista de maneira respeitosa.

A única resposta foi um grunhido de reconhecimento.

— Sua última candidata chegou, senhor.

Ele não levantou a cabeça.

— Espero que essa seja melhor do que os outras — resmungou ele. — Não sabem digitar. Não sabem soletrar. Não sei o que ensinam nas escolas hoje em dia. Passei todo meu tempo...

— Senhor, ela está aqui comigo.

A cabeça se ergueu. Dois profundos olhos castanhos espiaram Christine debaixo de sobranceiras espessas. Um sobreceixo ainda mais profundo formou vincos marcados de um lado ao outro da testa. As grandes mãos se estenderam para tirar o abundante cabelo despenteado do rosto.

O homem não disse nada, nem a Srta. Stout. Christine engoliu seco, sentindo-se incomodada — mas não se moveu. Quem devia quebrar esse silêncio constrangedor? Será que ela teria coragem?

A jovem decidiu que seria ela.

— Eu me chamo Christine Delaney, — disse ela, com a voz surpreendentemente equilibrada. — Tenho um horário marcado —

uma entrevista — para um emprego. Devo me desculpar... Tive um pequeno contratempo na vinda para cá. Um automóvel...

— Motoristas tolos — balbuciou o homem, ecoando os sentimentos da recepcionista. Lançou um olhar para a saia de Christine, enquanto ela gesticulava desamparadamente. — Não têm o menor respeito por ninguém nas calçadas. Até parece que as ruas foram inventadas apenas para eles correrem com suas máquinas estúpidas. Dirigem como Jehú, todos eles. Não sei o que é pior — se a poeira ou a lama.

Olhou novamente para o rosto de Christine.

— Então suponho que você precise correr até sua casa, para se trocar? — questionou o Sr. Kingsley, com irritação na voz.

— Não, senhor — ela respondeu rapidamente, com um tom de risada na voz, mesclando-se com o tom respeitoso. — Isso é, se o senhor não se importar.

O grande homem pareceu surpreso com a resposta da jovem em sua frente, e inclinou-se ainda mais para encará-la novamente..

— Seus sapatos estão molhados — observou ele ríspidamente. — Vai pegar um resfriado fatal.

Christine apenas deu de ombros.

— Se sapatos molhados fossem capazes de matar alguém — ela disse em tom leve —, eu já teria morrido há muito tempo.

Isso pareceu surpreendê-lo ainda mais. O homem limpou a garganta. Christine percebeu que as linhas de expressão não estavam mais tão profundas.

— Bem, então vamos em frente — exclamou o homem com a voz quase civilizada.

Christine ouviu a porta fechar suavemente. Srta. Stout tinha se retirado.

O Sr. Kingsley pegou um documento que a recepcionista havia deixado em sua mesa.

— Alguma experiência anterior de trabalho? — questionou, antes mesmo que seus olhos examinassem o conteúdo do documento..

— Não, senhor. Pelo menos não datilografando — respondeu Christine.

O homem ergueu as sobrancelhas hirsutas.

— Em que trabalhava?

— Tudo o que meu pai ou mãe achavam por bem me designar — ela respondeu com sinceridade.

Kingsley pareceu achar engraçado.

— Então está me dizendo que consegue seguir ordens?

— Sim senhor, creio que sim

— E a senhorita não tem medo do trabalho?

Christine não hesitou.

— Esperava-se que fizéssemos nossa parte — ela respondeu. — O trabalho fazia parte da vida. A sobrevivência dependia disso.

O grande homem assentiu.

— Bem, é melhor do que a maioria nos dias de hoje — disse ele de má vontade e deu atenção imediata ao documento em suas mãos.

— Ah, sim — disse ele após um momento, levantando a cabeça. — A senhorita é a filha daquele policial que passou a vida toda no norte — disse o Sr. Kingsley olhando novamente para Christine. — Creio que as coisas aqui são um pouco diferentes, hein?

Christine não pôde deixar de dar uma rápida olhada para a saia, mas, para sua surpresa, o ouviu rir.

— Bem, uma coisa que terá que aprender rapidamente é tomar cuidado com esses motoristas idiotas. Está sempre correndo risco todas as vezes sai na rua. Nunca deviam ter permitido automóveis, em primeiro lugar. Agora toda a cidade está tomada por eles, os tolos nunca os tiram da rua. As coisas estão de tal forma que é bem possível que sejamos obrigados a ter um, só para nos mantermos firmes contra eles.

Christine sorriu. Esperava que o homem logo terminasse a entrevista. Seus pés molhados estavam desconfortáveis, e ela experimentava uma crise de nervos ao procurar pelo primeiro trabalho de verdade de sua vida.. E se não conseguisse? Qual seria seu próximo passo?

O pai planejava ficar na cidade até que ela estivesse bem instalada, mas agora Christine estava sozinha. Sozinha e nervosa

— absolutamente fora de seu ambiente.

O Sr. Kingsley fechou o arquivo. Christine sentiu o coração desanimar. O homem não tinha lhe dado uma chance justa, mal tinha lido qualquer informação escrita ali.

— Entregue isso à Srta. Stout quando estiver saindo — disse ele rapidamente. — Você começa na segunda de manhã. Oito horas — em ponto. A recepcionista vai lhe explicar os detalhes.

Christine tinha conseguido o trabalho. Tinha conseguido o trabalho, e não tinha sequer sido entrevistada. Pelo menos não como o curso de secretariado lhe fizera acreditar. Ela pegou o envelope fechado, sem demonstrar nenhuma expressão, conseguiu balbuciar um “Obrigada, senhor!” e se virou para ir embora, ainda em estado de choque.

— E, Srta. Delaney... — chamou ele quando Christine estava quase à porta.

A jovem se virou. Então ela realmente tinha entendido mal, e agora a verdade viria à tona.

— É melhor a senhorita ir para casa o mais rápido possível, e trocar esses sapatos — só por garantia — disse ele, quase gentilmente. — Não íamos querer que a senhorita pegasse um resfriado, não é mesmo? Antes mesmo de começar seu primeiro emprego.

Christine sorriu e concordou com a cabeça.

Ela tinha recém colocado o casaco e pegado o guarda-chuva com segurança quando houve uma agitação na porta. A jovem não viu a princípio quem entrou, mas percebeu que a chegada causou uma grande agitação na sala.

Christine viu que a expressão azeda da Srta. Stout tornou-se ainda mais severa quando seus lábios franziram em desaprovação. Mas na fileira de mesas que formavam a secretaria, a resposta foi muito diferente. Cabeças se ergueram e as mãos foram arrumar o cabelo. Olhares recatados e cílios vibrando com suavidade, acompanhavam sorrisos significativos. Christine se virou para ver quem havia causado essa resposta tão surpreendente. E lá estava ele, óculos pingando pendurados na mão enluvada, o longo cachecol jogado descuidadamente sobre o pescoço e o ombro, a

cabeça levemente inclinada com ar arrogante, enquanto os olhos inspecionavam a fileira de jovens datilógrafas. Era impossível que estivesse enganada sem nenhuma dúvida era o motorista do automóvel que a deixou totalmente enxarcada e ignorou a descortesia com um gesto despreocupado e um sorriso zombeteiro.

A Srta. Delaney sentiu as costas enrijecerem, e os lábios se comprimirem.

O motorista descuidado se virou para encará-la e seus olhos se encontraram. Christine teve certeza que o homem a reconheceu imediatamente, pois ele olhou diretamente para o casaco manchado de lama.

— Parece que você estava muito perto do meio-fio — comentou o rapaz em tom descontraído. Os olhos escuros comprimiram achando graça.

— Parece que sim — respondeu Christine rigidamente, com a voz fria e uniforme. — A Srta. Stout e o Sr. Kingsley me garantiram que logo vou me acostumar. Dizem que a cidade está cheia de motoristas que não se importam muito com os outros.

Uma sobrançelha escura se ergueu. Ele obviamente não estava arrependido nem apologético. Na verdade, o sorriso ainda era travesso.. Mas as próximas palavras a surpreenderam.

— Só me dê um minuto e eu lhe darei uma carona para casa.

O tom usado por ele parecia sugerir que o homem estava concedendo um grande favor. Christine teve a sensação de que toda a sala ficou imóvel.

— Não, obrigada — disse ela sem hesitar. — Pode ser perigoso andar pelas ruas, mas prefiro me arriscar.

Sem olhar novamente para o homem, Christine juntou o material que Srta. Stout lhe entregara para que lesse no fim de semana e se virou para a porta. Todos na sala pareciam estar de olho nela, mas Christine não se importava. Tinha a esperança que eles não tivessem a impressão de que ela conhecia estranho jovem arrogante.

A jovem estava prestes a abrir a porta quando ouviu o rapaz questionar:

— Meu pai tá por aí?

— Este é um dia normal de trabalho — respondeu a Srta. Stout com rispidez. — Onde mais ele estaria?

— Ótimo — foi a resposta concisa.

— Ele está ocupado agora... — começou a dizer a mulher, enquanto Christine virava a cabeça em choque.

— Ele está sempre ocupado.

O jovem ignorou totalmente a mão estendida da recepcionista. Sem um momento de hesitação, ele abriu a porta do escritório do Sr. Kingsley.

O coração de Christine quase parou quando ela percebeu que tinha acabado de trocar farpas com o filho do patrão. Antes mesmo que pudesse recuperar o fôlego, a moça ouviu a voz alta do Sr. Kingsley.

— Aí está você, e bem na hora. Dê uma carona para aquela jovem que está ali fora até sua casa. Algum motorista idiota quase a afogou em lama da rua.

Capítulo 2

—Tem alguma coisa incomodando você?

A cabeça de Henry Delaney girou em direção a quem o questionara, e sua boca se abriu para emitir uma rápida negação. Mas quando os olhos escuros encararam os olhos azuis intensos do homem que estava sentado diante do fogo aberto, o rapaz fechou a boca sem dizer uma palavra.

Ele parou de andar agitado e passou a mão no bigode bem aparado que cobria o lábio superior. Foi o único hábito que ele nunca conseguiu dominar, em seu esforço de não revelar nada.

O pai, sem dúvida, percebeu tudo agora, quando disse:

— Tem algo a ver com a Polícia?

O jovem deu um suspiro profundo. Como poderia responder? Não estava relacionado à Polícia — e ainda assim, de certa forma, estava. Passou novamente um dedo sobre a extensão do lábio e voltou para o fogo. O cão husky siberiano deitado aos pés do pai se mexeu inquieto, olhando de um para outro como se estivesse esperando algum tipo de mudança.

— Às vezes eu odeio a Polícia.

Henry murmurou e então se enrijeceu, o rosto enrubescendo culpado como se ele tivesse acabado de cometer um ato de traição.

O mais velho não respondeu. Apenas acenou com a cabeça em direção à cadeira diante da lareira aberta. O cachorro ergueu a cabeça, soltando um gemido suave, que vinha de algum lugar no fundo de sua garganta.

Com um suspiro pesado, o jovem sentou-se.

— Desculpe-me — começou a dizer lentamente. — Eu não queria trazer meu... meu descontentamento comigo. Passei tantos meses ansioso por esta pequena folga. Eu... eu não tenho nenhum desejo de estragar as coisas por... olha, podemos apenas manter as coisas, você sabe, entre nós? Mamãe estava ansiosa para ter este Natal reunidos, não quero que ela saiba dos meus problemas.

O pai sorriu.

— Foi sua mãe que me pediu para falar com você.

O rosto de Henry mostrou seu alarme. Então, ele estendeu a mão para mexer mais uma vez no bigode.

— Está assim tão na cara?

— Acho que você escondeu muito bem. Quase me enganou. Pensei que você pudesse estar apenas cansado. Ficamos assim depois de muitos meses de serviço. Mas sua mãe — ela não é enganada tão facilmente.

O jovem se inclinou para frente, apoiando os cotovelos nos joelhos.

Agora que havia sido descoberto, sentia-se aliviado.

— Não é a Polícia, pai. Eu ainda... ainda amo fazer parte da RPMC. Não consigo me imaginar fazendo outra coisa. — Passou a mão através do espesso cabelo castanho. — Só que... bem,

algumas das tarefas que somos chamados a fazer são quase uma zombaria para o nosso lema: 'Para proteger e servir'. Essa é uma tarefa muito elevada. Servir não é assim difícil. Mas como a gente protege — consegue proteger em circunstâncias complexas, muito além do nosso controle?

Wynn Delaney se mexeu.

— Acho que sua mãe ficará aliviada. Ela pensou — nós dois tínhamos que pudéssemos ser rumores da guerra que o preocupavam.

Henry se virou surpreso.

— O senhor realmente acha que seremos envolvidos?

Mais uma vez Wynn se mexeu em sua cadeira, seus olhos voltando-se para as chamas na lareira como se buscassem uma resposta no fogo.

— Eu gostaria de pensar que não, mas as coisas estão ficando cada vez piores. — Ele olhou para o filho. — Você tem conseguido acompanhar as notícias do que está acontecendo com Hitler na Europa?

Henry balançou a cabeça.

— Apenas algumas coisas de vez em quando, e nunca sei quão precisos são esses fragmentos de informação.

— Às vezes eu mesmo me pergunto sobre sua precisão. Mas está parecendo cada vez mais que precisam de nossa ajuda lá.

— E mamãe acha que estou considerando ir?

Wynn assentiu com a cabeça.

Ficaram em silêncio por vários minutos, até que Henry falou novamente.

—Não sei... neste momento. Se — e quando — isso acontecer, terei que orar a respeito do assunto. Admito que seria difícil ficar aqui, se eu sentisse que meu país precisa de mim lá. Vou ficar orando — ele disse novamente.

Os olhos de Wynn permaneceram focados no filho. Henry tinha plena certeza de que o pai estava pensando em quantos outros pais e mães canadenses estavam enfrentando a dilacerante possibilidade de ver filhos — e filhas —, marcharem para a luta. E

quantos destes voltariam para casa no final da guerra?

Wynn finalmente quebrou o silêncio.

— Mas acabamos desviando do assunto — disse Wynn. — Você estava falando de uma difícil missão da Polícia.

Henry se levantou novamente e moveu-se para apoiar-se na lareira. Só o ato de pensar no assunto trazia memórias profundas e preocupantes, e Henry mal conseguia falar sobre o assunto.

Olhou então para o pai, percebendo que ia precisar falar.

— Sabe qual foi meu último dever oficial antes que deixasse meu posto?

A expressão do pai refletia profunda empatia com a emoção na voz de Henry.

— Tive que levar a notícia da morte do marido para uma mulher. Não foi a primeira vez. Na verdade, creio que a parte mais difícil é que esta missão abriu uma velha ferida, que achava que estivesse curada. Trouxe de volta todo o horror de quatro anos atrás no meu primeiro posto, quando tive que lidar com uma morte pela primeira vez. Foi um jovem lenhador sueco, de aparência robusta. A empresa informou que ele não voltou com o grupo no final do dia. Eu o encontrei preso sob uma árvore caída — esmagado.

Henry parou por um momento e balançou a cabeça.

— Eu pensei que tinha finalmente superado isso. As imagens de rostos não assombravam meu dias — nem minhas noites — como antes, embora admita que ainda pensava sobre o ocorrido. Mas este novo incidente — desta vez um caçador mais velho — trouxe tudo de volta. Os pesadelos, a lembrança da busca. Encontrar aquele jovem lenhador já foi horrível, mas levar a notícia para a viúva, foi a coisa mais difícil que já fiz na minha vida. Lembro-me de tudo como se fosse ontem.

O pai acenou compreensivo com a cabeça.

O filho começou a andar de novo, sentindo-se quase esmagado pela angústia em seu coração. Henry apreciou o fato de que o pai não tentou preencher o silêncio com palavras vazias e solícitas. Esse era um assunto que Henry teria que resolver sozinho.

— Quando cheguei, a moça saiu correndo da pequena cabana assim que ouviu minha equipe se aproximando. Ela pensou que o

marido estava vindo casa. No minuto em que a mulher me viu — o uniforme — o rosto dela ficou pálido. A moça parecia tão... tão perdida, tão arrasada. Achei que ela ia desmaiar antes mesmo de ouvir minha mensagem.

Ele se virou para olhar atentamente para o pai.

— Ela era pouco mais que uma menina — disse ele, sua voz cheia de sua angústia, uma mão batendo suavemente, mas com firmeza, na palma da outra. — Só uma menina, lá em cima, numa cabana de lenhador, totalmente sozinha.. Ela...

Henry fez um esforço para se acalmar, mas seu queixo tremia.

—Eu... Sugeri que voltássemos para dentro da casa. Havia um vento frio soprando e a temperatura — ela teria sofrido um congelamento rápido e não teria nem percebido. Ela me deixou levá-la pelo braço, pois naquele momento ela já estava cambaleando. Tenho certeza que sabia o que eu ia dizer. A moça só ficava repetindo o nome indefinidamente em... um pequeno gemido. Eu tentei levá-la para sentar-se numa cadeira, mas ela se recusou e...

Por um longo momento, Henry não conseguiu continuar. O aposento estava silencioso, exceto pelo crepitar do fogo e os solidários chorinhos do cachorro.

Ele engoliu em seco.

— Depois que contei a ela o ocorrido, a moça desmoronou. Ela se agarrou a mim e chorou aos soluços sem parar. Nunca ouvi tanta... tanta tristeza em toda a minha vida. Um animal preso em uma armadilha não faria um som tão lamentável. E ela segurava minha jaqueta como se estivesse se afogando. Não sei quanto tempo eu a segurei, orando silenciosamente, tentando de alguma forma... acalmá-la... aliviar sua terrível dor. Pai, eu nunca me senti assim...tão absolutamente impotente em toda a minha vida.

Henry sentou-se na cadeira novamente e olhou para o fogo, sua mandíbula trabalhando enquanto ele lutava para controlar as profundas emoções.

— Mas isso não foi o pior — ele finalmente continuou. — Eu tinha conseguido acalmá-la um pouco quando... quando ouvi um novo choro. A moça tinha um filho, que não tinha mais que alguns meses.

Minha vontade era sair correndo dali, mas ao mesmo tempo, sabia que não podia sair. Não podia. Mas também não sabia o que fazer com eles, nem como ajudá-los.

Henry se levantou novamente para andar. O cachorro se levantou com ele, seus olhos passando de um para o outro como se quisesse fazer algo para suavizar o ar pesado na sala.

— Mas quando o bebê chorou, a mulher mudou de repente. Tornou-se imediatamente racional. Completamente mãe... pois sabia que o bebê precisava dela. A moça entregou aquela... aquela criaturinha pequenina para mim, enquanto buscava as fraldas secas. Eu nunca tinha segurado um bebê antes. E ele apenas ficou lá em meus braços, olhando para mim. Tive vontade de chorar. Eu tinha acabado de trazer a notícia de que seu pai tinha morrido... e o bebê olhou para mim e sorriu. Eu me sentia como... como algum tipo de traidor.

Henry esfregou o lábio novamente, a agitação fazendo seu ombros largos se inclinarem.

— Ela voltou e perguntei o que eu deveria fazer — o que ela faria. A moça me disse para ir buscar a vizinha, Sra. McKinnon. Eu não sabia se deveria deixá-la sozinha, mas sabia que não podia simplesmente ficar ali. Nem poderia ir embora. Alguém tinha que ficar ali com ela. Olhei para a moça e o jeito que estava segurando o bebê e decidi que era a única coisa que eu poderia fazer. Ir até Sra. McKinnon e orar para que a mulher — seja ela quem fosse — viesse. Eu não sabia quanto tempo poderia demorar, então me certifiquei que tivesse muita lenha para o fogo, e eu... — Henry hesitou e corou um pouco. — Eu tirei o rifle do homem da casa. A moça estava tão perturbada que não queria arriscar. Então me dirigi para os McKinnons. A mulher concordou em ajudar — sem questionar. Eu ia escoltá-la de volta, mas ele — o Sr. McKinnon — disse que a levaria. Ele era um homem grande e forte. Achei que os dois, sendo vizinhos, estariam em uma posição melhor do que a minha para ajudar a jovem.

Houve silêncio novamente.

O homem mais velho foi o primeiro a falar.

— E essa foi a última vez que você a viu?

Henry acenou com a cabeça.

— Então não sabe...?

— Não faço ideia.

— Certamente os McKinnons — alguém — deve ter tomado conta dela..

Henry encolheu os ombros.

— E quanto ao corpo? O jovem lenhador?

— A madeireira estava cuidando dos detalhes, então fiquei fora do caso.

— Eles certamente se certificar de cuidar da jovem esposa. Quando voltar — se ainda estiver preocupado — pode verificar...

— Eu não vou voltar. Recebi minha nova ordem um pouco antes de deixar. Vão me enviar para o sul por um tempo.

— Sul? Como se sente a respeito dessa mudança?

Henry deu de ombros novamente, tentando parecer indiferente.

— Vai ser uma grande mudança. — Ele suspirou profundamente, então continuou: — Embora eu entenda que eles ainda estão lutando para sobreviver à seca. Um grande número dos agricultores desistiram. Foram adiante — ou foram embora. Outros mal estão se segurando. Tem sido difícil. — Seguiu-se um silêncio pensativo. — Vai ser uma mudança.

Henry se inclinou para jogar outra lenha no fogo. Brilhante fagulhas salpicaram a grade, estourando como fogos de artifício em miniatura.

— Mas você não consegue parar de pensar na moça.

Não era uma pergunta. Henry apenas acenou com a cabeça.

— Oro para que ela tenha sido devidamente amparada — disse ele —, que a empresa madeireira tenha cumprido seu dever para com a viúva. Mas isso não tira o meu... — eu nem sei como colocar em palavras, pai — mas nunca fui tão afetado por dor, por tragédia antes. Dever. Mas dever não é o suficiente em um momento como esse. Você vê outra pessoa assim... tão desalentada, e há não nada — absolutamente nada — que possa fazer para aliviar a dor. A gente só entra numa vida, trazendo essa notícia tão trágica, e depois sai, sem ter feito nada para ajudar.

Ele não encontrou mais palavras.

Wynn se levantou, erguendo-se da cadeira com os braços fortes para dar suporte à perna que não podia mais fazer seu trabalho sozinha. Ele deu um passo à frente para se juntar ao filho diante do fogo, e por vários minutos ficaram ombro a ombro, vendo as chamas devorarem a lenha rica de pinheiro.

— Filho, já parou para pensar que você de fato ajudou aquela moça?

A cabeça do jovem se virou.

— Eu não fiz nada. Apenas... apenas a deixei e...

— Não. Não, você não a abandonou. Você... a segurou. Isso era o que ela precisava... no momento. Apenas alguém para estar lá. Para segurá-la enquanto ela chorava. E você orou.

Ele se virou ligeiramente e Henry olhou para o rosto familiar quase nivelado com o seu.

— E, Henry, se não estou enganado, você não parou de orar.

Henry quase perdeu o controle e enxugou as lágrimas. Possivelmente fosse pouco profissional um membro da Polícia Montada chorar. Mas mesmo um oficial da lei era humano.

Lentamente, ele balançou a cabeça.

— Não — admitiu honestamente. — Não... Eu não parei de orar.

*
— —

— Que horas chega o trem da Chrissie?

Elizabeth ergueu a cabeça e encarou o filho. Ela estava muito aliviada ao perceber que depois da conversa que teve com seu pai, o rapaz parecia mais relaxado, embora seus olhos escuros ainda apresentassem sombras. Ela estava ansiosa pela oportunidade de falar com Wynn para descobrir o que deixara Henry tão perturbado. Neste momento, Elizabeth respondeu de maneira uniforme, mantendo a leveza nas palavras propositalmente.

— Ela chega amanhã, no trem das cinco horas.

— Chrissie está gostando do trabalho?

Henry está tentando apenas puxar conversa? Elizabeth se perguntou enquanto lançava um rápido olhar em direção ao filho novamente.

Não. Henry estava genuinamente interessado. Conseguiu ler suas intenções com facilidade. Ela ouviu a risada de Wynn.

— Ela parece ter se acomodado facilmente, depois de um começo bastante difícil.

Henry já tinha ouvido a história do encontro infeliz de Christine e a carona indesejada para casa no mesmo automóvel que causou o desastre.

— Ela vê o filho do chefe com muita frequência? — Henry perguntou.

— Suponho que sim, de vez em quando — Elizabeth respondeu. — Acho que ela o perdoou. De certa maneira, ela sente um pouco com pena do rapaz. Ele perdeu a mãe quando era jovem, e parece que o pai tem a ideia errônea de que, contanto que dê ao menino muitos brinquedos caros, incluindo aquele automóvel, ele está sendo um bom pai.

Henry balançou a cabeça.

— Eu vi alguns desses por aí. Isto nunca dá certo.

— Christine teve um pouco de dificuldade para se acostumar com a secretaria. Uma verdadeira hierarquia. Por um tempo ela estava sempre sendo colocada em seu lugar. Não ajudou em nada quando o Sr. Kingsley começou a solicitá-la, no lugar da jovem que estava no topo da pirâmide. A Srta. Stout teve que intervir uma ou duas vezes, e Christine esteve a ponto de desistir. Mas o chefe ficou sabendo e deu a ela um aumento inesperado, e isso apenas agregou mais combustível ao fogo.

— As coisas melhoraram agora?

— Acho que as coisas se acertaram. A Srta. Stout aparentemente teve uma longa conversa com o Sr. Kingsley, e contou a ele como eram as coisas para Christine. Ele está mais aliviado agora, disse que a deixaria trabalhar do seu jeito, portanto as coisas estão muito mais confortáveis agora.

Henry assentiu com a cabeça.

— Mal posso esperar para vê-la — disse ele, esfregando as mãos.

Elizabeth pensou nos últimos anos. Henry sempre foi o herói de Christine. Mesmo quando ela veio para casa como uma menininha

magra e tímida de quatro anos, Henry levou a sério seu papel de irmão mais velho. Ele tinha quase quatorze anos na época.

Eles tinham acabado de garantir os documentos legais que declaravam Henry como seu. Que dia de festa foi aquele! E então veio Christine. Órfã, ao invés de abandonada como Henry tinha sido. E Henry tinha gostado dela imediatamente. Naquele mesmo momento ela se tornou ‘minha irmãzinha’ e ele protegeu-a com uma intensidade que Elizabeth não tinha visto antes no garoto. Até mesmo quando ele caçoava da irmã, incluía uma gentileza e cuidado que tornava a brincadeira divertida para ela também.

Só de pensar naqueles dias, Elizabeth sentia contentamento.

A família deles tinha sido uma família tão segura e cercada de amor.

— Você vai notar a diferença — Wynn estava dizendo, seu tom agora mais sério. — Christine não é mais a irmãzinha, está uma moça.

Elizabeth tinha orgulho dos filhos, e não teria desejado que as coisas fossem diferentes. Ela e Wynn os criaram com cuidado e ternura, preparando-os para que tomassem seu caminho no mundo adulto. Mas, como sentia falta deles! A casa parecia tão vazia às vezes. As memórias alegres sempre tinham um toque agri-doce.

Lamentava não ter podido ir com Wynn e Christine para instalá-la na cidade. Não havia nenhuma outra pessoa para ficar com o vizinho idoso, que tinha dado um jeito de quebrar a perna ‘na hora errada’. Christine tinha entendido, mas isso não diminuiu a decepção de Elizabeth por perder essa etapa importante na vida da filha.

Os olhos de Henry luziam agora aquela sombra distante. O que foi que nós dissemos? — questionou-se Elizabeth. Ela ergueu o olhar para encontrar Wynn, lendo a mesma pergunta em seu rosto também. O marido deu de ombros levemente. Eles conversariam, mas esse não era o momento.

— Ela tem mais ou menos a mesma idade que...

Mas Henry não terminou a frase murmurada. Elizabeth ficou intrigada, mas podia dizer pelo semblante de Wynn que ele provavelmente sabia o resto. Algo aconteceu no Norte que deixou

seu jovem Policial profundamente perturbado. Elizabeth deveria descobrir logo o que estava incomodando seu filho.

Capítulo 3

—Falamos o suficiente de mim. E você?

Os quatro Delaney estavam sentados diante da lareira, segurando canecas de chocolate quente nas mãos, o riso enchendo a sala da mesma maneira que enchia suas vidas. Christine, sentada em seu lugar favorito no tapete, tinha contado sobre a estranheza da vida na cidade e as pessoas incomuns que conhecera ao longo dos sete meses em que estava ali. Os pais e irmão ficaram contentes em ouvi-la, desfrutando cada minuto de suas histórias animadas. Mas agora a jovem fez uma pausa e olhou para o irmão mais velho,

convidando-o a compartilhar algumas histórias de suas próprias aventuras.

Ele se mexeu um pouco inquieto e, embora obviamente estivesse tentando manter o espírito da noite, Elizabeth percebeu a tensão implícita.

O sorriso de Henry parecia forçado, mas seu tom era leve.

— Minhas experiências não têm sido tão hilárias quanto as suas, posso lhe assegurar — disse Henry, e ele estendeu a mão para bagunçar os cachos escuros da irmã. Elizabeth se perguntou se Christine, com a sensibilidade que tinha relacionada aos humores do irmão, captaria a tensão que ele estava tentando encobrir.

— Já tivemos bastante histórias de humor — insistiu Christine. — Conte-me sobre o Norte. Sinto tanta saudade de lá!

Uma melancolia de repente encheu a voz da jovem, e foi neste momento que Elizabeth percebeu como Christine estava longe de suas raízes.

Christine levantou os joelhos e os abraçou, a cabeça inclinou-se para frente, de modo que o longo cabelo escuro lhe emoldurava o rosto. Ela continuou, a nostalgia fazendo suas palavras soarem melancólicas:

— As luzes do norte ainda exibem a dança das cores no céu? A neve ainda crepita debaixo dos mocassins? O lobo cinzento ainda reina como rei da floresta? As manhãs ainda cantam com novidade de vida?

Elizabeth não podia ver o semblante da filha, mas podia ler em sua voz a saudade, a solidão. Como realmente tinha sido para esta garota da mata ser mandada para a cidade? Tinha sido uma escolha dela,, Elizabeth lembrou a si mesma.

— Acho que você deveria voltar e ver — respondeu Henry.

Christine endireitou os ombros e balançou a cabeça.

— Não há mais volta — disse ela, e a voz soou forte e resignada. — O mundo se move para frente — não para trás. O que era — não é mais.

Como chegamos a essa mórbida linha de pensamento?— perguntou-se Elizabeth. Apenas um momento atrás, estávamos todos encurvados, caindo na risada.

Christine seguia dizendo:

— Posso não ser brilhante, mas descobri isso. Não adianta ansiar pelo que costumava ser. Eu não posso ser uma garotinha enrolada no colo da mamãe, desfrutando de uma história de ninar. Não posso mais correr pela trilha empoeirada para encontrar meu papai quando chegava em casa, com seus traços banhados com as cores do pôr do sol. Não posso entrar furtivamente no quarto de vocês no meio da noite, quando tenho um pesadelo e dividir seu travesseiro. Não posso brincar nas poças com Tina ou Mary Daw ou Pequeno Corso depois uma chuva de verão, ou sentar-me e observá-los pescarem no tanque profundo da barragem do castor. Não posso brincar com filhotes ou levar Kip para um...

— Ei — as palavras de Henry a fizeram parar quando ele colocou a mão em sua cabeça. — Claro que pode.

Ela começou a sacudir a cabeça, as lágrimas agora brilhando no cantos de seus olhos castanhos.

— Pode sim — Henry insistiu. — Foi o que acabou de fazer
Ela parecia confusa.

— Temos todas essas memórias — explicou Henry. — Nossos maravilhosos anos de crescimento, nossa família nossos amigos, eles permanecem conosco.

— Não é a mesma coisa — disse Christine melancolicamente. — Às vezes eu apenas queria... voltar. Caminhar pelas trilhas através dos bosques. Sentir o cheiro da fumaça das fogueiras. Ouvir a suave música da língua nativa. Sinto muita falta disso.

— É realmente disso que você sente falta — ou é da sua infância? Quero dizer, parece-me que quando alguém teve uma infância incrível — não importa onde você vive, o que experimenta —, é difícil esquecer.

Elizabeth lembrou-se dos primeiros anos de Henry. A infância dele não tinha sido boa. Sua família errante, sem lei e indiferente o havia feito mudar de um lugar para outro, brigando e rosnando o tempo todo. Será que Henry tinha sido capaz de apagar essas memórias?

— Ora, eu não comecei muito bem — Henry estava dizendo. — Eu tinha família — uma família enorme. Mas não pensávamos um

no outro como família. Não com carinho. Jamais me senti em casa, até que o papai e a mamãe me acolherem. E você — você lembra como era? Antes de chegar para nós? Eu ainda me lembro do dia que o papai a trouxe para casa. “Elizabeth”, ele disse, “você acha que tem espaço mais um?” E ela tinha, todos nós tínhamos. Foi quando senti que éramos realmente uma família, foi depois que você chegou.

O sorriso que os dois trocaram comoveu Elizabeth mais do que ela poderia explicar.

— Mamãe me contou sobre Susie e Samuel — Henry seguiu dizendo. — Eu sempre sofri por eles. Os dois foram mais reais para mim do que meus próprios irmãos e irmãs. Mais... parte da família. Então tivemos o pequeno Louis. Mas ele estava tão doente quando chegou, que mal tinha fôlego para chorar. Nem toda a preocupação da mamãe e todos os remédios do papai conseguiram mantê-lo conosco por muito tempo. Eu senti que tinha perdido alguém da família. Eu senti tristeza, tristeza de verdade. Como se um pedaço da família estivesse faltando. E então você chegou. É nisso que penso quando lembro do passado, quando quero memórias de anos de crescimento. Não as luzes do norte, não a neve do inverno, não os cães com os quais brincamos. Nem mesmo nossos muitos amigos. Eu penso na família. E sei, no meu coração, que não importa onde tivéssemos vivido, eu teria boas memórias por causa disso.

Christine fungou, e Wynn entregou seu lenço para ela.

Elizabeth estava ocupada com seu próprio lenço.

As palavras de Henry foram o presente de Natal mais bonito que ela já tinha recebido.

Christine acenou com a cabeça e até conseguiu sorrir.

— Você está certo, como sempre. Fomos abençoados.

Ela lutou para manter a compostura e moveu-se para se apoiar nas longas pernas de Henry. O irmão colocou uma mão em seu ombro. Elizabeth podia ver seus dedos se curvando num pequeno aperto.

— Acho que é por isso que sinto tanta pena de uma pessoa como o Boyd — foram as próximas palavras de Christine. — Ele tem sido

assim.. miserável. Tudo o que ele sempre teve foram... coisas.

— Ele é filho único? — perguntou Wynn.

Christine concordou com a cabeça.

— Como ele é? — perguntou Henry.

— Bem... ele faz todas as digitadoras desmaiarem — começou a dizer Christine, e o pequeno grupo riu novamente. — O problema é que ele está bem ciente do fato. Acho que ele adora a atenção.

— Então ele é bonito? — perguntou Elizabeth.

— Mais do que bonito — respondeu Christine com ênfase no mais.

— Eu conheci um jovem assim, uma vez — disse Elizabeth com um sorriso de cumplicidade para Wynn. — Mas o bom era que ele não parecia estar ciente disso.

Christine e Henry entenderam as palavras e ambos olharam voltaram-se para o pai.

— Oh, Boyd não é tão bonito quanto o papai — Christine se apressou em dizer, e mais risadas suaves encheram a sala.

— Então, o que a boa aparência fez por ele? Ou para ele? — perguntou Henry incisivamente.

— Ele é... pretensioso. Eu nunca descobri se ele realmente se sente tão confiante...ou...ou incerto. Mas se ele sente inseguro, Boyd com certeza faz um ótimo trabalho ao esconder.

Ela riu, mas não parecia haver muita alegria na risada.

— Depois que ele me jogou toda aquela lama — você soube dessa história? — Christine se virou para Henry, que assentiu. — Bem, eu tive pouca escolha, a não ser aceitar a carona para casa. Começou bem... tenso. Eu ainda estava irritada... mas ele parecia estar achando graça, e isso me deixou ainda mais irritada. Mas, de certa forma, ele se portou como um cavalheiro, embora nunca tenha pedido desculpas. Na manhã seguinte havia um grande e adorável buquê de flores na minha mesa, e o cartão dizia: Do motorista idiota — como se fosse uma piada. Não tinha certeza de como entender essa atitude, mas finalmente deixei para lá. Concluí que as pessoas da cidade eram diferentes das pessoas do campo e que, à sua maneira, este era o seu pedido de desculpas.

— Quantos anos tem esse rapaz? — foi uma pergunta de Henry.

— Umm... não tenho certeza. Vinte e dois, talvez.

— Ele tem um emprego?

— Não, ele ainda está estudando..

Christine não teria afirmado, mas estava bastante aliviada, e um pouco desapontada, que Boyd tivesse ido para a escola. Mais e mais os olhos dele a buscavam quando ele visitava o escritório do pai. Isso a deixava agitada, mas ainda assim, empolgada.. E quando ele começou a andar em torno de sua mesa e encontrar pequenas desculpas para conversar, Christine sentia às vezes que mal podia respirar. Ela precisava de tempo — espaço — para esclarecer a razão que justificasse seus batimentos cardíacos acelerados.

— Onde?

Christine retornou a atenção para a família que compartilhava a sala e o fogo.

— Universidade. No leste. Toronto, eu acho.

Wynn se mexeu.

— O que ele está estudando? — perguntou o pai.

— Não estou certa, e acho que nem o próprio Boyd tem certeza. Suponho, pelo que disse o pai, que ele mudou de ideia algumas vezes.

Elizabeth olhou para o marido e silenciosamente compartilhou sua preocupação.

— Alguma experiência na igreja?

Christine mudou de posição e olhou para um dos pais.

— Absolutamente nenhuma — respondeu ela. — O Sr. Kingsley vê pouca serventia para a igreja — ou para Deus. Eu acho que ele está com raiva desde que a esposa morreu. De qualquer forma, duvido que o Boyd já tenha ido à igreja alguma vez em sua vida. Nem mesmo para a escola dominical. Ele acredita que a igreja é para loucos.

— Loucos?

— Palavras dele — não minhas.

Elizabeth viu os olhos de Wynn se voltarem para o relógio de parede.

— Falando em igreja — disse ele —, se quisermos chegar a tempo para o Culto de véspera de Natal, é melhor nos apressarmos. Não gostaria que o resto dos loucos comesçassem sem a gente.

Uma risada bem-humorada percorreu a sala. Elizabeth sorriu satisfeita. Estava na hora de levantar e sair. Aguardava ansiosamente o momento de dividir um banco com o filho e a filha novamente. Talvez esses fossem os momentos em que mais sentia falta deles, quando se reuniam para a adoração e parte da família não estava lá.

— Por que vocês dois não levam Teeko para passear? — Sugeriu Wynn.

Os presentes foram abertos, a desordem foi removida e o tradicional café da manhã de Natal Delaney, com ovo escalfado na torrada, havia desaparecido. Da cozinha veio o aroma do peru assando. A torta de mirtilo já havia sido tirada do forno, mas ainda demoraria algum tempo antes que se sentassem novamente à mesa.

Henry esticou os braços compridos acima de seu corpo alto.

— Seria bom resolver alguns problemas — ele concordou. Christine largou o pano de prato. — Só se a mamãe prometer fazer uma pausa enquanto estamos fora.

Elizabeth deu uma risadinha.

— Eu prometo. Eu estava procurando uma desculpa para uma segunda xícara de café.

— Que tal, garotão? — Henry perguntou ao cachorro que bocejava. — Animado para dar uma volta pelo bosque?

O cachorro respondeu apenas com uma batida da cauda, como reconhecimento por ter sido mencionado. Henry então mudou para:

— Teeko. Caminhar?

Imediatamente Teeko estava de pé, com o corpo inteiro tremendo de ansiedade, enquanto se dirigia para a porta que dava para a rua.

— Acho que ele está animado — observou Henry.

— Ele está sempre animado — riu Elizabeth. — Faça chuva ou faça sol, dia ou noite.

Não demorou muito para que buscassem casacos e luvas, e logo

a casa estava quieta novamente. Elizabeth serviu duas xícaras de café e juntou-se a Wynn diante do fogo. Ela bebeu em silêncio por um momento antes de se virar para o marido.

— Então... com quais dos nossos filhos devemos nos preocupar mais?

Wynn olhou para ela, mas não falou.

— Henry e sua memória dolorosa — ou Christine com seu doloroso sentimento de empatia? — continuou ela.

— Acho que não os criamos para serem insensíveis — respondeu Wynn lentamente. — Mas eles parecem estar assumindo os fardos dos outros com muita intensidade, talvez.

Elizabeth largou a xícara.

— É difícil — ela meditou. — Muito difícil... na vida... chegar a esse equilíbrio adequado.

Ela ficou pensativa por alguns momentos antes de dizer:

— Espero que a compaixão de Christine não a cegue para outras coisas.

— Você vê a possibilidade de algo mais?

Elizabeth assentiu.

— Às vezes o 'algo mais' invade a gente.

— Você não quer que ela se apaixone por este jovem.

— Não. Não, eu não quero. Para ser franca, me parece arriscado. Ela sabe a importância de uma fé compartilhada com o homem que ela aprende a amar. A ... ignorância desse rapaz sobre as coisas espirituais, sobre Deus, me assusta. Mas Christine sabe de tudo isso. Ela sabe sobre o amor, respeito, bondade. Ela vai ter sabedoria para não se envolver... a menos que ele mude. Mas... mesmo assim... — A voz de Elizabeth parou antes de retomar o pensamento. — Se o sentimento for... for pena, por causa das coisas que o rapaz não teve, ou culpa, por causa das coisas que ela teve... então não... eu não quero esse tipo de relacionamento para ela. Christine devia ter algo muito melhor que isso.

— Você vai falar com ela?

Elizabeth balançou a cabeça.

— Não sei. Talvez. Vou precisar... orar a respeito desse assunto.

Sentir-me... guiada.

O marido assentiu.

— Mas nosso Henry, não tenho ideia de como.. como ajudar Henry.

— Eu sei como ele se sente. Pelo menos até certo ponto. Uma morte repentina é sempre difícil, e ser o portador da notícia é de cortar o coração. Eu tive que fazer isso várias vezes ao longo dos anos. Mas nunca... nunca para uma jovem com um bebê. Deve tem sido uma experiência terrível.

— Você acha que... ele será capaz de superar isso?

— Nós queremos que ele supere? — Wynn olhou diretamente nos olhos de Elizabeth. Quando ela não disse nada, ele continuou: — O tempo vai ajudar. Mas a experiência vai operar uma mudança no nosso filho, de uma forma ou de outra. Se ele der de ombros, pensando ‘isso é problema deles’, a pessoa se torna insensível. Indiferente. Se você deixa isso lá dentro de você, apodrecendo como um cancro interno, quando não há nada que possa fazer sobre o caso, isso leva ao cinismo. Se você fizer o que puder, aceitar a situação como parte da vida, mas permitindo que Deus o mantenha aberto para os outros — então você crescerá com a experiência.

Elizabeth acenou com a cabeça. Ela sempre quis que os filhos crescessem, amadurecessem, que fossem além do egoísmo da infância e que fossem capazes de alcançar outras pessoas em um mundo cheio de tristeza e tragédia. Mas às vezes esse crescimento vinha com muita dor.

Seu coração de mãe desejava que houvesse outra maneira.

— Como você acha que eles estão indo? — Christine perguntou assim que eles estavam a uma distância confortável da pequena casa. Henry deu alguns passos, ouvindo o barulho da neve sob suas botas pesadas antes de responder. Como Christine, ele também ia sentir falta do som da neve sob os pés, se isso lhe fosse tirado.

— Parecem bem para mim — ele respondeu em tom suave. — E você?

Quando a irmã demorou a responder, Henry se virou para olhar

para a irmã.

— Parecem bem — disse ela por fim. — Acho que mamãe parece um pouco cansada.

— Ela sempre se envolve muito nas coisas. Essa é a mamãe. Não é de se surpreender que ela esteja cansada.

Teeko correu na frente, latindo de alegria por estar na rua. Ele se virou uma vez e olhou para trás, para se certificar de que ainda o estavam seguindo.

— Papai disse alguma coisa sobre a perna dele?

Henry encolheu os ombros.

— Você sabe que ele não fala sobre isso.

Wynn nunca fazia menção de sua perna lesada.

— Ainda fico com raiva quando penso nisso — explodiu Christine.

— Ele gosta de ignorar o incidente, como se fosse parte do trabalho

— mas isso não é. Pelo menos, não deveria ser. Só porque é um Policial Montado não significa que ele devia perder uma perna para manter a lei e a ordem.

— O que ele podia ter feito?

— Ele viu que o cara tinha uma faca — e sabia que iria usá-la.

— Você está dizendo que o pai devia ter atirado no sujeito?

Foi a vez de Christine encolher os ombros.

— Não sei. Eu nunca fui capaz de entender isso. Mas não me parece certo o fato de ele não poder se proteger. Aquele idiota enlouquecido o teria cortado em pequenos pedaços se tivesse conseguido...

— Ele estava bêbado.

— Bêbado ou sóbrio, qual a diferença? Papai ainda assim perdeu a perna.

— Bem... não perdeu totalmente. O pai está sempre dizendo o quão grato é pelo que ainda tem.

Henry se lembrou do dia terrível do incidente.

Eles tiveram certeza de que iam perder o pai. Quando finalmente esse medo foi superado, eles tiveram certeza de que Wynn iria, pelo menos, perder a perna. Mas isso também não aconteceu. Ele foi trazido do Norte, onde adorava trabalhar e conseguiu, em vez disso,

um trabalho de escritório. Mas ainda podia caminhar, embora mancasse.

Todos eles agradeceram a Deus por isso muitas vezes.

— Ele realmente odeia ficar preso atrás de uma mesa em vez de estar ao ar livre e ao sol? — Christine perguntou em voz alta.

Henry riu.

— Da última vez que falou comigo, papai não pareceu demonstrar nem um pouco de inveja. Disse que estava ficando meio velho pra desfrutar de noites amontoadas em cobertores num banco de neve, ou caminhando quarenta milhas atrás de uma matilha de cães para verificar a linha de algum caçador.

— Acho que é um blefe — disse Christine.

Só então Teeko conseguiu correr atrás de uma perdiz. O cão saiu em disparada, latindo para o pássaro voando acima de sua cabeça.

— Cachorro velho bobo! Perseguiria qualquer coisa — riu Henry.
— Nunca entende que já foi vencido.

Christine sorriu, mas não fez comentários.

— Então... esse cara, Boyd — arriscou Henry —, você está saindo com ele?

Christine se virou para encará-lo.

— Você quer dizer, em um encontro?

— Sim.

Ela balançou a cabeça vigorosamente.

— Eu não. Ele me assusta.

— Assusta? De que maneira?

Christine disse rapidamente:

— Bem... não é exatamente assustar. Mas... eu não sei. Ele... é como se ele tivesse um lado obscuro. Mas ainda não descobri o que é.

— Ele fica nervoso? É violento?

— Ah não, nada disso. Pelo menos não que eu tenha visto. Obviamente, eu não fico muito na companhia dele. Apenas um... uma sensação de isolamento que percebo às vezes... um jeito de ser taciturno. Não sei.

— Ele já... convidou você para sair?

Christine hesitou.

— Na verdade...

— Na verdade o que? Vamos, Chrissie — sim ou não?

Christine se virou, chutando um monte de neve da grama quando passou.

— Não — respondeu ela com mais força do que precisava. — Não... ele não me convidou para sair.

Henry não se deixou abater tão facilmente.

— Mas... — ele insistiu.

Christine se virou para o novamente. Henry sempre teve um jeito de descobrir os pensamentos... os sentimentos da irmã. Mas desta vez, Christine parecia fechada enquanto dizia cuidadosamente:

— Não sei. Eu às vezes penso que... tenho a sensação de que ele já teve essa ideia. Ele me convidaria... se eu o encorajasse.

Ela se virou para andar.

— E você não o incentivou?

— Não — ela respondeu por cima do ombro.

— Por que?

Ela parou e o encarou.

— Não tenho certeza — disse Christine, parecendo agora mais direta. — Já pensei no assunto. Eu adoraria convidá-lo para ir à igreja, me preocupo com o comportamento dele. Boyd precisa de reparação — isso é certo. Mas não sei se eu sou... se há qualquer coisa...

Christine fez uma pausa, e então soltou:

— Queria que você pudesse conhecê-lo. Você saberia o que fazer. Há apenas algo sobre ele que... me perturba. Mas eu não posso apenas me afastar, posso? E se...?

Henry estendeu a mão e puxou-a para perto.

— Eu confio em você, Chrissie — ele sussurrou suavemente. — Se você... se você estiver insegura... então fique fora disso. Mantenha distância. Não o deixe enganá-la...

Ele não completou o pensamento. Henry estava certo de que sua

amada irmã entendia suas palavras e seus sentimentos.



Capítulo 4

Christine teve dificuldade em voltar ao ritmo da vida na cidade. Depois da alegria de mais uma vez caminhar nos campos embranquecidos pela neve e ao longo de trilhas congeladas, depois de passar longas noites se aquecendo no fogo da lareira, com um livro favorito e a segurança pacífica da família, ela sentia que a cidade era dura e exigente. Os tróleis vibravam. Buzinas de automóveis soavam. As ruas ficavam encharcadas depois de cada

nevasca. Christine teve que se ajustar ao ambiente da cidade outra vez.

O fato de gora conhecer os colegas de trabalho ajudou um pouco — embora certamente os conhecesse de uma maneira diferente da que conhecia os amigos de infância. Havia uma série de conhecidos no próprio prédio de escritórios — mulheres que trabalhavam em mesas próximas o suficiente para tocar, homens que entravam todas as manhãs e tomavam seus lugares entrando pelas portas no corredor — embora jamais tivesse pensado em chamar a maioria deles de amigos. Christine acenava para eles quando chegava na estação pela manhã. Trocava palavras corteses ao longo do dia, quando seus deveres assim o exigiam. No final do dia, os observava enquanto vestiam seus respectivos casacos e voltavam para as ruas. Ela não sabia para onde seus passos os levavam — nem particularmente se importava. Eles eram simplesmente pessoas que ocupavam um pouco de espaço em seus arredores por algumas horas de seu dia.

Mas havia uma garota no escritório que captou o interesse de Christine como mais do que uma conhecida casual. As moças tinham quase a mesma idade. Embora não fossem em nada parecidas na aparência ou temperamento, Christine sentiu-se cativada pela moça. Jayne Easton tinha vindo de uma fazenda. Christine tinha certeza de que Jayne sentia-se na cidade tão fora de seu elemento como ela mesma. A jovem não era uma moça sem graça. De forma alguma. Na verdade, seus cachos cor de linho e os brilhantes olhos azuis de porcelana faziam muitos rapazes olharem uma segunda vez. Mas Jayne parecia estar totalmente alheia a respeito da atenção que despertava. A jovem era quieta e retraída e parecia ser muito insegura de si mesma. Por alguma razão, que Christine não conseguia definir, ela sentiu a necessidade de abrigar, de proteger essa moça. Ela se viu fazendo um esforço para estabelecer um relacionamento.

— Há quanto tempo você está na cidade? — Christine começou perguntando quando comiam seus sanduíches no refeitório.

— Oito meses, uma semana e dois dias — respondeu Jayne.

Christine sorriu. Ela não tinha mantido uma conta tão precisa.

— De onde você é?

— Uma pequena comunidade, a cerca de cento e vinte quilômetros a oeste.

— Você sente falta de lá?

Os olhos azuis escureceram.

— Oh, Deus, sempre.

— Então, por que você veio para cá?

A jovem se mexeu inquieta e baixou os olhos.

— Não tinha trabalho lá.

Christine pensou ter ouvido uma falha na voz da moça e sentiu que ela precisava de algum tempo para recuperar a compostura, então pegou sua maçã e deu uma mordida. Jayne acabou explicando:

— Minha família precisava de ajuda com despesas médicas. Eu tenho um irmão mais novo que não está bem. Não se ganha muito dinheiro na fazenda. Papai sempre diz que é um lugar maravilhoso para se viver, mas isso é tudo que se pode fazer, apenas viver. Se não fosse pelo grande jardim, as galinhas e tudo mais, não creio que alguém pudesse fazer nem isso.

Christine sentiu seu coração se compadecer de Jayne.

— É apenas seu irmão mais novo?

— Nós somos sete. Os dois mais velhos são casados, logo eu, e depois quatro mais novos.

— É uma grande família.

Jayne disse que sim com a cabeça.

— Eu só tenho um irmão — disse Christine de forma voluntária, então acrescentou com a voz cheia de sentimento: — Ele é maravilhoso. Quase dez anos mais velho do que eu.

— Sua mãe tinha outro...?

— Eu fui adotada. Nós dois fomos.

As palavras de Christine soaram um pouco abruptas. Ela não pretendia soltá-las dessa forma. Ela se apressou:

— Nossos pais sempre quiseram uma família — então eles acolhiam crianças sempre que encontravam uma oportunidade. Primeiro minha mãe acolheu a Susie — foi por um pouco tempo,

quando a mãe dela estava doente. Mas assim que a mãe melhorou, eles se mudaram e levaram Susie com eles. Mamãe ainda mantém contato com ela, principalmente na época do Natal. Ela é adulta agora, tem seus próprios filhos. Então teve o Samuel. Meus pais pensaram que iam poder ficar com ele, quando a mãe do menino faleceu e o pai o trouxe para eles. Mas o homem se casou novamente e voltou para buscar o filho. Isso quase partiu o coração da minha mãe, que ainda chora quando toca no assunto. Ela não tem ideia de onde o rapaz está agora. Então veio o Henry. Ele estava simplesmente — como que abandonado pela família. Papai levou anos para finalmente localizar a família, e conseguir providenciar a custódia legal de Henry. Meu irmão diz que todos os dias morria de medo que voltassem para buscá-lo. Minha família realmente deu uma festa quando os papéis finalmente chegaram. Então meus pais tiveram um bebezinho, Louis, cujos pais estavam doentes e presos numa cabana no norte. Quando papai os encontrou, eles estavam todos muito fracos para serem tirados dali. Na verdade, a mãe já tinha morrido. O pai morreu logo em seguida. Papai embrulhou o bebê e o levou para casa dentro do casaco. Mas era tarde demais. Ele viveu apenas por um curto período de tempo. Henry se lembra dele. Eu fui a próxima. Perdi meus pais num incêndio na cabana. Eles conseguiram me empurrar para fora da janela em um banco de neve. A janela era pequena demais para eles passarem. Papai me levou para casa. Vários meses se passaram antes que ele pudesse rastrear parentes e finalizar as coisas para minha adoção. Quando os papéis chegaram, Henry quis que fizéssemos outra celebração, que fizemos.

Jayne estava ouvindo cada palavra, uma expressão de choque em seu rosto. Quando Christine parou, a outra garota estremeceu.

— Isso é... isso é horrível!

— Eles têm sido pais maravilhosos — Christine disse na defensiva. — Eu me sinto tão...

— Não... não isso. As... as tragédias, a doença... e o incêndio.

— Isso tudo faz parte do norte — disse Christine com franqueza.

— Você morou lá?

— Durante a maior parte da minha vida.

— Onde no norte?

— Vários lugares. A RPMC não deixa um homem sozinho postado muito tempo. Quando um homem é oficial, é quase tão perigoso fazer amigos quanto fazer inimigos.

— O que quer dizer com isso?

— Um oficial tem que cumprir a lei e trazer os infratores para justiça. Isso é mais difícil de fazer se os amigos pessoais de alguém estão envolvidos.

— Eu imagino — admitiu Jayne. — Como é no Norte? — Jayne perguntou depois de um momento.

— Você quer dizer nas aldeias indígenas? Ou nas cabanas?

— Você viveu em aldeias indígenas? — os olhos da garota estavam arregalados agora.

Christine apenas acenou com a cabeça, dando outra mordida em sua maçã.

— Você não ficava morrendo de medo?

— De que? Quase todos os homens andam armados. Além disso, lobos e os ursos raramente chegavam perto o bastante para causar danos. Uns poucos cães foram atacados quando o suprimento de comida estava baixo, mas...

— Eu quis dizer dos índios.

— Índios? — Christine não entendeu a pergunta da outra garota. Quando finalmente percebeu o que Jayne queria dizer, ela balançou a cabeça. — Os índios eram meus amigos. Meus companheiros. Éramos uma grande família. Oh, havia alguns deles que podiam perder o controle, especialmente se alguém trouxesse uísque. Mas isso acontece aqui na cidade, entre os brancos. Na maioria das vezes, eu era bem-vinda em qualquer casa da aldeia. Todos eles cuidaram de mim.

— Você... você fala a língua indígena? — perguntou Jayne, parecendo muito admirada com Christine.

— Cree. Meu pai fala bem, além de um pouco de quatro ou cinco outros dialetos. Mamãe fala Cree — lindamente. De vez quando ainda falamos em nossa família, ou cantamos, só para ouvir de novo.

— Uau — disse Jayne, amassando o saco de papel marrom onde guardava o almoço. Olhando diretamente para Christine, ela perguntou: — Você está feliz por estar de volta?

— De volta? Oh, você quer dizer na cidade? Eu não estou de volta realmente. Eu não estou... de volta. Estou distante. Só agora estou começando a perceber que realmente estou fora do meu ambiente. Fora da minha comunidade. Fora da minha terra natal. Longe do meu povo.

— Você não é indígena, é?

— Não. Não, eu sou uma mistura de escocês, francês e irlandês. Mas gostaria de ser indígena. Então eu realmente pertenceria àquela terra.

— Meu Deus — disse Jayne novamente. — Eu pensei que tinha uma vida difícil na enxada. Tudo que eu deixei foi minha família e... — os olhos de Christine a levaram a completar a frase.

Quando Jayne não disse nada, Christine perguntou:

— Há alguém especial?

Jayne enrubesceu.

— Na verdade, não — respondeu ela. — Eu fiquei... eu fiquei apenas esperando que houvesse. Ele vai me esquecer completamente. Provavelmente já está cortejando Bessie Tellis — terminou ela, em voz baixa.

Christine novamente sentiu pena de Jayne, mas pensou que qualquer conforto que ela poderia oferecer pareceria banal.

— Henry é índio? — perguntou-se Jayne.

— Hum — murmurou ela —, não conheço as raízes de Henry, mas, não, ele não é indígena.

— Deve... parecer estranho, não conhecer a família. A minha família é de origem sueca e alemã. Acredite, eles nunca deixam que ninguém esqueça. Meu pai sempre brinca com isso. Se formos bons, somos suecos. Se não formos, é culpa de nossa mãe alemã.

Jayne riu, então Christine sabia que a provocação era divertida.

Christine notou a hora no relógio de parede. Já era tempo de voltar às suas mesas. Ela estava relutante em encerrar a conversa. Jayne não era tão tímida quando se tinha tempo para gastar com

ela.

— Você se importaria de ir à igreja comigo no domingo? — Christine perguntou impulsivamente.

— Onde você vai?

— Há uma pequena congregação que se reúne...

— Sou luterana.

— Oh. Não, esta igreja não é luterana.

— O que são?

— Não sei... mesmo. Apenas... apenas um pequeno grupo missionário. Mas eles são ótimos.

— Eu vou para a igreja luterana na Avenida Quarenta e Seis. Eles são ótimos também.

Christine ficou desapontada. Seria tão bom poder compartilhar o culto com uma amiga.

— Talvez você queira vir comigo... algum dia — arriscou Jayne.

— Pode ser... algum dia.

Mas Christine sabia que sentiria falta de sua própria congregação se fosse para outro lugar. Supôs que Jayne também.

Eles estavam voltando para suas mesas quando Christine pensou em algo.

— Easton não parece sueco — ela disse.

Jayne concordou com a cabeça.

— Meu pai era órfão também — disse. — Ele recebeu o nome das pessoas que o criaram.

— Oh.

Parecia que o Oeste tinha sua parcela de famílias despedaçadas e reestruturadas.

Embora as duas jovens não congregassem na mesma igreja, elas desenvolveram uma amizade. Era bom ter uma verdadeira amiga na cidade, Christine concluiu, apesar de raramente encontrar Jayne fora do trabalho. Ainda assim, suas horas de almoço eram compartilhadas, com muitas ideias e sentimentos sobre a vida.

Para Christine, as longas noites eram gastas principalmente com livros. Se havia uma coisa que ela adorava na cidade era a

biblioteca e Christine fazia bom uso dela. Todas as quartas-feiras depois do trabalho e aos sábados de manhã, ela fazia a caminhada para o grande edifício quadrado e trocava sua pilha de livros. Depois, passava as noites encolhida em seu pequeno quarto de pensão, debruçada sobre as páginas. Era seu único escape para um mundo maior e mais interessante. Ela já tinha lido em algum lugar que: Não há grades de prisão se temos livros. Mas mesmo assim, os dias e noites eram, muitas vezes, solitários.

Christine aprendera a gostar do Sr. Kingsley, apesar de sua rudeza e de seus resmungos. Ela estava convencida de que debaixo do áspero exterior, havia um coração que realmente batia em sintonia com a gentileza humana. O desafio era encontrar uma maneira de desenterrá-lo.

O grande homem parecia tratá-la com simpatia. Isso não pareceu algo bom para Srta. Stout, que, na opinião de Christine, nutria uma secreta e antiga paixão pelo chefe.

O Sr. Kingsley não parecia notar a devoção da Srta. Stout, e assim a pobre mulher era vista apenas como uma eficiente auxiliar de escritório.

Christine não pôde deixar de sentir que a Srta. Stout teria sido uma ótima Sra. Kingsley. Seu formalismo e rigidez poderiam trazer alguma ordem à vida caótica do chefe. Por outro lado, a impetuosidade e o jeito casual do Sr. Kingsley teriam tornado a vida da matrona um pouco mais descontraída. Christine não foi a única que notou, por parte da recepcionista, mais que um interesse passageiro.

Alguém precisa fazer alguma coisa, refletiu Christine, uma noite enquanto estava a caminho de casa, depois do trabalho. Ela voltava mais tarde do que o normal. O Sr. Kingsley a chamou em seu escritório para discutir um projeto de datilografia, e a Srta. Stout ficara perto da porta, sob o pretexto de que estava ansiosa para fechar tudo e ir para casa.

Se eu tivesse minha própria casa, pensou Christine, convidaria os dois para jantar.

Bem, ela não tinha mais que um simples quarto, por isso, não havia muito que pudesse fazer. Então, lhe surgiu um novo

pensamento. O senhor Kingsley tinha uma casa. Ela não tinha ideia de onde ou com quem ele morava, mas descobriria. Talvez com algumas manobras, o chefe lhe permitiria preparar o jantar em sua cozinha e convidar a dama da recepção. Valia a pena uma tentativa. Ela decidiu que ia arriscar e perguntar.

Na manhã seguinte, Christine reuniu a coragem para bater na porta do Sr. Kingsley.

— Eu estava apenas pensando enquanto ia para casa ontem à noite — começou a dizer —, eu adoraria convidar o senhor e... e a senhorita Stout para jantar. Vocês foram... tão gentis comigo. — A moça parou para retomar o fôlego. O chefe tinha levantado a cabeça, e Christine pensou ter visto um vislumbre de interesse sob as densas sobrancelhas.

— Eu tenho apenas um pequeno quarto. Não tenho equipamentos de cozinha. — Christine pensou ter detectado uma expressão de decepção no grande homem. — Mas... me perguntava se o senhor se importaria se eu... se usássemos sua casa... para a refeição. Eu compraria os ingredientes e... — ela fez uma pausa — claro, se for um incômodo...

— Não, não é nenhum incômodo. Eu tenho uma cozinha que nunca uso para comer. Sempre saio para comer em um lugar ou outro e nem mesmo sei o que tenho. A faxineira é a única que entra na cozinha, e não tenho a menor ideia do que ela faz quando está lá. Mas se você quiser dar uma olhada, está tudo bem. Sim, sim, muito bem. Não desfruto de uma refeição caseira desde... ora, nem sei quando. Você sabe cozinhar também?

Christine não tinha certeza do que ele queria dizer com ‘também’, mas assentiu com a cabeça.

— Isso é ótimo. Ótimo — ele continuou, esfregando mãos. — Quando você gostaria de fazer isso?

— Quando for adequado aos seus horários — e aos da Srta. Stout.

— Meus horários... meus horários não são difíceis de ajustar — quando se trata de refeições. Mas não faço ideia sobre a agenda da Srta. Stout. — Ele hesitou e rolou o lápis entre dois dedos carnudos. — Tem certeza que quer a Srta. Stout? Ela não é um pouco azeda?

— Oh sim... não. Quero dizer, ela tem sido muito gentil comigo. Pensei que poderia dizer um.. muito obrigada, desta forma.

Ele então concordou com a cabeça, e Christine sentiu seu coração pular. Parecia que seu plano daria certo. Ele deu a ela um sorriso torto e acenou para que ela saísse .

— Verifique com a Srta. Stout — disse ele. — Qualquer noite está bom para mim.

E assim as coisas foram acertadas. Na sexta-feira seguinte, Christine estava procurando a Avenida East Summit 716. Ela tinha tomado o bonde — o que não era pouca coisa, considerando as sacolas de supermercado que carregava.

O Sr. Kingsley lhe dera o endereço e uma ideia geral de onde estava localizado, mas quando o encontrou, sentiu que devia haver algum engano. Ela ficou na calçada olhando para uma mansão enorme. Certamente não era uma moradia para uma pequena família. Os olhos de Christine percorreram a estrutura impressionante com descrença. Depois de verificar o endereço novamente, ela finalmente caminhou até a porta dos fundos.

Entrando com a chave que o chefe lhe entregara, descobriu que o interior da casa era ainda mais deslumbrante. Christine nunca tinha estado em uma mansão como aquela antes. Até mesmo a mansão Calgary, do tio Jon e da tia Mary, não podia se comparar com esta.

Havia lustres de cristal, uma escada sinuosa de carvalho, pesados móveis polidos com um brilho profundo, espelhos reluzentes e tapetes tão grossos que pareciam musgo da floresta. Christine soltou o fôlego lentamente.

Ela não tinha vindo para olhar, se lembrou. A moça encontrou a enorme cozinha e começou a procurar nos armários os utensílios adequados. Havia planejado preparar frango e bolinhos, purê de batatas e molho, cenouras amanteigadas e creme de nabo. A sobremesa seria uma torta de frutas vermelhas. Não era uma refeição chique, mas com um pouco de sorte, seria saborosa. A menos, é claro, que ela tivesse selecionado um menu que não agradasse ao Sr. Kingsley.

Bem, de qualquer maneira, ela sabia preparar essa comida, e ia esperar apenas pelo melhor.

O nervosismo inicial de Christine praticamente desapareceu quando mergulhou na rotina a que estava acostumada. Ela quase riu em voz alta enquanto pensava: Se mamãe pudesse me ver agora...

No momento em que a Srta. Stout tocou a campainha da frente, os aromas da cozinha tinham tomado a casa toda. A louça da grande estante estava agora disposta sobre a mesa na ampla sala de jantar. Christine achou que parecia bastante elegante.

Muito diferente da mesa de jantar dos Delaney no Norte.

A senhorita Stout entrou de uma forma bastante rígida, mas parecia surpreendentemente chique em um vestido floral novo. Seus olhos passaram por tudo. Christine pensou que aquela era a primeira vez que a mulher entrava na casa.

— Tenho certeza que o Sr. Kingsley gostaria que você se sentisse em casa — disse Christine. — Está tudo pronto. Só vou precisar servir a refeição quando ele chegar.

— Ele não está aqui? — a decepção da mulher era evidente.

— Tenho certeza que chegará em breve. Ele me disse que tinha um pouco de trabalho para terminar.

— Aquele homem. Ele trabalha demais — murmurou a Srta. Stout.

— Acredito que ele deve pensar que dá no mesmo trabalhar ou voltar para esta casa grande e vazia — observou Christine. A jovem se desculpou e correu de volta para a cozinha para ficar de olho no jantar.

Não demorou muito para que ouvisse vozes na sala de estar e Christine sorriu suavemente. O Sr. Kingsley estava em casa. Finalmente ele veria a Srta. Stout como algo diferente de um acessório de escritório. Ela ouviu o risinho nervoso e estridente da Srta. Stout.

Darei a eles mais alguns minutos antes de servir a comida, pensou Christine. Seu plano parecia estar funcionando muito bem.

No momento em que entrou na sala para chamar os dois convidados para jantar, o Sr. Kingsley parecia bastante à vontade. Ele sentou-se perto da lareira em uma cadeira enorme e bem usada, com as pernas cruzadas e os dedos batendo um pouco no

braço da cadeira.

O homem estava até sorrindo.

— Odeio interromper — começou Christine —, mas o jantar está servido.

O Sr. Kingsley ficou imediatamente de pé.

— Eu não sabia quanto tempo mais aguentaria — disse, com seus modos buliçosos. — Esses vapores...

— Vapores? — riu a Srta. Stout. — Sério, Sr. Kingsley. Ninguém se refere aos deliciosos aromas de uma refeição como “vapores”.

A secretária deu uma risadinha novamente.

O chefe não se ofendeu, e juntos foram para sala de jantar de bom humor.

Christine aguardou que se sentassem e então começou a servir os pratos. Ela fez sua refeição na cozinha, embora tenha comido pouco por causa da tensão. Será que iam gostar da comida? Estariam se dando bem?

Christine recebeu muitos elogios pela refeição, quase até ao ponto de se sentir envergonhada. Ela ficou feliz quando a última migalha de torta foi comida e seus convidados se afastaram da mesa.

— Nunca tive uma refeição melhor — disse o Sr. Kingsley, limpando a boca no guardanapo. — Tinha esquecido o gosto de comida caseira. — Ele estalou os beijos e jogou o guardanapo ao lado do prato.

— Por que vocês não tomam o café perto do fogo enquanto eu organizo as coisas por aqui? — sugeriu Christine.

— Oh, eu devo ajudar — ofereceu a Srta. Stout.

— Vou me virar bem — disse Christine rapidamente, e a Srta. Stout pareceu aliviada. — É tudo parte do agradecimento por sua bondade.

A Srta. Stout sorriu.

— Bem... se você insiste. Isso é muita gentileza.

Ela deu ao Sr. Kingsley outro grande sorriso.

— Vamos tomar esse café — disse o Sr. Kingsley a Christine —, mas você vai nos acompanhar. A faxineira pode cuidar de tudo.

—Ah não. Eu nunca cozinharía uma refeição, faria uma bagunça e deixaria para outra pessoa limpar. Vou levar apenas alguns minutos.

Ela serviu o café e se retirou, cantarolando para si mesma enquanto caminhava.

As coisas estavam saindo ainda melhores do que ousara esperar. O Senhor Kingsley fora muito amável na mesa do jantar, e a Srta. Stout estava radiante. Certamente, com um pouco de incentivo, os dois solitários perceberiam que poderiam agregar muito ao mundo um do outro.



Capítulo 5

As flechas de Cupido nem sempre voam em linha reta.

As palavras certas do pai retornaram para Christine na manhã seguinte quando ela entrou no escritório. A Srta. Stout estava sentada em sua mesa, e tinha os lábios franzidos com a mesma severidade de sempre. Mas havia um brilho novo em seu olhar e um lenço rendado novo preso ao terno azul marinho, que normalmente era usado sem adornos.

Christine sabia que as palavras de seu pai significavam que não se deveria tentar bancar o Cupido. No entanto, ela não conseguiu deixar de se sentir um pouco vitoriosa ao pendurar o casaco e dar à recepcionista um sorriso de bom dia.

— O senhor Kingsley quer ver você — anunciou a Srta. Stout. — Ele disse para mandar que entrasse assim que você chegasse.

O brilho em seus olhos se aprofundou. Christine acenou com a cabeça e foi buscar seu bloco de estenografia.

— Oh, eu não creio que você vai precisar disso — disse a Srta. Stout ligeiramente. A testa de Christine franziu em perplexidade.

— Acho que pode ser alguma coisa... uma coisa mais pessoal — explicou a mulher, parecendo corada.

Christine agarrou-se ao bloco de estenografia e moveu-se lentamente em direção à porta. Ela não sentia tanto nervosismo desde a primeira vez que tinha entrado na grande sala.

Bateu suavemente na porta.

— Está aberto — veio o convite rude.

Ela entrou, o bloco seguro com as duas mãos.

— A Srta. Stout disse... — mas não prosseguiu.

—Sente-se. Sente-se — disse ele em voz alta, acenando com o toco de lápis que segurava entre dois dedos. Um largo sorriso se espalhou na face do grande homem.

Ela não estava acostumada a ser saudada pelo chefe dessa maneira. Christine se sentou na cadeira que ele havia indicado, tendo o lápis e o bloco preparados.

— Foi um ótimo jantar o de ontem à noite. Um ótimo jantar. —

Christine conseguiu assentir em reconhecimento ao seu elogio.

— Pensei nisso a noite toda. Bem... quase toda a noite. — Saiu uma risada profunda de sua garganta. Christine não o ouviu quando tentou rir. — Fazia muito tempo que não tinha uma refeição como aquela. Boyd... deve sentir falta delas também. Ele disse que a comida do refeitório na universidade não é nem um pouco melhor que a comida de um boteco. — Ele riu de novo. Christine decidiu que preferia sua atitude rude e totalmente profissional a essa atitude jovial e excessivamente familiar.

Ele se inclinou para trás e olhou para ela, fazendo a cadeira ranger sob seu peso. O chefe sorriu novamente e brincou com o lápis em seus dedos.

— Bem, eu finalmente resolvi tudo. Você está vivendo em um pequeno quarto de pensão. Certo? — Christine, perplexa, balançou a cabeça lentamente. — E eu tenho uma casa grande e esplêndida.

Christine não tinha ideia de qual era o rumo dessa conversa, ela simplesmente olhava para ele.

— E você é uma boa cozinheira... uma excelente cozinheira.

Ela permaneceu ali sentada, muda, com as bochechas aquecendo, tamanho seu embaraço.

— E eu tenho vivido de bacon e café forte.

O Sr. Kingsley aguardou com expectativa. Christine não tinha ideia do que dizer... o que pensar. Ele se inclinou para frente novamente, a cadeira rangendo em protesto.

— Você não vê? É a combinação perfeita.

Christine balançou a cabeça.

— Eu... receio que não... Eu não estou acompanhando seu raciocínio, senhor.

— Ei, pensei que tivéssemos nos livrado dessa coisa de ‘senhor’ há muito tempo — ele a repreendeu. — Faz com que eu me sinta tão velho quanto Matusalém. — Ele mudou de lugar novamente e olhou para ela. — É simples. Não sei porque não pensei nisso antes. Você vai morar comigo.

Christine ficou mais que chocada. Estava certa de que havia entendido mal.

A mão carnuda do homem bateu na mesa.

— Como cozinheira — ele declarou.

— Mas...

As palavras dele impediram sua tentativa de protestar.

— Eu tenho essa casa inteira. Você está pagando hospedagem e alimentação. Você pode ficar com um quarto no andar de cima. Qualquer um. Você pode escolher dentre todos. Havia cinco deles lá da última vez que contei. Claro que um é do Boyd. Mas você pode ter quaisquer outros que desejar. Você ganhará quarto e comida em troca de preparar meus jantares.

Christine sentiu como se seu corpo tivesse se transformado em gelo. Mas que raios...

— Eu pagarei as contas — ele apressou-se, como se para assegurá-la que o arranjo seria realmente benéfico para ela. — Todas as contas.

— Eu... Eu não... — ela hesitou. — Isso...

— Faz todo o sentido — argumentou ele, parecendo frustrado em sua hesitação. — Por que você devia estar gastando dinheiro? Por que eu devo viver de bacon e ovos? É uma solução perfeita.

Christine ficou aliviada por estar sentada. Ela tentou pensar em algo. O que poderia dizer sem pôr seu trabalho em risco? Ela acabava de ser convidada a compartilhar uma das moradias mais bonitas e auspiciosas de toda a cidade de Edmonton. Mas as circunstâncias... Ela tinha certeza do que a mãe e o pai diriam: Absolutamente não!

— Eu vou... vou ter que pensar sobre isso.

Christine apertou os lábios quando quase escapou um 'senhor'.

— Pensar sobre o quê? Eu posso mandar Jesse ir buscar suas coisas esta noite. Podemos ir agora mesmo.

— Mas... como as pessoas vão... o que elas vão pensar?

Ele balançou o lápis.

— Quem se importa com o que eles pensam?

— Eu me importo... senhor.

O rosto do homem ficou sério, como se ele estivesse realmente tentando enxergar as coisas através dos olhos de Christine. Ele a

estudou cuidadosamente por alguns minutos.

— Tudo bem — disse ele finalmente, inclinando-se para frente e batendo com o lápis na mesa de madeira. — Vejo que fui muito rápido. Vamos repassar tudo novamente.

Ele se recostou.

— Achei que você gostasse de cozinhar.

Christine acenou com a cabeça. Ela gostava de cozinhar.

— Você está pagando pelo seu quartinho.

A jovem assentiu novamente.

— Mas você não gosta de casas grandes?

— Sua casa é... — Christine não conseguia pensar em uma forma de descrever uma moradia tão incrível. — É linda — finalmente disse de forma desajeitada.

— Então não é a casa?

— De forma alguma, eu só...

— Sou eu?

— Senhor, jovens moças simplesmente não... não se mudam para casas de homens solteiros — Christine conseguiu dizer, e seu tom ficava mais determinado a cada palavra.

Como o homem franzia o cenho, ela se apressou em dizer:

— Seria diferente... muito diferente se você tivesse uma esposa.

— Se eu tivesse uma esposa, não precisaria de uma cozinheira — ele bradou.

Christine enrubesceu.

— Então, qual é a sua solução? — ele exigiu saber.

— Eu... Eu não tenho solução. Eu nem considerei...

— Bem, considere isso agora.

— Eu terei que pensar sobre isso — orar sobre isso. Falar com meus pais.

— Se for apenas por eu estar sozinho, Boyd logo estará em casa.

Christine balançou a cabeça.

— Tenho certeza de que não resolveria.

— Então traga alguém com você. Que tal... que tal a Senhorita Easton? Eu vi você falando com ela. Traga ela junto. — Ele deu um

tapa na mesa e praguejou. — Traga toda a equipe de datilografia.

Christine se levantou com as pernas trêmulas e se perguntou se elas funcionariam bem o suficiente para tirá-la da sala.

—Eu vou... orar a respeito do assunto — ela repetiu com os lábios firmes e virou-se para ir embora.

— Orar a respeito... — ela ouviu o chefe murmurar com desdém para si mesmo, mas ela não se virou.

Ao abrir a porta, a Srta. Stout ergueu os olhos. Christine podia sentir os olhos da mulher sobre ela, mas se recusou a retornar o olhar. E você, pensou de si para si furiosa, suponho que pensou que seria convidada para jantar todos os dias da semana.

Christine orou a respeito do assunto. Do fundo de seu coração. Por um lado, imaginava como seria agradável viver em uma casa tão luxuosa, com tanto espaço, tendo o prazer de passar um tempo na cozinha todas as noites. Ela estaria preparando refeições para o Sr. Kingsley e para ela. E para o Boyd, quando ele voltasse da faculdade. Ela nem mesmo considerou a Srta. Stout como uma convidada para jantar. No que dizia respeito a Christine, a mulher não merecia mais convites para jantar.

Ela escreveu uma carta para os pais contando-lhes sobre a proposta do Sr. Kingsley. Incluiu na carta o fato de que o chefe sugeriu que ela poderia levar sua amiga, Srta. Easton, para morar junto com ela. Isso seria divertido, disse a si mesma enquanto escrevia as palavras. Companheirismo intrínseco na mansão. Elas poderiam trabalhar juntas na grande cozinha, ler livros diante da lareira na biblioteca. Havia até uma pianola na sala de estar.

Mas todas as vezes que o entusiasmo de Christine aumentava, ela sentia uma inquietação interior. Abstenha-se de toda aparência do mal, foi o versículo que veio à sua mente enquanto ela fechava o envelope. E como isso mudaria as coisas no trabalho? Com diligência e cuidado, ela finalmente tinha conquistado seu lugar na equipe de datilografia. Era aceita agora por ser habilidosa e trabalhadora, não por ser “a favorita do chefe”. E se ela se mudasse para a casa do chefe? Será que ia rejeitada novamente? Christine tinha certeza de que não queria isso.

Mas, e se recusasse... Como o Sr. Kingsley encararia sua

decisão? Ficaria irritado? Completamente irado? Será que poderia demiti-la? Christine continuou a orar e ansiosamente checkou a caixa de correio até que chegou a resposta dos pais.

“Esta é uma circunstância muito esquisita” — escreveu a mãe. “Nós conversamos sobre isso por muito tempo e oramos a respeito disso muitas vezes. Chegamos à conclusão de que, uma vez que não conhecemos o homem, nem todas as implicações da situação, devemos confiar em Deus para conduzi-la à decisão certa.”

A resposta não serviu de muito consolo para Christine. Ela a apreciou a confiança que os pais tinham nela, mas gostaria que tivessem tomado a decisão por ela. O Sr. Kingsley estava esperando sua resposta. Boyd em breve voltaria da universidade. Ela sabia que tinha que decidir, de um jeito ou de outro. Mas o que seria certo? Ela não tinha conversado sobre a proposta com a Jayne. Não precisava da complicação de mais uma fonte de pressão. A semana passou com o coração de Christine quase parando toda vez que porta do escritório do Sr. Kingsley se abria. Ela sabia que não poderia evitar o inevitável para sempre.

Na manhã de segunda-feira, ela foi até sua mesa tão incerta como sempre. Então ela notou que a Srta. Stout limpava de forma severa a escrivaninha de Jayne.

— O que... onde está Jayne? — Ela perguntou.

— Garota tola — disse a Srta. Stout com os lábios apertados. — Foi para casa para o fim de semana. Ligou esta manhã para dizer que não voltaria. Ela vai se casar com algum... algum caipira. Não deu nem aviso prévio.

Se casar. As palavras vibravam nos ouvidos de Christine. Jayne ia se casar. Então, por fim o rapaz que ela gostava não tinha se envolvido com Bessie — quem quer que ela fosse. Jayne ia ser muito feliz. Christine não pôde deixar de sorrir.

Então, veio a percepção de que Jayne não estaria mais disponível para compartilhar a casa grande. Não havia mais ninguém da equipe de datilografia a quem lhe interessava convidar para partilhar desse acordo incomum. Isso significava que ela teria que tomar a decisão. Não podia mais adiar. Precisava falar com o Sr. Kingsley. Christine respirou fundo, endireitou os ombros e pegou

o bloco de estenografia. Não achava que fosse precisar, mas era algo em que se agarrar.

— Entre — exclamou a voz rude quando ela bateu à porta.

Christine tomou coragem e entrou.

— Senhor Kingsley?

Ele ergueu a cabeça.

— Ahh — disse, jogando o lápis de lado. — Você finalmente terminou de orar.

Christine acenou com a cabeça.

— Não pensei que Deus fosse responder — continuou ele com um sorriso malicioso. Christine não partilhou da piada com ele. — Sente-se — ele ofereceu, acenando em direção a uma cadeira. Christine fez isso. — Pelo que posso ver no seu rosto, a resposta é não.

Em silêncio, Christine concordou com a cabeça.

O Sr. Kingsley pareceu pensar por algum tempo antes de afastar-se da mesa e balançar para trás na cadeira.

— Só por curiosidade — disse ele, estudando o rosto da jovem —, por que Ele não permitiria? Quero dizer, eu não tinha segundas intenções... exceto algumas boas refeições. Você é jovem o suficiente para ser minha filha, com certeza Ele não achou que eu estivesse de olho em você. Se eu quisesse outra esposa, há muitas delas por aí. Então por que não?

— Ele não disse... quero dizer... talvez Ele tenha dito... de certa forma. Eu simplesmente não conseguia me sentir confortável com esse arranjo. Eu sei que... que sua casa é linda e que sua oferta foi feita por gentileza. Mas isto simplesmente não parecia... não parecia certo. Não acho que as pessoas entenderiam, e eu não queria... eu não poderia arriscar prejudicar o nome de meus pais — ou o nome de meu Deus — apenas para conseguir algo melhor... para mim.

O grande homem pareceu pensar sobre o que a jovem à sua frente tinha dito, ponderando cuidadosamente. Ele estendeu a mão para pegar seu lápis e começou a gira-lo entre o indicador e o polegar.

— Então... você acha que minha oferta seria o melhor para você.

— Oh sim — disse Christine rapidamente. — Você tem uma casa tão linda, e eu poderia cozinhar... qualquer coisa. Todas as coisas. Isso seria... — Mas ela parou incerta. Não queria que ele a interpretasse mal. — Me desculpe — ela finalmente gaguejou.

— Tudo bem. — Ele começou a bater no lápis. — Estava com medo que você desprezasse minha oferta. Que a interpretasse como um insulto. Isso... isso me irritou um pouco. Mas agora eu vejo que... bem... que você tomou a sua decisão por outro motivo. Eu não compartilho de suas opiniões sobre Deus. Mas posso respeitá-la por seguir o que você acredita. Estou desapontado... é claro. Mas...

Ele encolheu os grandes ombros e puxou a cadeira para mais perto da mesa.

Christine sabia que tinha acabado de ser demitida.

— Srta. Delaney — ele gritou quando ela estava quase à porta. — Se um dia você mudar de ideia...

O Sr. Kingsley deixou a frase no ar. Christine fez um leve gesto com a cabeça.

A jovem estava com a mão na maçaneta da porta quando ele a chamou novamente.

— E me traga outro lápis. Essa coisa idiota se desgastou até o sabugo.



Capítulo 6

O local do destacamento não fora escolhido porque a cidade de pradaria era grande ou proeminente. A exigência de um escritório RPMC era sua posição central na área que precisava ser patrulhada. Em meio a quilômetros e quilômetros de pradarias desertas e muito mais quilômetros de colinas vazias ficava esta pequena cidade, exatamente no centro. As distâncias não precisavam mais ser percorridas a cavalo — embora Henry soubesse que haveria dias durante o inverno em que ele desejaria mais uma vez ter uma boa equipe de cães e um trenó.

Muitas estradas, com o melhor clima, apresentavam dificuldades até mesmo para os Fords de suspensão alta. Henry temia as

tempestades de inverno e as chuvas de primavera. Mas eles teriam que lidar com isso quando chegasse a hora.

No momento, era o suficiente enfrentar e lidar com o que surgia dia após dia.

Ele esfregou a nuca que estava tensa. Apesar de ter sido um dia rotineiro — o que para um policial sempre era uma vantagem —, ele ainda tinha relatórios para escrever. Ele estava com fome, mas a ideia de comer no restaurante local não o atraía.

Tudo o que serviam era tão apimentado que fazia seu estômago reclamar. Rogers, o oficial que era seu colega, brincava, “se não tivesse sabor de fogo, não teria absolutamente nenhum sabor”. Mas, ou se conformava com a comida do restaurante ou a com tarefa impossível de preparar alguma coisa em seus aposentos de solteiro.

Ele já estava em seu novo posto no Sul há três semanas. Três semanas. Não parecia muito tempo. No entanto, parecia uma eternidade.

Era tão diferente do Norte. Ele ficava vigiando e observando para compreender a sensação de todo o fluxo da vida ali com os dois colegas oficiais. Mesmo assim, Henry sentiu que estava constantemente à beira de cometer uma grande indiscrição como oficial. Até agora tinha conseguido esconder sua hesitação e medo de ir contra o que era culturalmente aceitável.

A lei canadense era a lei do Oeste. Ele iria defender a lei como havia jurado e como fora treinado a fazer. Mas os detalhes — as coisas que dependiam da interpretação individual — eram as questões que poderiam confundi-lo. A Polícia tinha uma reputação a defender. Uma imagem para proteger. Henry estava muito consciente desse fato. Ele vivia e respirava com a Polícia em mente.

Ele esfregou o pescoço com mais vigor. Não tenho certeza se fui feito para isso, foi a ideia que passou implacavelmente por sua mente. Ele silenciosamente concluiu: Sinto que estou caminhando em um dique de castor, em meio a uma enchente de primavera. Eu não tenho certeza de onde colocar meu próximo passo.

— Cara — admitiu em voz alta, sentindo a mecha de cabelo na parte de trás da sua cabeça. — Tenho que cortar o cabelo!

Três semanas era muito tempo para deixar o corte do

regulamento de lado. Mas Henry estivera tão ocupado tentando compreender seu novo destacamento que não teve tempo de procurar um barbeiro.

Ele não conseguia se lembrar de ter visto um poste listrado nesta pequena cidade. Bem, deve haver alguém que corta cabelo.

Ele olhou para o jovem policial do outro lado da sala que rabiscava ocupadamente seu relatório diário.

— Laray — perguntou ele —, onde se corta o cabelo nessa cidade?

— No Sam — respondeu Laray sem nem mesmo levantar os olhos.

Houve uma agitação na outra mesa da sala. Rogers repetiu:

— No Sam.

Henry notou os dois oficiais trocando um olhar e um sorriso. Eles estão armando para mim, pensou Henry. Mas ele fingiu cair em qualquer coisa que pudesse ser o esquema.

— É o melhor lugar da cidade?

— O Sam — repetiu Rogers. — Com certeza.

— O único lugar na cidade — disse Laray com uma risada.

— Não importaria se houvesse uma dúzia. Sam ainda seria o melhor lugar para ir — afirmou Rogers. Agora ambos riram.

Esses caras pensam que sou burro ou o quê? pensou Henry, mas ele apenas assentiu e repetiu:

— Sam.

Com uma risada final dos companheiros, todos eles voltaram à sua papelada. Suponho que o Sam esteja no mesmo nível do restaurante da Jessie, Henry resmungou mentalmente. Estômago torturado — cabelo torturado.

Ele deu de ombros e voltou para os relatórios. Quanto mais cedo terminasse, mais cedo poderia chegar à Cantina da Jessie, engolir a comida picante, afugentá-la com balas para azia e ir para a cama. Amanhã poderia ser um dia totalmente fora da rotina. Precisava dormir para lidar com o que quer que podia vir.

Os três deixaram o prédio juntos. Laray se virou para trancar a porta atrás deles.

— Vai para o restaurante da Jessie?

— Para onde mais? — Rogers disse. Laray riu.

— Sim... onde mais?

Eles começaram a caminhar.

— Você encontrou aquela igreja sobre a qual estava perguntando?

Henry sabia que a pergunta era dirigida a ele.

— Sim.

— Então, como está indo?

— Ótimo. Você pode querer se juntar a nós.

Os outros dois homens riram, e Laray disse:

—Eu não. Parei de ir à igreja quando meu pai já não conseguia me chicotear mais.

— Como ela é? — questionou Rogers.

—Pequena. Mas amigável. Acho que vou gostar. Eu fui apenas uma vez. Tive que trabalhar no domingo dos outros dois fins de semana.

— Eu não me importo de trabalhar aos domingos — disse Laray.

— Em geral é mais silencioso no domingo.

— Exceto os caras que festejam muito no sábado à noite — ofereceu Rogers. — Eu fico extremamente cansado de lidar com bêbados e separar brigas.

Henry tinha suas próprias ideias sobre o assunto, mas as manteve para si. Eles caminharam o resto do caminho em silêncio. Até o cheiro do restaurante da Jessie era quente e picante.

Jessie os conduziu a uma mesa. Ela se aproximou, com um sorriso que revelava o dente faltando. De alguma forma, no rosto dela parecia se encaixar. Ela era... bem, ela era bastante escabrosa de aparência. O cabelo ruivo espalhafatoso estava preso para trás das bochechas magras com uma fita suja para cabelos. O batom vermelho brilhante, aplicado de forma um tanto descuidada, combinava em tonalidade com a mancha vermelha brilhante em suas bochechas pálidas. A voz estridente parecia ser o toque final que compunha o visual.

Porém, Henry já tinha percebido que as pessoas da comunidade

tinham respeito pela Jessie. Era uma mulher que tivera um caminho difícil, mas não estava procurando favores ou esmolas. Ela trabalhava dia e noite, e fazia tudo sozinha. Henry sabia que devia existir um Sr. Jessie em algum lugar no passado, embora agora a única evidência do homem era o punhado de pequenas Jessies que tinha visto aqui e ali. Ele não tinha feito perguntas sobre a família, mas esperava descobrir mais com o tempo. Seus olhos procuraram o rosto da mulher enquanto ela estava ao lado da mesa. Henry sentia pena dela e de suas circunstâncias obviamente difíceis.

— O que você está preparando esta noite, Jessie? — perguntou Laray com um bom humor. Realmente não havia necessidade dos menus salpicados de comida que ela empurrou em direção a eles. Os policiais já tinham memorizado cada item.

— Especial é o ensopado de carne com biscoitos de fermento em pó — disse ela.

Ela virou a cabeça para tossir.

O ensopado não seria nem um pouco parecido com o da mãe, mas Henry o pediu de qualquer maneira.

— Traga dois.

— Três.

Enquanto Jessie foi preparar, Henry esticou as pernas.

— Algum um de vocês conhece algum lugar barato que um sujeito possa alugar? Eu acho que gostaria de uma casa.

— Casa? Cara, eu odiaria isso — disse Laray. — Odiaria comer o que eu mesmo cozinhei.

— Acho que também odiaria comer o que você cozinhou — brincou Rogers.

Henry tinha outros pensamentos. Ele não se importava de cozinhar.

Quase tinha gostado enquanto estava no Norte, e tinha muito pouco para cozinhar. A loja da esquina próxima aqui tornaria as coisas muito mais fáceis. Além disso, ele sabia que sua comida seria muito melhor para seu sistema digestivo.

— Não sei de nada por agora. Se souber de alguma coisa, te aviso — Rogers respondeu. — Eu conheço um cara que é agente

imobiliário na cidade. Vou perguntar a ele, se você quiser.

— Eu agradeço — disse Henry.

Os pratos foram servidos. Outros clientes entravam e saíam. Henry estava muito consciente dos olhos nos uniformes. Um cowboy de aparência rude olhou para eles. Provavelmente tinha passado uma noite trancado por alguma infração da lei. Outros abaixavam a cabeça. Umas poucas meninas lançam olhares interessados em sua direção. Mulheres mais velhas e os empresários da cidade acenavam com a cabeça em reconhecimento. A presença da Polícia Montada trouxe estabilidade a cidades como a deles.

Henry ficou muito feliz por terminar o ensopado. Depois do último gole de café amargo, ele se levantou.

— Posso não ter tempo amanhã — disse ele, passando a mão pelo cabelo antes de colocar seu Stetson. — Tenho que cortar esse cabelo. Onde eu encontro esse camarada, o Sam?

— Sam? Perto da rua Principal. Esquina da Principal com a Quarta, segundo edifício ao sul.

— Que horas ele começa?

Henry não perdeu a troca de olhares entre os outros dois oficiais.

— Oito e meia.

— Obrigado — disse Henry com um aceno de cabeça. Ele já estava planejando ser o primeiro a chegar quando Sam virasse seu cartaz de Aberto.

Mas quando ele chegou às oito e quinze, a cadeira já estava ocupada por um menino muito jovem. Henry removeu seu Stetson com pesar e pendurou-o no cabide de chapéus. Ele esperava que a espera valesse a pena. Se os outros dois tiveram os cabelos cortados pelo Sam como alegaram, ele devia ser bom.

— Sente-se. Já vou atendê-lo — disse uma mulher.

Henry nunca encontrara uma barbearia com uma recepcionista antes.

Ele se sentou e pegou um jornal do dia anterior. As manchetes anunciavam conflito através do Atlântico, linhas de alimentos e mendigos nas ferrovias, mais fazendas e empresas lutando pela

sobrevivência na zona árida da pradaria. Henry suspirou e colocou as más notícias de lado.

Ele ouviu um passo e depois a voz novamente.

— Aqui está. Entrega isso para a Sra. Crane. Ela está indo para o mercado de carne e prometeu pegar um pouco de salsicha para a mamãe. — O menino pulou de onde estava e desapareceu pela porta dos fundos. — Agora, corra direto para casa.

Henry ouviu sua risada.

— Não vou para casa, mãe. Eu estou indo para a casa da Sra. Crane. Lembra?

Havia risos na voz que respondeu.

— Eu quis dizer casa da Sra. Crane. Aqui, me dá um beijo de 'tchau'. — Ele ouviu um barulhinho de beijo. — Agora corra.

Henry pegou o jornal novamente. Ele não queria se intrometer neste momento privado.

— Tchau, mãe — a criança gritou enquanto saltava porta afora.

Henry se concentrou no papel quando a mulher entrou na sala. Ele deveria ser o próximo, desde que Sam — provavelmente o marido dela — estivesse no local. A jovem estava organizando algumas ferramentas na pequena prateleira perto da cadeira de barbeiro. Com o canto do olho, Henry notou que a moça ergueu uma capa preta de cabelereiro.

— O senhor é o próximo — anunciou ela.

— Eu estou... eu estava procurando pelo Sam — Henry conseguiu murmurar enquanto colocava o jornal de lado e se levantava.

— Eu sou Sam — veio a voz de trás da capa.

Ele ficou completamente surpreso.

— Você corta cabelo?

— Isso é o que diz a placa.

O tom usado pela moça era rude.

Henry se moveu desajeitadamente em direção à cadeira.

— Apenas o corte padrão do regimento — Henry ouviu a própria voz dizendo enquanto se acomodava.

— Eu sei — ela respondeu com a voz ainda fria. — Eu fiz muitos

cortes para a Polícia Montada.

É claro. Se ela era a única barbeira da cidade, tinha cortado o cabelo de todos os soldados.

— Creio que deve ter feito mesmo — ele murmurou —, sendo a única barbeira aqui.

— Olha — a jovem respondeu de forma severa —, se você não gostar do meu corte de cabelo, pode dirigir até Fort Macleod.

Henry ergueu os olhos para o grande espelho que refletia a cena na loja, e ele viu o rosto da moça pela primeira vez. Ela estava parada exatamente atrás dele, com as mãos segurando a capa e com uma expressão que questionava se devia prosseguir com o corte ou se devia expulsá-lo.

— Não. Eu não quis dizer... desculpe. Vá em frente, por favor.

As mãos dela farfalharam a capa sobre os ombros de Henry, e a mulher se inclinou para a frente para prendê-la com firmeza. Ele conseguiu ver o rosto dela com clareza pela primeira vez. Uma massa de cabelo castanho cacheado emoldurava um rosto oval com uma leve covinha em um lado da bochecha macia, e a moça tinha um par dos mais lindos olhos violeta.

Foram aqueles olhos que confirmaram a verdade para Henry. Ele sabia com uma certeza que deixou sua cabeça — e seu coração — girando. Era ela. Cinco anos antes, ele tinha sido enviado para dar a notícia para essa moça. Essa era a jovem viúva do madeireiro sueco.

Henry lutou para controlar suas emoções agitadas. Ele estava totalmente despreparado para este encontro repentino.

Capítulo 7

Christine ficou entusiasmada ao notar os primeiros sinais da primavera.

Embora a neve suja ainda revestisse as calçadas que os raios do sol foram incapazes de alcançar, a água escorrendo nas calhas quase soavam como os riachos em seu amado estado do Norte. Ela fechou os olhos por um momento para desfrutar da agradável lembrança.

Bem, disse Christine para si mesma, abrindo os olhos para continuar sua caminhada para o trabalho, água corrente é água corrente. Mesmo aqui na rua ela ainda canta uma música maravilhosa. Christine se perguntou se algum dos trabalhadores

que se apressavam à sua frente também notavam o som.

Ela se apegou ao seu estado de espírito especialmente leve enquanto, quase por hábito, entrava no grande prédio, subia as escadas e virava à direita. A mesma rotina, os mesmos deveres, a mesma Srta. Stout a encarou enquanto abria a porta do escritório. A mulher tinha parado de usar lenços rendados e broches elegantes na lapela. Aparentemente, tinha desistido novamente do Sr. Kingsley. Christine pensou que a recepcionista carregava consigo sua própria pequena auréola — não uma auréola de luz, mas uma de nuvem, que pairava sobre sua cabeça e se envolvia sobre seus ombros. Eu sou uma solteirona solitária, parecia dizer. Eu não sou valorizada. Não sou amada.

Nessas ocasiões, a senhorita Stout se retraía ainda mais profundamente na melancolia que envolvia seu corpo delgado. Christine esperava que esse não fosse um daqueles dias.

Ela não teve tempo de pendurar o casaco antes da Srta. Stout dizer:

— Sr. Kingsley deseja falar com você.

As palavras da mulher eram concisas, e Christine podia imaginar aquela nuvem sendo comprimida com força.

— Obrigada, Srta. Stout — ela respondeu radiante, esperando compartilhar um pouco de sua animação primaveril. Christine não se incomodou em ir buscar seu bloco de estenografia. Se fosse necessário, ela voltaria para buscar. As outras meninas não tinham chegado, então não haveria observadores da visita matinal ao escritório do chefe.

Ela bateu na porta e a abriu.

— O senhor desejava me ver?

A cabeça hirsuta balançou em sua direção.

— Você já chegou?

Christine sentiu que a pergunta não precisava de resposta.

— Sente-se — disse o homem. Ela sentou.

Ele empurrou sua cadeira para trás, depois mudou de ideia e inclinou-se para a frente.

— Eu sei que sua resposta foi não, e não estou aqui para mudar

isso. — Ao mesmo tempo, ele ergueu a mão para evitar quaisquer palavras que ela estivesse inclinada a dizer. — Contudo... — ele hesitou —, estava me perguntando se você se oporia a fazer outro jantar. Apenas um.

Ele ergueu a mão novamente, desta vez com a palma para cima.

Christine refletiu sobre o assunto e, em seguida, assentiu em silêncio.

— Bom.

Ele expirou com ruído e recolheu a mão, parecendo muito satisfeito. Os pensamentos imediatos de Christine foram para a Srta. Stout.

A mulher ficaria extremamente feliz.

— Quando? — questionou a moça de forma simples.

— Sexta-feira. Essa semana. Eu farei todas as compras — apenas me dê uma lista.

— Sexta-feira. — ela assentiu. — Ótimo. Há algo em particular que gostaria que eu servisse? Eu tenho pouca experiência com qualquer prato refinado.

— Não precisamos de pratos refinados. Apenas um pouco daquele frango e dos bolinhos que serviu antes. Aquilo estava maravilhoso.

—Mas... mas não acha que seu convidado possa gostar algo... bem, algo diferente desta vez?

— Não. Não. Ele vai adorar isso, sei que vai.

Ele? A quem seu chefe estava se referindo?

— É que vai ser uma surpresa. Eu não contei nada sobre o arranjo para ele.

Qualquer que fosse o plano e quem quer que fosse o convidado, o Sr. Kingsley parecia tremendamente animado.

— Quantos? Para o jantar? — perguntou Christine.

— Só nós. Dois. E você, claro. Eu quero que você se sente conosco desta vez.

— Eu?

— Eu quero assim... como uma refeição em família. Em vez de você servir como uma empregada doméstica.

Christine engoliu em seco e acenou com a cabeça novamente.

— Se você deseja.

Ele sorriu.

— Está tudo combinado, então. Você só precisa me dar a lista.

— E se eu mesma comprar o que preciso e você simplesmente me reembolsar?

— Isso é bom. Isso é ótimo. Eu nunca gostei de fazer compras.

O Sr. Kingsley parecia aliviado.

Christine se levantou.

— Sexta-feira — disse ela enquanto se virava para a porta.

— Sexta-feira — concordou seu chefe, obviamente muito satisfeito consigo mesmo. — Ah — ele gritou atrás dela —, você pode planejar que refeição esteja pronta por volta das sete. Boyd não estará de volta em casa até então.

Christine quase parou no meio do caminho. Boyd? Então agora ela cozinhará uma refeição para o filho do chefe. Por algum motivo, que ela não poderia explicar, seu coração de repente começou a bater muito mais rápido.

Christine estava na grande cozinha, nervosa e agitada com os preparativos finais para a refeição, quando Boyd chegou. Ela pôde ouvir a voz estrondosa do Sr. Kingsley dando as boas-vindas ao filho que voltava da faculdade. Isso a deixou ainda mais ansiosa. Ela não tinha certeza de que seria capaz de evitar que suas mãos tremessem enquanto servisse a comida.

— Cara, essa é a viagem mais longa... — Christine não pode escutar o resto das palavras de Boyd. Ela ouviu os dois homens rirem ruidosamente e se perguntou qual seria a piada. Com um último estremecimento, ela pegou duas tigelas servidas e foi para a sala de jantar. Rapidamente, seus olhos examinaram a mesa. Christine se esforçara para fazer que a mesa ficasse bonita sem parecer muito feminina. Perguntava-se agora se parecia exagerada, um pouco extravagante para dois homens solteiros. Removeu rapidamente as duas velas dos compridos candelabros de cristal. Ainda assim estava incerta. Os guardanapos em formato de leque foram os próximos a sair. Ela os sacudiu, dobrou e os colocou ao lado dos pratos. Isso ajudou, mas Christine tinha certeza de que a

tia Mary teria se sentido desapontada.

A jovem morou com o tio Jon e a tia Mary em sua casa em Calgary enquanto fazia o curso de secretariado. Durante esse tempo havia implorado que lhe ensinassem as delicadezas da vida na cidade que a preparariam para ser uma anfitriã em um ambiente urbano.

Embora sua mãe tivesse ensinado a ela as maneiras habituais da sociedade elegante, sua criação no Norte a colocou longe do alcance dos costumes sociais da cidade. Tia Mary tinha ficado feliz em ensiná-la os deveres de uma elegante anfitriã, junto com os toques decorativos que ajudaram a tornar uma refeição inesquecível.

Christine foi colocada sob a tutela de uma cozinheira profissional na cozinha.

Ela tinha adorado. Na verdade, em certo ponto, havia considerado tornar-se chefe de cozinha em vez de continuar seu treinamento secretarial. No entanto, sua natureza prática a manteve em seu caminho. Havia uma quantidade muito maior de vagas disponíveis para secretárias do que para chefes de cozinha.

Agora ela mexia nos talheres e reorganizava os copos de água. O cristal era exagero?

Ela ouviu as vozes se aproximando e presumiu que o Sr. Kingsley estava conduzindo seu filho de forma gradual em direção à sala de jantar.

Não havia mais tempo para agitação. Ela estendeu a mão para arrumar uma mecha de cabelo, e então eles estavam na porta. Sr. Kingsley empurrou seu filho alto à sua frente enquanto ele gargalhava de contentamento.

— Minha pequena surpresa — ele gritou alegremente. — Arranjei uma cozinheira para nós.

Christine sentiu suas bochechas queimarem. O jovem era mais bonito do que ela se lembrava. Ele a estudou abertamente, seus olhos indicando seu próprio prazer.

— Você se lembra da Srta. Delaney?

O Sr. Kingsley não parava de dar tapinhas nas costas do filho.

Era muito pior do que a batidinha com o lápis.

Boyd concordou com a cabeça. Christine percebeu o brilho em seus olhos.

— Quem poderia esquecer? — disse ele com uma reverência pequena e cortês e com um sorriso para ela.

— Quem poderia esquecer? Isso é bom. Quem poderia esquecer? — Sr. Kingsley deu um tapinha nas costas de seu filho novamente. — Bem, vou te dizer uma coisa: Você não vai esquecer o frango e os bolinhos. Não senhor.

— Com licença — disse Christine, corada e um pouco insegura. — Preciso terminar de preparar os pratos.

— Posso ajudar?

A pergunta de Boyd a surpreendeu.

— Não. Não, obrigada. Eu vou apenas... eu vou... — ela desistiu e saiu correndo da sala.

— Vamos sentar — ela ouviu o Sr. Kingsley dizer. — Logo ela estará de volta.

Christine conseguiu colocar o resto da comida em tigelas para servir sem derramar ou deixar cair nada. Depois de finalmente se sentar, ela olhou para o Sr. Kingsley, perguntando-se se ele faria uma oração de agradecimento. Mas ele apenas disse:

— O que estamos esperando? Vamos comer! — enquanto pegava a tigela mais próxima.

Foi uma refeição bastante ruidosa, embora Christine tivesse muito pouco para contribuir com a conversa. Desejou que pudesse comer na cozinha como da outra vez. Ela ouviu muitas histórias animadas sobre a vida universitária, mas percebeu que poucas narrativas tinham algo a ver com aulas ou estudos. A maioria eram sobre eventos esportivos e pegadinhas de dormitório.

— Então, como estão seus estudos? — Sr. Kingsley perguntou eventualmente. — Ainda acha que vai gostar de direito?

— Eu não te disse? Abandonei essa área.

O Sr. Kingsley ergueu a cabeça.

— Não — disse ele. — Eu acho que você não me disse.

— Desculpe. Acho que estava tão envolvido...

Mas não parecia haver qualquer arrependimento verdadeiro em

seu tom.

— Quando você fez a mudança?

— Na primeira parte do semestre.

— E para qual curso você mudou?

— Não sei, ainda. Ainda não decidi. Acho que jornalismo pode ser interessante.

O Sr. Kingsley acenou com a cabeça, seus olhos eram questionadores. Mas sua voz, ainda assim soou interessada quando disse:

— Jornalismo? — o pai acenou com a cabeça. — Parece bom.

Boyd se virou para Christine e a elogiou pelos bolinhos.

O Sr. Kingsley interrompeu dizendo:

— A garota é uma maravilha na cozinha.

— Com certeza é melhor do que aqueles restaurantes meia-tigela aos quais você costuma me levar — disse Boyd brincando.

Christine enrubesceu novamente.

— Você já teve alguma aula de jornalismo? — Sr. Kingsley retomou a conversa anterior.

— Ainda não. Não queria começar no meio de um semestre.

— Mas você estava tendo aulas... certo?

— Oh... certo. Eu terminei algumas aulas de artes.

— Artes?

— Artes Gerais. Elas se aplicarão a quase qualquer curso que eu decidir fazer.

— Então você só se inscreveu para algumas matérias?

— Bem, eu tenho outra do primeiro semestre.

— Pensei que você tivesse se inscrito na grade cheia no primeiro semestre.

— Bem... sim... eu comecei assim. Algumas das aulas eram apenas... lixo inútil. Eu desisti de algumas. Fiquei com apenas uma que poderia ser útil.

Christine se sentiu muito desconfortável. Ela desejou que não tivesse que presenciar essa conversa. Mesmo assim, os dois pareciam extremamente cordiais. Nenhuma reprimenda por parte do

pai. Nenhum constrangimento ou desculpa por parte do filho.

— Demora um tempo para se decidir na vida universitária — continuou Boyd. — Você meio que tem que encontrar o seu caminho.

O Sr. Kingsley concordou, parecendo bastante propenso a aceitar a autoridade do filho sobre o assunto.

— Bem, no próximo ano você saberá o que esperar e o que você quer. Então, vai poder fazer o que gostar.

Boyd concordou e pediu o prato de frango.

— Economize bastante espaço para a sobremesa. Eu pedi para a Srta. Delaney fazer sua favorita. Torta de creme de chocolate. Eu senti o cheiro. Você vai querer mais de um pedaço, tenho certeza.

Após a refeição, os homens se espreguiçaram na frente do fogo abrasador na sala de estar, e Christine se apressou para limpar a cozinha. Ela não tinha objeções a andar nos bondes elétricos da cidade, mas não se sentia confortável em estar nas ruas sozinha tão tarde da noite. Se ainda estivesse no Norte, não a hora avançada não seria uma preocupação. Christine se sentia muito mais segura no Norte do que nessa cidade desconhecida.

—Venha! Venha sentar e conversar — convidou o Sr. Kingsley, estendendo a mão para a moça quando ela entrou na sala para lhes desejar uma boa noite.

—Oh... não. Obrigada. Tenho que ir para casa. Eu nem mesmo tenho a certeza de até quão tarde o bonde funciona.

— Bonde? Nada de bonde. Não há necessidade. Boyd pode levar você de carro. Venha e sente-se um pouco.

Christine sentiu que não tinha escolha. Relutantemente colocou o casaco de lado e foi se juntar a eles. O homem mais jovem deslizou sobre o sofá e deu um tapinha no assento ao lado dele.

Com as bochechas coradas, Christine aceitou o convite.

—Então... meu pai tem te tratado bem? — provocou o jovem rapaz. O Sr. Kingsley riu instantaneamente. Christine nem procurou uma resposta, sentindo que realmente nenhuma era esperada.

— Tentei fazer com que ela se mudasse para cá — disse o Sr. Kingsley. — Quarto e comida em troca de uma refeição de vez em

quando.

Boyd olhou para ela de perto, fazendo-a corar ainda mais.

— Soa como um bom plano para mim.

— Bem, não parecia um bom plano para ela. Ela recusou.

Christine podia sentir dois pares de olhos fixos nela. Isto a deixou extremamente desconfortável.

— Só pensei que não fosse parece correto — ela conseguiu dizer.

— Disse que ela poderia trazer outra mulher junto — o pai explicou.

— Eu realmente não tenho... não tenho nenhuma outra mulher para me acompanhar — disse Christine em sua defesa.

— Você sempre poderá trazer a ‘Velha Ossuda’ — acrescentou Boyd. Diante da cara fechada de Christine, ele rapidamente corrigiu o comentário. — Oopa. Acho que devo dizer Srta. Stout.

Senhorita Stout? Velha Ossuda? Christine ficou chocada com a falta de respeito do jovem, mas o pai apenas riu.

— Não acredito que a Srta. Stout estaria interessada em fazer uma mudança para me acomodar — disse Christine, tentando manter seu tom de voz natural.

Boyd sorriu e mudou de posição, esticando as longas pernas no tapete pesado.

—Oh... acho que a senhorita Stout usaria qualquer desculpa disponível para conseguir se mudar para cá — disse ele, levantando a sobrancelha de uma forma um tanto cínica.

— Eu realmente preciso ir — disse Christine enquanto se levantava.

O Sr. Kingsley acenou com a cabeça.

— Acho que o menino está um pouco cansado esta noite também. Ele teve um longo dia de viagem.

Pouco depois, os dois estavam no ar frio da noite, se encaminhando em direção ao automóvel de Boyd. Christine respirou fundo. Era bom estar bem escondida na escuridão.

Boyd abriu a porta do carro e ajudou-a a entrar no veículo.

— Quantas vezes por semana você nos agracia com uma

refeição? — ele perguntou enquanto ligava o motor.

— Ah não. Este foi um... um evento único. Seu pai queria surpreendê-lo com uma refeição em casa na sua primeira noite.

— Estou desapontado — disse ele, e parecia sincero. — Foi uma surpresa maravilhosa, e eu esperava que fosse repetida — com regularidade. Você tem certeza de que não podemos convencê-la?

Como resposta, Christine gaguejou. Ela não conseguiu encontrar muito para oferecer na forma de um argumento. Ele era tão elegante, tão confiante e polido. Ela se sentia como uma caipira do interior se comparada a ele.

O carro roncou com facilidade pelas ruas vazias. Ele perguntou:

— O que você encontra para fazer nesta cidade interiorana? O que você faz para se divertir?

— Divertir?

— Não diga que meu pai não te deixa tempo para o lazer? Certamente ele não te faz trabalhar o tempo todo.

— Ah não. Tenho todas as noites livres.

— E você...? — ele perguntou.

— Eu leio.

— Lê? — a maneira como ele disse a palavra fez com que soasse como se nada pudesse ser mais chato.

— Eu adoro ler — ela disse na defensiva.

— Sabe — disse ele com uma risada —, se você me permitir, eu garanto que posso encontrar algo para você que é muito mais emocionante do que isso.

Christine não respondeu.

Eles pararam na frente da pensão onde ela morava, mas antes que pudesse expressar seu agradecimento e abrir a porta, ele a alcançou e pegou sua mão.

— Que tal isso? — disse, insistindo.

— Eu... eu realmente preciso entrar.

Ele não soltou a mão de Christine, e ela sabia que seu coração estava acelerado.

— Você não respondeu minha pergunta.

— Bem... dependeria — disse ela. — Eu não daria... não poderia dar uma resposta definitiva. Não tenho ideia do que você pode ter em mente. Eu teria que decidir...

A risada dele interrompeu suas palavras.

— Então sua resposta não é um não de cara. Isso é um conforto — ele apertou a mão dela. — Então acho que cabe a mim encontrar algo que você concordaria em fazer. Certo?

Christine concordou com a cabeça, então percebeu que estava muito escuro no carro para que ele pudesse vê-la.

— Certo — ela conseguiu dizer.

Ele ergueu a mão dela e beijou seus dedos delicadamente.

— Aceito o desafio.

Christine rapidamente retirou a mão e se afastou do carro. Claramente, ela estava tremendo enquanto caminhava pela calçada. Ela esperava que não encontrasse ninguém no corredor que ficava a caminho de seu quarto.



Capítulo 8

Henry tinha certeza de que sua surpresa inicial estava aparecendo em seu rosto. Ele deu uma olhadela rápida no espelho novamente, esperando ver o reflexo dela revelando o mesmo choque por tê-lo reconhecido. Em vez disso, ele viu uma barbeira perfeitamente equilibrada cuidando de um corte de cabelo. Não havia nada em sua expressão que indicasse que a moça se lembrava de seu encontro anterior.

Será que estou enganado? Henry se perguntou depois de outro olhar. *Certamente não — a menos que ela tenha uma irmã gêmea.*

Apenas o ruído das lâminas da tesoura interrompia o estranho silêncio. De vez em quando, Henry erguia os olhos para o espelho.

Ela trabalhava com eficiência, e sua expressão não revelava nada.

— Você é o primeiro barbeiro que já tive que não tagarelou no meu ouvido — disse Henry. Ele queria ouvir a voz dela novamente e ter certeza de que era a moça de quem se lembrava.

No espelho, ele a observou encolher os ombros.

— Desculpe. Eu não sou dada a conversa fiada. Particularmente em tópicos masculinos. Eu não sou muito de discutir caça, pesca, jogos de bola ou automóveis.

Ele deixou o silêncio durar um minuto antes de dizer:

— Suponho que a senhora também terá que aprender algumas dessas coisas em pouco tempo, com seu filho chegando perto dessa idade.

Ele pensou ter visto seus ombros enrijecerem e se perguntou se havia dito a coisa errada. Quando falou novamente, a voz da moça era distante.

— Se o senhor quer um corte de cabelo, posso te anteder. Mas se quiser conversa, vá ao restaurante da Jessie. Dezenas de pessoas entram e saem de lá dispostas a passar a manhã tomando café e fofocando.

Sim, a voz soava a mesma, mesmo com o tom de frieza.

Henry sentiu que deveria se desculpar, mas não tinha certeza do porquê.

Então não disse nada. Ele certamente não tinha a intenção de se intrometer.

Ou será que tinha? Sim, admitiu silenciosamente. Eu ficaria feliz em me intrometer. Gostaria de perguntar como ela está. Se superou a morte do marido. Se o garotinho sente falta de um pai. Se ela está fazendo tudo sozinha. Por que ela está cortando cabelo em uma barbearia masculina com o nome de Sam.

Então, com um batimento cardíaco acelerado, ele percebeu que também gostaria de saber se a jovem viúva já tinha se casado novamente.

Mas não fez nenhuma dessas perguntas. Henry a observou em silêncio, enquanto ela finalizava o corte. A moça realmente fez um ótimo corte de cabelo.

E, infelizmente — em sua opinião —, também foi um dos mais rápidos que ele já havia recebido. Henry esperou que ela removesse a capa e passasse o pincelzinho em sua nuca. Ele se levantou e enfiou a mão no bolso em busca de dinheiro. Ficou extremamente tentado a adicionar um valor ao preço final, mas se conteve. Henry tinha a sensação de que ela não entenderia, nem aceitaria o que parecia uma esmola.

Henry entregou a ela as moedas e suas mãos se tocaram levemente.

Algo bem no fundo respondeu — como se ele tivesse algum estranho direito, uma certa conexão com essa mulher. Não tinha conquistado esse direito... de certa forma?

Mas não. Certamente não. Ele tinha apenas cumprido seu dever como um oficial da lei. Ele a abraçara... a deixara chorar. Limpou suas lágrimas, até se ofereceu para preparar um pouco de chá, o que a jovem prontamente recusou. Mas ele não tinha conquistado direitos. Não podia fazer nenhuma exigência a respeito dessa jovem atraente e vulnerável, cujo rosto esteve diante dele por tantos dias na trilha, que preencheu muitos de seus sonhos sob as estrelas congeladas. Nenhuma exigência.

E o menino. Henry o segurou quando bebê. A mãe havia passado o menino para ele enquanto entrava no quarto ao lado para pegar uma fralda seca para ele. Foi uma das poucas vezes em sua vida que ele segurou um bebê. Nas aldeias indígenas, os bebês na maioria dos casos estavam em seus berços, amarrados com segurança nas costas de uma mãe, irmã mais velha ou avó. Ainda assim, o fato de ter segurado aquela pequena criança — Henry se lembrou agora que ela o chamava de Danny —, olhando em seus olhos e sabendo que ele nunca teria memórias do pai que tinha acabado de perder, afetou Henry de uma forma profunda e inexplicável. Mesmo agora sentia o estranho desejo de entrar em contato com a criança de alguma forma. Mas como? Henry tinha certeza de qualquer movimento que fizesse seria totalmente mal interpretado.

Ele colocou seu chapéu Stentson e a saudou com a cabeça.

— Belo corte — disse ele, sem ousar acompanhar o breve elogio

com um sorriso.

— Obrigada — disse ela com simplicidade, e tampouco sorriu.

Ele nunca a tinha visto sorrir. Apenas chorar. Ah... ela tinha sussurrado palavras de amor para o bebê, mas mesmo nesse momento as lágrimas ainda escorriam pelas bochechas. Ele ansiava por ver o sorriso dela agora — saber que as coisas estavam bem em seu mundo. Mas se virou sem outra palavra e saiu da barbearia.

Os dois suboficiais se viraram para olhar para ele quando entrou no pequeno prédio que abrigava o escritório da RPMC. Laray foi quem falou primeiro.

— Vejo que o senhor cortou o cabelo.

Henry se virou para colocar seu chapéu na estante e esfregou a cabeça aparada com habilidade.

— Sim.

Ele se sentou à mesa, pegou alguns papéis e os colocou à sua frente.

— Então, o que você achou da Sam? — Rogers continuou com o interrogatório.

Henry estudou a forma diante dele, embora seu cérebro não entendesse nenhuma das palavras. Os dois homens não tinham ideia do que ele estava sentindo por dentro. Que intensas emoções despertaram após esse encontro casual. Nem ele poderia compartilhar seu pensamentos e emoções. Henry lutou para esconder a agitação que sentia. Uma mão se esticou para correr o dedo ao longo da linha do bigode.

Aquela moça não se chamava Sam, Henry sabia disso. Ele tinha feito a papelada no momento do acidente de seu marido, e conhecia bem o nome dela.

Aquele nome estivera em seus lábios, fora sussurrado em suas orações, muitas vezes ao longo dos anos. Mas ele não disse nada sobre o nome.

— Ela faz um bom trabalho — respondeu casualmente.

Henry sentiu os olhares trocados. Os companheiros esperavam algo mais.

— Vamos lá, Sargento — disse Laray. — Todos os caras

solteiros, num raio de quilômetros daqui, cortam o cabelo com pelo menos o dobro da frequência necessária. Incluindo eu.

O rapaz disse com uma gargalhada.

— Laray está tentando mais do que um corte de cabelo — disse Rogers —, mas até agora não chegou nem à primeira base.

— Ela é tão bonita quanto uma pintura... e tão fria quanto uma casa de gelo em meio a uma nevasca — observou Laray.

A risada dele morreu agora. Henry pensou que o jovem provavelmente não estava acostumado a ser desprezado.

— Nem mesmo o uniforme chama a atenção dela — Rogers continuou. — Eu a convidei para sair uma vez — muito educadamente —, e fui informado imediatamente que aquele era seu local de trabalho, e que compromissos sociais não eram arranjados ali.

Laray a estava imitando, pela última frase.

Henry sentiu que estava ficando emburrado. Era isso que aquela moça tinha que enfrentar no salão de barbearia? Flertes ofensivos e desajeitados?

Não é de se admirar que ela se mantivesse distante e não perdesse tempo com conversa fiada.

Henry mordeu a língua. Estava a ponto de repreender os dois homens, dizendo que mantivessem distância, e tratassem a jovem como deve ser tratada — como uma dama.

— Da próxima vez vou pedir que ela também faça a barba — disse Laray, esfregando a mão para cima e para baixo na bochecha.

Henry não conseguia mais conter a raiva.

— Olha — disse bruscamente —, trate a moça com respeito, ou fique longe da barbearia.

Ambas as cabeças se viraram em sua direção. Henry podia ver as perguntas nos dois pares de olhos. Aquilo tinha sido apenas brincadeira entre homens, não havia nada de prejudicial.

O sargento recostou-se na cadeira.

— Ela ... ela é uma cidadã da cidade... que tem direitos — Henry continuou com mais calma agora. — Não queremos nenhuma reclamação, especialmente contra a Polícia Montada.

O rosto dos dois homens diante dele pareciam bastante sóbrios, e ambos concordaram. Rogers até corou.

— Acho que ela está bastante acostumada — disse Laray um pouco na defensiva, mas seu tom não era mais arrogante. — Os caras falam o tempo todo sobre como tentaram isso ou disseram aquilo.

— Bem... eu não quero esse tipo de conversa nesse escritório — Henry disse com palavras firmes.

Como o responsável, era esperado que ele desse as ordens. Os dois subordinados assentiram, mantendo os olhos em suas mesas.

— O que eu não entendo — disse Laray após alguns minutos —, é onde acaba a corte para uma garota e... onde começa a linha ultrapassada.

Henry estendeu a mão e esfregou a cabeça, sentindo novamente a suavidade do novo corte de cabelo.

— Está bem — disse ele, olhando para a expressão honesta de preocupação de Laray —, admito que é uma decisão difícil... às vezes. Talvez eu tenha que voltar ao que minha mãe me ensinou. Ela diz que se você não quer estragar — prejudicar —, um bom relacionamento. Então você pensa: o que significa MAR? Significa: Motivação, abordagem e resposta. MAR.

— O quê? — disse Laray em tom de lamento. — Isso parece... como a escola.

— Qual é sua motivação? — Henry continuou, ignorando o suspiro exagerado de Laray. — Você só a quer para obter o seu próprio prazer, ou tem verdadeiro respeito pela outra pessoa?

Laray parecia estar pensando nisso.

— Certo — disse ele —, agora estou entendendo.

— Abordagem — disse Henry. — Você está abordando a moça de forma adequada e socialmente aceitável?

Mais uma vez, Laray concordou. Rogers estava apoiado em um cotovelo, ouvindo.

— Resposta — continuou Henry. — Se seus avanços são, ou parecem ser, indesejáveis, então recue.

— Que tal 'Coração covarde nunca conquistou a bela dama'? —

perguntou Rogers.

Henry enfiou a mão na cesta de lixo e amassou uma folha de papel, e jogou-o em Rogers.

— Ora, ora — ele brincou —, eu não sou um psicólogo. Como vou saber? — o sargento se levantou e estendeu a mão para seu Stetson. — Vou perguntar à minha mãe da próxima vez que a vir.

Os três homens riram, e Henry disse:

— Você tem suas ordens — vamos nos manter ocupados.

Um dia agitado e preocupante se seguiu a essa pequena conversa. Um acidente numa fazenda significou uma viagem ao hospital da cidade com um agricultor ferido. Uma disputa doméstica teve que ser resolvida em uma cabana em ruínas na periferia da cidade. Dois meninos atearam fogo atrás de um velho estábulo fora de uso. Uma mulher foi mordida por um cão que temia ser raivoso. Um fazendeiro relatou que alguns animais de sua criação estavam desaparecidos. No final do dia, houve pouco tempo para conversa fiada enquanto os três policiais se ocupavam com extensos relatórios, e estômagos resmungando. Até a comida de Jessie seria bem-vinda. E cama? A cama seria absolutamente divina.

Henry ficou muito feliz quando o domingo chegou. Tinha sido uma semana ocupada, cansativa e emocionalmente exaustiva. O inesperado encontro com a jovem que conheceu sob circunstâncias tão difíceis, há quase cinco anos, despertara uma série de sentimentos e questionamentos que ele pensava que estivessem finalmente sob controle. Agora, Henry se surpreendia procurando por ela, enquanto caminhava pelas ruas da pequena cidade. Não conseguia deixar de observar de perto cada grupo de crianças que via na pracinha ou nos quintais das casas. Mas Henry não tinha visto Danny novamente. Nem sua mãe. Parecia irônico estar tão perto e, ainda assim, ser incapaz de ajudá-los como ansiava fazer.

O sargento Delaney se vestiu para ir à igreja, desejando ter comprado um terno de civil. Depois de se barbear, observou de perto sua imagem no espelho. Ela faz um bom corte de cabelo, pensou Henry, enquanto passava a mão mais uma vez sobre o penteado. Ele recuou rapidamente, surpreso ao perceber como a moça viúva estava próxima de seu pensamento consciente.

Com vigor, aplicou graxa nas botas já brilhantes. Em seguida, tirou pó de seu Stetson e partiu para um rápido café da manhã na cantina de Jessie. Pelo menos os ovos não estavam condimentados. Ia comer ovos e torradas, acompanhados da forte xícara de café de Jessie.

Depois de ser servido, ele ainda tinha muito tempo, então se demorou tomando uma segunda xícara de café. A conversa e as brincadeiras aconteciam ao seu redor, mas eram em sua maioria ignoradas pelo policial. Henry não estava na cidade há tempo o suficiente para ser considerado um deles. As pessoas ainda precisavam se acostumar com este novo homem da lei, descobrir se ele tinha uma tendência humana. Por isso, a maior parte da conversa não lhe dizia respeito. Neste momento, tinha sorte se recebesse um aceno ocasional e um bom dia.

Depois da igreja, ele não tinha ideia de como iria passar o restante do dia. O serviço religioso na igreja levaria apenas algumas horas, e Henry não tinha ideia do que faria depois disso. O rapaz olhou para a xícara, e sentiu que uma intensa sensação de solidão de repente tomando conta de si. Sentia inveja de Rogers, que traria sua esposa e sua jovem família em poucas semanas, depois de ter finalmente encontrando acomodação para eles. Não admira que Rogers estivesse caminhando com um passo mais leve.

Os pensamentos de Henry se voltaram novamente para casa. Ele não tinha apreciado totalmente, quando criança, o quão afortunado — quão abençoado —, ele fora. Ah, recordava da enorme diferença entre as duas famílias. Das confusões, brigas e, muitas vezes, lutas de suas primeiras memórias, Henry foi recebido de repente em uma família onde era amado — amado e educado —, e recebera até mesmo respeito como indivíduo. Não houve dúvida em sua mente, a partir daquele momento, sobre “o que seria quando crescesse”. Ele seria um Policial Montado, assim como seu pai. Ele andaria altivo — e orgulhoso —, e ajudaria as pessoas.

Henry olhou para o uniforme. Ele ainda sentia orgulho por ser um Policial, ainda usava o uniforme com dignidade. Mas dentro da jaqueta escarlate batia um coração humano. Alguém que ansiava por intimidade — não indiferença. Um coração que ansiava por um relacionamento, em vez de apenas dever. Henry suspirou

profundamente. Talvez, para ele, isso jamais fosse acontecer. Talvez ele fosse um dos homens 'casados com a Polícia'. Henry tinha esperança que não. O pai e a mãe eram um exemplo vivo de como um casamento pode ser bom.

Henry largou a xícara e se levantou. Era hora de andar a curta distância até a igrejinha. Ele precisava daquele tempo de adoração esta manhã. Ainda que a família congregacional da igrejinha ainda mantivesse distância, admirados com sua posição e uniforme, eles o receberam com sorrisos gentis. O jovem policial sentiu um conforto nos hinos familiares, um contentamento nas palavras familiares das Escrituras, uma sensação de completude, servindo como um bálsamo para sua alma, para colocar seu mundo de volta à perspectiva adequada.

Henry sentiu seu passo acelerar, pois estava ansioso para se juntar aos outros em louvor e adoração.

A igreja era pequena e os bancos estavam quase lotados quando ele entrou e tirou o chapéu. Um recepcionista deu-lhe as boas-vindas e apontou um lugar. O policial buscou entrar da forma mais discreta possível, mas percebeu algumas cabeças se virando para encará-lo.

O culto começou e ele compartilhou o hinário com o rapazinho que estava ao seu lado. A mulher sentada ao piano fez um bom trabalho seguindo as notas. Sua mente incitou lembranças de sua mãe. Henry adorava vê-la tocar. Gostava do movimento fluido das mãos delicadas tanto quanto gostava da música. Sempre lhe pareceu incrível que os dedos pudessem se mover em tal harmonia, mas ainda assim individualmente, cada um buscando a tecla que produzia a nota desejada. Observou as mãos desta mulher agora com semelhante admiração por sua habilidade.

Eles cantaram três hinos seguidos. No final do terceiro seu coração parecia verdadeiramente focado em Deus, em adoração. Tinha sido elevado de seu ego, de seu mundo de trabalho, de seu isolamento. Sentia-se parte da família de Deus.

O pregador era jovem. Embora ainda não fosse um teólogo profundo, ele tinha algumas ideias instigantes para compartilhar. Desafios para a congregação ao enfrentarem mais uma semana.

Henry lamentou ouvir o último amém... para ser lançado agora de volta para o mundo para, de alguma forma, preencher as horas deste longo dia.

Henry estava nos largos degraus da frente da igreja antes de ver o menino. A criança estava balançando no corrimão, conversando animadamente com um pequeno grupo de jovens. Henry estava prestes a seguir em frente e ele mesmo falar com o menino quando ouvir uma voz bem atrás de si.

— Danny, cuidado — você vai cair!

Danny voltou para os degraus, mas sem uma hesitação momentânea em seu relato — algo sobre cachorros da vizinhança, e havia seis deles, e ele com certeza gostaria de ter um, e...

Henry não se atreveu virar. Estava certo de que ia dizer ou fazer algo que a jovem não ia gostar. Ela podia até mesmo suspeitar de sua presença na igreja.

Uma criança se abaixou na frente dele, e Henry foi forçado a parar no meio do caminho. Sentiu também um leve empurrão e ouviu um suave ‘Desculpe’.

Ele se virou para tranquilizar a pessoa, de que não tinha sido nada, e viu-se olhando diretamente nos olhos violetas da jovem viúva. Henry não conseguia falar, não sorriu. Ela estava tão perto, quase nos braços dele novamente.

— Desculpe — disse ela mais uma vez, sua voz não mais do que um sussurro.

O rosto da jovem viúva estava corado e ela parecia tão desconfortável quanto ele. Henry conseguiu acenar com a cabeça, e isso foi tudo.

O breve encontro o perturbou. Henry não parou para trocar o uniforme de gala, não retornou para o restaurante de Jessie, para comer um pouco do cozido especial de domingo. Em vez disso, surpreendeu-se caminhando pela trilha empoeirada que saía da cidade. Ele ia andar. Já fazia alguns dias que não dava uma boa caminhada. Era mais uma coisa que sentia falta do Norte. Henry desejava ter um cachorro para acompanhá-lo, pois pelo menos teria alguma companhia.

Talvez um daqueles cachorrinhos... mas Henry logo afastou o

pensamento e partiu rapidamente. Talvez com o tempo e milhas ele fosse capaz de sair de seu marasmo.



Capítulo 9

Christine ainda não tinha certeza se estava fazendo a coisa certa. Boyd estava em casa há três semanas. Três semanas de ligações telefônicas e buquês de rosas. Três semanas de flertes no escritório e convites para jantar, que ela recusava cada vez com menos relutância. E agora, aqui estava ela, finalmente consentindo em participar de um piquenique sábado no parque com alguns de seus amigos.

Christine admitiu para si mesma que o achava imensamente atraente. Reconhecia que a inveja das outras meninas no escritório alimentava sua vaidade, mas também reconheceu o fato de que ainda estava desconfortável em finalmente ceder e sair com ele.

— Mal posso esperar para exibi-la — ele estava dizendo, movendo o automóvel veloz em uma curva fechada, com os olhos

mais no rosto da jovem do que na estrada.

Christine esboçou um sorriso, apesar de seu coração palpitante. Ela não tinha certeza de como se encaixaria na turma de Boyd. Sabia pouco sobre eles, mas Christine sabia que não eram parecidos com o grupo de jovens de sua igreja.

Boyd pegou a mão dela e dirigiu pela estrada com uma mão no volante. Sua velocidade não diminuiu.

Christine deu um pequeno aperto e puxou a mão dela, esperando que ele voltasse a dirigir de forma apropriada.

— Você está nervosa? — ele perguntou com um sorriso travesso.

Ela assentiu, mas não conseguiu evitar o riso. Boyd sempre conseguiu transformar seu humor.

— Não fique — disse ele. — Eu contei a eles tudo sobre você.

Christine se perguntou o que ele havia dito. Não a fez sentir mais à vontade.

Ela teve que agarrar o apoio para a mão quando Boyd cortou bruscamente o carro para a esquerda e passou por baixo de um bosque de choupos. Sentindo-se um pouco trêmula, Christine saiu do carro, mas não via mais ninguém por perto.

— Onde estão seus amigos? — ela perguntou enquanto Boyd erguia a cesta de piquenique.

— Na verdade — ele respondeu com outro sorriso —, não há mais ninguém. Só usei essa história para fazer você vir comigo. Queria você só para mim.

Christine colocou as mãos no rosto e sentiu os joelhos amolecem. Boyd observou a reação da jovem de perto, e então soltou um grito, rindo. Ele estendeu a mão para dar um golpezinho de brincadeira no braço de Christine.

— Eles estarão aqui, senhorita Puritaninha. Trudie está sempre atrasada, e é ela que traz todos os outros. Mas vale a pena. Ela é um saco de risadas ambulante.

Boyd estendeu o cobertor, colocou a cesta de piquenique inclinada cima contra o tronco de uma árvore e estendeu a mão.

— Venha. Quer ver o rio?

Christine se deixou levar, caminhando pela margem. O rio foi um

pouco decepcionante, não era claro e cintilante como os riachos do Norte, e nem fluía com o mesmo entusiasmo energético. Ainda assim, era água corrente. Christine teria gostado de sentar-se às margens e ouvir sua canção.

Boyd continuou andando.

— Então, o que você acha do meu velho? — perguntou ele.

Surpresa com a pergunta, ela respondeu:

— Ele é... ele tem sido um bom chefe.

Não tinha pensado no senhor Kingsley além disso.

— A Ossuda está de olho nele há anos.

Christine ficou muito desconfortável com a familiaridade desrespeitosa demonstrada pelo rapaz com uma mulher que tinha idade suficiente para ser mãe dele.

— Nunca fiquei muito animado com a perspectiva daquela velha amarga como uma nova mãe — ele continuou como se tivesse seguido os pensamentos de Christine.

— A senhorita Stout tem sido gentil comigo — disse Christine com obstinada lealdade.

Boyd se virou e a puxou para perto — muito perto —, e sussurrou em seu ouvido:

— Quem não seria gentil com você?

Christine se afastou de forma gentil, mas tão firmemente quanto pôde.

— Está bem, está bem — ele riu —, entendi a mensagem. Prometo não ir rápido demais.

A buzina de um carro acima deles sinalizou que os amigos haviam chegado, e Boyd agarrou a mão dela para ajudá-la a voltar.

— Acho que Trudie finalmente arrumou o cabelo e pintou as unhas — ele riu enquanto eles subiam a trilha íngreme.

Cinco jovens, rindo ruidosamente, estavam lutando para sair de um automóvel lotado — três rapazes e duas mulheres jovens.

Christine se perguntou qual delas era Trudie. Ela a identificou antes mesmo de Boyd fazer a apresentação. A moça tinha cabelos ruivos flamejantes, que cacheavam ao redor do rosto ligeiramente sardento. Christine não estava acostumada a ver maquiagem tão

dramática e achou o efeito teatral. Mas ela logo percebeu que Trudie estava de fato sempre no centro de um palco. A partir do momento que chegou, a moça ocupou-se em manter o grupo rouco de tanto rir. Suas palavras e maneiras eram bastante extravagantes e barulhentas, mas seus amigos pareciam desfrutar muito seu humor.

Um jovem magro com um sorriso largo e uma cabeleira escura caindo sobre o rosto parecia ser o acompanhante da ruiva.

Eles eram tão diferentes quanto a chuva e a neve, na opinião de Christine. O rapaz raramente abria a boca — exceto para empanturrar-se com o conteúdo das várias cestas de piquenique. Christine nunca viu um apetite tão voraz, nem mesmo em seu irmão Henry, quando era adolescente.

Christine se sentia desconfortável comendo sem antes agradecer ao Senhor pela comida. Ela conseguiu abaixar a cabeça para uma oração rápida antes de começar seu próprio sanduíche, mas como a conversa ao redor dela não diminuiu, ela achou difícil se concentrar.

Mesmo com todos comendo com vontade, a conversa e as risadas ainda não tinha desacelerado.

— O que aconteceu com Maude? — questionou Boyd, segurando uma coxa de frango.

— Ela está com dor de dente — respondeu o jovem de camisa listrada de azul. Christine achava que seu nome era Jared.

— Você pode imaginar isso? — disse Trudie, segurando o queixo em falsa simpatia. — Uma dor de dente a mantém em casa. Eu jamais deixaria que uma coisa tão pequena, como uma dor de dente, me impedisse de participar de uma festa.

— Falando em festa — onde estão as bebidas? — perguntou Stephen, um sujeito baixinho que usava óculos.

Boyd levantou-se de um salto, dirigiu-se ao seu carro e abriu o porta-malas.

— Sirvam-se — ele gritou, e todos, menos Christine, correram para buscar a sua bebida.

— O que vai querer, Christine? — o rapaz questionou gritando para ela. — Cerveja ou vinho?

— Eu... não, obrigada — gaguejou Christine, quando vários pares de olhos se viraram para encará-la. A jovem se sentiu

envergonhada — e terrivelmente desapontada. Ela pensou que Boyd ia saber que ela não bebia álcool.

— O pai de Christine é um policial — explicou Boyd com uma risada, e todos os cinco caíram na gargalhada hilariante. Christine não entendeu a piada.

— Então, o que você vai beber? — Boyd perguntou enquanto se jogava de volta no cobertor ao lado dela.

— Eu vou... Estou bem — Christine foi rápida em dizer.

— Da próxima vez vamos trazer refrigerante — disse Trudie de maneira afetada, o que causou outras risadas.

— Limonada — alguém disse, e eles riram mais ruidosamente.

— Ei, rapazes, parem — avisou Boyd, e as risadas diminuíram.

Christine não conseguia evitar a sede. Se estivesse no Norte, ela teria ido para o riacho para tomar um gole refrescante. Mas as águas turvas do rio ali perto não lhe despertavam a vontade.

A tarde se arrastou. Eles realmente não fizeram nada.

Apenas se espreguiçaram nos cobertores, conversando e rindo, e muitas vezes falando de forma um pouco vulgar. Algumas vezes, Boyd os advertiu com um olhar ou uma palavra. A turma continuou a esvaziar as garrafas, e quanto mais bebiam, mais barulhentos e grosseiros se tornavam.

Christine ansiava por voltar para casa.

Uma nuvem de chuva finalmente trouxe sua libertação. Eles pegaram cestas de piquenique, cobertores e pertences e correram para os carros.

Christine sussurrou uma oração de agradecimento.

— Você não se divertiu muito hoje, não é? — Boyd perguntou em tom de seriedade no caminho para casa. Ele estava dirigindo muito mais devagar, mantendo ambas as mãos no volante. A chuva continuou a cair, o milagre moderno de um limpador de para-brisa externo mantendo mais clara sua visão.

— Me desculpe — disse Christine honestamente. — Acho que simplesmente não me encaixo com a sua... com seus amigos.

O rapaz assentiu, como se concordasse.

Bem, isso é o fim, pensou Christine, sentindo uma estranha

combinação de tristeza e alívio.

— Não vou pedir que faça isso de novo — continuou Boyd, e agora ele tirou a mão do volante para aproximá-la. — Venha aqui — disse ele sorrindo —, por favor.

Ela deslizou lentamente pelo assento. Ele ergueu um braço ao redor dos ombros dela e puxou-a para mais perto ainda.

— Da próxima vez faremos algo só nós dois. — Christine não conseguiu esconder sua surpresa. — Você escolhe — continuou ele.

Christine se virou para ele.

— É sério isso?

— Claro que sim.

De repente, o dia parecia mais claro novamente. Boyd não planejava parar de convidá-la para sair, e não estava pedindo que ela se juntasse à sua turma. Christine mal podia acreditar.

— Então, onde será? — perguntou ele.

— Tenho que pensar.

— Está certo — o braço dele a apertou. — Vou te dar até chegarmos em casa.

Christine riu satisfeita. Ela podia rir agora. Não tinha conseguido rir das piadas grosseiras sobre as mantas de piquenique, mas agora, estava rindo com a mais pura alegria.

Eles logo pararam em frente à pensão de Christine.

— Tem certeza que precisa ir? — ele perguntou a ela sobriamente.

— Certeza absoluta. Tenho algumas coisas que preciso fazer antes de amanhã.

O braço de Boyd a apertou.

— Você já pensou sobre nosso próximo encontro?

— Sim.

— E.. ? — ele perguntou quando Christine não seguiu a conversa.

— Quanto... quanto tempo tenho que esperar por esse encontro? — ela perguntou, surpresa consigo mesma.

— Uma ou duas horas. Talvez menos, se você me persuadir.
Ela riu de novo.

— Nesse caso — que tal amanhã de manhã?

— Amanhã de manhã? Isso é melhor do que ousei esperar. — O braço de Boyd a aproximou ainda mais. — Então, para onde vamos amanhã de manhã?

— Para a igreja — respondeu ela sem hesitação.

— Igreja?

Christine pôde ouvir o choque no tom de voz de Boyd, e isso lhe causou um profundo desapontamento.

— Você não precisa ir... se não quiser — ela foi rápida em acrescentar.

Para sua surpresa, Boyd estendeu a mão para envolvê-la em seus braços.

— Não — disse ele, soando como se tivesse se recuperado —, uma promessa é uma promessa. Apenas... me oriente. O que devo fazer... e quando?

Fiel à sua palavra, Boyd acompanhou Christine à igreja pontualmente às 9h45 da manhã seguinte. Era fácil perceber que era tudo muito novo para ele. Muito estranho. Christine podia senti-lo observando para ver como devia participar do culto. Ela passou a manhã sorrindo para ele e tentando fazê-lo se sentir à vontade.

Após o culto, várias pessoas o cumprimentaram e Christine o apresentou a todos cujos nomes ela sabia. Mas ela percebia que Boyd estava ansioso para se afastar da pequena congregação. O rapaz estava indo em direção ao carro, e Christine se permitiu ser levada embora assim que pôde, sem parecer rude.

— Bem — disse ele assim que se sentou ao volante —, essa foi uma experiência nova.

— Obrigada — disse Christine. — Por vir comigo, quero dizer. — Boyd apenas acenou com a cabeça. — É verdade que você nunca foi a uma igreja antes? — ela ousou perguntar.

— Nunca.

— Isso é triste, você perdeu tanto.

Ele não respondeu.

— Você se lembra se... sua mãe frequentava a igreja? — Christine sabia poderia parecer muito pessoal, mas ela queria saber.

— Não me lembro da minha mãe.

Essas palavras foram ditas de forma muito abrupta.

— Me desculpe — disse ela novamente.

— Olha — disse Boyd, virando-se com raiva para ela —, não há nada que você tenha feito — ou possa fazer —, sobre minha mãe. Sem tristezas. As desculpas não consertam nada, então, não vamos tocar no assunto, está bem?

Christine ficou chocada com o óbvio trauma emocional de Boyd.

Ela queria pedir desculpas novamente, mas não ousou abrir a boca, apenas concordou com a cabeça.

A tempestuosa troca de palavras terminou tão rápido quanto havia começado.

Boyd olhou para ela e sorriu. Até estendeu a mão para Christine.

— Onde vamos jantar? — ele questionou, como se nada tivesse acontecido.

Não havia nenhum arranjo feito para o jantar. A senhoria de Christine estaria esperando por ela na pensão.

— A senhora Green está esperando...

— Nem ligo para a senhora Green — disse Boyd com desdém. — Ela não vai nem perceber que você saiu. Além disso, só se preocupa em ganhar o dinheiro. Contanto que tenha o pagamento integral, ficará feliz por não ter que alimentá-la.

— Você não conhece a senhora Green. Ela não serve a ninguém, até que todos nós estejamos à mesa.

— Uma bofetada na lateral da cabeça da senhora Green. Ela soa como um desmancha prazeres para mim.

Christine deu uma risadinha.

— Talvez na próxima vez.

Quando chegaram à pensão, Boyd encostou no meio-fio.

Antes que Christine pudesse agradecer ou abrir a porta, ele estendeu a mão e segurou seu braço. Sua outra mão passou pelo cabelo, espalhando-o entre os dedos.

— Olha, Christine — disse ele —, eu não quero que você tenha

uma ideia errada sobre hoje.

Ela engoliu em seco, nervosa.

— Eu... eu não acho que posso suportar uma ida à igreja de novo. Me faz sentir estranho. Todo aquela cantoria e a conversa sobre um cara que está morto há quase dois mil anos. Aquele realmente não é o meu lugar.

Christine poderia ter protestado. O ‘cara’, de quem ele falava, não estava morto — Ele está vivo. Mas tudo o que fez foi acenar com a cabeça. Aquela dolorosa tristeza apertou seu coração novamente. Não tinha surtido efeito. Seus mundos estavam muito distantes, ela devia saber. Christine deu mais um aceno de cabeça e se virou para ir embora.

— Mas eu quero vê-la de novo — Boyd a interrompeu.

Lentamente ela balançou a cabeça, dizendo que não.

— Isso não daria certo. Você sabe que eu não me encaixo no seu mundo, e você não se encaixa no meu.

— Mas deve haver um... um terceiro mundo — ele protestou.

Christine o encarou. O que será que ele queria dizer?

— Podemos criar um. Por favor. Eu não vou te pedir para sair com meus amigos — e você não me pede para ir à sua igreja. Nós iremos apenas a lugares que ambos possamos desfrutar, coisas que podemos compartilhar.

Embora sua mente a alertasse para não se deixar enganar, seu coração ansiava por pelo menos ouvir o que ele tinha a dizer.

— Nosso próprio piquenique para duas pessoas — continuou ele —, a praia, passeios pelo país, jantares. Encontraremos muitas coisas — Boyd terminou dizendo com entusiasmo.

— Eu acho que não...

— Por favor. Vamos apenas tentar, Christine. Se você ainda se sentir desconfortável...

Boyd não concluiu o pensamento, mas estava quebrando a resistência de Christine. Rompendo a parede que ela vinha tentando cuidadosamente construir.

— Vou pensar sobre o assunto.

Boyd se inclinou e beijou sua bochecha — muito levemente.

— E não vou pensar em mais nada — murmurou ele contra o cabelo de Christine antes de se endireitar.

A jovem ficou na calçada e observou ele indo embora. Seus pensamentos estavam alvoroçados. Christine queria sair com Boyd novamente. Na verdade, sabia no fundo de seu coração que concordaria com a proposição dele. Mas havia um conflito interno que não a deixava concordar em paz.



Capítulo 10

Embora o destacamento se mantivesse ocupado, Henry sentiu que o verão estava se arrastando lentamente e o tempo estava parado. Ele estava na área há tempo suficiente para chamar alguns conhecidos pelo primeiro nome. Nada que ainda pudesse ser chamado uma verdadeira amizade, mas pelo menos os habitantes da cidade não pareciam mais prender a respiração quando Henry aparecia em cena.

A maioria das pessoas eram da igreja. O pastor em particular foi caloroso e franco com Henry. O homem gostou de ter alguém que compartilhava sua fé para se juntar a ele, para tomar uma xícara de café ocasional não restaurante da Jessie.

Mas as coisas não mudaram com a jovem viúva e o filho dela. Henry ainda ia até a barbearia para os periódicos cortes de cabelo e

sempre era recebido com educação. Mas apesar de frequentarem a mesma igreja, ela permaneceu distante e indiferente.

Henry percebeu que a viúva parecia uma pessoa quando estava na barbearia, e era totalmente diferente na igreja — onde era calorosa e extrovertida, sempre mostrando um sorriso maravilhosamente caloroso e um senso de humor encantador. Ela adorava o filho, mas Henry achava que isso era algo de se esperar.

Gradualmente, ele aprendeu algumas coisas apenas mantendo os olhos e ouvidos abertos. A mãe dela também frequentava a igreja. Ela era uma pequena senhora com um grande sorriso e abraços para todos, e foi a primeira pessoa que Henry conheceu e que teria descrito como agitada.

Henry percebeu também que a senhora Martin sempre parecia ter um pacote na mão. Um pote de geleia fresca para um casal de idosos, botinhas de crochê para a futura mamãe, um pão fresco para um fazendeiro solteiro. Onde quer que a mulher fosse, ela trazia um pequeno arco-íris de felicidade atrás de si.

Henry não ficou muito surpreso quando a senhora se aproximou dele uma manhã depois do culto.

— Eu sinto que tenho negligenciado o senhor — ela se desculpou. — É tarde demais para convidá-lo para jantar? Eu nunca sei em que domingo o senhor está de serviço ou de folga, então, infelizmente, não tive sucesso em planejar com antecedência.

Ele sorriu e agradeceu.

— Sim, um almoço de domingo parecia maravilhoso — o policial rapidamente disse a ela.

— Vou voltar correndo para casa — continuou ela. —, e o senhor pode vir quando estiver pronto. É aquela casa na esquina da Quinta com Sétima, com a cerca branca. Não tem como se perder.

Ele agradeceu e se virou para terminar a conversa com um fazendeiro, que estava tendo problemas com um urso saqueador.

— Eu perdi alguns bezerros saudáveis — o fazendeiro continuou enquanto a senhora Martin saía apressada. — Acho que este sujeito aqui pode ser a causa. Eu o vi algumas vezes e encontrei várias pegadas. Ele é grande — mas parece estar magrelo. Talvez não tenha engordado como deveria. Chegando mais perto do outono,

ele vai ficar ainda mais desesperado. Sabe que precisa dessa gordura para atravessar o inverno.

Henry acenou com a cabeça, mas na verdade sua mente estava em outras coisas — pensava na possibilidade de descobrir mais sobre “Sam” e seu filho. Certamente, como todas as mães, a senhora Martin não se importaria em falar da filha.

— Vou pedir a um dos companheiros que investigue — Henry ouviu sua voz dizendo ao fazendeiro. — Passe no escritório e nos dê alguns detalhes da localização.

O homem agradeceu, recolocou o chapéu de aba larga, e caminhou em direção ao cavalo.

Sem querer apressar a mulher, Henry demorou-se na caminhada para a casa com cerca de piquete. Quando chegou, a pequena senhora encontrou-o na porta e o conduziu para a sala de estar. Para sua surpresa, havia um homem sentado no canto de uma cadeira estofada, com uma Bíblia na mão.

O velho abriu um amplo sorriso, e antes que a mulher pudesse falar, disse:

— Desculpe-me por não levantar para saudá-lo. Tenho uma terrível artrite no meu joelho direito.

Ele estendeu a mão, e Henry podia ver que o homem sofria também de artrite na mão. Henry foi cuidadoso no aperto de mãos.

— Meu marido, Sam — A mulher fez as apresentações e indicou uma cadeira próxima. — O senhor pode se sentar, para que se conheçam, enquanto eu preparo a refeição.

Henry sentou-se.

— Ma tem me falado sobre o senhor — começou a dizer o homem chamado Sam. — Que bom que o senhor se juntou ao pessoal da igreja. Eu mesmo costumava ir até esta artrite aqui me deixar aqui prostrado.

— Lamento por isso — Henry disse sinceramente. — Há quanto tempo isso tem lhe afligido?

— Há cerca de dois anos. Ah, esse joelho me incomodava muito antes, mas apenas nos últimos dois anos me segurou aqui. — Ele estendeu sua mão direita e a examinou. — Fiquei assim, daí não consegui mais segurar a tesoura nem cortar cabelo corretamente.

Estava com medo de cortar a orelha de alguém. — Ele riu. — Foi quando convenci minha filha a receber certo treinamento e assumir meu lugar. Ela precisava de algum trabalho, de qualquer maneira. — Ele parou e acenou com a mão aleijada. — Mas não vou mais importuná-lo com tudo isso, não é do seu interesse.

Oh, se ele soubesse, pensou Henry, inclinando-se para a frente na cadeira.

— Não, por favor, continue — disse ele, tentando manter o tom casual. Quando o homem olhou para ele com curiosidade, Henry disse: — Eu tenho... eu conheci sua filha. Eu a vi na barbearia e... e na igreja — agregou rapidamente, esperando que seu interesse passasse despercebido.

— Bem, ela é uma pessoa bastante reservada. Não sei se ela gostaria que eu falasse sobre seus assuntos pessoais.

Sam encerrou a conversa.

Mas nem tudo estava perdido. Henry notou várias fotos na sala, que mostravam a jovem desde a infância até chegar à adolescência. Uma, em particular, lhe chamou a atenção. Era a foto do casamento, e mostrava a belíssima noiva e o jovem madeireiro sueco. Algo se retorceu profundamente dentro de seu coração, enquanto olhou para os semblantes felizes. Que final trágico para um começo tão belo.

A última foto era da mulher e Danny. Henry percebeu que tinha sido tirada recentemente. Danny estava provavelmente prestes a comemorar seu quinto aniversário.. Henry teve que desviar os olhos da foto e tentar se concentrar no que Sam estava dizendo.

— ...então minha esposa, ela diz, 'Deus cuidou da gente todos esses anos. Ele não vai nos abandonar agora.' E então ela saiu e arranhou um emprego na mercearia. Então, entre Deus e Martha — ele parou para dar risada —, estamos nos virando muito bem. Aí minha filha está comprando a barbearia. Paga um pouquinho cada mês. Está se saindo muito bem, devo dizer. Acho que ela deve ser um barbeiro melhor do que eu. Os negócios com certeza estão crescendo.

Então é por isso que o pequeno Danny passa seus dias aos cuidados da Sra. Crane, pensou Henry. Ele se perguntou por que a

avó não estava cuidando do menino.

— Uma coisa que me faz sentir mal — continuou o homem —, é o Danny. O pobrezinho perdeu o pai, e agora tem um avô aleijado, que não pode fazer coisas com ele. Eu estava ansioso levá-lo para pescar, ensiná-lo a jogar uma bola — todas essas coisas. E agora essas velhas mãos e este joelho aqui não me deixam fazer nenhuma dessas coisas.

— Tenho um tempo livre — ofereceu Henry cuidadosamente, com a garganta apertada —, e ficaria feliz em passar algum tempo com o menino. — Henry tentou parar e verificar sua ansiedade. — Se a mãe dele se sentir à vontade com esse arranjo, é claro.

— Ela é muito protetora — disse Sam, balançando a cabeça.

— Não se pode culpá-la por isso.

O aroma vindo da cozinha estava fazendo Henry esperar que logo fossem chamados para a mesa. O rapaz não tinha percebido o quão faminto estava, nem o quão ansioso para provar comida de verdade, com todas as desculpas à Jessie. Henry observou quando o homem à sua frente se abaixou para esfregar o joelho afetado, e se perguntou se o fazia de forma consciente.

— Sabe — Henry se atreveu a dizer —, passei grande parte da minha infância no Norte, vivendo entre o povo indígena. Eles preparam poções maravilhosas com raízes e ervas. É muito difícil ver um índio com artrite. Eles têm uma raiz amarga que moem e preparam o chá. O senhor teria interesse em experimentar, se eu pudesse arranjar e trazer aqui para você?

Os olhos de Sam brilharam com interesse.

— Se os indígenas bebem e esse chá não os mata — acho que também não me mataria.

Ele riu.

— Vou falar com meu pai. Ele está de volta a Athabasca, mas com frequência tem contato com pessoas que entram e saem da reserva indígena. Pode ser que ele consiga trazer um pouco.

— O que seu pai faz?

— Ele trabalha na Real Polícia Montada Canadense.

— Foi por isso que você se juntou à Polícia?

Henry assentiu.

— É bom ter um filho seguindo seus passos. Eu esperava que meu filho...

Sam parou de falar no meio da frase..

— O senhor tem um filho?

— Tive um filho — corrigiu ele. — Perdi ele na Grande Guerra, em algum lugar da Itália.

— Sinto muito — disse Henry, com preocupação genuína em seu coração.

O homem olhou em volta da sala.

— Martha tirou todas as fotos dele, e colocou no nosso quarto. Disse que queria vê-lo na primeira hora todas as manhãs e a última coisa todas as noites. A morte dele foi muito difícil para Martha. Difícil para nós dois.

Henry ouviu um movimento na porta, e lá estava a Sra. Martin, com seu sorriso característico. Ao olhar para ela ninguém jamais diria que essa mulher teve alguma tristeza na vida, pensou Henry.

— Aqui está, Sam — disse ela, oferecendo um braço. — Deixe-me ajudá-lo. Aqui está sua bengala. Apenas vá com calma.

Eles foram para a sala de jantar, onde esperavam os pratos fumegantes de comida. Havia até biscoitos recém tirados do forno, e o estômago de Henry roncou ansioso.

O sabor da refeição estava ainda melhor do que o aroma. Henry ficou envergonhado por ter sido persuadido em segundos, mas a Sra. Martin parecia satisfeita por ele estar saboreando sua refeição.

— Um apetite saudável é o melhor elogio para uma cozinheira — ela assegurou-lhe.

Henry achou muito agradável apenas sentar e conversar sobre os acontecimentos cotidianos comuns e as pessoas da comunidade. Era uma mudança tão boa, se comparado com preencher relatórios sobre acidentes da comunidade e coisas piores.

A Sra. Martin serviu a torta e tornou a encher as xícaras de café. Ela se acomodou na cadeira e se virou para Henry.

— Agora, por que não nos conta um pouco sobre você? — ela o encorajou. — Há quanto tempo é um policial?

— Mais de cinco anos — respondeu Henry.

— O pai dele era um oficial — acrescentou o Sr. Martin.

— Mesmo? Então você cresceu com a polícia?

Henry acenou com a cabeça.

— Onde seu pai servia?

— Principalmente no Norte.

— Você cresceu no Norte?

— O Sr. Delaney diz que os índios têm um remédio feito de raízes que acha que pode ajudar na minha artrite — observou o Sr. Martin.

— Ora, mesmo? — os olhos da Sra. Martin se arregalaram interessados.. — Já ouvi falar das ervas indígenas. Nossa filha e o marido viveram algum tempo no Norte.

Henry supôs que ele deveria responder com uma pergunta ou comentário, mas ficou sem saber o que dizer, então apenas disse:

— Olha, que interessante.

— Ela gostou de lá... no início... — as palavras desvaneceram com tristeza.

— Danny nasceu lá em Peace River — Sr. Martin explicou.

— O garoto não se lembra de nada sobre o lugar, mas finge que lembra — a Sra. Martin disse rindo. — Ele fala sobre ‘meu Norte’, como se tivesse algum direito ao lugar. Está sempre perguntando à mãe: ‘Quando vamos voltar para o meu Norte?’ É muito fofo.

Henry forçou um sorriso.

— Sua filha planeja voltar? — ele finalmente perguntou, esperando que a voz soasse uniforme e casual.

— Não... acho que não. Agora não, eu acho que...

Mas Sra. Martin novamente não terminou a sentença.

— Não tem mais nada lá para ela agora — o Sr. Martin foi rápido em dizer. — Barbeiros não são muito procurados nas trilhas ou nos campos de extração de madeira — o homem disse brincando, aliviar a atmosfera.

Eles estavam terminando a torta quando a porta dos fundos se abriu com um estrondo e Danny entrou saltitando na sala de jantar. O menino correu direto para o avô.

— Oi! Como está se sentindo hoje, papai Sam?

O Sr. Martin estendeu a mão com dedos nodosos e puxou o menino para perto de si e beijou os cabelos despenteados antes de responder.

— Eu estou bem... agora.

— Viemos ver o senhor.

— Claro que veio. Veja com a vovó, ela pode ter outro pedaço ou dois daquela torta.

Houve um passo silencioso atrás dele, e Henry soube que a mãe do menino havia entrado na sala. Ele quase pôde sentir um instante de hesitação. Então a jovem viúva avançou.

— Como você está, papai? — perguntou, enquanto seguia em direção ao homem e se inclinava para lhe beijar a testa.

A Sra. Martin ergueu-se da cadeira num salto.

— Tem um lugar para você, querida. Puxe aquela cadeira para o Danny. Eu vou pegar uma fatia de torta e mais café.

— Mamãe — nós já comemos.

— Bem, Danny sempre pode guardar um lugarzinho para a torta — respondeu com a certeza de uma avó.

— Só um pequeno pedaço, então.

— Você conheceu o sargento Delaney? — perguntou Sam Martin.

Henry se levantou para reconhecer a apresentação, e então assentiu em silêncio, perguntando-se se deveria estender a mão ou esperar que ela fizesse o movimento.

A jovem apenas acenou com a cabeça.

— Olá — foi tudo o que ela disse. Então, pensando melhor, indicou com a mão em direção à mesa. — Por favor... termine sua torta.

Henry voltou a sentar-se.

Danny correu para a cozinha para supervisionar a porção da torta de sua avó. Henry podia ouvi-los.

— Quem é aquele homem?

— É nosso convidado.

— Ele tem um casaco vermelho. Isso o torna um Policial

Montado?

— Sim. Ele é um policial.

— O Tommy diz que os policiais estão aí pra trancar você em uma grande gaiola de ferro.

— Tommy está errado. Falaremos sobre isso mais tarde.

O Sr. Martin voltou-se para a filha com uma pergunta, provavelmente para encobrir a conversa na cozinha.

— Como foi sua semana?

A jovem acenou com a cabeça.

— Passou voando. — então ela sorriu e acrescentou: — Foi ótima, na verdade.

— O sargento Delaney acaba de nos contar sobre o Norte. Ele foi criado lá, e também trabalhou na região. Diz que pode haver uma chance de os índios terem um chá que ajudaria na minha artrite.

Mas Henry se perguntou se a jovem estava seguindo os comentários do pai. Sentiu o olhar da jovem em sua direção, analisando seu rosto.

— É mesmo? — ouviu-a dizer.

A Sra. Martin e Danny retornaram da cozinha, e o garoto carregava seu próprio pedaço de torta, enquanto a Sra. Martin trazia outro para a filha e uma xícara de café na outra mão.

— Ah, mãe. Não consigo comer nada, só o café, obrigada. Danny — meu Deus! Esse pedaço é enorme!

— É a minha torta favorita — explicou Danny, dando sua primeira mordida.

— Favorita ou não, você vai ter dor de barriga.

— Não, mamãe, não mesmo. As tortas da vovó não doem.

Uma risada percorreu todos aqueles sentados ao redor da mesa. Danny foi o único que perdeu a piada, ocupado demais apreciando sua torta.

— Lamento ter invadido a conversa — disse a mãe do garoto. — Não sabia que vocês estavam com um convidado. Eu pensei que vocês teriam acabado de almoçar.

— Acabamos desatando uma conversar junto à nossa sobremesa — disse a Sra. Martin.

— Assim que Danny terminar de comer a torta, vamos partir e deixar que vocês terminem sua visita.

Henry foi rápido em fazer seu primeiro comentário desde a chegada dela.

— Por favor, não sinta que precisa ir. Eu estava prestes a me despedir. Gostei tanto do almoço e da visita que temo ter ficado muito mais tempo do que eu pretendia.

O Sr. Martin voltou-se para a filha.

— Sargento Delaney gentilmente se ofereceu para... — ele se interrompeu. — Acho que devemos conversar sobre isso em algum momento, quando estivermos sozinhos. — Ele acenou com a cabeça em direção ao menino. — É melhor não ter esperanças antes de resolvermos — acrescentou ele em voz baixa.

Henry já tinha certeza de qual seria a resposta. Ele lançou um rápido olhar para o rosto da jovem, e não achou que tivesse mudado de ideia.

— Já organizei muitas atividades ao ar livre com meninos — Henry disse em um esforço para tranquilizá-la. — Acampamento, pescaria, patinação na neve, passeios de trenó. Os meninos adoram atividade ao ar livre. Pensei que poderia ser uma maneira de ajudar na igreja: trabalhar com os meninos. Meu pai... foi assim que ele me convenceu a participar de sua classe da escola dominical. — Vendo as expressões de curiosidade, Henry se apressou a acrescentar. — Eu fui adotado. Meu pai dava aula para meninos em Athabasca quando eu era criança. Não creio que eu teria me interessado pela igreja se não fosse por ele.

Henry ficou comovido com o afeto e interesse dos pais, , mas a moça disse:

— Essa é uma ótima ideia — e agregou sem muito entusiasmo —, para meninos mais velhos.

Henry acenou com a cabeça e levantou-se para sair. Foi difícil expressar seu agradecimento sincero aos anfitriões, por causa do profundo desapontamento que experimentou. Ficou claro que a jovem não abria nenhuma porta para amizade.

Capítulo 11

Boyd achou coisas interessantes para os dois fazerem juntos. À princípio, Christine concordava com os passeios cheia de relutância. Primeiro, um passeio de carro no campo. Depois, um piquenique à beira do rio. Então, um concerto. Saíram para jantar. Logo, esperava-se que o casal passeasse todos os finais de semana.

Christine orou muito sobre o assunto no começo, mas gradualmente deixou as preocupações de lado e começou a contar os dias, vivendo para aquele passeio de fim de semana com Boyd. Então, os passeios passaram a ocorrer duas vezes por semana, e então três vezes.

Não discutiram mais sobre ir à igreja, embora Christine continuasse orando para que Boyd mudasse sua atitude em relação a Deus. De vez em quando, havia uma menção casual sobre os amigos de Boyd.

“Meus amigos estão organizando uma festa. Quer ir?” Ou: “Eles vão se reunir na praia neste sábado. Interessada em ir?” Christine sempre dizia que não, pois não tinha a menor vontade de tentar se encaixar naquela turma.

— Pode ir, se quiser — era sua resposta

Às vezes, Boyd ficava mal humorado, tornando-se frio e zangado. O coração de Christine desanimava quando o rapaz a tratava dessa maneira. Mas sempre, no final do encontro, o rapaz se tornava novamente o namorado atencioso que Christine apreciava. Na maioria das vezes, os dois realmente passavam momentos deliciosos juntos.

Christine não sabia o que Boyd fazia de seus dias, quando estava em casa, vindo da faculdade para o verão. Sabia que ele não tinha um trabalho. Compreendeu, a partir de trechos de conversa, que Boyd não costumava acordar cedo. O pai dizia brincando, sempre bem humorado:

“Boyd está descansando da vida universitária”, ou “Boyd é um menino em fase de crescimento. Precisa dormir.”

Boyd passava bastante tempo arrumando o carro. De fato, ele tinha agora dois carros. Para que Christine não podia imaginar, mas o rapaz realmente desfrutava de suas horas entre as chaves e graxa.

— Acho que Boyd poderia fazer qualquer coisa funcionar — o Sr. Kingsley gabava-se com orgulho. — Ouça aquele bebê ronronar, suave como um gatinho.

Christine sorria. Ela estava inclinada a aceitar o motor ronronante como uma notável realização.

Mas durante todos os gloriosos, mas preocupantes, meses de seu curto verão, Christine continuou a sentir a desconfortável sensação de que algo não estava certo. Estava ficando profundamente envolvida. As mudanças ocorridas não eram para o bem.

Em vez de Boyd ser mais aberto à fé dela, Christine parecia estar sendo mais e mais persuadida a partilhar do mundo dele. Ela resistia — dizia a si mesma que estava sendo firme, forte. Mas será que estava mesmo? Sua oração se tornou mais veemente. “Deus, transforme-o” era o foco de suas preces. Christine já sabia que não queria perdê-lo.

Com o fim do verão se aproximando, Christine sabia que Boyd iria novamente para a faculdade.

— Por que você não pode se transferir para cá? — perguntou enquanto Boyd a levava para casa após o último jantar juntos, e reconheceu que sua voz soava suplicante.

— Comecei em Toronto, e quero terminar lá.

Christine não disse que, pelo que havia percebido, ele não tivera um começo muito auspicioso.

— Estarei em casa no Natal — disse ele alegremente —, falta só alguns meses.

Christine tinha certeza de que seriam meses muito longos. Por causa de sua insensatez, ela perdeu contato com o grupo de jovens da igreja. Ela não tinha deixado de frequentar os cultos nas manhãs de domingo, mas isso era agora o máximo que se comprometia a fazer.

Boyd encostou o carro no meio-fio e colocou-o em ponto morto.

— Sentirei sua falta — disse ele, e sua voz soava calorosa e genuína. Boyd a puxou para perto e a beijou. Christine sabia que sentiria falta dele também, de todo o coração.

Queria dizer que estaria orando por ele, mas engoliu as palavras

junto com as lágrimas na garganta.

— Você vai escrever? — perguntou Christine enquanto se agarrava a ele.

Ele riu.

— Não sou muito bom em escrever, vou telefonar.

Christine pensou no telefone comum no corredor da pensão. Ela sabia que, dadas as circunstâncias, as ligações não seriam muito satisfatórias.

— Só posso usar o telefone por cinco minutos de cada vez — informou-o com lástima —, e apenas uma ligação por noite.

— Ei — disse ele de repente —, porque você não considera a oferta de meu pai? Mude-se para a casa dele. Não há razão para que ainda esteja morando aqui, vigiada por aquela Sra. Seja Lá Qual Seja a Cor.

Christine riu apesar da dor em seu coração.

— Sra. Green.

— Nunca gostei muito dessa sua Sra. Green — continuou ele. — Ela é uma ditadorazinha pomposa .

— Você nem conhece a Sra. Green.

— Já a encontrei algumas vezes quando vim buscar você. A mulher está sempre perspicaz e azeda, e me olha como se eu tivesse vindo para roubar a prata. Pior que a Velha Ossuda.

— A Sra. Green não é nada disso, e tem sido muito gentil comigo. — Christine se afastou um pouco. Boyd apertou os braços ao redor dos ombros dela.

— Não vamos criar confusão — sussurrou Boyd contra o cabelo dela. — Essa é a nossa última noite juntos.

Christine não precisava ser lembrada desse fato.

— Mude-se... por que não? — ele perguntou novamente, acariciando o cabelo dela.

— Eu... não sei. Simplesmente não...

— É o fato de ter que cozinhar? Ei, se você não quiser cozinhar, não cozinhe. Apenas viva lá. Seria bom para o velho ter alguma companhia e ele gosta de você. Gosta muito.

— Não é isso, eu gosto de cozinhar. É só que... bem, não parece

adequado para uma moça viver... desse jeito.

— Adequado para quem? Por que você deveria se importar com o que os outros pensam? Se estivesse morando lá na casa do velho, eu poderia telefonar a qualquer hora e falar o quanto quisesse.

Era uma oferta tentadora.

— Vamos — Boyd tentou mais uma vez. — Imagina só... quando eu chegasse em casa no Natal, você estaria lá esperando por mim.

Oh, isso seria adorável, realmente adorável.

— Eu vou... vou pensar sobre o assunto.

Christine engoliu em seco. Até mesmo pensar sobre o assunto iria contra seu bom senso. Bem... Christine decidiu que ia orar a respeito desse assunto, isso já era seguro o bastante.. Será que se atreveria a dizer isso a ele? Christine se mexeu.

— A Sra. Green tranca a porta às nove.

— Vê o que quero dizer? Ela é uma tirana. Você não pode nem viver sua própria vida. Venha morar com o papai.

— Eu tenho que ir. De verdade.

— Ainda não.

— Mas devo entrar, não quero ficar trancada do lado de fora.

— Vou te levar para casa comigo, nesse exato momento. Vamos pegar suas coisas e dizer à Sra. Green para enfiar a chave no ouvido e você cairá fora daqui.

— Não, por favor. Não essa noite. Eu... preciso de algum tempo para pensar, para orar...

— Pensei que você estivesse superando essa bobagem de oração.

Boyd estava com raiva agora. Christine não queria que ele ficasse com raiva — não queria que sua última noite juntos terminasse assim. Ansiou por reclinar o rosto contra o ombro dele e chorar, sabendo instintivamente que Boyd a abraçaria e a confortaria. Mas não havia tempo para conforto. A qualquer minuto a Sra. Green estaria à porta, com a chave na mão. Christine ergueu a mão, e a colocou nos lábios de Boyd.

— Por favor — sussurrou —, eu preciso ir.

Boyd não apenas a soltou, ele quase a empurrou. Já estava alcançando a alavanca de câmbio antes mesmo que ela pudesse abrir a porta do carro.

Christine chegou em frente à porta assim que a Sra. Green desceu o corredor, tilintando as chaves na mão. A jovem conseguiu sorrir e dizer ‘boa noite’, o que exigiu cada grama de vontade que ela tinha.

Não queria fazer nada além de se jogar em sua cama e chorar. Boyd viajaria pela manhã, e eles tinham se despedido com uma briga.

Quando Christine chegou se arrastando ao escritório na manhã seguinte, um lindo buquê de rosas vermelhas ornamentava sua mesa. O cartão dizia simplesmente: Com amor, Boyd. Christine se perguntou se ele tinha pedido as flores antes ou depois da tempestuosa despedida.. Mas a jovem deixou de lado esse pensamento e enterrou o rosto nas flores, sorvendo profundamente sua fragrância. Lágrimas ameaçaram vir novamente, mas Christine as afastou.

— O senhor Kingsley deseja vê-la — disse a Srta. Stout.

Christine deixou as flores e se virou em direção à porta maciça que conduzia ao escritório. Ela temia a próxima conversa. Será que Boyd contou ao pai que eles se separaram com palavras duras? Será que anunciou que eles o namoro havia terminado?

Ela se preparou com um suspiro profundo e entrou. A cabeça familiar se ergueu e Christine foi recebida por um grande sorriso.

— Aí está você... — disse ele, recostando-se, como se esperasse que a visita demorasse um pouco. — Levei o Boyd para a faculdade esta manhã.

O homem indicou com a cabeça para a cadeira diante da mesa, e Christine se sentou, questionando-se sobre o que aquilo se tratava. Com certeza não a chamara no escritório apenas para dizer o que ela já sabia.

— Você tem feito muito bem para o meu menino. — Essa declaração a surpreendeu. — Deixou-o estável. Ele não está tão volúvel como costumava ser. Eu agradeço por isso — continuou o Sr. Kingsley, claramente lutando para manter a voz controlada.

Aquela rara demonstração de emoção fez Christine ter vontade de chorar.

— Ele estava comentando comigo esta manhã, antes de sair, e disse que vai realmente sentir sua falta.

O coração de Christine cantou. Boyd não estava mais bravo com ela. O homem seguiu, dizendo:

— Boyd acha que seria muito melhor para você — para nós dois —, se você simplesmente se mudasse para a minha casa.

Então era isso. Boyd estava fazendo seu pai colocar um pouco de pressão.

— É inútil você pagar hospedagem e alimentação, e ficar por lá sozinha.. Além disso, ele poderia telefonar com mais frequência, e vocês estariam sempre em contato. Creio que ele se sente um pouco solitário naquela universidade, o que é apenas natural. Meu filho não é bom com cartas, assim como eu também não sou. Nós usamos o telefone.

Christine não disse nada. Seu alívio momentâneo ao descobrir que Boyd ainda estava interessado nela se transformara agora em outra decepção.

— Significaria muito para mim se você seguisse mantendo contato com ele — o Sr. Kingsley estava dizendo. — Não estou escondendo isso. Tenho medo que ele fique um pouco... bem, eles podem ser um pouco selvagens nesses campus universitários. Bebem demais, fazem festas demais. Mas se meu filho pudesse telefonar conversar com você todas as noites... então ele prestaria um pouco mais de atenção aos estudos.

Então, devo ser o guarda de seu filho? clamavam os pensamentos de Christine, mantendo-o na linha por meio dos fios telefônicos. A jovem começou a balançar a cabeça, seu coração pesado.

— Ora — não comece a dizer que não, antes de ter pensado muito bem sobre o assunto. Pelo que posso ver, não há nada de errado com esse plano.

— Eu disse ao Boyd que ia colocar esse plano em oração — Christine finalmente disse, esperando encerrar a conversa, para que pudesse escapar de novas discussões.

— Ele me disse.

Christine teve a sensação de que, como o filho, o Sr. Kingsley pensava que orar a respeito de um plano era uma completa perda de tempo, que só atrasava a decisão

— Não demore muito — disse ele. — Devíamos estar fazendo nossos planos. Boyd vai querer saber.

Christine assentiu e se levantou. Esperava que já estivesse dispensada. A conversa a fez sentir-se extremamente desconfortável. O Sr. Kingsley moveu sua cadeira para frente novamente, e Christine compreendeu que a conversa havia acabado. Ela se dirigiu rapidamente para a porta.

A moça girava a maçaneta quando o homem a chamou novamente:

— Gostou das rosas?

Ela parou e olhou para trás, tentando compreender as palavras e seu significado.

— Elas são lindas.

— Boyd me fez tirar a florista da cama esta manhã, para que fosse para a loja, e as preparasse. Boyd queria ter certeza de que seriam elas a primeira coisa que você veria.

— Elas são lindas.

Christine disse novamente e fechou com suavidade.

Christine não foi morar com o Sr. Kingsley. Ela orou a respeito desse propósito, mas sabia, mesmo enquanto dizia as palavras, que a oração não era necessária. Sabia no fundo de seu coração que não era a coisa certa a fazer. Uma maneira de saber foi quando imaginou-se tentando explicar o arranjo aos pais.

O Sr. Kingsley não ficou feliz com a decisão dela — nem Boyd. Mas ela começou seus meses separados escrevendo todos os dias.

Só porque Boyd não tinha talento para escrever cartas não significava que ela não poderia ser. Ele telefonava, duas ou três vezes por semana para no começo. Isso significava que Christine telefonava para casa menos vezes. Não queria usar seu precioso tempo em conversas com os pais. Ela sentia falta de conversar com eles, mas parecia um pequeno preço a pagar. Os pais estariam com

ela sempre.

Mas então os telefonemas da universidade vieram com cada vez menos frequência. Boyd lhe disse que as aulas o estavam mantendo ocupado — e Christine esperava que fosse assim. Ele tinha decidido que, afinal de contas, o jornalismo não era para ele, e agora estava fazendo alguns cursos de sociologia.

Christine, que geralmente adorava a primeira nevasca, caminhava para casa desanimada. Era apenas um caos gelado, e nem um pouco bem-vindo. Mas pelo menos os meses passaram rapidamente. A neve significava que em breve chegaria a hora do Natal. Os pais a esperavam em casa para o Natal. Ela tinha pensado sobre como seria maravilhoso levar Boyd com ela, e mostrar a ele o que significa um verdadeiro Natal em família. Mas isso significava deixar o Sr. Kingsley sozinho, e Christine não podia fazer isso, e por isso desistiu da ideia.

A frequência das cartas que escrevia para Boyd logo diminuiu para duas vezes por semana, e logo, apenas uma. Realmente não havia muito a dizer, e como Boyd não respondia com a mesma frequência, não havia nada sobre o que responder. Christine de fato sabia muito pouco sobre a vida dele na universidade. Quando falavam ao telefone, sempre era de maneira apressada. Boyd lhe perguntava como tinha sido o dia, sobre seus planos e dizia que sentia falta dela e esperava que estivesse bem. Não demorava muito para usar cinco minutos.

Ocasionalmente, havia desacordos. Boyd ainda não entendia a recusa de Christine, o que ele chamava de teimosia, a se mudar para a casa de seu pai. Ele ainda ficava mais aborrecido se ligasse no domingo e dissessem que ela estava na igreja. Christine sentiu que Boyd deveria saber que era onde ela deveria estar. Então ela se lembrou da mudança do tempo. Talvez Boyd tenha esquecido de levar isso em consideração.

Christine decidiu que namoro a distância não era muito satisfatório. Namoro? Era esse o nível de relacionamento que estava vivendo? Se era mesmo, ela precisava fazer uma séria reflexão. Boyd ainda não fizera qualquer mudança a respeito de sua fé. Será que poderia considerá-lo seriamente como um parceiro de

vida em potencial? Christine estava decidida a orar mais.



Capítulo 12

Elizabeth estava andando ansiosa de um lado para o outro, esperando a chegada de Wynn.

. O marido não estava mais atrasado do que de costume, e normalmente, Elizabeth era capaz de manter as emoções firmemente sob controle. Mas a última conversa com Christine ao telefone a deixara agitada.

Até mesmo Teeko choramingou e ficou mudando de posição na sala diante da inquietação de Elizabeth. Ela ouviu o cachorro, mas deu pouca atenção.

Elizabeth ouviu Wynn entrar pela porta, e ela e Teeko o receberam de frente entrou na sala. Os olhos de Wynn encararam o rosto da esposa, e foram até o cachorro chorão.

— Algo errado com ele? — indagou Wynn enquanto tirava o casaco.

Elizabeth olhou rapidamente para o husky.

— Acho que não. Por que?

— Ele normalmente não fica alideitado e me deixa entrar. Teeko me encontra na porta e quase me derruba.

Ao som de seu nome, Teeko saltou e foi pulando para a frente, formando grandes arcos ao balançar a cauda de um lado para o outro.

O cão parecia estar bem. Wynn estendeu a mão para pegar a sedosa cabeça e balançá-la para frente e para trás. O cachorro resmungou, tamanho foi seu prazer.

— O jantar está pronto — disse Elizabeth, recompondo-se. Ela foi para a pequena cozinha onde a refeição da noite tinha sido preparada.

— Vou até aí assim que tirar a sujeira das mãos.

Wynn respondeu e desapareceu no banheiro. Ele voltou fechando

os botões do punho.

— Ufa — exclamou num suspiro. — Queria que fosse tão fácil limpar a sujeira mental.

— Sujeira mental?

Elizabeth estava servindo a tigela de purê de batata e a travessa de bifes de veado. Ela voltou para buscar as cenouras enquanto Wynn continuava seus comentários.

— Alguns dias não temos escolha, senão lidar com as imundícies da sociedade.

— E este foi um desses dias? — questionou Elizabeth.

Wynn assentiu.

— Nosso mundo não está ficando melhor — ou mais limpo, Elizabeth. Não sei como as pessoas podem tratar uns aos outros como tratam. Ou a si mesmos, diga-se de passagem.

Elizabeth não fez perguntas, não tinha certeza se queria ouvir as respostas.

— Conversei com a Chrissie — comentou Elizabeth, e viu que capturou a atenção imediata do marido.

— Como estão as coisas?

— Pelo que entendi, ela ainda está muito envolvida com aquele rapaz — embora não tenha afirmado diretamente.

— Pensei que ele estava na universidade.

— Ah sim, ele está. Mas eles se correspondem. Bem... ela se corresponde ele. O rapaz telefona. Ela está sempre impaciente quando eu ligo, pois ele pode estar tentando conectar a linha. Chrissie literalmente me interrompeu hoje. Ela se desculpou, mas se justificou dizendo que o rapaz ainda não tinha ligado esta semana e estava certa de que ele tentaria esta noite.

Wynn tomou seu lugar de costume à mesa.

— Foi isso que chateou você? — perguntou Wynn baixinho.

— Eu não disse que estava chateada.

Ele sorriu.

— Não... e se for honesta, creio que não poderia dizer que não está.

— Bem, talvez eu esteja chateada... quem sabe um pouco —

admitiu Elizabeth —, mas eu não acho que seja por isso. Pelo menos... pelo menos não apenas isso.

Ela olhou para o marido, que esperava pacientemente que ela continuasse.

— Não sei. Eu realmente não consigo identificar qual é o problema. Ela só parece... diferente. Distante. Christine se comporta de forma bastante evasiva e às vezes quase irritada. Não... não parece a nossa Christine — Elizabeth terminou ela desajeitadamente.

— Gostaria que pudéssemos trazer esse cara até aqui, para darmos uma olhada nele — murmurou Wynn enquanto Elizabeth se juntava a ele na mesa. — Tenho a sensação de que isso responderia a muitas de nossas perguntas.

— Bem, tê-la em casa no Natal vai ajudar. Pelo menos seremos mais capazes de descobrir como ela está — e o que está de fato acontecendo com ela. Graças a Deus, faltam apenas algumas semanas.

— E quanto a Henry? Será que conseguiu organizar a escala de serviço?

— Ainda não soube. Ele estava tendo dificuldade para agendar alguns dias de folga para cada um dos oficiais. É difícil quando há tão poucos homens. Mas é claro que você sabe tudo sobre isso. Lembro-me de alguns Natais em que você tinha que sair... — Elizabeth balançou a cabeça e não terminou.

— É provável que ele acabe ficando lá — disse Wynn lentamente. — Um dos homens é casado, e vai precisar de um tempo com a família. O outro jovem oficial não será capaz de assumir todos os turnos sozinho. Infelizmente, o Natal pode ser um período tenso. Muitas pessoas exageram nas comemorações.

— Não exageram, mas comemoram da maneira errada — corrigiu Elizabeth sobriamente.

Elizabeth e Wynn agora deram as mãos, e Wynn os liderou na oração de agradecimento à mesa. Elizabeth passou o prato de carne, deixando escapar um suspiro de seus lábios.

— Sabe... costumava ser tão fácil quando eles eram pequenos e tudo o que tínhamos que nos preocupar era mantê-los alimentados,

vestidos e felizes.

— Você se preocupa demais.

— Já disse isso a mim mesma dezenas de vezes.

O cachorro bocejou e se espreguiçou ao lado da cadeira de Wynn.

— Mas... é que eles estão tão distantes. Sinto que perdi o contato.

— Você acha que seria mais fácil se eles estivessem perto e você estivesse mais envolvida?

— Eu sinceramente não sei. Só sei que me sinto... desconectada, e é assustador.

O sorriso de Wynn era compreensivo.

— Você os educou bem, Elizabeth, e tem um Deus em quem pode confiar.

— Eu sei, não deveria me preocupar.

— O que foi que Christine disse exatamente? — Wynn perguntou quando empurrou o prato vazio.

Elizabeth foi buscar o chá.

— Ela não disse muito. Foi mais o que não disse. O Sr. Kingsley e o filho estão pressionando Christine para que ela se mude para a casa deles...

— Ela não está considerando fazer isso, está? — Elizabeth percebeu uma preocupação genuína na voz do marido.

— Christine disse a eles que não — novamente. Mas tenho medo de que, se eles continuarem, ela possa ceder. Eu odiaria vê-la fazer isso. Acho que seria um erro terrível.

Wynn concordou.

— Talvez eu deva telefonar para ela.

— Talvez você devesse telefonar para esse sujeito Kingsley.

— Acho melhor não — foi a rápida resposta de Wynn. — Christine pode entender isso como interferência, como se não confiássemos nela.

— Nós confiamos? — Elizabeth observou o rosto do marido enquanto continuava. — Oh, sei que confiamos em Christine. Ela defende com firmeza o que sabe estar certo. Mas se eles

continuarem a acozá-la — pressionando-a —, que moça sozinha pode resistir a isso? Particularmente quando um deles é o chefe e o outro parece estar capturando seu coração. Ela disse que o Sr. Kingsley acha que ela é uma boa influência para o filho. Agora, eu pergunto, por que o filho dele precisa de uma boa influência? Que tipo de rapaz ele é? Christine não fala muito. Só diz ter certeza de que nós íamos gostar dele. Então ela segue falando sobre as lindas rosas que ele mandou ou o jantar no restaurante elegante, como se isso o tornasse um bom homem. Eu só não gosto de como as coisas parecem ser.

— O rapaz vai estar em casa no Natal?

Elizabeth assentiu. Ela podia sentir a testa franzida com a preocupação, e então fez um esforço para relaxar a expressão.

— Vou falar com ela.

O tom confiante de Wynn era reconfortante.

— Ela me disse que estava preparando um jantar para o chefe esta noite. Ela faz isso de vez em quando. Eu acho que pode estar tentando apaziguá-lo por recusar o convite para se mudar para a casa dele. Disse que o homem vai receber outro casal esta noite como convidados. O irmão dele e a esposa — eu acho. Eles estão visitando a cidade.

— Isso não pode fazer com que volte para pensão tarde demais. Vou telefonar e deixar um mensagem para ela retornar a chamada quando voltar.

— Ela já recebeu a ligação que podia receber hoje — eu que fiz a chamada. A dona da pensão só permite uma ligação por dia para cada pensionista.

— Mesmo se nós fizermos a chamada?

— Bem, se ela falar com alguém que faz o telefonema, então não pode fazer uma chamada, é a maneira como eu entendo.

— Nossa, as regras são muito rígidas. Suponho que eles precisam de regras, ou alguns hóspedes estariam pendurados ao telefone o tempo todo. Bem, vou tentar de qualquer maneira. O nome dela é Sra. Green, não é?

Elizabeth concordou, mas sentia-se extremamente frustrada com essa sensação de ser cortada pelos filhos.

Já passava das nove quando Christine, que parecia nervosa, telefonou de volta para o pai.

— Aconteceu alguma coisa de errado? — foi a primeira pergunta dela para Wynn.

— Errado? Não, eu só queria...

— Oh, graças a Deus — exclamou a jovem. — Eu estava com medo de que algo tivesse acontecido, principalmente porque já falei com a mamãe hoje mais cedo.

— Sinto muito, certamente não tive a intenção de assustá-la. E eu realmente não esperava que você ligasse de volta esta noite. Sua mãe disse que você já tinha feito o telefonema permitido por hoje.

— Pensei que poderia ser uma emergência, então a Sra. Green...

— Sinto muito — disse Wynn novamente.

— É só que... você nunca liga duas vezes... em um dia.

— Não consegui falar com você antes, quando sua mãe falou. Achei que fosse a minha vez — Wynn decidiu mudar de assunto. — Mamãe contou que você estava bancando a chef de cozinha novamente. Como foi?

— Tudo bem — respondeu Christine, mas a voz ainda soava instável.

Wynn estava realmente arrependido por ter assustado a filha. Ele rapidamente percebeu que provavelmente essa ligação não serviria para aliviar suas preocupações. Christine estava emocionalmente estressada demais para expressar seus sentimentos.

— Conte-me sobre ser chefe.

— Eu só tenho cinco minutos.

— Está certo, não perca tempo me contando sobre a refeição. Conte-me sobre você. Como estão as coisas?

— Tudo bem.

— Você ainda gosta do seu trabalho?

— Na maior parte dos dias.

— E nos outros dias?

— Fica um pouco agitado às vezes. Especialmente no final do mês, quando todos querem tudo imediatamente. Então nós temos atrasos no arquivamento, e alguns ficam um pouco irritados

enquanto tentamos correr atrás.

— Eu gostaria de ter alguém para fazer o meu arquivamento — ele riu.

— Pai, você não tem ideia do que é arquivamento — exclamou Christine. — Com oito digitadores constantemente lançando maços de papel, eles conseguem enterrar uma mesa em um dia.

Wynn soltou uma gargalhada. Christine soava muito mais como ela mesma.

— Você tem que fazer tudo?

— Não, cada um faz sua parte.

— Então por que tanta confusão?

— Todo mundo quer as gavetas de arquivo ao mesmo tempo. Nós praticamente nos empurramos para elas. É como... é como um bando de alces num lamaçal.

Ele riu novamente.

Christine não parece tão ruim, Wynn refletia mentalmente. Acho que a mãe se preocupa demais.

— Então, como está o rapaz?

— Você quer dizer Boyd?

— Sim... o Boyd.

— Tudo bem.

Agora a voz de Christine assumiu um tom diferente.

— Sua mãe disse que você estava esperando um telefonema dele. Você falou com ele?

— Telefonamos para ele do Sr. Kingsley.

— E está indo tudo bem na universidade?

— Tudo bem.

— Que bom.

— Meu tempo está quase acabando.

— Eu sei. Passa rápido demais. Pelo menos vamos poder saber de tudo quando você voltar para casa no Natal.

Houve uma pausa. Por um minuto Wynn pensou que a Sra. Green tinha cortado a chamada.

— Sim... Nós vamos... precisamos conversar sobre isso — a voz

dela finalmente retornou através dos fios. — Pode ser que não consiga ir para casa, afinal de contas. Boyd pediu que eu ficasse e estive pensando... eu estava com vontade de dar a eles uma ceia de Natal este ano. Quero dizer, um Natal de verdade. Eles nunca mais comemoraram, sabe, depois da morte da mãe do Boyd, e ele nem consegue se lembrar da ocasião. É triste. Mas eu tenho que ir — falaremos sobre isso depois. Te amo pai. Tchau.

Wynn conseguiu dizer um ‘Também te amo’ antes de o telefone desligar, então ficou mudo. Em silêncio, Wynn ficou com o receptor na mão.

Desejou não ter ligado. Como poderia dizer para Elizabeth que a filha poderia não voltar para casa no Natal?

No dia seguinte, o correio trouxe uma carta de Henry. Por mais difícil que fosse esperar, Elizabeth a colocou na pequena prateleira ao lado do rádio até Wynn voltar para almoçar em casa. Ele mal havia entrado pela porta quando ela mencionou a carta.

— O que ele disse? Ele estará em casa?

— Eu esperei por você.

— Você deveria ter lido...

— Não recebemos muitas cartas das crianças, e acho que deveríamos compartilhá-las.

Wynn assentiu, sorriu e deu-lhe um abraço.

— Deveríamos esperar até depois de comermos? — perguntou ele, sua voz provocadora. Mas ela já estava indo pegar o envelope.

Elizabeth abriu com cuidado e leu em voz alta.

Queridos papai e mamãe,

Venho adiando o contato até que eu conseguisse me organizar aqui. Infelizmente, não poderei voltar para casa para o Natal. É muito longe para viajar por tão pouco tempo. Somos apenas nós três, e Rogers precisa passar algum tempo com a família, e Laray não tem muita experiência, então acho melhor ficar. Eu com certeza sentirei falta de vocês.

Apesar disso, as coisas estão indo muito bem aqui. Estou começando a me sentir à vontade na igreja. Gostaria que fosse possível comparecer todos os domingos, pois é difícil me envolver

quando só estou lá de vez em quando.

No entanto, comecei uma espécie de Clube para Meninos, para crianças de oito a doze anos. Não fazemos nada muito estimulante apenas caminhadas e um pouco de pescaria, essas coisas. Mas os meninos parecem achar isso ótimo. Isso me faz lembrar seu grupo de escola dominical, pai. Os meninos querem um acampamento de verdade na primavera, eu prometi a eles que vou pensar a respeito.

Rogers me colocou em contato com um corretor de imóveis de verdade, que finalmente conseguiu encontrar um lugarzinho para mim. Não é muito grande. Somente um par de cômodos lúgubres, mas tem um fogão e posso fazer minhas próprias refeições. Eu ainda vou para a Cantina de Jessie com os caras de vez em quando, mas pelo menos meu pobre estômago está tendo uma folga.

Eu recebi mais alguns convites para os almoços de domingo, e acredite, eles são muito apreciados... pelo menos a maior parte do tempo. Eu estive em algumas casas onde a mulher não conseguia cozinhar valendo nem um níquel e alguns outros onde a filha era um pouco atrevida. Mas, em geral, apreciei a mudar um pouco o que Jessie ou eu conseguimos preparar.

Eu estava me perguntando, pai, se você conseguiu um pouco daquela raiz para artrite de que falamos. O pobre Sr. Martin parece estar um pouco pior cada vez que o vejo. É triste, porque ele não é de fato um homem tão velho.

Espero que vocês dois estejam bem. Vocês estão em todas as minhas orações.

Com o meu amor,

Henry

Elizabeth dobrou a carta lentamente. Achava que estava preparada para a possibilidade de Henry não conseguir vir para casa. Mas não parecia ter diminuído a decepção que ela estava sentindo.

— Nenhuma palavra sobre a moça — comentou Wynn.

— Que moça? — atenção de Elizabeth voltou para o presente.

— A jovem viúva e seu filho.

— Suponho que não havia nada a dizer — disse Elizabeth com

um suspiro. Não tinha ideia de por que Wynn tocou nesse assunto. O que essa moça tinha a ver com o Henry? O acidente ocorrido tanto tempo no Norte não tinha relação com ele agora. Tinha?

De repente, ela se virou para o marido.

— O que foi exatamente que Henry te contou sobre aquela viúva?

— Não muito.

— Então por que você perguntou sobre ela?

— Eu comentei com você na época. Henry foi profundamente afetado por tudo isso. Isso o incomodou por meses. Anos.

— Uma morte como essa seria.

— Não foi apenas a morte. Foram as... circunstâncias. A mulher jovem, o bebê. É difícil de explicar, Beth, mas quando você a pessoa que tem que dar as notícias, é como se de alguma forma você... partilhasse da dor. No entanto, você é... cortado +-. Não tem permissão para lamentar com a família. E é como se isso unisse as pessoas de uma forma inexplicável... e ainda assim, as mantém separadas. É uma estranha mistura de responsabilidade e desejo de ajudar. Ao encontrá-la novamente...

— Ele a encontrou novamente? — interrompeu Elizabeth — Quer dizer que ela está morando na mesma cidade que o Henry?

— Bem, sim, achei que tinha contado — a voz de Wynn soou incerta quando ele parou para pensar. — Henry me contou em um telefonema. — Ele fez uma nova pausa.

— Bem, de qualquer maneira, não é sempre que as vidas se cruzam assim, mas tenho a impressão de que Henry ainda sente que deve algo a ela e ao menino. Ainda quer ajudar.

Elizabeth concordou com a cabeça.

— Deve colocar a pessoa em uma posição horrível. — Ela acenou com a cabeça. — Eu não tinha percebido como isso pode se tornar pessoal.

— Talvez seja mais fácil saber que ela tem família. Pelo menos ela não está sozinha.

Elizabeth concordou, mas ainda estava preocupada quando foi servir a sopa. Quando voltou, estava se sentindo um pouco melhor e disse:

— Vou agradecer Wynn Delaney, se você não esquecer de contar-me informações importantes sobre nossos filhos.

Ele se abaixou fingindo medo, e os dois riram.

O medicamento de ervas finalmente chegou por um carreteiro que veio do Norte. O chefe indígena a quem Wynn recorreu parecia muito orgulhoso de que alguém com a estatura e a experiência do Sargento Delaney pedisse remédios de sua tribo. Ele enviou um bom suprimento. Wynn o empacotou imediatamente e enviou pelo correio para Henry.

Wynn escreveu:

Não há nenhuma instrução sobre o uso, mas se bem me lembro, eles faziam o chá fervendo água, que bebiam de manhã e à noite. Eles usavam um punhado de bom tamanho em cada xícara. Às vezes, eu os via beber mais de uma xícara de cada vez, mas geralmente era apenas uma. Espero que isso ajude seu amigo. Joe Cauda de Castor diz que vai demorar três luas cheias (e você sabe quanto tempo isso é) para que o homem veja os resultados. Mas ele não deve parar de tomá-lo. Isto não significa que a artrite foi curada. Significa apenas que a medicina a mantém sob controle. Se ele sentiu que ajudou, eles estão disposto a enviar mais. Vamos orar para que ajude.

Com amor,

Papai.



Capítulo 13

Uma nevasca de inverno estava varrendo as pradarias quando o chamado veio para o escritório da Polícia Montada. Devido à pouca visibilidade, tinha acontecido um acidente de carro em uma das estradas locais. A pessoa tinha poucas informações adicionais para fornecer.

— Ele acabou de bater na minha porta e me pediu para ligar para a polícia — disse ele, sua voz tremendo.

Com um lápis na mão, Henry pegou todas as informações que poderia reunir. Quando desligou, se virou para os dois suboficiais, que ouviram apenas metade da conversa.

— Houve um acidente, próximo ao Rancho Double Bar.

— Alguém está machucado?

— A pessoa que ligou não sabia.

Os dois homens já estavam de pé.

— Isso é campo aberto. Será um milagre se pudermos encontrar nosso caminho até lá nesta tempestade.

— Temos que tentar.

Os três pegaram jaquetas de inverno e chapéus de pele. Henry apreciou o fato de que seus dois homens responderam imediatamente, apesar dos riscos.

— Alguém precisa ficar aqui caso sejamos necessários — ele agora disse. — Laray, essa tem sido a sua área de patrulha, você vem comigo.

Estava escuro como breu e a neve estava caindo forte. Enquanto saíam da cidade, perceberam que deviam adivinhar onde era a estrada. Foi ainda pior quando chegaram em campo aberto.

— É quando penso que a Polícia nunca deveria ter desistido de seus cavalos — observou Laray.

Henry teve que concordar.

— O que precisamos de verdade é do meu trenó de cães — ele respondeu.

— Trenó de cães? Sim. O que você fez com o seu?

— Ninguém me disse que eu precisaria de um aqui na pradaria. Eu deixei a matilha com o mercador da Baía de Hudson no meu último posto.

Eles estavam conversando para tentar encobrir um pouco da tensão que sentiam. Alguém estava lá fora, naquela tempestade, e precisava do auxílio deles. Será que conseguiriam? Era um pensamento preocupante.

— Isso não vai funcionar — disse Laray, olhando para o

redemoinho branco. — Não consigo ver sequer as árvores ao lado do estrada.

Henry lutou severamente para manter o veículo lento na pista. Ele se sentia cego e desorientado. A neve rodopiante varria o para-brisa em uma fúria hipnotizante.

— O que você lembra desta estrada, Laray? Alguma coisa?

— São cerca de dezoito quilômetros até o rancho. Você precisa virar à esquerda, cerca de dois quilômetros da cidade. Há um barranco profundo cerca de oitocentos metros adiante. E uma ponte... de madeira... sobre o riacho. Existem alguns salgueiros ao longo da estrada, a cerca de meio quilômetro, então está totalmente aberto. O vento passa por ali como se não houvesse nem mesmo um cacto para travá-lo.

— Alguma cerca?

— Sim. Lazy-Eight tem algumas linhas de cerca. Também a pequena fazenda que fica contra o monte. Depois, a Double Bar tem cercas ao redor de parte de sua propriedade — não em toda sua extensão. Todos juntos, dominam cerca de três seções, eu acho. Nunca realmente descobri.

— Alguma colina íngreme ou valas?

— Há algumas boas baixadas. Margem reta em uma delas. O senhor não ia querer mexer com isso.

— Qual a distância?

— Fica a alguns quilômetros do sítio da fazenda.

— Algum edifício onde possamos pegar uma luz? Janelas? Nada?

— Em geral, sim. Mas eu não sei com essa dificuldade. Seria um milagre se aparecer alguma coisa. Vou abaixar a janela e colocar minha cabeça para fora. Ver se consigo enxergar a vala. Observar para ver se enxergo qualquer coisa que possa nos dar um ponto de referência.

Laray se inclinou o máximo que pôde.

O forte assobio do limpador trabalhando contra a neve junto com o vento uivante através da janela aberta de Laray limitou a conversa entre os dois policiais.

— Você tem certeza que não devíamos estar caminhando? — perguntou Laray perguntou depois de certo tempo. — Não consigo ver nada aqui.

— Botas de neve. Queria ter trazido minhas botas de neve.

— Botas de neve não mostram o caminho.

Henry cerrou os dentes com força e fez força para manter o carro contra o vento.

— Ei, vá devagar — avisou Laray. — Acho que este pode ser o lugar.

Henry se perguntou como eles poderiam ir mais devagar do que já estavam.

— É aqui mesmo! Sim, eu vejo um mourão. Você tem que fazer uma curva à sua esquerda. Devagar, devagar... ainda não. Agora! Vire devagarinho... um pouco mais. Acho que conseguimos! — Laray voltou para dentro do carro. — Esse foi o primeiro obstáculo — disse ele parecendo animado. — Agora se pudermos apenas seguir esta estrada...

Eles rastejaram, milha após milha. A tempestade não aliviava, e aumentou a neve na estrada. Henry sentiu o carro escorregando para o lado e lutou pelo controle. Adiante, se aproximavam da pior parte da estrada, e os policiais já estavam com dificuldade até mesmo para se manter na pista.

— Laray — disse Henry. — Você já orou alguma vez?

— Não, desde que eu era criança. Deixo para mim essa coisa toda de oração, senhor.

— Acho que pode ser sábio que nós dois oremos um pouco agora — disse Henry, não em tom de brincadeira.

Eles se encontravam na vala.

— Oh!Oh! Eu acho que nós saímos da estrada — falou Laray. — Estamos terrivelmente perto de alguns postes de cerca aqui.

Ele desceu e colocou o ombro na parte de trás do carro enquanto Henry lutava para colocá-lo de volta na estrada. Eles deram um suspiro de alívio quando as rodas foram capazes de responder.

— Você vê alguma coisa que reconhece? — Henry perguntou quando Laray entrou no carro outra vez.

— Mal sei o que procurar. A gente perde todo o senso de distância neste redemoinho branco — ele respondeu o rapaz, sacudindo a neve do rosto. — Será que não seria mais rápido se eu corresse na frente?

— Agradeço sua oferta, mas vamos esperar enquanto pudermos. Esse vento seria muito difícil de resistir, e eu não gostaria de correr o risco de perder você de vista.

— Não quero cair naquela margem — advertiu ele.

— Estamos chegando perto?

— Eu perdi a noção — disse ele, xingando baixinho. — Desculpe chefe, sobre o palavreado, mas não tenho ideia de onde estamos.

Por algum milagre, o carro agarrou-se à estrada enquanto eles lutavam avante contra a tempestade. Mais de uma vez Henry sussurrou um oração sincera. Os policiais não ajudariam em nada as vítimas do acidente se eles mesmos também se acidentassem. Ele estava feliz por ter um mãe e pai de oração. E Laray disse que deixou que a mãe fizesse as orações. Talvez eles estivessem cercados por até por mais orações do que ele imaginava.

Laray ergueu-se para se inclinar novamente para fora da janela.

— Uau — disse ele, deixando escapar um suspiro. — Recém passamos por cima daquela queda. Escapamos da margem por cerca de trinta centímetros.

Henry sentiu a tensão no peito. Tão perto, mas ainda assim, seguimos em frente.

— Não devemos ter muito mais para ir agora, não se for pela Double Bar.

Através da tempestade, apareceu de repente diante deles uma forma escura. Henry pisou no freio e derrapou para o lado. Ele tinha certeza que atingiriam o que quer que fosse, mas o carro deu um solavanco e parou pouco antes da figura que apareceu através da brancura.

Logo, outras sombras começaram a se mover ao redor deles, pessoas correndo, agitando os braços e todas tentando falar ao mesmo tempo.

Henry estendeu a mão para desligar a ignição, enquanto Laray já estava correndo do carro.

Henry focou no homem que estava mais próximo a ele e gritou acima do vento uivante:

— Leve-nos ao local do acidente. Qual é a situação?

— Por aqui — respondeu o sujeito. — Por aqui.

Dois caminhões colidiram na tempestade. Um foi lançado girando na vala e caiu de lado. O outro, embora tenha ficado em pé, foi o mais danificado. Henry estremeceu. Com certeza haviam feridos. Como conseguiriam leva-los ao hospital?

— Quantas pessoas? — perguntou Henry enquanto seguia de perto o homem que liderava o caminho.

— Três. Alguns jovens vaqueiros que estavam no caminhão que caiu na vala e um fazendeiro no outro.

Henry estava feliz por não haver mulheres ou crianças envolvidas.

— Alguém está gravemente ferido?

— Poderia ter sido pior. Um dos rapazes tem cortes muito profundos na cabeça. Ele está andando por aí, não consegui mantê-lo quieto. Acho que o fazendeiro está com uma perna quebrada. Nós o colocamos na carroceria daquele caminhão e puxamos uma lona sobre ele. Os outros dois estão ali. O outro cara — eu não sei. Ele fica dizendo que sua cabeça dói. Isso foi tudo que consegui entender do que ele disse. Meu filho aqui e eu ouvimos o barulho e corremos todo o caminho desde o celeiro onde estávamos cuidando do estoque. Vim conferir.

— Foi você quem telefonou pedindo ajuda?

— Não, eu mandei meu filho até a casa dos vizinhos. Nós não temos um telefone.

Eles haviam alcançado o caminhão onde o homem estava deitado sob a lona. Henry o ouviu gemer antes mesmo que o alcançassem.

Laray já estava examinando o homem com os cortes.

Henry fez um exame superficial da perna. Certamente estava quebrada. O homem precisaria ser movido — logo —, ou ele ficaria congelamento também. Henry voltou-se para o fazendeiro que ajudou o quanto pôde.

— Você diz que mora perto?

— Bem ali. — ele apontou com a cabeça.

— Podemos levá-los para sua casa?

— Claro que pode. Eu e o garoto não aguentamos todos os três sozinhos, e não ousamos deixá-los.

— Por acaso você não tem um trenó?

— As crianças têm um pequeno.

— O senhor pode mandar o menino buscá-lo, por favor?

Durante todo o tempo em que conversaram, Henry estava analisando o homem

com a dor de cabeça. Ele tirou as luvas e deixou os dedos deslizarem sobre o crânio e o pescoço. Será que teriam coragem de transportá-lo? Mas, na verdade, não tinham escolha. Se o homem fosse deixado onde estava, ele logo congelaria até a morte.

Henry falou com os dois homens agora.

— Esperam aí. Estamos nos preparando para tirar vocês daqui. Vão para um local mais aquecido. — Henry tirou a jaqueta pesada e envolveu a parte superior do corpo do homem.

O vento parecia que ia arrancar sua camisa. Mesmo roupas internas pesadas não conseguiriam mantê-lo aquecido.

Laray estava ao seu lado.

— Não acho que os cortes do cara são graves. Não parecem ser muito profundo. Ele está sangrando muito, mas cortes na cabeça sempre são assim. Pelo menos ele ainda pode andar. Ele deveria ser grato por isso.

— Nós também deveríamos — disse Henry, em voz baixa. — De alguma forma temos que levar esses dois para aquela casa de fazenda, usando um trenó infantil.

Eles conseguiram. Não foi fácil, mas conseguiram. Levaram um de cada vez através da tempestade. O menino, que era na verdade um rapaz robusto que Henry tinha visto na cidade algumas vezes, puxava o trenó. Henry caminhou ao lado do homem ferido mais gravemente, tentando aliviar os solavancos e os trancos da melhor maneira possível. Laray ficou com o outro companheiro até o trenó voltar. Ficaram todos contentes ao saírem do vento.

A casa era pequena, mas a mulher que os recebeu na porta rapidamente colocou tudo o que tinha à sua disposição. Henry percebeu que ela estava muito aliviada por ter seu marido e filho dentro de casa em segurança.. De algum lugar em um quarto dos fundos um bebê chorou. Ele ouviu outra voz jovem tentando confortar a criança.

Eles trouxeram todas as lamparinas da casa para iluminar as vítimas do acidente. Mesmo assim, Henry não conseguiu determinar a gravidade do ferimento na cabeça. Ele não ousou dar para o homem nenhum medicamento para aliviar a dor. A mulher usou compressas frias na testa do homem ferido, esperando de alguma forma aliviar a dor latejante.

Eles se conheciam por nome. Henry tinha certeza de que esse fato ao menos ajudou a aliviar um pouco do trauma do homem. No entanto, também deixou a família de fazendeiros mais preocupada.

— Temos que telefonar e avisar os pais que eles estão aqui — disse o fazendeiro.

— Não tenho certeza se alguém deveria voltar naquela tempestade — advertiu Henry.

A mulher fitou o marido, implorando com o olhar para que ele desse atenção ao aviso.

— Vou cavalgar o velho Barney. Ele tem um nariz de cão de caça.

— Se você tem a intenção de ir, poderia ligar para o escritório e avisar meu companheiro que conseguimos chegar? — Henry pediu.
— E leve o rifle para o caso de precisar sinalizar por socorro.

As palavras eram mais para tranquilizar a mulher do que ajudar o fazendeiro.

Velho Barney deve ter feito seu trabalho, pois antes que todos tivessem se acomodado mais confortavelmente possível, o homem estava de volta.

— Avisei sua mãe, Davey — disse ele. — Ela ficou muito feliz em saber que você tá seguro.

— Obrigado — murmurou o jovem com a perna quebrada.

Ele ainda estava úmido de suor, apesar do frio. Henry precisava endireitar a perna e enfaixá-la o melhor que pudesse. Naquele momento, a mulher estava ocupada servindo sopa quente para o

rapaz magro.

Era o outro homem que mais preocupava Henry. Ele precisava de um médico, mas tentar chegar a um na tempestade seria uma imprudência. Henry orou para que a tempestade se dissipasse antes, ou seria tarde demais. Ele aceitou uma xícara de café quente que a garota mais velha estava servindo para o grupo amontoadado e sentou-se no chão, com as costas contra a parede. Ele olhou através do quarto para Laray. O rapaz estava se tornando um ótimo Policial Montado. Tinha lidado muito bem com a pressão. Henry estava orgulhoso por tê-lo como membro de seu destacamento.

Ninguém na casa dormiu muito naquela noite.

A mulher foi para a cama, mas Henry tinha certeza que com todas pessoas a mais e a comoção em sua cozinha, ela não deve ter conseguido descansar. Ela tinha compartilhado alguns dos cobertores com os convidados inesperados. Mesmo através das paredes da pequena casa podiam sentir a friagem do vento.

Henry assumiu a responsabilidade de manter o fogo aceso. Ele esperava que houvesse bastante madeira empilhada do lado de fora. Se a tempestade continuasse por muito mais tempo...

Ele deve ter cochilado e acordou assustado. Levantou-se rapidamente para verificar as três vítimas do acidente. O homem com os cortes na cabeça parecia estar dormindo sem muitos problemas, mas os outros dois pareciam inquietos.

Para grande alívio de Henry, os raios do sol já despontavam na manhã. A neve ainda girava com as rajadas de vento, mas a própria tempestade havia diminuído. Agora eles tinham que levar os feridos para o hospital. Poderia levar muito tempo com as estradas cobertas de neve. Eles provavelmente teriam que cavar seu caminho pela neve, e ele esperava que todos fossem capazes de suportar a viagem.

O fazendeiro e seu filho foram com eles, levando as pás nas mãos, para desenterrar o veículo da polícia. Não demorou muito tempo para abrir um caminho, com quatro homens trabalhando. Mas o motor que havia parado na tempestade recusou-se a pegar.

— Eu tenho uma boa matilha e um trenó — ofereceu seu anfitrião.

Henry acenou com a cabeça. Seria uma caminhada lenta — lenta demais. Mas pelo menos poderia levá-los para algum lugar onde pudessem encontrar outra ajuda.

O homem atrelou o trenó à matilha, enquanto Henry preparava os feridos para viajar. Dois deles seriam levados para o hospital. O homem com os cortes na cabeça insistiu que as feridas curariam sozinhas.

Henry não discutiu por muito tempo. O sujeito parecia muito melhor depois que limparam o sangue de seu rosto.

Laray colocou feno no trenó para fazer uma espécie de cama.

Eles cobriram os homens com cobertores emprestados e espalharam mais feno por cima. Se possível, eles esperavam manter os membros imóveis livres de queimaduras por causa do gelo.

Eles estavam na estrada há menos de uma hora quando encontraram um caminhão. Henry sinalizou para o motorista e explicou a situação. Ele se ofereceu para transportar os homens para o hospital da cidade.

Os homens, o feno e os cobertores foram transferidos para a caçamba do caminhão.

O fazendeiro voltou para casa com sua matilha de cães, levando consigo palavras de profunda gratidão à sua família.

Eles tiveram que abrir caminho através de muitos montes de neve, e Henry ficou mais do que feliz ao ver os edifícios da cidade aparecerem no horizonte. Foi um enorme alívio entregar os feridos aos cuidados médicos. Tinham feito tudo que podiam, e Henry orou em silêncio para que fosse o suficiente.



Capítulo 14

—Ouvi dizer que você vai nos dar um Natal de verdade — observou o Sr. Kingsley enquanto Christine colocava um maço de papéis em sua mesa.

Ela assentiu com a cabeça, sorrindo.

— Não posso nem dizer o quanto Boyd está animado.

Eu gostaria que minha mãe também estivesse, pensou Christine com um pouco de angústia em sua alma. Elizabeth ficou quieta ao telefone quando a filha lhes informara sobre seu plano. A jovem sabia que a mãe estava profundamente decepcionada por ela não

passar o Natal com a própria família, especialmente quando Henry também não ia conseguir estar...

— Então do que você precisa? — a pergunta do Sr. Kingsley introduziu-se em seus pensamentos.

— Desculpe-me?

— Presumo que ceias de Natal de verdade custem dinheiro. De quanto você precisa?

— Oh, não — Christine se apressou em explicar. — Não é sobre dinheiro. — Então ela rapidamente percebeu que, sim, era... de certa forma. Ela corou ligeiramente. — Ora... o senhor está certo... é claro. Gostaria de algumas coisas...

— Gostaria?

— Nós precisamos... uma árvore. Precisamos de uma árvore. Todos os anos, em nossa família, nós tínhamos apenas que sair para o quintal, e cortar uma árvore.. Não tenho ideia do que faremos aqui na cidade.

— Não acho que o vizinho aceitará numa boa se cortarmos um dos seus pinheiros — brincou o grande homem. — O que mais?

— Precisamos também... de artigos de decoração. Sempre fizemos as nossas, mas vi algumas coisas adoráveis nas lojas.

— E...?

Christine sentiu as bochechas em chamas. Parecia que ela realmente não estava fazendo um favor para o chefe e o filho impondo seu modelo de Natal a eles.

— Olha, não precisamos fazer isso se...

— Não, não. — ele a incentivou a prosseguir com um aceno da mão. — Boyd está animado com esses planos. Ele nem se lembra como é um Natal. Eu nunca me preocupei em fazer nada — exceto a coisa do presente. Eu sempre dei um presente de Natal a ele.

O Sr. Kingsley olhou para Christine com expectativa.

— Bem, temos a ceia... Mas eu vou...

— Não, não vai. Acontece que eu sei o que você ganha. Você não pode se dar ao luxo de ir comprar peru e adereços. É o seguinte: você faz uma lista e eu vou levá-la às compras. Que tal?

Christine sorriu.

— Vamos comprar os enfeites para a árvore ao mesmo tempo. O que você acha de sábado à tarde?

— Sábado está bem. Está ótimo!

— Bom. Eu vou buscá-la — não, você pega o bonde. Eu me encontro com você na loja da Hudson's Bay Company. Duas horas. Combinado?

— Combinado.

— Vejo você às duas, na entrada oeste.

Christine concordou.

O Sr. Kingsley foi mais que generoso.

Ele comprou tantas decorações extravagantes que Christine se perguntou se encontrariam uma árvore com galhos suficientes para conter todos eles. Todo o tempo ele fazia comentários como “Acho que Boyd ia gostar desse”, ou “essa é a cor favorita do Boyd” ou “Você acha que o Boyd ia achar isso bonito?”

Christine superou seu nervosismo e entregou-se às compras, adicionando guirlandas e coroas na pilha de crescia rapidamente. Afinal, não era para ela — era para o Boyd. O Sr. Kingsley costumava gastar dinheiro para fazer o filho feliz.

Na mercearia, a lista de Christine foi logo concluída e mais itens continuavam aparecendo no balcão.

“Isto não ficaria bem gostoso com peru?” O Sr. Kingsley perguntava e colocava mais alguma coisa na pilha. Nunca levaríamos tudo isso para casa de bonde, Christine pensou, mas quando chegou a hora de ir, o homem simplesmente disse:

— Entregue neste endereço — e eles saíram da loja.

Christine ficou se questionando se deveria preparar tudo para aguardar a chegada de Boyd ou esperar e deixá-lo entrar na diversão da decoração. Ela decidiu esperar. Tinha certeza que ele adoraria estar envolvido. Ela empilhou cuidadosamente todas as sacolas e caixas de enfeites e contemplou com ansiedade para a grande árvore que o Sr. Kingsley tinha trazido. Seria difícil esperar. Mas de qualquer maneira seria difícil esperar Boyd chegar.

Ele chegou na noite de quinta-feira. Christine só o viu depois do trabalho, na sexta-feira. Ele tinha dormido o dia todo, admitiu com

uma risada, pois estava absolutamente cansado.

— Quando você vai se mudar? — Boyd logo perguntou.

— Me mudar? O que quer dizer com isso?

— Bem, você não pode fazer tudo daqui.

Christine nem mesmo pensara em mudar de residência.

— Oh, tenho certeza que posso. Tudo que preciso fazer é decorar e cozinhar.

— Isso não parece um Natal de verdade — ele resmungou. — Será como se fosse uma cozinheira, vindo para passar algumas horas.

— Eu sinto muito. Não sabia que você veria dessa forma.

Ele ia ficar emburrado novamente.

— Pensei que ficaríamos... como uma família.

Ela pegou a mão dele.

— E vamos ser. Vou passar a maior parte do Dia de Natal com você. Não vou passar o dia apenas cozinhando.

Ele ainda não se animou. Christine tinha aprendido que não adiantava tentar dissuadi-lo de seus mal humores.

— Olha — ela finalmente disse —, você provavelmente precisa dormir um pouco mais. Temos todas as férias de final de ano para recuperar o atraso. E temos aquela árvore para decorar amanhã.

Boyd deu de ombros.

— Vejo você então. Vai ser divertido! — ela ficou na ponta dos pés e deu um beijo na bochecha dele.

E na manhã seguinte, tudo era sol e calor de novo. Eles se divertiram. Boyd, passando de sério e artístico até divertido e ridículo, pendurou enfeites em toda o hall de entrada e na sala de estar.

— Precisamos de mais para a sala de jantar — ele exclamou. — A loja ainda está aberta. Vamos correr até o subúrbio e comprar alguns.

Christine riu.

— Quase compramos a loja inteira na primeira vez.

Mas eles foram comprar mais. Christine teve que admitir que a

casa parecia maravilhosa. Boyd reorganizou algumas peças que ele tinha pendurado por diversão e agora os dispôs em seus lugares mais apropriados. Christine ficou agradavelmente surpresa ao saber que ele tinha uma inclinação artística. A árvore deles ficou gloriosa por causa de Boyd, na opinião de Christine. Ele colocou isso aqui, ajustou aquilo lá, e colocou fitas e fitas nos lugares certos.

— Você é bom nisso — elogiou Christine.

— Você tinha alguma dúvida, madame? — foi a resposta quando ele inclinou a cabeça para o lado e fez um rodeio com o braço.

De sua cadeira favorita perto do fogo crepitante, o Sr. Kingsley riu, bebendo goles do chocolate quente que Christine havia preparado.

Eles passaram a tarde e a noite de domingo juntos, e ela sabia que o pai de Boyd estava mais do que satisfeito por ter o filho em casa.

— Oh minha nossa. — O sorriso de Christine desapareceu rapidamente quando ela viu o relógio. — Tenho que ir para casa, pois a Sra. Green vai trancar a porta.

A alegria da noite evaporou em um instante. Ela pôde ler no semblante de Boyd, e sentir na agitação do grande homem sentado na cadeira.

— Isto é uma grande bobagem — Boyd resmungou e jogou o último pedaço de guirlanda que segurava em um canto. O rapaz se virou para ela, com a expressão do rosto rígida e fria. — Você não tem que deixar a Sra. Quem-quer-que-seja comandar sua vida.

Por favor, pensou Christine, implorando silenciosamente, agora não. Não aqui na frente de seu pai.

Ela se virou e foi pegar o casaco que tinha deixado no armário fora da cozinha. Se ele não estivesse disposto a levá-la, ela pegaria o bonde. Mas ela sabia que isso a atrasaria. O bonde, com suas muitas paradas, era muito mais lento que o automóvel de Boyd.

Foi o Sr. Kingsley quem a acompanhou e a levou para casa. Ele não fez nenhum comentário sobre a situação, e por isso Christine estava grata. Ela não estava pronta para acusar ou desculpar Boyd por seu comportamento.

Na manhã seguinte, havia uma bela poinsettia em sua mesa.

O cartão dizia simplesmente Feliz Natal. Com amor, Boyd.

Christine sabia por experiência que esta era o jeito dele de dizer que estava disposto a esquecer tudo sobre o pequeno incidente. Achava que ela também estivesse.

Afinal, não era o que a gente devia fazer? Perdoar e esquecer? Ela não esperava que Boyd fosse perfeito.

O escritório ficou aberto até o meio-dia do dia vinte e quatro.

A cabeça de Christine zunia com coisas que precisavam ser feitas em preparação para o dia de Natal. Ela correu para casa, trocou o vestido de escritório, e pegou o bonde para a mansão. Estava ocupada trabalhando por quase uma hora quando Boyd apareceu.

— Vejo que a cozinheira chegou — disse ele com um bocejo. Com o cabelo despenteado e o rosto sem barbear, parecia ter acabado de rastejar para fora da cama. — Você tem suco, ou algo assim?

Christine assentiu, enxugou as mãos no avental e serviu suco de laranja para ele.

Boyd pegou o copo e sentou-se em um banquinho no balcão. Passando a mão pelo cabelo, ele soltou uma impropriedade. Christine sabia que Boyd usava esse tipo de linguagem, mas raramente na frente dela. Que Boyd tivesse feito isso agora a deixou abalada e profundamente desapontada.

O rapaz drenou o suco em um longo gole.

— Então, o que há para o jantar? Estou morrendo de fome — perguntou ele, limpando a boca com o dorso da mão.

— O jantar é amanhã. — Christine deu um baque firme na massa de torta em que estava trabalhando.

— Então, o que comemos hoje?

Christine deu de ombros, mas logo se repreendeu. Estava agindo de forma tão imatura quanto ele. Ela forçou um sorriso, disposta a mudar o clima.

— Sou a cozinheira para o dia de amanhã — ela disse em tom animado. — Acho que você e seu pai vão ter que se virar hoje. Vocês vão se sair muito bem, já tem muita prática.

Ele resmungou:

— Ele nem estará em casa até sabe-se lá que horas. Tudo o que faz é trabalhar. — Quando ela não respondeu, ele se levantou. — Bem, se a comida for minha por minha conta, acho melhor me barbear. Nem o boteco da esquina vai me deixar entrar assim.

Christine ficou aliviada ao ouvir um tom mais leve na voz dele.

— A propósito — perguntou Boyd ao sair do aposento —, as flores chegam certinho?

— A planta Poinsettia... sim. Obrigada. É linda.

Boyd acenou com a cabeça, então se foi.

Mais tarde, Boyd voltou, barbeado e imaculado — ninguém jamais pensaria que ele conseguiria parecer tão despenteado quanto antes, Christine notou enquanto pegava uma torta de picadinho dourada do forno.

— Huum. Você realmente espera que ainda esteja aqui amanhã?

A voz de Boyd soava brincalhona.

Ela colocou a torta na prateleira de refrigeração e se virou para ele.

— É melhor estar — ela avisou, provocando-o de volta.

Boyd riu e se aproximou de Christine, removendo a luva térmica dos dedos dela, e colocando as mãos ao redor do pescoço dele.

— Estive pensando. Uma coisa que nós certamente esquecemos foi o visco. — Ele ergueu o queixo de Christine e olhou para seu rosto. — Mas então... — continuou ele —, quem precisa de visco? — Boyd a puxou mais perto e a beijou.

— O que vai fazer hoje à noite? — perguntou Boyd contra o cabelo dela.

— Vou ao culto.

— O que é isso, culto? — ele se afastou e a encarou. — Na véspera de Natal?

— Sim, o serviço religioso da véspera de Natal.

Christine tinha certeza de que havia um mal entendido. Achava difícil acreditar que Boyd estava falando sério quando disse “O que é isso?”. Será que ele realmente nunca tinha participado de um culto de véspera de Natal? Não era de se admirar que ele não tenha sido

tocado pela fé cristã. Ela se afastou dos braços dele.

— É maravilhoso. Você verá. Dá vida — significado — ao Natal.

Boyd franziu a testa.

— Começa às nove e...

— Nove? E quanto à Sra. Qual-o-nome-dela?

— Ela nos deu um privilégio especial esta noite.

A carranca do rapaz se aprofundou.

— Ora, bom pra ela — murmurou ele.

Christine optou por ignorar o último comentário.

— Será um evento à luz de velas. Com muita música. É sempre lindo.

— Como um... um concerto?

— Mais que isso.

— Eles pregam para você?

Christine o encarou.

— Pregam para mim? Não, não, eles contam a história do Natal.

— A história do Natal?

— Sobre o nascimento de Jesus.

Ele era realmente tão ignorante a respeito do Natal?

— Ah, isso... — disse ele dando de ombros.

Então Boyd sabia pelo menos um pouco sobre isso.

Ele enfiou a mão no bolso e tirou as chaves do carro, tilintando-as em sua mão.

— Cara — disse Boyd, e Christine não tinha certeza se ele estava falando com ela —, preciso de um carro novo. Esse troço acabado... talvez o velho... — Ele parou e olhou para ela. — Ops... — quem sabe meu pai faça uma surpresa.... como meu Presente de Natal. Sim.

E então Boyd se encaminhou para a porta dos fundos.

Pouco antes de abri-la, ele se virou mais uma vez.

— Só para deixar as coisas às claras — disse ele —, não concordei em ir para esse seu culto. Eu nem sabia que fazia parte do acordo.

A porta bateu e ele se foi.

No final das contas, eles foram ao culto. Boyd e Sr. Kingsley buscaram Christine e eles se dirigiram até a igreja juntos. Assim que entrou na igreja, Christine sentiu o contentamento tomar conta de seu ser. Estava tudo tão bonito, tão pacífico, tão Natal.

Mas a sensação foi se dissipando gradualmente durante o culto.

O Sr. Kingsley e Boyd estavam se mexendo desconfortavelmente no banco de madeira. Nenhum deles parecia conhecer as canções típicas de Natal e ficaram em silêncio, arrastando os pés enquanto a congregação cantava. Quando José e Maria — crianças da escola dominical fantasiadas — bateram na porta da pousada, Boyd revirou os olhos em zombaria. Esse gesto roubou a beleza da noite, sua comoção. Christine percebeu que estava ansiosa para que o culto acabasse.

— Bem, isso foi ótimo — comentou o Sr. Kingsley quando eles saíram da Igreja.

— Eu gostaria de um café — sugeriu Boyd.

— Preciso voltar para casa — Christine o recordou. Boyd suspirou de forma exagerada, mas não fez mais nenhum comentário.

Com os olhos de Boyd na rua à frente, ele disse:

— Então, pai, onde você quer ir tomar um café?

— Hotel Savoy — respondeu o grande homem sem hesitação. — Eles sempre servem torta de carne no Natal.

Vamos comer torta de carne amanhã, Christine esteve a ponto de dizer, mas preferiu se calar.

— Excelente torta de carne — continuou o Sr. Kingsley.

A neve caía suavemente, de maneira apropriada, quando Christine desceu do carro em frente à pensão.

— Vejo você amanhã — os dois homens disseram.

Christine concluiu que os pensamentos dos dois estavam mais na torta do que nela ou na bela noite e celebração de Natal. Ela ficou parada e observou o carro se afastar. A neve acariciou silenciosamente suas bochechas e cílios.

O brilho do poste destacou os flocos que flutuavam.

“Silenciosa noite, noite santa,” sussurrou Christine. Mas por

algum motivo, que ainda não tinha compreendido, ela não sentia que aquela realmente era uma noite assim.

Na manhã seguinte, Christine foi a primeira a percorrer a neve que recém havia caído até a parada do bonde. Parecia uma menina contente, arrastando os pés para desenhar arcos, e desejava ter sapatos de neve para que pudesse desenhar figuras mais interessante. Ela se virou uma vez e olhou para trás, satisfeita com o que tinha acabado de criar. Se não estivesse preocupada com a possibilidade de alguém estar observando, Christine teria adorado fazer um anjo de neve.

A mansão estava em silêncio quando Christine entrou pela porta dos fundos. Ela supôs que pai e filho ainda estavam dormindo. Nenhum membro da família estava disposto a pular da cama cedo para descobrir o que havia debaixo da árvore.

Christine já havia colocado ali seus presentes embrulhados lá e tinha notado que outros pequenos embrulhos se juntaram aos dela. Ela não achava que seus presentes significariam muito para um pai e filho que podiam comprar o que quisessem. Mas Christine sabia que tinha que comprar alguma coisa para eles — se realmente fosse Natal.

Ela se moveu o mais silenciosamente que pôde, preparando o peru para o forno. Era uma ave grande demais para três pessoas. Questionou-se sobre o que o Sr. Kingsley faria com os restos após a refeição acabar. Bem, não ia se preocupar com isso. Estava certa de que o dono da casa podia encontrar algum destino para as sobras.

Mesmo ocupada, Christine sentiu pontadas momentâneas de solidão, por estar tão sozinha neste, que era o dia mais importante do ano.

Ela trabalhou cuidadosamente em sua lista de tarefas, tentando pensar apenas no prazer de partilhar a refeição juntos. Era quase meio-dia quando ouviu alguém se aproximando.

O Sr. Kingsley foi o primeiro a entrar na cozinha. Ele a cumprimentou, demonstrou sua apreciação pelo aroma que havia no ar, e então perguntou se tinha feito café.

Christine foi colocar água na chaleira, enquanto o Sr. Kingsley se

sentou num banquinho e ficou puxando conversa enquanto esperava a água ferver.

— Com aquela neve recém caída ontem à noite, as estradas ficaram um pouco escorregadias. Boyd deu uma amassada no para-choque dianteiro. Mas de qualquer maneira, ele diz que precisa um carro novo. Pensei que ele podia ir escolher um Ford. Para o presente de Natal, sabe. — o Sr. Kingsley riu de bom grado. — Ele me disse que já tem um favorito. Eu estava pensando num Ford... mas meu Boyd não. Ele tem um olho para escolher o melhor — que garoto! Bem, talvez nem sempre o melhor, mas pelo menos o mais caro. — Ele riu e disse: — Às vezes, essas duas coisas não se alinham bem. Já percebeu?

Christine não tinha percebido, mas ela não fazia compras como os Kingsleys.

O Sr. Kingsley serviu o próprio café.

— Não espere o rapaz por um tempo. Não fomos para a cama muito cedo ontem à noite, e ele gosta de seu sono. Ele é assim desde criança. Se não dormir, fica mal-humorado.

Ele se moveu em direção à porta.

— Acho que vou acender a lareira. O ar está um pouco frio.

— O senhor gostaria de algo para acompanhar o seu café? — perguntou Christine. — Eu preparei muffins e tem...

— Talvez mais tarde. Estou meio acostumado a abrir meus olhos com café primeiro.

Aproximava-se o toque de recolher das nove horas quando Boyd levou Christine até a pensão. Ele a acompanhou até a porta, colocando um braço em volta dos ombros dela e puxando-a o mais perto que podia. Os pacotes que Christine carregava nos braços os mantinham um pouco distantes.

— Obrigado pelo meu primeiro Natal. Primeiro Natal de verdade — exclamou Boyd e a beijou na testa.

Christine sorriu.

— O jantar foi absolutamente maravilhoso.

Ele a beijou novamente.

— E eu adorei o alfinete de gravata.

Um terceiro beijo. Christine começou a rir.

— Espero que ninguém esteja nos vigiando.

— Eu não me importo se estiverem — disse ele, e a beijou uma vez mais.

— Oh sim, e meu pai também gostou da gravata dele — brincando, ele se inclinou para beijá-la novamente, e ela se afastou, rindo.

— Obrigada mais uma vez — disse Christine séria —, pela linda pulseira. Nunca ganhei nada tão especial.

— Você merece muitas coisas especiais — porque você é muito especial.

Christine não conseguia falar, nem podia abraçá-lo, por causa dos pacotes, então apenas sorriu em seus olhos — todas as promessas em seu coração que não podia dizer em voz alta.

— Preciso ir — ela sussurrou.

Boyd abriu a porta para ela, deu um tchauzinho e fechou a porta novamente. Christine ouviu o assobio dele enquanto caminhava para o carro.

Mas mais tarde, enquanto estava encolhida na cama reunindo calor do corpo até o edredom assumir o controle, ela sentiu uma estranha sensação de solidão.

Por que sinto que perdi alguma coisa? Como se eu... nem tivesse tido um Natal? Tínhamos a árvore mais bonita já tive em minha vida. Ganhei presentes maravilhosos. O jantar ficou muito bom... até mesmo a torta de carne. Então por quê? Eu até fui ao culto na véspera de Natal. Por quê?

A resposta parecia ter sido sussurrada na quietude da noite. As coisas... enfeites... presentes... não é isso que faz o Natal.

Christine ficou surpresa ao sentir as lágrimas molhando seu rosto.

De certa forma, em toda a agitação, ela tinha sentido falta do espírito do evento maravilhoso.



Capítulo 15

Christine se encontrou com Boyd todas as noites naquela semana. Ele normalmente telefonava e combinava o horário primeiro, mas uma tarde o rapaz chegou ao escritório exatamente quando ela estava arrumando sua mesa. Christine olhou para cima, surpresa. Boyd abriu um grande sorriso e puxou uma rosa de cabo longo de trás das costas.

— Estou levando a garota mais bonita que conheço para jantar hoje à noite — ele anunciou em voz alta o suficiente para todos ouvirem. Christine enrubesceu. Ela tinha certeza que Boyd esperava que ela entrasse no jogo e perguntasse quem poderia ser a moça, mas Christine não conseguia dizer as palavras.

— E... caso você esteja se perguntando quem pode ser... — Boyd virou-se e disse: — Srta. Stout, a senhorita por acaso está livre esta noite?

As jovens datilógrafas sentadas em fila caíram na risada, e a rígida Srta. Stout o encarou.

— Receio que não.

Boyd balançou a cabeça, obviamente gostando do desconforto dela.

— Sua agenda certamente está lotada. Bem, nesse caso, Christine, você me daria a honra?

Christine ficou tentada a concordar com a Srta. Stout. A pequena fala não tinha sido de bom tom. Mas ela não podia dizer isso na frente de todo o pessoal do escritório. A jovem apenas assentiu.

O rapaz a conduziu para fora.

— Para onde estamos indo? — perguntou Christine. — Eu não estou vestida para jantar.

— É por isso que vou levá-la em casa primeiro. Você tem que informar a Sra. Seja Lá Qual é o Nome que não vai partilhar da refeição à mesa dela esta noite, não é mesmo? E eu quero que você coloque o seu traje mais elegante.

— Não tenho nenhum traje elegante — objetou Christine.

— Então, talvez devêssemos comprar alguns para você.

Christine ficou absolutamente horrorizada. Ela não estava a ponto de deixar um homem comprar as roupas dela — mesmo que ele parecesse ter mais dinheiro do que sabia o que fazer ele.

— Você vai ficar perfeita com qualquer roupa que tiver — disse ele, dando um toque de leve no cotovelo de Christine. — Use aquele lindo vestido azul. Eu amo o que o azul faz com cor dos seus olhos.

Christine, assentiu usaria o azul.

— E prenda o cabelo — agregou ele, balançando um dos cachos com o dedo. — Não... use solto, emoldurando o rosto. Sem grampos, nem presilhas. Nada. Eu adoro vê-lo solto assim.

A jovem apenas concordou novamente com a cabeça. Boyd jamais tinha dito como ela deveria usar o cabelo.

Boyd levou Christine para um novo restaurante — pelo menos

novo para ela. Era, de longe, o lugar mais elegante que a moça já tinha jantado. O ambiente combinava com o humor incomum de Boyd. Grandeza. Opulência. Clientes com peles e adornos. Christine recostou-se e suspirou profundamente, desfrutando da luxuosidade, a luz de velas perfumada e a música suave.

Mas quando Boyd sugeriu vinho para comemorar a noite, a jovem enrijeceu e balançou a cabeça.

— Você pode descobrir que gosta, se experimentar — ele provocou.

Christine negou com a cabeça novamente.

— Acho que não vamos descobrir.

Christine ficou ressentida quando Boyd continuou pressioná-la, mesmo quando já tinha deixado clara sua posição sobre o assunto.

— Você se importa se eu tomar uma taça?

Christine se importava, mas deu de ombros.

— Faça como quiser.

Boyd pediu o vinho. Em seguida, ele tratou sobre o jantar com o garçom. Christine concluiu que tudo seria arranjado. Ela se recostou na densa pelúcia do camarote reservado e passou os olhos pelo ambiente ao seu redor. Olhando assim, compreendo como as pessoas podem gostar disso — ela pensou.

A refeição estava tão boa quanto parecia estar pela aparência. Christine francamente não gostou o coquetel de camarão, mas apreciou o molho de pernil de cordeiro. Ela tentou não pensar sobre a procedência da carne. Cordeirinhos pertenciam aos prados verdes, salpicados de flores, não em pratos de jantar.

A sobremesa era um tipo sofisticado de flambado. Christine ficou impressionada observando a tigela inteira pegar fogo, pois pensou que o garçom cometera um erro terrível. Boyd sorriu.

Quando terminaram o jantar, Boyd pediu outra taça de vinho e aproximou-se de Christine. Ele estendeu a mão e tocou uma mecha do cabelo da moça.

— Divertindo-se? — perguntou ele, inclinando-se em direção a Christine.

A jovem assentiu, um tanto distraída.

— E eu não conseguiria comer mais nenhum bocado — ela riu.
— Foi tudo muito especial. Obrigada Esse... Esse é o presente de despedida para mim?

— Despedida?

— Você vai voltar para a faculdade? Vai partir mais cedo, não é?

Boyd pegou a mão de Christine e lhe deu um beijo na palma.

— Não. Eu não vou mais cedo. Na verdade, estive pensando...
Creio que não vou voltar.

Mesmo em seu estado de languidez, Christine ficou chocada.

— Dei meu pontapé na faculdade — explicou ele.

— O que você vai fazer? — Christine não pode deixar de perguntar, ainda que se questionasse se era uma boa ideia.

Boyd se reclinou um pouco e tomou um gole do vinho.. Quando largou a taça, falou novamente, ainda brincando com o cabelo de Christine.

— Estive pensando em me juntar ao papai. Ele está muito ansioso para que eu me envolva na empresa, e eu tenho adiado... mas... Bem... estou começando a mudar meus pontos de vista.

Christine o fitou sorrindo. Seria bom tê-lo de volta em casa... tão perto. Mas a jovem se perguntou se seria capaz de manter sua mente em no trabalho, tendo ele no escritório.

— Tenho pensado em outras coisas também.

— Que coisas? — indagou Christine quando ele hesitou.

— Você e eu. Como seria a vida se estivéssemos juntos.

A respiração de Christine ficou presa na garganta.

— Você está sugerindo...?

— Não estou sugerindo nada, Christine. Estou pedindo — implorando —, se for preciso. Eu realmente preciso de você. Nunca conheci ninguém como você. Por favor. Quer se casar comigo, Christine?

— Você... está...?

— Falando sério? Nunca falei tão sério.

— Eu ia dizer ‘Você está certo disso?’

— Estou certo. Absolutamente certo.

O coração de Christine estava batendo forte. Ela não conseguia acreditar.

Boyd Kingsley — esse Boyd Kingsley, o sonho de toda garota — estava realmente pedindo-lhe em casamento.

De repente, Christine o encarou por debaixo dos longos cílios e sussurrou:

— Quais são as palavras mágicas?

Boyd pareceu surpreso.

— Eu já disse por favor. Por favor, você se casa comigo?

Ela balançou a cabeça.

— Não, as outras palavras mágicas.

Boyd se inclinou, até que seus lábios estavam quase roçando na bochecha dela.

— Eu amo você. De verdade. Eu amo você — ele afirmou.

Christine respirou fundo e encostou a testa no queixo dele.

— Nesse caso — disse ela, com o coração cantando —, a resposta é sim.

Elizabeth ficou feliz por ter conseguido se sentar à mesa quando recebeu a ligação de Christine.

— Oh, mãe — ela exclamou quando Elizabeth respondeu ao telefone —, mal podia esperar para dar a notícia. Adivinha o quê? — Christine disse cantarolando. — Eu estou noiva.

— Mas... nós nem mesmo o conhecemos — Elizabeth protestou, tentando manter a consternação longe de sua voz.

— O Boyd é maravilhoso. Você vai amá-lo.

Elizabeth levou alguns minutos para recuperar o fôlego. No entanto, Christine se apressou em superar o silêncio da mãe.

— Ele me levou a um restaurante maravilhoso, e nós comemos uma refeição magnífica. E meu diamante! Você tinha que ver, mãe. É enorme. Todas as meninas estão com inveja. E ele não vai voltar para a faculdade. Vai ficar aqui e trabalhar com seu pai. Nós vamos...

— Devagar, por favor. Você está indo rápido demais para mim — Elizabeth finalmente foi capaz de se interpor.

Christine riu, parecendo estar atordoada, tamanha sua

empolgação.

Mãe e filha conseguiram finalmente manter uma conversa de mão dupla. Mas mesmo assim, quando Elizabeth desligou o telefone, sentia-se abalada. Não podia ficar parada, esperando Wynn chegar em casa. Ela agarrou seu casaco, colocou a refeição de volta no forno, e foi ao encontro do marido.

Wynn pareceu surpreso quando viu a esposa vindo em sua direção.

— Este é uma bela surpresa — disse ele e estendeu a mão para pegar a mão de Elizabeth.

Muito agitada, Elizabeth desabafou toda a conversa que tivera com Christine enquanto voltavam para casa juntos.

— Tenho certeza que ele é um bom rapaz— disse Wynn buscando consolar a esposa.

— Nós nem mesmo o conhecemos. E ela é tão jovem, tem apenas dezoito anos.

— Muitas meninas já estão casadas aos dezoito anos. Além disso, eles podem planejar um longo noivado.

— Oh... Eu certamente espero que sim. Bem, eu não sei...

A incerteza e a angústia que sentia a respeito de toda essa situação estavam lhe causando dor no peito e na cabeça.

— Por que não vemos se eles podem fazer uma viagem até aqui?
— Wynn sugeriu, apertando a mão dela.

— Já tentei isso. Christine diz que eles não podem viajar agora. O rapaz estará ocupado inteirando-se acerca dos negócios do pai. Questionei se não podiam vir na Páscoa, mas ela disse que ele já tinha feito outros planos.

— Nós vamos pensar em alguma coisa — disse Wynn em tom pensativo.

Eles estavam quase chegando em casa quando Wynn se virou para Elizabeth.

— E se você for visitá-los? Já faz muito tempo que você não viaja.

Elizabeth animou-se, mas logo ficou séria novamente.

— Christine pode pensar que a estou vigiando.

— E não está? — ele riu.

Ela deu um puxão na mão do marido de brincadeira, então, ficando séria, disse:

— Eu não quero dissuadi-la.

— Não vejo o que poderia ser mais natural do que uma mãe visitar a filha que está planejando se casar. Vocês não tem muitas coisas para discutir?

Elizabeth concordou. Era verdade. Certamente era esperado que ela tomasse parte nos arranjos.— Vou ligar para ela — disse Elizabeth, com o coração e o passo mais leve.

Christine sentia como se estivesse flutuando em algum lugar acima da terra. Eu estou comprometida. Com um rapaz maravilhoso, bonito, um excelente partido. Em breve eles estariam fazendo seus planos de casamento. A mãe estava vindo para partilhar de sua alegria. A vida não poderia ser melhor.

Christine esteve o dia inteiro radiante, e quando chegou a hora de sair do escritório, ignorou o vento frio e o frio cortante da neve e saiu a caminho de casa com coração aquecido.

Boyd chamou por ela. Era a primeira vez que o via desde que a deixara em casa depois do jantar de noivado. A primeira vez desde que ficaram noivos.

Noivos. A palavra vibrava nos ouvidos de Christine. Havia algo tão mágico sobre ela, ,lhe causava uma sensação de pertencimento. Eles não eram mais apenas uma especulação, eram um casal.

— Um dia desses — disse Boyd enquanto a conduzia pelo caminho em direção ao carro que a esperava —, vou levá-la para longe da Velha Mal-Humorada e não a trarei de volta.

Christine conseguiu rir.

— E quanto mais cedo melhor — continuou ele. — Eu odeio esse toque de recolher infantil. Parece que você está na escola primária.

Ele a ajudou a entrar no carro e bateu a porta.

— Então... o que vamos fazer hoje à noite? — perguntou ela, deslizando pelo assento para ficar ao lado dele. Ele mudou de marcha, então estendeu a mão para ela.

— Ora... Achei que poderíamos planejar um casamento.

Ele sorriu.

— Minha mãe está vindo para cá — disse Christine entusiasmada. — Eu telefonei para mamãe para dar a notícia, e ela ligou de volta para dizer que está vindo para a cidade. Minha mãe está animada para me ajudar a encontrar um vestido — e tudo mais.

Boyd não disse nada, mas apertou a mão dela.

— Que tipo de casamento você quer? Grande? Pequeno? Privado? — questionou Christine.

— Privado? Jamais, quero mostrar você para todo mundo. Quanto maior, melhor. Vamos fazer uma grande festa.

— Vou querer um casamento na igreja — comentou Christine, observando como o noivo responderia.

— Pode ter seu casamento na igreja, não tenho problemas com isso. Eu sempre me imaginei de pé ali, perto daquele — como você chama aquela grande peça de mobília que fica lá na frente? — esperando pela minha noiva corada, vindo pelo corredor com aquela longa cauda. Certamente, vamos ter um casamento na igreja. Contanto que não puguem para a gente e nem coloquem nosso nome na lista deles ou algo assim.

— Que lista?

— Não sei. Ouvi dizer que todas as igrejas têm uma lista para que eles saibam a quem pedir dinheiro quando precisarem.

A moça balançou a cabeça.

— Quem disse isso a você? Que bobagem.

— Bem, não quero meu nome em nenhuma lista.

Christine olhou para o noivo e franziu a testa, perguntando-se se ele falava sério. Ela poderia dizer que ele estava.

— Sem lista — disse ela calmamente.

Boyd a levou para a casa dele, e os dois passaram algumas horas da noite diante da lareira, discutindo planos para o futuro juntos. O Sr. Kingsley estava visivelmente ausente. O fato de que estava planejando seu casamento ainda parecia um sonho para Christine. O tempo passou muito rapidamente, e ela se levantou quando viu o relógio da lareira.

— Temos que nos apressar, ou nunca vou chegar em casa a

tempo — ela resmungou.

— Isto é absolutamente ridículo.

Boyd se levantou, agarrando uma almofada próxima, e a arremessou com toda a força direto no fogo. A respiração de Christine ficou presa na garganta. As chamas rapidamente alcançaram uma ponta da almofada. Boyd deu as costas e Christine correu para tentar afastar a almofada, mas era tarde demais para salvá-la. A moça pegou o atizador e esforçou-se para conseguir empurrar a massa queimando na lareira, onde não poderia causar nenhum dano a qualquer outra coisa. A sala ficou cheia de fumaça acre.

Quando Christine se virou, Boyd havia tirado o casaco do armário do corredor, e saiu do aposento pisando forte. Christine deu mais uma olhada no fogo para se certificar de que era seguro sair, então o seguiu.

— Aquilo foi perigoso — disse ela depois de andarem por alguns minutos em silêncio no carro.

— Isso é ridículo. O rosto de Boyd ainda estava contorcido de raiva, e o rapaz não pediu desculpas por seu comportamento. — Como vamos planejar um casamento, quando você tem que voltar para o seu quarto em uma hora tão ridícula? O dia está apenas começando. Até para Cinderela foi dado até meia-noite.

— Cinderela era um conto de fadas — Christine o recordou.

— Bem, isso não é um conto de fadas, eu admito, embora nós tenhamos uma bruxa má.

— Você está se referindo à Sra. Green — ou a mim? — indagou Christine, virando-se para ele.

Boyd encostou o carro no meio-fio e estendeu a mão para ela.

— Ei — disse ele, levando ambas as mãos ao cabelo dela. Sua raiva tinha dissolvido tão rapidamente quanto tinha surgido.

Com os dedos, Boyd soltou os alfinetes do cabelo de Christine, deixando que as madeixas lhe caíssem sobre os ombros.

— Você não é nenhuma bruxa. Sabe o que sinto por você. Por isso fica cada vez mais difícil deixá-la partir. Não sabe disso?

Boyd a aproximou de si, uma mão em cada lado de sua cabeça e

a beijou na ponta do nariz.

— Odeio quando sua Sra. Green a leva para longe de mim.

Suas palavras — seus modos — eram tão ternos, tão doces, que partiram o coração de Christine.

— Eu realmente preciso ir — ela sussurrou. — Não vai demorar muito até que nós... não precisemos nos separar. Nunca.

Christine estendeu a mão para a maçaneta da porta, mas ele a deteve.

— Ainda não. Eu não posso deixá-la sair ainda.

— Mas ela vai bloquear o...

As palavras de Christine foram abafadas por um beijo.

Por fim, ela se afastou e ele, relutantemente, a soltou.

Silenciosamente, Boyd a acompanhou até a porta. Mas Christine soube, antes mesmo de tentar abrir a maçaneta. Era tarde demais. A porta estava trancada.

Sem uma palavra, Boyd a virou e a conduziu de volta em direção ao carro.

— Que bom que temos todos aqueles quartos extras — disse ele, não parecendo estar nem surpreso nem arrependido. Será que a atrasara de propósito? Mas Christine preferiu tirar esse pensamento da cabeça.



Capítulo 16

Christine nunca se sentiu tão envergonhada, tão humilhada, como na manhã seguinte, quando voltou à pensão para se vestir para mais um dia de trabalho.

Percebeu que muitos olhos a seguiram enquanto passava pela área do refeitório, onde os outros pensionistas estavam tomando café da manhã. Christine tentou ignorá-los, mas suas bochechas queimaram, apesar do esforço que fazia para parecer composta.

De volta à privacidade de seu próprio quarto, Christine trocou rapidamente de vestido. O Sr. Kingsley, que sempre chegava ao escritório muito antes dos funcionários, estava esperando no carro do lado de fora, lendo o jornal da manhã e bebendo uma xícara de

café que comprou na cafeteria da esquina. Boyd provavelmente ainda estava dormindo.

Christine não se sentia preparada para enfrentar um novo dia. Boyd tinha insistido em conversar até tarde da noite. Christine só entrou no quarto desconhecido um tempo depois da meia-noite. Sentia-se nervosa e confusa — e um pouco irritada.

Ela não podia ignorar a impressão de que Boyd tinha deliberadamente atrasado sua ida para casa, para que aquilo acontecesse.

É claro que ela não tinha levado camisola nem escova de dentes. Não tinha nem mesmo uma escova de cabelo. Ela se sentia tão... tão acuada, tão coagida a fazer algo que não era de sua escolha. Tão manipulada em difíceis circunstâncias. E Boyd esperava que ela estivesse doce, complacente, ansiosa para discutir os planos do casamento. O restante da noite tinha sido muito difícil.

Agora o noivo estava dormindo, enquanto ela se esforçava para recompor certo tipo de ordem, para enfrentar um dia na máquina de escrever. Christine não tinha se alimentado. Nem mesmo uma xícara de café, como aquela que seu chefe agora apreciava.

Seu estômago roncou quando imaginou aqueles ao redor da mesa, comendo com apetite o mingau matinal da Sra. Green e torradas com marmelada.

Ela nunca mais se atrasaria novamente, pensou decidida. Nunca.

Seu cabelo não estava domado, e depois de lutar com as madeixas, Christine desistiu e amarrou-o com uma fita.

A jovem tinha acabado de passar pela porta e fechado com firmeza atrás de si quando se viu cara a cara com a Sra. Green.

— Srta. Delaney.

Christine assentiu.

A mulher idosa parecia mais triste do que severa.

— Tenho razões para concluir que a senhorita não usou seu quarto na noite passada.

Christine enrubesceu, mas assentiu.

— Eu... Eu fui... detida — ela gaguejou. — Quando cheguei, a porta já estava trancada. Fiquei na casa de amigos. Eles têm um

quarto extra...

— Seu pai confiou você aos meus cuidados.

Christine concordou com a cabeça.

— Não vai acontecer novamente. Eu sinto muito.

O rosto da Sra. Green não tinha relaxado. De alguma forma, ela parecia ainda mais avançada em anos — mais retraída.

— Espero que não. Pois se acontecer, serei forçada a pedir-lhe para encontrar acomodação em outro lugar, e notificarei seu pai da forma adequada. Não vou assumir a responsabilidade por aquilo que não posso controlar.

— Eu entendo — disse Christine, numa voz que não era mais que um sussurro. — Lamento tê-la incomodado.

Christine sentiu-se nauseada.

A mulher se virou e voltou para a cozinha, e Christine, com as bochechas coradas, mas passos determinados, fez o caminho de volta pela sala de jantar. Christine não dispensou nem mesmo um olhar na direção do grupo, nem a costumeira saudação de bom dia.

O Sr. Kingsley havia terminado de ler o jornal e de tomar o café e estava sentado, tamborilando os dedos no volante. Christine sentou-se delicadamente ao lado dele.

— Desculpe-me — murmurou outro pedido de desculpas, envolvendo o casaco desabotoado mais perto do corpo.

O Sr. Kingsley não falou por um momento. Quando o fez, o significado do que disse parecia totalmente obscuro para Christine.

— No futuro, creio que precisaremos fazer alguns outros arranjos — disse ele. — Não há necessidade de você ir para o escritório a esta hora do dia.

Ele colocou o carro em movimento.

Christine não sabia a que o homem estava se referindo.

— Eu apenas tomarei o bonde, como sempre fiz — ela respondeu.

— Isso não vai funcionar. Você teria que sair ainda mais cedo do que isso para chegar ao trabalho na hora certa. Requer cerca de três transferências. Você viajaria por toda a cidade antes de chegar ao escritório.

A jovem não conseguia compreendê-lo.

— Eu não faço transferência em todas as estações — explicou ela. — Vai direto ao longo da rua desde a pensão para o escritório. Essa foi uma das razões porque meu pai escolheu...

— Estou falando sobre o agora — disse ele, olhando para ela. — Não sobre o que foi — mas como será quando estiverem nossa casa.

Christine piscou. O Sr. Kingsley entendeu que ela finalmente aceitara a sua oferta — e que planejava ficar de agora em diante. A jovem buscou rapidamente corrigir essa impressão.

— Oh, eu não me mudei. Simplesmente estava tarde para entrar na pensão ontem à noite. Mas não tenho intenção...

Ele pareceu surpreso.

— Boyd disse...

— Não — disse Christine insistentemente, balançando a cabeça. — Boyd deve ter entendido mal.

— Ele planeja ir hoje, depois do trabalho, para buscar suas coisas. Ele me perguntou se você poderia sair mais cedo, para que pudesse fazer as malas.

— Nós nunca conversamos sobre isso — disse Christine, e de repente se sentiu magoada e com raiva. Por que Boyd faria tais planos sabendo como ela se sentia?

— Ele planeja ligar hoje para aquela — não sei o nome dela — sua senhoria, para dizer a ela...

— Ele não pode fazer isso — interrompeu Christine, sentindo um pânico repentino.

O Sr. Kingsley estava coçando a cabeça sob a aba de seu chapéu, fazendo-o se contorcer como um desenho animado. Christine desejou que ele colocasse as duas mãos de volta no volante. As ruas escorregadias a deixavam nervosa.

— Acabei de falar com a Sra. Green — declarou com firmeza. — Não tenho nenhuma intenção de me mudar.

O homem virou a cabeça novamente e olhou para ela, fazendo-a ficar mais nervosa.

— Bem, não tenho ideia de como as coisas ficaram tão

complicadas. Parece-me que faria muito mais sentido fazer as coisas do jeito que o Boyd está sugerindo. Você se casará em alguns meses. Que diferença...

— Faz muita diferença — argumentou Christine, sentindo as bochechas quentes por causa da frustração e raiva. — Não somos casados agora. Meus pais ficariam muito desapontados se eu deixasse o lugar que meu pai encontrou para mim.

— Parece um pouco antiquado.

— Talvez a conduta adequada sempre seja antiquada — Christine se atreveu a dizer.

Eles pararam no estacionamento e Christine ficou aliviada com o fim da viagem. Agora ela tinha que entrar em contato com a Sra. Green antes que Boyd ligasse para ela. Christine poderia ter telefonado para Boyd antes que ele fizesse o telefonema para a senhoria, mas ele não estaria acordado. O Sr. Kingsley tinha brincado sobre como o menino dormia profundamente. Ele jamais ouviria o telefone. Mas quando se levantasse, em qualquer hora do dia, Boyd provavelmente seguiria com seu plano.

Com a mão trêmula, Christine telefonou para a operadora e deu o número. A Sra. Green logo estava do outro lado da linha.

—Aqui é Christine Delaney. Eu... Compreendo....

Como poderia dizer isso? Parecia feio até para seus próprios ouvidos.

— Houve um... um mal-entendido. Meu... meu noivo está... está pensando que eu... que estou planejando sair de sua pensão para morar em outro lugar. Não tenho intenção de me mudar. Absolutamente nenhuma intenção. Então, se ele ligar, a senhora poderia, por favor, apenas informá-lo que discutirei com ele sobre o assunto?

Christine achou difícil se concentrar no trabalho. Com os pensamentos girando, além do estômago vazio, era difícil manter o foco. A Srta. Stout foi a primeira a abrir a porta pesada, e pareceu surpresa ao ver Christine já em sua escrivaninha.

A moça havia terminado todo o trabalho no dia anterior, e como não havia ninguém para lhe atribuir nova tarefa — exceto o Sr. Kingsley, que não tinha chamado por ela, nem aparecido na porta

que se fechara atrás dele — Christine não tinha nada em particular com que se ocupar. Ela ficou simplesmente ficou mexendo nos papéis, fingindo que estava lendo.

Agora ela cumprimentou a Srta. Stout com um sorriso forçado.

O Sr. Peterson, que foi o próximo a chegar, entrou, bateu os pés bem alto, sacudiu a neve do chapéu no tapete — provocando a carranca da Srta. Stout — e anunciou em sua voz rouca:

— Nevando de novo.

Os próximos dois homens entraram juntos, já envolvidos numa profunda conversa sobre negócios, e nem se preocuparam em dar um aceno de reconhecimento em direção à Srta. Stout. Os lábios da secretária franziram quando olhou para os homens que se afastavam.

Christine finalmente relaxou. Logo poderiam começar o dia. As outras moças que trabalhavam no escritório estariam chegando, o ritmo de seus teclados preenchendo o silêncio incômodo da sala. As coisas ficariam muito melhores quando todos voltassem à rotina normal.

Boyd estava esperando quando ela saiu do escritório. Ele não parecia estar de bom humor, e Christine sentiu um aperto no estômago.

O rapaz não disse nada, apenas abriu a porta do lado do passageiro, então com uma expressão indiferente subiu e deu partida no motor.

Dirigiram por vários quarteirões em completo silêncio, quando Christine disse:

— Precisamos conversar.

Boyd não olhou para ela, mas respondeu rigidamente:

— Você está certa, precisamos conversar.

O rapaz não estava se dirigindo para a pensão onde Christine morava, nem estava tomando o rumo da casa dele. Christine não tinha ideia de onde ele estava indo, mas hesitou em perguntar.

Boyd parou em uma área vazia no topo de uma colina com vista para o rio e desligou o motor.

— Agora — disse ele, endireitando-se —, quer me dizer por que

você quis me fazer parecer estúpido?

A mente de Christine esforçou-se para tentar entender o que ele queria dizer.

— Não entendo...

— Não, acho que não.

O rapaz parecia tão zangado, e Christine não sabia o que tinha feito.

— Eu liguei para fazer os arranjos — apenas para poupá-la da confusão — e foi dito em termos inequívocos que eu estava bem enganado, e não sabia sobre o que estava falando. Disseram-me você não planejava se mudar. Tem ideia de como isso me fez sentir estúpido?

Christine balançou a cabeça:

— Não era minha intenção...

— Não era sua intenção? Certamente você consegue entender como as coisas pareceriam. Vamos nos casar e você me faz parecer...

Ele disse palavras que Christine nunca tinha ouvido dele. As bochechas dela queimaram de vergonha — vergonha dos dois.

— Eu sinto muito.

— Você sente muito? Desculpas não resolvem o problema. Não gosto de parecer estúpido, nem mesmo diante daquela velha bruxa.

Christine ergueu a cabeça.

— A Srs. Green não é uma bruxa velha — declarou ela, com a voz alterada. — E ela está certa. Eu não estou planejando me mudar. Não até me casar. Não pareceria certo. Não seria certo. Minhas...

Christine sentiu um golpe forte na bochecha. Boyd a havia atingido.

A jovem ergueu uma mão para cobrir a vergonha e a humilhação. Apesar de sua determinação, as lágrimas derramaram e os lábios tremeram.

— Agora veja o que você me fez fazer — ele a acusou, mas sua voz se suavizou. Boyd estendeu a mão para atraí-la para seus braços. — Não vamos brigar — ele sussurrou. — Podemos resolver

tudo isso.

Ele estava beijando a testa dela. Christine sentiu o corpo ficar tenso, enrijecer em resistência. Como ele poderia atacá-la em um minuto e beijá-la no minuto seguinte?

O noivo parecia ter percebido a relutância de Christine.

— Vou levá-la para casa. Falaremos sobre isso mais tarde.

Boyd a levou para casa. Logo em seguida, um grande buquê de flores de inverno foi entregue junto com um cartão que dizia simplesmente: Te amo. Boyd. Christine balançou a cabeça em confusão e frustração.

Ela se sentou na cama e olhou para o buquê em sua cômoda.

O noivado era um período tenso. Simplesmente deveria perdô-lo.

As coisas seriam diferentes quando se casassem. Ela só precisava ter cuidado para não pressioná-lo, para não tornar as coisas complicadas para ele.

Elizabeth chegou quando o inverno ainda apertava a cidade com seus dedos gelados. Christine estremeceu na plataforma do trem, agradecida por não estar ventando.

Ela não tinha percebido como seria maravilhoso vera mãe. Quanto estava sentido saudades. Elas se abraçaram, misturando lágrimas e trocando palavrinhas amorosas de mãe e filha.

— Eu disse a Boyd para não vir esta noite — Christine riu e enxugou os olhos. — Quero este tempo só para nós. Ele nos levará para jantar amanhã.

Elizabeth parecia satisfeita com o arranjo.

— Eu quero passar a noite inteira pondo em dia o assunto de todos os acontecimentos dos últimos meses — disse ela.

Eles pegaram um táxi para a pensão e se acomodaram para conversar.

Christine mal conseguia pronunciar as palavras sobre seu Boyd rápido o suficiente, exibindo o anel de diamante e os presentes que ele tinha dado. Ela queria tanto que sua mãe o aprovasse e o amasse também.

— Você vai encontrá-lo amanhã. Mal posso esperar — Christine

concluiu, abraçando sua mãe novamente.

Mãe e filha conversaram até tarde da noite. Depois que Christine finalmente exauriu todas as maravilhas de seu prometido, o foco da conversa se voltou para Wynn e Henry e até mesmo Teeko.

— Ainda sinto falta do Norte — suspirou Christine. — Mas eu gosto daqui também — acrescentou ela rapidamente.

Boyd as buscou exatamente às seis da tarde em ponto e levou-as ao restaurante mais elegante da cidade. O rapaz demonstrou ser era um modelo de pretendente, atendendo a cada necessidade e desejo das duas damas. Christine estava orgulhosa do noivo, e era seguro dizer que a mãe estava impressionada.

Na noite seguinte, os três saíram novamente. Então Boyd as levou para sua casa, para que Elizabeth pudesse conhecer o pai. O Sr. Kingsley foi mais do que educado, foi encantador. Christine nunca o tinha visto tão bem cuidado, atencioso e cortês.

— É uma pena que vocês, senhoras, tenham que ficar na pensão, com todos esses quartos desocupados aqui em casa. Certamente você é bem-vinda para ficar aqui enquanto estiver na cidade, Sra. Delaney. Tenho certeza de que se estivermos acompanhando não haveria desconfianças.

Não, mãe, gritou Christine por dentro, não concorde com isso. Eu iria nunca escapar novamente.

— Melhor não — Elizabeth disse graciosamente. — E agradeço por sua gentileza, mas estamos adorando a oportunidade de dividir um quarto e ter altas conversas de mulher até altas horas da madrugada.

Elizabeth riu suavemente. Para o alívio de Christine, o Sr. Kingsley abandonou o assunto. No sábado à noite, todos saíram para jantar juntos. O senhor Kingsley estava cheio de perguntas sobre o Norte e o trabalho de Wynn na Real Polícia Montada Canadense.

— Fascinante! Muito fascinante. A senhora deve ter muitas histórias para contar, Sra. Delaney.

Quando Boyd os acompanhou até a porta da pensão, ele pegou a mão de Christine.

— Que horas você gostaria de ser apanhada de manhã? —

perguntou ele.

— De manhã? — indagou Christine, tentando se lembrar o que tinham combinado sobre os planos para o dia seguinte.

— Para o sermão na igreja.

— Oh — para o culto.

Christine ficou emocionada com aquelas palavras, mas ainda assim, esperava que a mãe não tivesse percebido a pequena distorção.

— Dez e meia — disse ela, tentando manter sua voz natural. — Acho que assim teremos bastante tempo.

— Tudo bem.

Ele sorriu e se inclinou para beijar sua bochecha. Christine corou na primeira vez que ele a beijou na frente da mãe.

— Obrigada mais uma vez por uma noite muito agradável — disse Elizabeth, estendendo a mão para o jovem.

— O prazer é todo meu — respondeu ele, tocando a aba do chapéu.

Christine sentiu que a semana inteira correu bem — e muito rapidamente.

O Sr. Kingsley até deu a Christine alguns dias de folga, para que a moça e a mãe pudessem fazer compras juntas. Em vão eles procuraram nas lojas pelo vestido de casamento perfeito. Por fim, se decidiram pelo tecido e um modelo.

Elizabeth costuraria o vestido. Seu profundo prazer era evidente enquanto ela ansiava por fazer a roupa que sua filha usaria no dia mais emocionante de sua vida.

Mais uma vez, Boyd as levou para a igreja e ainda conseguiu ficar sem se contorcer muito durante o culto. Em um momento, Christine lançou um olhar na direção do noivo, e descobriu que ele estava realmente ouvindo o que o ministro estava dizendo. Sorriu para si mesma. Deus estava respondendo suas orações. Boyd estava mudando. O coração dela se encheu de felicidade. Sentia-se tão abençoada!

Com lágrimas e promessas, mãe e filha se despediram, e Elizabeth partiu na manhã seguinte. Não demoraria muito até que se

vissem novamente. Boyd estava pressionando por um casamento em junho, e os meses passariam muito rápido. Henry já tinha programado uma folga para que pudesse prestigiar a irmã mais nova.

Christine escolheu uma das jovens da igreja para ser sua dama de honra. Boyd não estava feliz com uma festa de casamento pequena, então pediu que seus amigos fossem incluídos. A noiva concordou, com um pouco de reserva. Ela tinha ouvido poucos de seus amigos nos últimos meses, e secretamente esperava que Boyd não estivesse se encontrando com os amigos tanto quanto antes.

Mas o rapaz deixava pequenos comentários de vez em quando sobre o que um ou outro deles estava fazendo ou havia dito. Christine sabia que ainda mantinha contato.

Creio que é justo que eles sejam incluídos. É o casamento dele também, ela raciocinou.

No domingo seguinte, ela se vestiu para ir à igreja e se sentou no corredor, pois não queria deixar Boyd esperando. Mas o relógio tiquetaqueava indefinidamente e ele não aparecia. Por fim, Christine desistiu e pegou o bonde. Estava muito atrasada, o que a incomodou. Quando ela se aproximou das grandes portas de carvalho, sabia que não entraria sem chamar atenção. Ela se virou e caminhou até a parada do bonde para pegar o próximo de volta para casa.

Isso pareceu um longo domingo sem o conforto do culto, sem o prazer de ver sua igreja e amigos. Parecia que o interesse de Boyd nas coisas espirituais já tinha diminuído.

Elizabeth levou para casa um relato satisfatório. O casal Delaney passou a noite na frente de uma lareira crepitante, enquanto Elizabeth compartilhava todas as aventuras na cidade.

— Nossa filha parece feliz — disse Wynn.

— Parece mesmo.

Teeko se mexeu aos pés de Wynn, bocejou e se deitou.

— Boyd certamente parece um bom rapaz.

— Ele foi muito educado e atencioso.

— O pai parece gostar da Christine.

— Ele parece idolatrá-la.

Um tronco estalou, fazendo centelhas dançarem pelo ar.

— Então, por que ainda vejo dúvida em seu olhar? — e perguntou Wynn com franqueza, estendendo a mão para a esposa.

Elizabeth se agarrou ao suporte que lhe era oferecido e levou um minuto para responder.

— Não sei. Eu só... sinto que... as coisas podem não ser o que parecem ser. Havia apenas algumas... sensações implícitas... Eu oro para estar errada. Mas me sinto mais ... mais aflita agora do que antes de ir.

Suas orações juntos naquela noite por sua Christine foram ainda mais fervorosas do que o normal.





Capítulo 17

—Ah minha nossa! — disse Henry, lendo o último despacho enquanto estava parado na porta do escritório.

— O que foi?

Rogers não levantou a cabeça do relatório que estava completando.

— Teremos um visitante.

Rogers ergueu os olhos naquele momento.

— Isso é bom ou ruim?

— Tão ruim quanto possa imaginar. Tudo, menos assassinato. Acabou de completar uma pena na prisão, e foi solto anteontem. Agora está nas ruas, e eles acham que está voltando para cá.

— Você diz ‘voltando’. Ele é daqui?

Henry sentou-se pesadamente e continuou lendo.

— Tem um barraco ao longo do riacho, em algum lugar. Esta já é sua terceira viagem com alojamento e alimentação grátis.

— Por que deixam um cara desses sair? — Rogers estava de pé agora, movendo-se em direção à cadeira de Henry. Ele se apoiou na mesa e olhou por cima do ombro de Henry. — Olha para ele. Olha essa cara. Ele até parece diabólico.

Rogers pegou o jornal e olhou para a foto da polícia.

— Então é esse que precisamos buscar? — Rogers perguntou enquanto colocava a folha de volta na mesa.

— Pode haver algumas mudanças. Barba, sem barba, corte de cabelo diferente, esse tipo de coisa — até uma tintura. Há muitas maneiras de mudar a aparência. Mas estude os olhos. Ele não pode mudar os olhos. Olhe para ele. Esse cara tem um olhar...

— Sinistro — completou Rogers.

Ambos estudaram a foto.

— Olha aqui — disse Henry. — Ele tem uma cicatriz ao longo da mandíbula. Ele quase poderia esconder sob uma barba. Mas provavelmente ainda mostraria um pouco — bem aqui.

— Uma cicatriz. Lado esquerdo. Sim, ele não conseguiria esconder isso.

Os dois examinaram a imagem como se quisessem memorizar cada linha, cada detalhe. A vida de alguém poderia depender disso.

Henry balançou a cabeça e recostou-se na cadeira, correndo um dedo sobre o bigode.

— Cara, eu odeio isso — exclamou Rogers, endireitando-se. — Pensei que esta era uma pequena cidade agradável e segura para minha esposa e filhos.

— Temo que não seja seguro para ninguém com ele por aí — especialmente mulheres que podem estar sozinhas.

Os pensamentos de Henry imediatamente saltaram para Sam. Será que eles conseguiriam protegê-la?

— Talvez ele não apareça.

— Espero e oro para que não apareça. Não temos homens

suficientes para continuar com nossas tarefas regulares e manter um serviço de vigilância vinte e quatro horas de um cara assim.

Rogers voltou para a mesa, esfregando a mão vigorosamente sobre a cabeça.

— Ajudaria muito se pudéssemos colocar as pessoas em alerta.

— Você sabe que não podemos.

— Sim, eu sei. Mas me parece uma estupidez. Aqui está um cara perigoso à solta e temos que esconder a identidade dele.

— Não vamos dar cobertura para ele. Se o homem aparecer, vamos observá-lo como um falcão. Se ele sair da linha — fizer qualquer coisa, qualquer coisinha — nós o pegamos.

— Ele provavelmente tem bastante experiência em crimes, vai precisar bastante vigilância.

— Então nós seremos páreo para ele.

Apesar de todas as garantias que deu a Rogers, Henry se sentia inquieto. Incerto. Como os três poderiam ficar de olho em toda a cidade e arredores? Era impossível.

Ele precisava de informações mais detalhadas sobre o homem. Contra quem estavam lutando?

Sua ligação para a sede não lhe concedeu maiores informações, só o deixou ainda mais preocupado. Em outras ocasiões, sabia-se que este homem tinha perseguido mulheres que ele sabia que estavam sozinhas.

O horário noturno — entre nove e meia-noite — parecia sua preferência. Isso era tudo que eles tinham para comunicar.

Henry não conseguia voltar a trabalhar. Ele finalmente desistiu e estendeu a mão para seu Stetson.

— Fique de olho nas coisas — disse ele para Rogers. — Estarei de volta em breve.

Ele caminhou lentamente até a casa de Sam, tentando fazer com que seu coração tolo parasse de martelar. Se ao menos houvesse alguma maneira — alguma maneira legal — para deixá-la saber sobre esta possível ameaça à sua segurança.

Henry não estava certo se outro corte de cabelo seria questionado. Não fazia muito tempo que havia cortado. Será que

poderia mencionar o clima mais quente? Não, seu cabelo nunca foi longo o suficiente para causar-lhe qualquer preocupação com o calor.

Bem, talvez ele pensasse em algo, qualquer coisa, apenas para ter uma chance de falar com ela, ver se havia alguma maneira de alertá-la e certificar-se de que Sam permanecesse segura.

O jovem policial se aproximou da porta assim que ela se abriu. Outro cliente estava saindo. Henry deu um passo para o lado e acenou com a cabeça em saudação. O homem, que estava apenas colocando o chapéu — um Stetson preto surrado, de aba larga — devolveu o aceno. Henry notou intensos olhos escuros pouco antes de o chapéu os esconder de vista.

Imediatamente, Henry olhou para a bochecha do homem, coberta com uma barba escura que começava a despontar. Ali, logo abaixo da costeleta, estava a ponta irregular de uma cicatriz.

Henry se sentiu como se tivesse levado um chute no estômago. O pior medo dos policiais acabara de se realizar, e o criminoso já tinha feito uma visita a Sam. O policial abandonou a ideia do corte de cabelo, se virou e voltou para o escritório.

Henry supôs que nenhum deles estava dormindo muito. Os carros da polícia foram mantidos em movimento, especialmente nas horas noturnas, subindo e descendo as ruas, cruzavam, de volta e avante, sem parar, buscando sombras, se assustando ao perceber jornais voando com o vento ou um gato derrubando uma lata de lixo. E ninguém na cidade sabia de seus estômagos agitados, o medo intenso, o desgaste de energia.

Duas vezes viram o homem nas ruas. Duas vezes o seguiram quando ele saiu, certificando-se de que estava voltando para sua casa, nas colinas.

O bandido dirigia uma picape velha e surrada, que um dia fora azul, com uma placa pendurada ao acaso com arame farpado. Um cachorro sarnento sempre andava no banco da frente ao lado dele, e rosnava profundamente quando alguém se aproximava do veículo.

— Você acha que eu poderia provocar um ataque daquele cachorro? — questionou Laray.

— Não tente fazer nada que possa machucá-lo — advertiu Henry.

A verdade é que ele mesmo havia pensado nisso. — Ele não teria que fazer mais do que destruir o cachorro. Isso não resolveria nosso problema.

Na próxima vez que o condenado esteve na cidade, Laray entrou no escritório sem fôlego.

— Acabei de ver aquele cara atravessando a rua de forma imprudente. Quer que o traga aqui?

Henry balançou a cabeça. Todo mundo atravessava a cidade dessa maneira uma vez ou outra.

— Não, eles nunca o acusariam por isso. Ele pode ter que pagar uma multa de vinte dólares, isso é tudo. Apenas mantenha um olho nele. O cara vai tropeçar qualquer dia desses.

Henry queria acreditar nas próprias palavras, mas estava cada vez mais nervoso com toda a situação.

Não ajudou nada quando Henry foi para o corte de cabelo costumeiro, encontrou novamente o sujeito que acabava de sair.

Desta vez, o homem estava sorrindo e tirou o chapéu para Henry.

Houve muito pouco sono depois disso. Os três patrulharam com entusiasmo, prestando especial atenção a qualquer residência onde sabiam que uma mulher morava sozinha. Jessie recebia carona para casa em uma viatura da polícia, se tivesse que fechar a cantina muito tarde.

Os oficiais se esqueceram da escala, dedicando tantas horas que conseguiam administrar e ainda funcionar. Henry estava preocupado sobre a família de Rogers. As meninas deviam estar se perguntando por que o pai tinha que se ausentar por tanto tempo. Possivelmente o oficial tinha confiado na esposa. Henry pensou que também teria sido tentado a dar algum tipo de aviso, se tivesse uma esposa e menininhas em casa.

Henry decidiu que a viatura era um pouco óbvia demais e começou a andar pelas ruas. Ele não queria a cidade inteira especulando qual era a razão por que estavam fazendo rondas na vizinhança.

Seu circuito o levava muitas vezes durante a noite até o chalé de Sam. Ele sempre ficava do outro lado da rua, escondido por uma moita de caraganas, e vigiava e esperava. Os olhos buscavam movimento,

sombra, qualquer coisa que não pertencesse à noite.

Estou ficando totalmente nervoso, ele percebeu quando o canto de um pássaro noturno o assustou.

O policial estava prestes a se afastar, e seguir em frente quando pensou ter visto um movimento na porta de tela. Sentiu o estômago dar uma reviravolta. Com o coração batendo forte, Henry atravessou a rua e silenciosamente foi até a varanda. A porta de tela balançava suavemente para frente e para trás com a brisa leve. Henry estendeu a mão para a maçaneta de latão da porta de madeira, orando que a porta resistisse sua tentativa.

Não funcionou. Com um rangido suave que o deixou enjoado, a maçaneta virou e a porta abriu.

A casa estava envolta em escuridão e silêncio. Mas Henry tinha que saber. Precisava saber. Será que devia chamar? Devia acender uma luz? Não, se houvesse de fato um intruso na casa, Henry não queria assustá-lo.

Mas e se o sujeito já tivesse estado lá e ido embora? Esse pensamento levou impulsioneiro Henry a seguir adiante. Tropeçou em algum móvel, repreendendo-se pelo barulho de arranhão que causou. Com a mão estendida, seguiu o caminho tateando. Não tinha ideia de onde ficavam os quartos.

Henry estava prestes a entrar em outra porta quando viu um movimento à sua esquerda. Ele parou, ficando absolutamente imóvel, preparando-se para avançar. Uma cortina estremeceu com a brisa na janela, deixando entrar um fecho de luz do poste em frente à casa. A Sam estava lá, com o braço erguido, preparando-se para a batalha contra o intruso. Antes que ele pudesse dizer uma palavra, ela arremessou o que tinha nas mãos com toda a força. Henry teve apenas suficiente presença de espírito para levantar o outro braço, desviando o golpe do pedaço de lenha que veio arremessado contra ele. O fim do pedaço de pau roçou sua bochecha. Henry pôde sentir a ardência quando gritou:

— Sou eu. Delaney.

Ele ouviu a jovem respirar fundo. No próximo instante a sala foi inundada de luz. Sam ficou ali, respirando pesadamente por causa do susto e do esforço. Seu rosto estava tão pálido quanto o manto

gasto, emoldurado pelos cabelos caindo sobre os ombros.

— O que diabos você pensa que está fazendo? — ela exigiu saber.

— Sua... sua porta estava aberta — disse ele desajeitadamente, enxugando a bochecha com o lenço.

— Aberta? Estava fechada quando fui para a cama.

— Bem, a porta de tela estava balançando ao vento.

— Costuma balançar com o vento.

A jovem não estava tornando mais fácil a situação.

— Quando conferi, descobri que a porta interna não estava trancada.

— A maioria das pessoas nesta cidade não se preocupa em trancar as portas.

— Bem, eles deveriam — disse ele com firmeza. — A partir de agora eu quero aquela porta trancada todas as noites.

— Você tem tanto tempo livre que está policiando portas agora? — perguntou Sam, em vidente tom de sarcasmo.

Henry se moveu em direção à porta.

— Por favor, por favor — disse ele. — Estou pedindo que você faça isso por razões que não tenho liberdade de divulgar.

Ela deu um passo para trás e engoliu seco, demonstrando uma expressão totalmente diferente da anterior.

— Você quase me matou de susto — disse ela, puxando seu robe mais apertado ao redor do corpo esguio.

— Sinto muito, não era essa a intenção. Desculpe-me.

— Estou um pouco nervosa — admitiu ela. — Tem esse homem que tem vindo no salão ultimamente. — Sam balançou a cabeça. — Bem,, de qualquer maneira... — Ela parou e foi em direção à cozinha. — Venha aqui, para não acordarmos Danny. É melhor eu dar uma olhada na bochecha.

— Está tudo bem. Foi apenas um pequeno arranhão, só isso. Só — por favor — tranque a porta quando eu sair.

— Certo. Eu vou trancar.

Assim que voltou para a calçada, Henry terminou de limpar o machucado, que já começava a ficar inchado. Tinha levado uma

bela pancada no braço. O jovem policial balançou a cabeça; logo, surgiu um sorriso em seus lábios. A pequena dama tinha um golpe poderoso.

— O que aconteceu com você?

Henry sabia que seria questionado. Ele não tinha como ser evasivo, e não estava disposto a mentir.

— Um pedaço de lenha. Confundiram minha identidade — ele respondeu sem olhar para cima.

— Então quem... confundiu você? — Laray largou a xícara de café e examinou o hematoma.

Henry manteve os olhos no mapa que estava estudando.

— Bem... foi a Sam, na verdade.

Ele ainda estava debatendo sobre o protocolo policial adequado. Será que teria que registrar um relatório sobre isso?

— Sam? O pai ou a filha?

— A filha.

Henry teve a impressão de ter ouvido uma risadinha, mas não olhou para verificar. Percebeu que podia muito bem contar logo tudo, já que aparentemente ia ser interrogado até a morte.

— Eu estava patrulhando a rua perto da casa dela, quando vi que a porta de tela estava aberta. Eu chequei. Descobri que a outra porta não estava trancada. Entrei para ver se estava tudo bem e...

— Você entrou?

Tudo aquilo pareceu muito estúpido. Henry se apressou a concluir.

— Ela pensou ser um intruso...

— Era mesmo — Rogers se atreveu a dizer com um sorriso malicioso.

— Então ela bateu em você com um pedaço de lenha? — Laray soou incrédulo.

— Não bateu... exatamente. Ela jogou em mim.

Agora ele sabia que os dois estavam rindo. Henry não olhou na direção deles. Apenas continuou olhando para o mapa que não estava vendo.

— Então ... — Disse Laray após alguns momentos de silêncio

pesado. — Você vai prendê-la por agredir um policial?

— Acho que não — Henry agarrou seu Stetson e deixou o escritório em meio a gargalhadas. Ele sabia que demoraria algum tempo antes que os meninos estivessem dispostos a deixá-lo esquecer todo o incidente.

Eles finalmente conseguiram uma pausa. Laray, seguindo o ex-presidiário em outra de suas visitas à cidade, o pegou em flagrante roubando um maço de cigarros. Não era muito — foi um roubo mesquinho. Mas poderia ser o suficiente para ganhar um pouco de tempo. Pelo menos algumas noites de sono. Eles esperavam que o juiz, independente de quem fosse, seria capaz de ler um pouco nas entrelinhas, e encontrasse um motivo para dar ao sujeito a sentença máxima permitida pela ofensa.

Todos eles respiraram com um pouco mais de facilidade enquanto o carregavam, algemado, na parte de trás da viatura e deram-lhe uma carona com escolta para a cadeia.



Capítulo 18

Com a primavera veio o clamor dos meninos da igreja para fazerem planos para a viagem de acampamento. Henry achou que ainda era muito cedo. Ainda havia bolsões de neve em locais protegidos e as trilhas ainda estavam lamacentas em local de leitos de estradas secos. As noites traziam um friozinho que ainda faziam estremecer, mesmo sob cobertores aquecidos por uma fogueira. Mas os meninos continuaram a persuadir e assediar seus pais, o pastor e o líder do clube, Henry.

— Talvez no fim de semana de Páscoa — admitiu Henry. — Se não tivermos outra tempestade daqui até lá.

Para os meninos, isso era uma promessa. Eles começaram a

planejar com vigor renovado. Henry logo tinha treze meninos prontos para empacotar as mochilas e ir para as colinas.

Henry tinha acabado de sair do culto matinal quando sentiu um puxão na ponta do casaco. Ele se virou para encontrar Danny, o rosto corado com ansiedade, olhando para ele.

— Posso ir também? Por favor?

De todo o coração, Henry queria dizer sim. Mas ele sabia não era sua decisão.

— Ora, ora — disse ele, procurando ao redor pela mãe de Danny —, receio que não posso decidir isso, Danny. Sua mãe precisará lhe dar a permissão.

— O senhor pedir a ela? Por favor. Eu pedi e ela disse que eu era muito pequeno.

Henry não sabia como responder ao menino.

— Por favor — a criança implorou mais. — Papa Sam acha que eu sou grande o suficiente.

— Talvez Papa Sam deva falar com sua mãe.

— Ela precisa ouvir do senhor — disse ele com a percepção intuitiva de uma criança —, o que vamos fazer no acampamento, o que precisamos levar, todas essas coisas.

Henry acenou com a cabeça, perguntando-se no que estava se metendo.

— Vou tentar — disse ele, bagunçando o cabelo do menino. Henry notou novamente como era colorido como o da mãe.

— Obrigado — Danny parecia confiante e animado.

Henry agachou-se no nível de Danny e olhou em seus olhos.

— Lembre-se, Danny, eu disse que ia tentar. Sua mãe pode ter razões muito boas para dizer não...

Mas Danny já estava correndo com um grande sorriso de esperança em seu rosto.

Henry ficou de pé, a mente tendo que lidar com o desafio que tinha diante de si. O jovem policial não tinha ideia de como se aproximar da jovem barbeira. Sam obviamente o evitava desde o incidente com a lenha. Na verdade, além de um breve aceno de cabeça nas manhãs de domingo, eles não trocaram nem mesmo

uma saudação. Henry já havia prolongado mais do que deveria os dias entre os cortes de cabelo. Levou a mão para sentir a nuca antes de colocar o chapéu. Não seria possível adiar o corte por muito mais tempo.

Mas, mesmo enquanto descia os degraus para a calçada, acenando para as duas senhoritas Walker enquanto descia, Henry sabia que não seria sábio tentar discutir o assunto quando estivesse na cadeira de barbeiro. Normalmente, havia outros clientes que vinham para cortar cabelo, e não havia necessidade de a cidade participar da conversa.

Henry pensou que seria uma boa passar na casa dos pais dela e solicitar a intervenção deles em nome de Danny. Com certeza eles poderia ser mais persuasivos — e provavelmente mais bem-sucedidos do que ele.

Mas também descartou essa ideia. Tinha assegurado à criança que faria isso, e Danny estava contando com ele. Henry telefonou para Sam assim que voltou da Igreja.

— Desculpe incomodá-la em um domingo, mas há um assunto que gostaria de conversar com você. Seria possível que pudesse me receber por alguns minutos?

Houve uma pausa, então:

— Não há mais intrusos, não é? Espero... Estou mesmo trancando minha porta.

Henry não podia dizer pelo tom de voz de Sam o que ela quis dizer com o comentário.

— Isso é bom — decidiu que essa era uma resposta segura. — No entanto, não é sobre isso que desejo discutir.

Ele pôde ouvir um suspiro na linha.

— Tudo bem. Quando? — ela concordou.

— Isso é com você. Da minha parte, quanto mais cedo melhor.

— Está certo — disse ela. — Esta tarde?

— Seria bom. Que horas?

— Por volta das quatro?

— Quatro? Certo. Está ótimo.

Henry estava prestes a desligar quando pensou em outro detalhe:

— Olha — disse ele —, poderíamos ter esta conversa sem a presença de Danny?

— Ora, por quê? — ela parecia ter dificuldades para compreender.

— Eu realmente não posso dizer agora. É apenas... Acho que ficaremos um pouco mais à vontade para falar — abertamente —, se ele não estiver por perto.

Seu silêncio provavelmente indicou que ela não gostou da ideia.

— Eu pensei que talvez ele pudesse passar um pouco de tempo com seus pais pessoal — ele se apressou.

Ela finalmente disse:

— Tudo bem.

— Vou passar por aí às quatro. Nós podemos ir...

— Não, não, isso não será necessário. Podemos conversar sobre qualquer coisa que precisa ser discutida na minha varanda.

— Muito bem.

Henry não conseguiu deixar de ficar desapontado. O rapaz já criara imagens mentais fugazes de um passeio no campo. Talvez uma parada para uma xícara de café. As folhas estavam começando a desenrolar dedos verdes; as gramas estavam surgindo em meio ao marrom do inverno. Cotovias cantavam das cercas acinzentadas. Henry pensou que essa poderia ser a chance....

Bem, de qualquer maneira, sabia que não devia argumentar.

— Vejo você às quatro, então.

O clique quando ela desligou o receptor ressoou em seu ouvido com finalidade simbólica.

Isso não vai funcionar, pensou Henry, esfregando a mão no cabelo. Pobre menino. Ela nem mesmo o deixa ser um garoto...

Mas Henry sabia que estava desapontado por mais razões do que simplesmente Danny. Sam deu outro sinal claro: ela não queria ter nada a ver com ele. Por um momento, o rapaz desejou nunca ter sido transferido para este destacamento, nunca tê-la visto novamente.

Mas soube imediatamente que essa não era a verdade. O alívio

de saber que Sam estava se virando bem valia a pena cada minuto da distância resoluto de Sam a respeito de qualquer oferta de amizade.

Henry decidiu não preparar a própria refeição no final das contas e agarrou o chapéu novamente. A refeição de domingo de Jessie podia queimar todo o caminho até embaixo, mas um pouco de companhia certamente iria superar o tempo gasto agonizando com a situação.

O tempo se arrastou até as quatro horas. Duas vezes Henry começou a se dirigir à porta, então se obrigou a sentar-se novamente. Não queria chegar cedo, pois Sam perceberia qualquer sinal de ansiedade com suspeita.

Pontualmente às quatro, ele chegou e bateu. Sam respondeu imediatamente. Henry se questionou se ela estava esperando pela batida, então rapidamente repreendeu a si mesmo:

Claro que ela está esperando. A Sam provavelmente deve ter ficado desconfortável durante toda a tarde, sabendo que eu estava chegando.

Danny não estava à vista.

A jovem acenou com a cabeça em direção a um conjunto de cadeiras de galho de salgueiro na varanda. Ele tirou o chapéu e a cadeira rangeu ligeiramente quando se sentou.

— Bela cadeira — comentou ele, passando a mão sobre a superfície lisa e gasta do braço.

Ela se sentou na outra cadeira, envolvendo-se em um xale um leve.

— Parece que a primavera realmente veio para ficar — observou ele. — Vi o meu primeiro pássaro azul outro dia. Você pode confundir os tordos de vez em quando, mas raramente pode enganar os pássaros azuis.

Sam não disse nada.

— O riacho está agitando um pouco — ele tentou novamente. — Vamos ter que observar a partir de agora. O degelo da montanha pode transbordar o riacho.

A moça se mexeu.

— Olha, eu sei que você não veio aqui para conversar sobre as cadeiras ou o tempo.

Ele se endireitou, fazendo o salgueiro reclamar novamente.

— Não. Não — disse ele, levantando-se conscientemente para esfregar o bigode.

— Então, sobre o que veio conversar?

— Danny — disse ele abruptamente.

A jovem mãe se endireitou visivelmente.

— Ele ...ele está com problemas? — a voz dela parecia presa na garganta.

— Danny? Ah não. Que problemas ele poderia ter?

— Não tenho ideia, mas...

Henry percebeu a preocupação de uma mãe em seu tom e sentiu-se culpado por ter dado a ela qualquer motivo de preocupação.

— Danny é um ótimo garoto — disse ele com sentimento. — Você não precisa se preocupar com ele.

— Então por que...

— Ele que me pediu para conversar com você.

Isso pareceu detê-la — trouxe um semblante severo para a fronte lisa.

Henry sabia que tinha que expor seu caso rapidamente, colocar tudo para fora, e depois ela podia meditar sobre isso e, com sorte, entender como era importante para o filho.

— Ele soube do acampamento — disse ele rapidamente.

— Todo mundo já soube. — Ela conseguiu sorrir. — Esses meninos não falam de outra coisa. E...?

— E ele quer ir.

Henry ouviu Sam inspirar e soube que diria não sem nem mesmo pensar nisso. O rapaz deteve com uma mão levantada.

— Antes de dizer qualquer coisa, por favor, deixe-me contar todos os detalhes sobre o acampamento. Há uma dúzia de meninos ou mais e dois pais. Nós ficaremos apenas uma noite. Eles vão pescar um pouco, dormir sob as estrelas, comer comida de fogueira e vão pensar que estiveram em uma verdadeira aventura.

— Ele é muito pequeno — disse ela imediatamente.

— Taylor está levando o filho dele, e o garoto tem a mesma idade que o Danny.

— Taylor pode fazer o que quiser.

— Mas Danny e Ralph brincam juntos...

— Isso não significa que eles tenham que acampar juntos.

Henry esfregou a mão no queixo, pois sabia que não estava conseguindo chegar a lugar algum.

— Danny pode ser pequeno, mas será bem supervisionado. Eu vou assumir a responsabilidade pessoalmente.

Mesmo enquanto dizia as palavras, sabia que sua explicação não parecia boa o suficiente.

— Você estará ocupado com uma dúzia de meninos.

— Isso não significa que não posso manter uma vigilância especial para o Danny.

— Olha — disse ela, com a voz fria e tensa. — Ralph Taylor terá seu pai. Seria diferente se...

— Eu cuidaria do Danny da mesma maneira.

— Não, não, não cuidaria. Você não é o pai dele. Não pode agir dessa forma. Não entende o que é um pai?

Henry se levantou. Ele tinha perdido. Pobre garotinho.

— Sim — disse ele, pegando seu Stetson —, acho que entendo. Fui criado em um grande bando de irmãos brutos. Eu era o mais novo e o mais baixo na hierarquia. Meu pai — pelo menos foi o que me disseram que ele era, se importava muito mais com a garrafa do que com os filhos. Eu morria de medo dele. Minha maior vontade era ficar tão fora de seu alcance quanto podia, especialmente quando o homem estava de ressaca. Então, um dia, conheci esse homem. Ele me levou para acampar, me ensinou sobre a vida — e sobre o amor. Ele lutou de todas as formas à que tinha acesso, até que eu finalmente partilhei não apenas sua casa, mas também seu nome. Era isso que eu queria, o que eu precisava. Aceitação, amor. O direito de crescer para ser um homem, com um modelo para me mostrar como prosseguir. Agora, senhora, eu pergunto, quem é meu pai?

Henry não esperou pela resposta. O rapaz acenou com a cabeça na direção de Sam, enquanto recolocava o chapéu e desceu os degraus de madeira passos sem olhar para trás.

O acampamento foi um grande sucesso aos olhos de todos, menos de Henry, que mantinha no fundo de sua mente a imagem dos olhos tristes do garotinho quando relatou que a missão havia falhado.

— Talvez Papa Sam fique melhor o suficiente para me levar — Danny finalmente disse com o queixo tremendo, inclinando a cabeça para a frente para esconder as lágrimas que ameaçavam cair.

Henry acenou com a cabeça. Com a ajuda do chá de raiz, Sam Martin estava melhorando lenta, e continuamente, mas ainda tinha um longo caminho a percorrer antes de estar pronto para levar o neto para a floresta.

— Ei — disse Henry ao garoto, tentando parecer alegre. — Haverá muitos acampamentos.

Ele cutucou o ombro do menino, tentando brincar. Não foi muito consolo. Henry sabia que era difícil para um menino esperar.

Mas todos os demais se divertiram maravilhosamente. Conseguiram pescar três peixes, que foram prontamente preparados para cozinhar na fogueira.

Embora a refeição estivesse um pouco carbonizada — já que o Sr. Taylor estava conduzindo a frigideira e não tinha experiência em cozinhar a céu aberto — os meninos declararam que era o melhor que já haviam comido. Regaram o jantar com água de uma pequena fonte.

Lentamente, o sol se pôs e os coiotes começaram a uivar. Henry percebeu alguns dos meninos se aglomerando um pouco mais perto dos adultos no grupo, mas na maioria das vezes eles não pareciam ficar assustados com o som estranho.

Eles se divertiram tentando apontar as diferentes constelações conforme Henry as identificava.

— Uau — eles disseram, e parecia que estavam olhando para o céu noturno pela primeira vez. Os meninos não tinham ideia de que as estrelas tinham nomes.

A adrenalina ainda estava bombeando muito rápido, e demorou

para colocar todos na cama e em silêncio. Assim que se acomodaram, não demorou muito para o sono chegar.

Henry não tinha certeza de quem foi o primeiro a se levantar pela manhã.

Ele era madrugador, mas o acampamento já estava agitado quando abriu os olhos. O sol ainda nem havia nascido. Henry saiu arrastado das cobertas, esfregando as mãos enquanto se movia até o fogo da manhã. Fazia frio no sopé da colina, primavera ou não.

Henry notou que nenhum dos meninos parecia ter sofrido com o frio. Eles estavam correndo, empurrando, puxando, chutando e caindo. Se não estavam aquecidos durante a noite, eles certamente estavam quentes agora.

Ele sorriu e segurou um fósforo na grama seca para acender as chamas.

— Podemos pescar de novo? — perguntou uma voz ansiosa ao seu lado.

— Hoje é dia de caminhada pela natureza — respondeu Henry.

O menino resmungou, deixando claro que preferia pescar.

— Veja bem — disse Henry —, se você quer ser um lenhador, precisa saber tudo sobre a vida ao ar livre.

Isso pareceu satisfazer o rapazinho, que saiu correndo para informar aos outros que aprenderiam a ser lenhadores. Ouviu-se um viva. Henry não os levou para uma caminhada muito longa. Sabia que embora estivessem ativos, não estavam acostumados a longas caminhadas subindo e descendo colinas. Passaram o tempo observando e aprendendo — sobre a grama, os arbustos, as formações rochosas, os animais selvagens. Um alce até lhes conferiu a honra de fazer uma aparição. Com a galhada de chifres majestosos erguidos, ele testou o ar para ver se devia se preocupar com a presença dos intrusos. O grande alce não soou o alarme, apenas sacudiu sua poderosa cabeça e marchou de volta para o bosque de pequenos choupos e saiu de vista.

Quando voltaram ao acampamento, os meninos estavam exaustos, e ninguém ofereceu resistência quando foi sugerido que descansassem enquanto os homens preparavam o almoço. Era a vez de Henry usar a frigideira. O aroma de dar água na boca de

bacon frito encheu o acampamento.

Enquanto o grupo enrolava cobertores e separava os pertences, os meninos estavam fazendo planos para a próxima viagem. Henry tinha que cortar pela raiz os planos exuberantes para outra aventura no fim de semana seguinte.

— Ei — exclamou Henry interrompendo o entusiasmo dos meninos, sorrindo apesar de si mesmo. — Um homem tem que trabalhar para viver, vocês sabem.

— Quando podemos acampar de novo? — várias vozes perguntaram em um coro ruidoso.

— Vou verificar a escala e então poderei informá-los — prometeu ele.

Na verdade, Henry iria desfrutar de um passeio assim quase tanto quanto os meninos. Se ao menos Danny tivesse permissão para vir...

A tristeza de Henry não foi dissipada na manhã seguinte, na igreja, quando todos os meninos estavam animadamente contando causos sobre o acampamento — os peixes que pescaram, as estrelas que puderam nomear, a comida que comeram e a caminhada que fizeram — um Danny, ouvindo com o rosto triste, à beira das lágrimas.

Logo, os meninos estavam dizendo que iam acampar novamente. O sargento havia dito isso. Assim que ele tivesse uma folga.

— Quando você crescer talvez possa vir junto com a gente — observou um menino chamado Tom para Danny. Henry viu o queixinho tremer. Ele não tinha certeza se o menino mais velho pretendia consolar ou queria ser cruel. De qualquer forma, o resultado foi o mesmo.

Henry apertou a mandíbula e começou a descer a trilha em direção de casa. Estava decidido a tentar novamente. Tinha que tentar, por causa de Danny.

O rapaz não telefonou para Sam primeiro. Simplesmente apareceu na varanda e bateu na porta. A moça estava usando um avental sobre o vestido de domingo, e segurava um grande garfo na mão. Henry podia sentir o cheiro de frango frito.

— Lamento interromper o seu domingo — ele começou

rapidamente —, mas prometo não tomar muito de seu tempo.

Sam concordou.

— Você vai ter que esperar enquanto eu tiro o frango do forno.

Henry assentiu, e cruzou para a cadeira da varanda.

Sam não o deixou esperando por muito tempo, e quando voltou, ainda usava o avental. Ele se levantou, com o chapéu nas mãos, girando e girando em seus dedos.

— Tenho certeza que ouviu toda a conversa esta manhã — entre os meninos, quero dizer.

Ela sorriu.

— Quem poderia deixar de ouvir?

— Eles se divertiram muito — admitiu ele.

— Eu o parablenizo.

Não foi isso que Henry quis dizer. Não era o que ele queria ouvir.

— Eles são só garotos — ele foi rápido em emendar. — Eles adoram esse tipo de passeio.

O silêncio e a expressão fechada de Sam diziam mais do que palavras.

— Só estava pensando... Quero dizer.... Danny estava tão desapontado... Eu me perguntei...

A moça parecia estar imediatamente na defensiva. Henry a viu enrijecer os ombros.

— Ele não vai sair com seus meninos — disse ela.

— Não... isso não. Eu só estava me perguntando se faria algum diferença se eu o levasse... sozinho. Para que eu pudesse tomar conta dele em tempo integral. Só nós dois.

Henry desacelerou o discurso até parar, quando viu o queixo de Sam começar a tremer.

— Olha — ela conseguiu dizer —, sei você não consegue entender. Eu já perdi o pai dele. Acha mesmo que eu arriscaria qualquer chance de perdê-lo?

Então era isso. Ela estava assustada. Morria de medo que algo acontecesse com Danny.

Ao vê-la ali, com o rosto pálido, contorcido pela emoção e

memórias dolorosas, Henry sentiu vontade de aproximar-se dela novamente. Abraçá-la, como tinha feito antes, para tentar reconfortá-la. Sam ainda deveria estar em profundo pesar. Se ao menos deixasse alguém aliviar a tristeza.

Henry não conseguia se mover, não conseguia falar. Ele engoliu em seco. Sam dissera que ele não conseguia entender, mas ele conseguia. Por anos ele compartilhara sua dor noite após noite miserável. Henry tinha anelado por ela. Derramou até lágrimas por ela. Orou para que ela pudesse encontrar a cura.

Mas não podia dizer nada disso agora.

— Desculpe-me — disse ele em vez disso. — Eu não deveria tê-la incomodado. Eu realmente sinto muito.



Capítulo 19

—Onde está o Laray?

— Recebemos um telefonema daquele fazendeiro sobre o urso. O animal pegou mais alguns bezerros.

— Laray saiu para verificar?

— Eles vão checar pelo interior, ver se encontram vestígios. Quem sabe conseguem localizar a cova.

— Provavelmente não se acomoda em um covil nesta época do ano. Apenas na gamas.

— Bem, verão o que podem encontrar.

— Ele levou o rifle? — Henry quis saber. — Um urso saqueador pode ser um inimigo formidável.

— Levou sim. O fazendeiro vai cavalgar com ele. Em caso de algo acontecer, haverá alguém para cobri-lo.

Henry folheou os relatórios que chegaram. Nada de mais aqui que eu precise me preocupar, ele pensou. Todos assuntos da cidade.

Ele decidiu dar uma volta para verificar uma reclamação de um fazendeiro que alguém havia cortado uma de suas cercas. Ele esperava que não fosse verdade. Talvez um animal selvagem ou algum outro fenômeno natural tenha rompido o arame. Mas, ao observar de perto, ele percebeu que realmente tinha sido feito com alicate de corte. Henry passou algum tempo procurando por qualquer indício que pudesse lhe dar uma direção, ajudou o fazendeiro a consertar a área e voltou para a cidade para escrever seu relatório. Eles teriam que observar esse problema de perto. Cortar cercas era semelhante a roubar — e nunca havia uma razão legítima para o fazer.

Henry tinha acabado de fazer uma refeição na cantina de Jessie quando Rogers entrou. Henry soube, sem perguntar, que havia algo errado. Ficou de pé antes mesmo de pousar a xícara de café no pires.

— É o Laray — disse Rogers, com o rosto e a voz tensos.

— Ele encontrou o urso?

— Foi o urso que encontrou ele. O Laray está machucado — muito mal.

Henry nem mesmo parou para pegar o chapéu Stetson.

— Onde ele está? — perguntou Henry enquanto se dirigiam para a porta.

— O fazendeiro está com ele no caminhão. Ele vai passar por aqui a caminho do hospital. Queria saber se alguém queria ir junto.

— Claro — disse Henry. — Encontre-me no escritório.

Ele praticamente correu para o prédio que abrigava o destacamento, com a mente em um turbilhão. O que precisa ser feito? O que ele poderia fazer? Ele pegou o telefone e discou para a operadora.

— Conecte-me com o hospital — disse ele secamente. — Emergência.

Havia pouco que pudesse dizer ao pessoal médico. Só podia dizer estavam seguindo com um paciente que havia sido atacado por um urso. Ele não tinha ideia de quais eram os ferimentos, apenas que eram considerados sérios.

Quando desligou o telefone, Rogers já estava lá. Ele havia trazido o Stetson de Henry.

— Vou esperar na Rua Principal — disse Henry. — Você mantenha o controle sobre as coisas aqui.

Henry não teve que esperar muito, até ver a poeira do caminhão do fazendeiro que sinalizava a calamitosa chegada. O veículo estava vindo numa velocidade muito alta, mas Henry não iria se importar com isso.

— Ele está na carroceria — disse o fazendeiro assim que diminuiu a velocidade o suficiente para que Henry pulasse no estribo. Henry apoiou-se e subiu sobre os alimentadores do gado. O que viu o fez sentir-se mal.

Laray estava deitado em um cobertor jogado sobre palha. O rosto dele estava tão ensanguentado que mal era reconhecível. Um braço pendurado em um ângulo terrível, uma massa coberta de sangue projetando-se por entre retalhos de jaqueta e a camisa rasgadas. Henry se preparou, lutando para controlar a vontade de vomitar.

Ajoelhou-se na palha e estendeu a mão para no do jovem que não estava ferido.

— Laray, é o Delaney. Nós vamos ajudá-lo.

O caminhão atingiu uma poça na estrada e quase jogou Henry no chão. Ele lutou para recuperar o equilíbrio e voltou a falar.

— Agente firme, amigo. Estamos quase chegando... agente firme.

As pálpebras do jovem tremeram levemente — a única resposta.

Henry entrou em pânico.

— Agente firme — disse novamente. — Apenas agente firme. Lute, cara. Lute!

— Eu... não posso — veio a resposta abafada.

Henry sentiu-se aliviado e assustado. Aliviado por Laray ainda estar consciente. Assustado porque parecia que já tinha desistido.

— Sim. Sim, você pode. Você vai conseguir. Apenas aguarde firme.

Um pequeno movimento da cabeça do homem parecia uma recusa.

— Escute — disse Henry, agarrando-o pela mão ilesa. — Meu pai... meu pai estava patrulhando quando um louco... com uma faca... saltou sobre ele. O cara o atacou, atingido a perna dele. O homem fez três grandes cortes antes que papai pudesse dominá-lo. Meu pai conseguiu amarrar o sujeito no trenó e liderar a matilha de volta para casa. A essa altura, meu pai já tinha perdido muito sangue, era pra ter morrido. Não teria conseguido. Mas ele pensou em nós — e ele não desistiu. No momento em que entrou cambaleando na sede, ele estava quase inconsciente. Mesmo naquele momento, nós pensamos que o perderíamos. Mas ele continuou lutando. Continue orando...

— Eu não posso orar — a voz do homem era tão baixa que Henry mal captava as palavras. Henry se lembrou da viagem através da tempestade, quando o jovem disse que deixou sua mãe fazer uma oração por ele. Então, ele sabia pelo menos um pouco sobre oração, sobre fé.

— Sim você pode. Todos nós podemos orar.

— Eu... Eu me afastei.

Henry se aproximou para ouvir o sussurro.

— Então volte. Você se lembra da história do filho pródigo?

A cabeça balançou levemente.

— O pai estava esperando. Esperando o filho voltar. Não é apenas uma pequena história agradável. É a verdade. Jesus contou a história para aqueles que ouvirem soubessem que podem voltar. E só requer a disposição de pedir perdão, para confessar onde nós erramos.

Henry temeu que Laray estivesse perdendo a consciência. Ele não ousou fazer mais do que acariciar a cabeça do rapaz. Ele não sabia onde estavam os ferimentos na massa de sangue. Não ousava sacudi-lo. Quem sabia o que poderia ter acontecido ao pescoço dele? Sua espinha? Henry se aproximou e falou acima do ruído do caminhão.

— Laray, escute-me. Se você não pode lutar, então ore. Ore — para que se você deixar esta vida, esteja seguro na próxima. Por favor, Laray. Ore.

O homem no cobertor encharcado de sangue não respondeu, tinha deslizado para inconsciência. Henry cruzou a instável cabine do caminhão e se inclinou para gritar na janela do fazendeiro.

— Pise fundo. Temos que chegar lá imediatamente.

O caminhão balançou para frente, cambaleando e sacudindo ao bater buracos no leito da estrada de tábuas. A poeira era tão pesada que Henry teve que lutar para respirar. Teremos sorte se não morrermos todos, ele pensou, firmando-se enquanto lutava para segurar Laray no lugar.

Ele fez uma oração de agradecimento quando pararam na entrada da emergência. Dois atendentes de jaleco branco já estavam lá com uma maca. O primeiro deu uma olhada e ficou tão branco quanto o casaco.

— O que aconteceu com ele?

— Um urso — disse Henry em tom cortante. — Leve-o rápido. Não lhe resta muito pulso.

Henry deu um passo para trás e observou, esperando e orando que tivessem chegado a tempo, mas temendo que já fosse tarde demais. Empurrando a maca, os atendentes desapareceram pelas portas correndo.

O fazendeiro se recusou a voltar para casa até que soubesse o que havia acontecido. Juntos, eles esperaram, os dois homens sombrios, silenciosos.

Por fim, o fazendeiro teve que falar.

— Pegamos cavalos de sela e partimos para onde o gado pastava. Discutimos se deveríamos nos separar para cobrir mais terreno ou ficarmos juntos, caso houvesse problemas. Decidimos ficar juntos.

O fazendeiro olhou vidrado para a parede à sua frente.

— Tínhamos andado duas ou três milhas quando ouvi uma vaca berrando. Foi assim que fui avisado antes. Vacas berrando, buscando por um bezerro amamentando. Cavalgamos em direção ao barulho, e certamente, não tínhamos ido muito longe quando

vimos a carcaça em uma poça. O soldado me entregou as rédeas de seu cavalo e decidi dar uma olhada mais de perto. Havia cerca de um banco de corte de quatro ou cinco pés no local, e não queríamos conduzir os cavalos. Ele deslizou pela beirada e foi até o bezerro, e me chamou. Disse que tinha sido uma morte recente. Procurou por pegadas. Poderia ter sido os lobos, mas era o urso. Ele encontrou uma trilha limpa em alguma lama. Eu estava vigiando de cima. O rapaz estava se virando para subir quando esse monstro saiu do mato, avançando direto para ele. Os cavalos ficaram assustados. No momento em que fui capaz de me livrar deles e pegar o rifle que deixei cair, aquele urso estava acabando com ele. — O fazendeiro parou e soltou um longo suspiro. — Consegui abatê-lo com um tiro. Eu estava morrendo de medo. Sabia se apenas o ferisse, estaria tudo acabado para Laray.

Ele tremia tanto que mal conseguia falar.

— O urso caiu sobre ele. Tudo o que pude fazer foi arrastar a carcaça o suficiente para liberar o policial. Ele estava um horror. Pior visão que eu já vi na minha vida.

— Você fez um ótimo trabalho — Henry tentou assegurá-lo.

— Devíamos estar preparados para aquele urso. Eles são muito protetores de sua caça. Eu deveria saber que não podia ter deixado que o rapaz descesse.

Henry não tinha nada a dizer, tudo que tinha dito era verdade. Com uma caça recém-abatida eles deviam saber que o urso não estaria longe. Ele estava provavelmente dormindo na sombra depois de primeira refeição, mas ainda considerava a carcaça sua posse.

— Que tal pegarmos uma xícara de café? Talvez um sanduíche? — perguntou Henry.

O fazendeiro lentamente se levantou.

— Estamos mais preocupados com o braço dele — o médico informou-os mais tarde. Henry ficou aliviado ao saber que Laray ainda estava vivo.

— Os cortes faciais não são muito profundos, vão se curar. Ele certamente perdeu muito sangue — mas esperamos tê-lo estabilizado. Mas o braço — estava quebrado e muito mutilado. Damos graças a Deus porque o músculo ainda estar intacto. Vai

demorar um pouco para sabermos o quanto ele poderá usar o braço. Nós apenas teremos que esperar para ver e orar pelo melhor.

Henry se perguntou se o médico simplesmente usou uma figura de linguagem ou se realmente estaria orando.

— Vocês podem vê-lo se quiser, mas nós o mantemos fortemente sedado.

Eles decidiram vê-lo.

Embora ele estivesse mais pálido do que seu travesseiro de hospital e aparecessem tubos e instrumentos projetando-se como árvores em uma floresta, Laray parecia muito melhor do que da última vez que o viram. O sangue tinha sido lavado, o couro cabeludo e os cortes no rosto agora estavam cobertos com gaze branca.

— Sessenta e dois pontos no total — observou o médico de algum lugar atrás de Henry. — Apenas na cabeça.

Henry estremeceu.

— No braço — nós nem contamos.

O braço estava envolto em bandagens. O osso tinha sido cuidadosamente realinhado, mas sem gesso. Foi amarrado a uma prancha para evitar movimento, mas as lacerações precisavam de tempo para curar.

— Quando ele vai acordar? — perguntou Henry.

— Vamos mantê-lo sedado por um tempo. Estaremos dando a ele transfusões durante a noite e ver como ele reage pela manhã. Ele vai precisar de um pouco de ajuda. Perdeu uma boa parte do sangue.

Henry estava muito ciente disso.

— Gostaria de ser informado. Se ele acordar, eu gostaria de ser notificado —disse Henry.

O médico assentiu com a cabeça.

— Basta deixar o número, telefonaremos para você.

Foi uma viagem tranquila para casa na escuridão. Henry estava exausto, e sabia que o fazendeiro também estava.

— Obrigado pela carona — disse Henry enquanto descia do caminhão. — Eu o manterei informado sobre a recuperação de

Laray.

Apesar de estar exausto, Henry parou para orar por Laray um tempo antes de subir na cama.

— Olá — disse Henry no dia seguinte, tentando manter a voz uniforme e controlada.

— Olá — murmurou Laray de sua faixa de ataduras.

— Como vai?

Laray tentou um sorriso, mas estava torto por causa de um dos cortes perto do queixo.

— Diga-me você — respondeu ele. — Não tenho certeza do que é real e o que é um pesadelo.

Henry acenou com a cabeça em compreensão.

— Bem... você está aqui. E isso é real o bastante.

— Sim... Acho que tenho muita sorte, hein?

— Você pode dizer isso. Gosto de pensar que foi algo mais que isso.

Laray fechou os olhos. Quando olhou de volta para Henry, eles pareciam estar brilhando com lágrimas.

— Oração, hein?

Henry concordou com a cabeça.

— Tenho pensado muito sobre a oração... enquanto estive deitado aqui.

Henry esperou.

— Você falou comigo sobre oração no caminho, não foi?

— Falei.

— Você... você disse algo sobre o... o filho pródigo voltando para casa.

Henry assentiu, e ficou surpreso pela lembrança do amigo, que ele tivesse mesmo ouvido.

— Fazia muito sentido. Tenho pensado nisso desde então... desde que voltei a pensar. Eu decidi que você estava certo. Que eu deveria voltar... então clamei pelo perdão de que você falou.

Incapaz de falar, Henry estendeu a mão para apertar o ombro do jovem.

— Eu estava pensando — continuou Laray, —, quero dizer... Eu acho que a mamãe gostaria de ouvir isso. Você poderia talvez deixar recado? Deixar ela saber?

— Farei melhor do que isso. Vou telefonar para ela. Sua mãe está esperando por notícias de qualquer maneira.

Laray esboçou outro sorriso torto.

— Diga a ela que vou ficar bem. Assim que estiver de pé novamente, eu mesmo vou telefonar para ela. Também não consigo me mover muito com todos esses tubos e braço imobilizado.

— Eu direi a ela.

— Basta dizer... que eu voltei para casa. Ela ficará feliz em ouvir isso.

— Estou feliz em ouvir isso também.

Henry decidiu que seria melhor sair de lá enquanto ainda tinha controle sobre suas emoções. Já era excelente saber que as feridas do homem iriam sarar, mas foi ainda maravilhoso saber que a pessoa interior também estava se curando.

— Vejo você amanhã — ele prometeu e deu ao homem um tapinha no ombro.

Henry voltou para a rua e parou para se orientar.

Ele precisava encontrar uma loja que vendesse Bíblias. Laray logo precisaria de uma, e Henry decidiu que traria em sua próxima visita para ver o jovem.

A recuperação de Laray aconteceu muito mais rápido do que eles teriam ousado esperar. Em duas semanas, recebeu alta do hospital, e depois de uma semana de recuperação no quarto simples de oficial, o rapaz insistiu que estava morrendo de tédio e queria estar de volta ao trabalho. Henry concordou, com certa hesitação, que ele retornasse ao escritório, embora ainda houvesse muitos reparos a serem feitos no seu braço mutilado.

A pequena quantidade de cicatrizes no rosto do jovem oficial era quase um milagre. Dois dos cortes no couro cabeludo foram um pouco mais profundos, mas ficariam cobertos por cabelos.

— Ei, camarada — brincou Rogers —, você nunca pode ficar careca ou vai parecer uma bola de beisebol, com todos aqueles

pontos cruzados.

Laray riu entusiasmado como os outros companheiros.

Ele insistiu que estava apto a lidar com a burocracia, e eles o colocaram para trabalhar, mais para mantê-lo ocupado do que qualquer coisa.

Mas Henry logo aprendeu como era útil ter um homem fixo no escritório. Laray atendia as ligações, retransmitia mensagens, e fazia um excelente trabalho com a burocracia.. Ele precisava de apenas um braço para executar a maioria das tarefas. Esse fato deixou livre os outros dois policiais para patrulhar e investigar reclamações. Henry garantiu que Laray tivesse muito tempo para fazer a terapia necessária para o braço. E todos os dias eles faziam uma pequena oração de agradecimento pelo retorno do colega. Henry recordou novamente do poder das orações de uma mãe.



Capítulo 20

Christine ajeitou o cabelo no lugar e olhou no espelho mais uma vez. Não foi um rosto sorridente que a encarou de volta.

Ela parecia tensa. Apreensiva.

Há tantas coisas em que pensar, ela argumentou consigo mesma. Os planos do casamento estão me deixando tensa e nervosa.

Boyd também deve ter notado. Quando o noivo a deixou na pensão na noite anterior, ele a acusou de ser certinha e antiquada. Muito dura para amarrar os próprios sapato, foi como ele colocou. Christine tinha ficado magoada com a observação, mas tentou não deixar transparecer.

Ele ainda a pressionava para que se mudasse para a casa deles.

Christine ainda se agarrava teimosamente ao direito de seguir sua consciência. Isso causava uma contínua tensão no relacionamento e Christine estava ansiosa. No fundo de seu inconsciente, havia um medo constante — que a alertava para agir com cuidado. Mas Christine sempre o afastava rapidamente. As coisas seriam muito melhores assim que se casassem.

Boyd decidiu que eles continuariam a viver com seu pai. Christine teve momentos de desapontamento, mas sabia que fazia sentido.

— Não adianta desperdiçar o casarão enquanto pagamos o aluguel em algum apartamento pequeno e sujo. Além disso, é muito fácil conviver com um cara como meu pai.

Era verdade. O Sr. Kingsley tornou as coisas mais fáceis, para Boyd viver com ele. Ele não fazia exigências nem exigia o cumprimento de nenhuma regra. Christine não tinha recebido nenhuma indicação de que seria diferente quando os dois vivessem ali. Ainda assim, ansiara que o casal tivesse um lugar próprio quando estivessem casados.

A jovem tinha conversado com a mãe ao telefone na noite anterior. O vestido de noiva estava pronto, e agora havia apenas a questão de transportá-lo para a cidade.

Christine passou um pouco de pó de arroz no nariz e ajeitou o cabelo novamente. Sentia-se nervosa e não sabia por quê. Estavam apenas indo para a casa do Boyd, para acertar os convites.

Olhou para o relógio. Logo o noivo chegaria, e ele não gostava de ficar esperando. Christine pegou o suéter de uma cadeira perto da porta e saiu correndo da sala.

Ela estava esperando na calçada quando ele parou o carro. O rapaz acenou para ela e se inclinou para abrir a porta do passageiro.

— Sua mão de escrever está aquecida? — perguntou ele com um sorriso.

Christine retribuiu o sorriso e sentou-se ao lado dele.

— Papai tem uma lista tão longa quanto o cabo de uma vassoura — continuou ele.

— Acho que ele conhece todo mundo na cidade.

— Oh — riu Christine. — Creio que deveria levar mais tinta.

— Eu mesmo tenho uma longa lista — continuou ele. — Como está a sua?

— A minha não é longa — de forma alguma. A maioria dos meus amigos está nas aldeias indígenas do Norte.

— Bem, com certeza não podemos convidá-los — podemos?

Não foram tanto as palavras, mas a maneira como foram ditas que chamou a atenção de Christine. Por que não podiam convidá-los? O que ele quis dizer?

— Bem — ela respondeu, levantando o queixo ligeiramente —, poderíamos... mas eu não gostaria de exigir deles uma jornada tão difícil.

Christine viu a expressão de Boyd escurecer. Mas então ele pareceu encolher os ombros e deixar seus pensamentos mais sombrios de lado.

— Acabei de vir da floricultura — disse ele com entusiasmo transparecendo em sua voz. — Queria ter certeza de que eles teriam muitas rosas vermelhas. Vermelho-sangue, eu disse a eles. Grandes arranjos em cestos brancos. Todos na frente. E combinando com as flores para todos os buquês e as lapelas.

Christine sentiu uma pontada de tristeza. Ela tinha colocado no coração que queria uma braçada de lindas margaridas brancas e miosótis azuis.

— Ainda nem enviamos os convites — ela o recordou.

— Que quer dizer com isso? — ele parecia irritado.

Christine encolheu os ombros.

— Nada. Eu só pensei... nós nem conversamos sobre flores... nem nada. Parece um pouco cedo...

— Se você espera conseguir o que quer, tem que pedir cedo.

— Rosas vermelho-sangue não era realmente o que eu queria — ela ousou dizer.

— E o que você queria? — seu tom não era cortês.

— Margaridas.

— Margaridas? Elas são baratas.

— Elas são bonitas — respondeu ela.

— Eles iriam baratear todo o casamento. Eu não vou ficar de pé

em frente de um monte de margaridas. Era melhor que usasse dentes-de-leão.

Christine não disse mais nada. Seriam rosas vermelhas. Era certo que seriam lindas, mas não a fariam lembrar dos prados — de pássaros cantando e vozes felizes. Não lhe trariam a memória o Norte, o pouquinho de herança que ela levaria para esta nova vida.

— Papai e eu escolhemos o hotel para a recepção. Temos uma reunião este sábado para falar ... O quê? Por que esse olhar?

— Pensei que os pais da noiva....

— Normalmente, sim. Mas conhecemos seus pais — ele sendo um Sargento e tudo mais — jamais seria capaz de pagar o que nós queremos.

Então talvez você deva mudar o que quer, Christine queria dizer, mas mordeu a língua. Ela já tinha exigido o bastante.

— Venha aqui — disse ele e deu um tapinha no assento ao lado dele. — O que você está fazendo tão longe?

Sem uma palavra, ela deslizou.

— Você sabe — disse ele, pegando a mão dela e apertando-a —, eu estou realmente ansioso por isso. Não apenas no dia do casamento. Ter você... Como minha esposa.

Christine sentiu sua decepção e frustração derretendo. Ele realmente era muito doce. Ela ficaria tão aliviada quando todas as tensões dos preparativos do casamento acabassem!

Christine respirou fundo e se preparou. Deixe ele fazer tudo dos arranjos se isso o deixa feliz. Afinal, é o casamento dele também.

Ela se sentiu mais leve quando saiu do carro. Estava pronta agora, para começarem com os convites de casamento. Mesmo a lista “tão longa como um cabo de vassoura”.

— Você pode trabalhar na mesa da cozinha — disse Boyd enquanto a conduzia para dentro. — Se tiver alguma dúvida, é só gritar. Papai e eu estaremos na biblioteca.

Então era assim que ia ser. Tudo bem! Ela trabalhava melhor sozinha de qualquer forma.

De vez em quando, Boyd aparecia para pegar um refrigerante gelado ou encontrar algo para fazer um lanche. Ele sempre parava e

colocava um braço em volta dela ou brincava com os cabelos. Uma vez, até deu um beijo na testa de Christine.

— Como está indo?

— Tive que parar por enquanto. Eu estava prestes a organizar tudo. Tenho horário para chegar...

Ele parecia zangado, mas não disse nada.

Foi uma viagem silenciosa de volta à pensão. Quando chegaram, Boyd a puxou para perto, mas o abraço não foi gentil.

— Depois de nos casarmos, espero ter sua companhia — a noite toda — disse ele.

— Depois que nos casarmos — você terá — disse Christine, emocionada com as palavras do noivo.

— Estou cansado de deixá-la e voltar sozinho. Meus amigos estão começando a me ver como um desmancha-prazeres. Eu não me encaixo com os solteiros — ou os casais. Noite passada...

Ele deixou a frase pela metade, fazendo Christine se mexer para olhar para o rosto dele.

— O que houve noite passada?

— Nada.

Ele pareceu mudar de ideia.

— Sim, você deve saber. Todos eles dizem que sou louco. Louco por me amarrar a alguém que nem sabe como se divertir. Alguém que pensa que um culto de domingo na igreja é o passeio da semana. Eles dão risada quando eu digo que isso vai mudar.

Christine se afastou.

— Isso não vai mudar. Por que você acha que mudaria?

— Por favor, Christine — disse ele forçando a cabeça dela para trás contra seu ombro. Não me provoque.

— Não, por favor, precisamos discutir isso. É importante.

A jovem usou todas as suas forças para recuar, dando-se um pouco espaço.

— O que há para discutir? — a voz de Boyd era áspera.

— Bem, em primeiro lugar... Eu não fazia ideia... você não disse que ainda estava saindo com seus amigos.

— O que você achou que eu faria — às nove da noite? Iria para casa e para a cama?

A zombaria na voz do rapaz parecia uma faca no coração dela.

— Talvez não para a cama... mas pelo menos que fosse para casa — disse ela, lutando para manter a discussão em termos objetivos.

— Sentar e olhar para as paredes? — Boyd disse novamente em tom de zombaria. A dor e a traição que Christine estava sentindo quase a venceram. Ela mal conseguia falar, mas se obrigou a continuar.

— E minha igreja... — ela sufocou as lágrimas —, minha igreja sempre será importante para mim. Não tenho intenção de parar de frequentar depois de me casar. Eu esperava — essa tem sido minha oração diária — que você compartilharia minha fé. Não... não compartilhar a minha... mas que tivesse a sua própria fé. Que você sentisse... que entendesse como...

— Você não vai empurrar essa coisa de religião na minha goela abaixo. Eu pensei que tinha deixado isso claro.

As lágrimas estavam caindo livremente agora.

— Eu tenho que ir — ela sussurrou e estendeu a mão para a porta.

— Vejo você amanhã — gritou ele atrás dela. — Precisamos terminar esses convites.

Christine não respondeu, nem mesmo se virou.

Ela chorou a maior parte da noite. Nas primeiras horas da manhã, saiu da cama e transformou sua angústia em oração.

Ela sabia o que tinha que fazer, mas isso não significava que era fácil. Se fosse honesta, teria que admitir que percebera isso desde o início.

“Não se sujeite a jugo desigual com os incrédulos” tocou em seu coração. Por que pensou que poderia ir diretamente contra o que era tão claro, o que havia sabido o tempo todo, sem lidar com as consequências? Por que ela fingia estar buscando a direção de Deus, quando já sabia quais eram essas direções? Por que tinha orado pela liderança divina e, em seguida, excluído a Voz que lhe mostraria o caminho?

Como tinha sido tola. Tão tola. E agora se sentia soterrada pela dor, a tristeza, e o arrependimento. Christine sabia que não podia desfazer o que fora feito, mas podia evitar um erro ainda maior.

— Senhor, por favor, me perdoe — chorou ela. — Ajude-me a fazer o que devo fazer.

De manhã, seus olhos estavam vermelhos e inchados. Seria difícil esconder dos outros sua noite de lágrimas. Lavou o rosto com água fria e usou um pouco de maquiagem. Não ajudava muito, mas era tudo o que podia fazer. Certamente esperava que talvez as pessoas pensassem estava resfriada.

A jovem conseguiu passar pelo dia. Arrastou-se até o quarto e trocou de roupa. Boyd viria buscá-la, mas Christine estava decidida a não ir a lugar nenhum esta noite. Não ousava confiar em si mesma para cumprir sua nova determinação, se Boyd lhe sussurrasse doces promessas no ouvido.

Com lágrimas caindo novamente, Christine observou o lindo anel de diamante, em seguida, tirou-o do dedo e o colocou na caixa de veludo preto. Buscou a linda pulseira da gaveta da cômoda e colocou-a perto do anel. Estava contente pelo fato de Boyd ter investido mais em flores de presente. Pelo menos não havia tantos itens para juntar e devolver.

Quando Boyd chegou, Christine estava esperando por ele. O rapaz abriu a porta do passageiro, mas ela não entrou.

— Preciso falar com você — disse ela da calçada, com a voz trêmula, séria.

— Entra. Vamos conversar.

— Não...não, eu não quero — você poderia sair? Por favor. Vamos dar uma caminhada pelo parque.

— O que houve? — Boyd continuou onde estava.

— Por favor — disse ela novamente. — Eu pensei muito na noite passada. Orei...

— Oh isso. Olha, estou disposto a esquecer tudo isso.

— Mas eu não estou disposta. Quero dizer.. Eu não posso esquecer.

Boyd soltou um insulto.

— Eu não tinha ideia de que você ficaria tão abalada só por saber que eu ainda saio com a velha gangue. Você espera que eu seja um monge, só...

— Não é isso.

— Então o que...? Ah, eu sei. É a história da religião, não é?

A moça concordou com a cabeça.

— É a história da religião.

Boyd hesitou, depois deu de ombros.

— Tudo bem — agarre-se à sua antiga religião. Você vai acabar cansando, eu não me importo.

— Eu não vou me cansar, jamais. Você precisa saber.

Boyd veio deslizando pelo assento até chegar à porta do passageiro.

Christine estava diante dele, com as lágrimas agora escorrendo pelo rosto.

— Eu não queria que fosse assim. Não queria dizer isso aqui...

— Então entra. — Boyd soltou outro insulto. — Está fazendo que nós dois pareçamos idiotas.

— Eu sinto muito.

— Você precisa terminar os convites, não ficar parada aqui na calçada.

— Não vou terminar os convites. É isso que estou tentando dizer.

— Então quem você acha...?

— Eu não posso me casar com você, Boyd.

Assim que as palavras foram ditas, Christine sentiu uma profunda calma tomar conta de seu ser. As lágrimas até pararam de cair, embora ainda lhe umedecessem as bochechas.

— Do que você está falando? — o rapaz parecia realmente não compreender suas palavras.

— Não posso. Eu sinto muito.

— Você está com meu anel.

Ela estendeu a mão com a caixa de veludo preto.

— Aqui está seu anel. Eu sinto muito.

Ela estava totalmente despreparada para a mão que rapidamente

agarrou um punhado de seu cabelo, sacudindo-lhe a cabeça até para que seu rosto estava virando para cima.

— Coloca o anel de volta no dedo agora mesmo — ele sibilou. — Você acha que pode me tornar motivo de chacota de...

Christine gritou e mordeu o lábio. Virando-se rapidamente, ela conseguiu libertar-se e fugir do alcance de Boyd. Olhou para a pulseira que ainda estava segurando, jogou na porta aberta, então virou-se para correr de volta para a pensão. Christine estava em pânico, temendo que ele pudesse segui-la, mas ouviu apenas o guincho do carro quando Boyd saiu em disparada.

Ela chorou por mais uma noite. A situação era muito mais terrível do que imaginara. Ela o amava.... de um jeito estranho. Apesar de tudo, Boyd era tão... cortês, tão doce, quando queria ser. Elogiava com tanta facilidade e era generoso com os presentes. Boyd a fazia sentir-se especial, amada, desejada. E Christine ousou acreditar que poderia fazer algum bem para ele, que eventualmente seria capaz de transformar o humor sombrio, suprir o que faltou em sua vida, mostre-lhe a importância de ter Deus na vida e, com seu amor paciente, atraí-lo para a fé.

Como as coisas saíram tão errado? Havia apenas um resposta. Ela não tinha ouvido... e não tinha obedecido.

Na manhã seguinte, Christine se preparou para o trabalho, com os olhos nebulosos e sóbrios. O vazio de seu dedo anelar era uma lembrança constante do vazio de seu coração. Quando entrou no escritório, encontrou em sua mesa o maior buquê que já tinha visto — de rosas vermelhas flamejantes. As favoritas de Boyd. O cartão dizia: Eu amo você, Christine. Boyd.

Por um momento, Christine sentiu remorso pelo que tinha feito. Ele era tão terno. Tinha mandado uma prova de seu amor quando foi ela que rompeu o noivado. Tão atencioso. Como ela poderia não perdoar a explosão de raiva dele em troca?

Em um instante, porém, Christine sentiu uma raiva ardente enchendo seu ser. Boyd não estava sendo justo. Ele presumiu arrogantemente que poderia ter tudo o que quisesse na vida — em seus termos.

Felizmente, nenhum outro funcionário tinha chegado, e ela

rasgou o cartão do buquê, jogou-o na cesta de lixo e carregou o buquê para a mesinha de recepção perto da parede. Christine não ia cheirá-lo; não ia olhar para ele, não ia reivindicá-lo como seu.

A jovem sentou-se à máquina de escrever e começou a trabalhar freneticamente. Conforme passou o dia, suas emoções acalmaram, e no final do dia ela estava pensando mais racionalmente — mas não menos decidida a manter tudo terminado.

Christine estava em seu próprio quarto quando chegou a hora que Boyd costumava pegá-la. A Sra. Green bateu na porta para dizer-lhe que o rapaz a esperava lá fora. Para evitar uma cena, Christine decidiu descer para encontrá-lo. A jovem preparou-se quando o viu, mas Boyd estava tão contido, tão gentil em seus modos e tão bonito ali parado, que Christine decidiu ser educada.

— Eu... eu vim para buscá-la, Christine. Nós precisamos conversar.

O tom usado por ele estava cheio de carinho por ela. Cheio de remorso. Mas Christine deu um passo para trás e balançou a cabeça.

— Por favor, meu amor... precisamos resolver isso. Qualquer que seja... o seu problema, podemos resolvê-lo.

Problema dela. Ele iria ajudá-la com seu problema. Sentiu as lágrimas arderem em seus olhos.

— Não vai funcionar — disse Christine com o máximo de firmeza que conseguiu, devido o nó que havia na garganta. — Devíamos ter percebido que não funcionaria. Nós somos... muito diferentes. Temos valores diferentes. Diferente sonhos. Eu sinto muito. Sinto muito. Isso não vai funcionar.

Christine viu o flash de raiva surgir novamente nos olhos de Boyd. Ela deu um passo para trás rapidamente. O humor sombrio desse rapaz lhe assustava. Christine tentou fechar os olhos para a verdade, recusou-se a reconhecer... mas sempre conheceu a raiva profundamente arraigada que ameaçava explodir a qualquer momento.

— Por favor — disse ela, levantando a mão com a palma para fora —, não venha aqui novamente. Não temos mais nada para dizer um ao outro.

Christine fechou a porta, girou a chave e encostou-se na porta, as lágrimas escorrendo pelo rosto. Precisava ligar para os pais. O que será que iam pensar? Mas sei que eles me amam, foi o pensamento que teve a seguir. Ela não ia precisar daquele vestido de noiva...

Christine foi chamada ao escritório do Sr. Kingsley. Sentou-se na cadeira onde costumava sentar com o coração batendo forte.

— Este é um assunto bastante delicado para mim — começou o chefe, depois de pigarrear. — Um pai não gosta de se envolver nestes assuntos. Boyd me disse que vocês... tiveram um pequeno mal-entendido.

Christine certamente não teria descrito dessa forma, mas deixou passar.

— Agora — seja o que for — tenho certeza de que podemos resolver isso.

O Sr. Kingsley fez uma pausa quando viu que Christine balançava a cabeça.

— Temos que levar aqueles convites de casamento para o Correio.

Como o filho, ele não estava ouvindo.

— Senhor Kingsley, não vai haver casamento — disse ela calmamente, mas com firmeza.

— Ora, Christine, todas as noivas ficam nervosas. É natural. Vai sentir-se...

— Não — disse a jovem, levantando-se. — Não. Isso não é o nervosismo pelas núpcias. Eu estava errada — totalmente errada. Eu deveria ter visto. Nós... nós apenas... não teria funcionado.

A testa do homem começou a ficar franzida, os olhos estavam se estreitando. Por um momento, o ele a fez recordar do filho.

— Você está dizendo que não vai nem mesmo considerar uma reconciliação? Que não vai nem dar ao meu filho a chance de ouvir o lado dele da história? Ele está com o coração partido — o pobre menino. Nem saiu ontem à noite. Com o coração partido — e você não vai nem mesmo discutir o assunto com ele.

— Eu sinto muito, mas não posso.

O Sr. Kingsley se levantou da cadeira.

— Eu também sinto muito — disse ele, com uma expressão ameaçadora. — Não tinha ideia de que você era tão teimosa. Tão... tola. Boyd teria sido capaz de lhe dar tudo. Tudo.

Não... nem tudo, respondeu o coração de Christine. Não tudo. Ele estava me despojando de meu respeito próprio. Minha paz de espírito. Minha fé. Eu teria vivido com medo. Em sujeição...

— Peça a Srta. Stout que lhe entregue seu último pagamento — disse o homem vivamente.

— O senhor quer dizer...?

O senhor Kingsley a encarou. Sua raiva parecia ter se dissipado, deixando no lugar um velho cansado e exausto.

— Seria estranho para todos nós se você permanecesse.



Capítulo 21

Henry prestou pouca atenção ao barulho do telefone.

Laray, com o braço esquerdo ainda imóvel por uma tipoia, atendeu.

— Polícia. Posso ajudá-lo?

Laray estava convencido de que se alguém precisasse de uma resposta imediata, demoraria muito para dizer o nome completo da Polícia.

— Sim. sim. Sim, senhora. É para você, sargento — disse Laray, cobrindo o bocal.

Henry saiu da mesa e foi em direção ao telefone na parede.

O que poderia ser agora?

A voz de uma mulher perturbada comandou toda a sua atenção.

Ele ouviu por alguns momentos, sem entender nada que ela estava dizendo.

— Perdoe-me, senhora vai ter que respirar e começar de novo. Não consegui decifrar...

Henry ouviu um pequeno soluço; e então a mulher respirou fundo.

— É o Danny. Ele está... ele desapareceu.

A mãe de Danny está na linha Henry pensou rapidamente, e o policial sentiu tencionar cada músculo de seu corpo.

— O que quer dizer... desaparecido?

— Ele está... perdido.

— Estou indo para aí.

— Uma criança acaba de ser dada como perdida — disse ele aos dois rostos que se viraram em sua direção. — Agora, estou certo de que ele vai aparecer na casa de um vizinho ou em algum parquinho. A mãe dele está... está muito chateada. Espero que ela esteja tirando conclusões precipitadas. Vou sair para verificar.

Ainda assim, sentia um nó no próprio estômago, tamanho era seu medo.

— Era Sam, não era? — perguntou Laray, parecendo atordoado.

Henry acenou com a cabeça, já se movendo em direção à porta.

— O que ela disse?

— Não consegui muitas informações. Ela está bastante angustiada — disse Henry enquanto estendeu a mão para a maçaneta.

— Quer que organizemos um grupo de busca?

— Ainda não. Não até descobirmos um pouco mais. Eu não creio que o menino tenha ido longe.

— Se você precisar daquele grupo de busca... — Rogers estava dizendo quando Henry bateu a porta e correu para a viatura.

Henry a encontrou andando de um lado para o outro na varanda da frente, com as mãos entrelaçadas tão firmemente que os nós dos dedos estavam brancos. Lágrimas corriam pelo rosto enquanto Sam correu para encontrá-lo.

— Precisamos encontrá-lo — ela engasgou.

O jovem policial a pegou pelos ombros e gentilmente conduziu-a

em direção a casa.

— Nós vamos encontrá-lo.

— Mas...

Sam apontou para o carro, indicando sua expectativa de ser levada para a busca.

— Primeiro precisamos obter algumas informações para sabermos onde procurar.

— Se soubesse onde procurar, acha mesmo que eu estaria aqui de pé? — ela deixou escapar.

Henry não respondeu, mas a guiou de volta para a varanda. Ele gesticulou para a cadeira de salgueiro, e Sam entendeu e se sentou, enxugando as lágrimas do rosto com as palmas das mãos.

Ele puxou o bloco e um pequeno lápis, não porque precisasse, mas porque poderia ajudá-la a se acalmar o suficiente para pensar com mais clareza.

— Quando você o viu pela última vez?

— Esta manhã... quando eu fui com ele para a casa Sra. Crane.

— Danny não disse nada — sobre planos —, algo desse tipo?

— Não.

— Quando descobriu que ele não estava mais na casa da Sra. Crane?

— Ela tinha uma consulta médica — na cidade. Eu sabia, pois ela combinou comigo para deixar Danny com meus pais quando saísse.

— Então Danny foi levado para a casa dos seus pais?

— Sim. Por volta das onze horas.

— Onde ele estava? Em casa? No quintal?

— Não sei.

— Você conversou com seus pais?

Era evidente que Sam estava ficando impaciente com todo aquele questionamento. Henry sabia que ela não suportaria muito mais tempo.

— Claro que conversei com eles. Minha mãe ligou na hora que não conseguiu encontrar o Danny.

— E quando foi isso?

— Quando ela saiu para chamá-lo para almoçar, o menino tinha sumido, não estava no quintal — nem na rua. Meu filho nunca faz isso. Nunca.

— Danny disse alguma coisa ...?

— Olha, precisamos encontrá-lo. Talvez alguém o tenha levado. Aquele homem assustador pode ter vindo...

— O homem está de volta à prisão, que é onde pertence.

Henry não tinha a intenção de dar essa informação, mas precisava aliviar alguns dos medos da jovem mãe. Sam pareceu aliviada.

— Então o que...?

— É provável que Danny tenha apenas ido visitar algum garoto vizinho.

— Danny não faz isso, nunca sai sem pedir.

Sam estava chorando de novo.

— Pode ser que ele já esteja de volta à casa dos seus pais.

— Não — a vizinho está lá. Ela disse que me chamaria ao telefone assim que ele voltasse.

— Onde estão seus pais?

— Estão procurando.

Henry pensou no Sr. Martin com seu joelho artrítico. Ele rastejaria de casa em casa, se fosse preciso, a fim de encontrar o neto.

Henry se levantou e guardou o bloco e o lápis.

— Vamos fazer uma busca.

Sam ficou muito feliz em correr em direção ao carro.

Henry dirigiu pelas ruas lentamente, atribuindo a ela um lado.

— Procure pelo Danny — ou por qualquer outra criança. Eles podem saber onde ele está. E se vir sua mãe ou pai, gostaria de falar com eles.

Foi na terceira rua que Sam apontou para um grupo de crianças que estavam em um quintal.

— Há crianças. Tony Ambruce está lá. Ele é um dos companheiros de Danny.

Henry parou e saiu.

— Você espera aqui. Eu volto logo.

Aproximando-se do pequeno grupo, Henry fez seu semblante cara mais amigável.

— Olá, pessoal. Por acaso, algum de vocês viu o Danny por aí?

Várias cabeças balançaram em uma resposta negativa.

Tony Ambruce foi um deles. Henry ficou desapontado.

Uma garotinha sentada na escada da varanda com uma boneca nos braços, falou.

— Eu vi.

Prendendo a respiração, Henry se aproximou da menina. Ele certamente não queria assustá-la, para que ficasse em silêncio.

— Você o viu? Hoje?

A menina assentiu.

— Onde?

Ela olhou para baixo timidamente. Henry temia que a menina não fosse responder. Por fim, depois de ajustar a manta da boneca, a garotinha olhou para cima.

— Ali — disse ela com um aceno de cabeça. — Na calçada.

— O que ele estava fazendo?

A menina encolheu os ombros pequenos e olhou para cima novamente.

— Nada. Apenas andando.

— Para onde estava indo?

— Por ali. — ela apontou.

— Ele disse a você para onde estava indo?

— Não.

— Obrigado, querida — disse Henry, desanimado. Os poucos comentários não trouxeram muita ajuda.

A garotinha ergueu os olhos novamente.

— Sou Janey.

— Obrigado... Janey.

Henry se virou para ir embora.

— Eu sei para onde ele estava indo — disse Janey atrás dele.

O policial se virou. Será que a menina estava apenas atrasando a

conversa, ou realmente tinha alguma informação?

— Onde ele estava indo?

— Pescar.

— Pescar?

Janey balançou a cabeça vigorosamente, atrapalhando-se com o botão do vestido da boneca.

— Como você sabe?

— 'Causa que ele tinha uma vara de pescar.

— Você tem certeza?

— Uh-huh. Eu vi.

Uma vara de pescar. Os pensamentos de Henry giraram. Se fosse verdade — se Danny decidiu ir pescar sozinho... O riacho estava cheio com o degelo da montanha da primavera. Não era o lugar ideal para um menino de cinco anos ficar sozinho.

Sobriamente, Henry voltou para o carro. Tinha que escoltar Sam de volta para a casa dos pais e levar o grupo de busca até o riacho.

Mas como? E ele não tinha tempo a perder.

— Acho que vamos até a casa de seus pais e ver se ele já voltou.

Henry esperava que sua voz não denunciasse sua preocupação.

— O que as crianças disseram?

— Nenhum dos meninos o viu.

Henry dirigiu mais rápido do que devia. Quando parou na frente da casa dos Martins, orou para que já estivessem em casa. Orou também para que nada o detivesse. Cada minuto...

O pai de Sam estava na varanda da frente passando a mão nos joelhos. Henry virou-se para a jovem que estava ao seu lado.

— Você poderia me trazer um copo de água, por favor? Estou com uma sede terrível — Henry pediu, na esperança de ter uma breve conversa a sós com o homem.

Sam pareceu surpresa com o pedido, mas fez o que lhe foi pedido.

Henry falou rapidamente no momento em que a porta se fechou atrás dela.

— Acabei de falar com uma garotinha que disse ter visto Danny

caminhando na calçada com uma vara de pescar. — Ele viu o rosto do homem fique pálido. Devia ter alguma lógica na história.

O Sr. Martin disse:

— Ele entrou, cerca de onze e meia e disse: ‘Vovô, eu quero pescar.’ Não prestei muita atenção. Apenas concordei e disse que seria bom. Não me dei conta de que significava naquela hora.

Sam estava voltando pela porta novamente com um copo na mão. O pai segurava a cabeça entre as mãos.

Ela olhou de um para o outro, automaticamente entregando a água para Henry.

— O que...?

Henry esperava que o pai não dissesse nada que pudesse alarmá-la.

Mas ele disse.

— Dá uma olhada na varanda dos fundos — disse ele para a filha —, e veja se minha vara ainda está no lugar.

A jovem pareceu confusa, mas foi verificar.

— Não, não está lá.

— O menino foi pescar — disse o velho gemendo.

— O que quer dizer com isso? — os olhos de Sam agora pareciam selvagens.

— Ele pegou minha vara e foi pescar.

— Não diga que ele foi para o riacho?

O pai assentiu.

Henry deu um passo à frente.

— Ora, não... — Henry ia dizer que não precisava se preocupar, mas sabia que não fazia sentido. — Você fica aqui com seus pais. Entrarei em contato assim que o encontrarmos.

— Eu vou junto.

— Não há nada...

— Eu sou a mãe dele!

— Por favor — deixe que nós cuidemos disso.

— O que você vai fazer?

— Vou organizar uma equipe de busca — então vou para o

riacho.

— Eu vou junto.

Henry sabia que era inútil argumentar. Ele assentiu, e Sam correu em direção ao carro que esperava.

Demorou apenas alguns minutos para repassar as informações que reunira aos homens no escritório, então subiu de volta no carro e deu a volta no meio da rua, deixando um pequeno redemoinho de poeira em seu rastro.

Os dois não conversaram, parecia haver tão pouco a dizer.

Henry acelerou o carro tanto quanto podia, então, desceram do carro e caminharam a pé. O policial esperava que Sam não conseguisse acompanhá-lo, mas ela teria corrido na frente se ele não tivesse se esforçado para acompanhar seu passo.

Eles podiam ouvir o riacho antes mesmo de vê-lo. Na maior parte de sua extensão, as margens profundas ainda conseguiam contê-lo, mas a água estava rápida e agitada. Galhos de árvores mortas tombavam e eram arremessados até que uma curva ou afloramento irregular de rocha conseguia prender e segurá-los com força.

Normalmente, Henry teria sugerido que se separassem, que cada um tomasse uma direção, mas ele não podia fazer isso. E se ela visse o garoto e tentasse fazer o resgate?

— Acho que devemos tentar ir para rio acima — disse ele, as primeiras palavras desde que saíram da cidade. Ela não respondeu, apenas virou-se naquela direção. Henry podia ver a angústia em seu rosto.

A caminhada era muito difícil. Muitas vezes, os salgueiros ao longo das margens os forçavam a fazer desvios da trilha, por causa dos ramos emaranhados.

Todas as vezes, Henry voltava o mais rápido possível e buscava na margem — na beira da água, nas rochas —, por pontos de cor que não pertencessem ao lugar. Se estivesse com outra pessoa, Henry teria aconselhado a procurar qualquer coisa que pudesse parecer tecido — dentro ou fora d'água. Mas não podia dizer isso para ela, Sam já estava quase a um estado de choque.

De vez em quando, ela aceitava sua ajuda em terrenos acidentados. Mas Sam não reclamava, mesmo quando suas mãos

arranhavam nas pedras afiadas e sua roupa fora rasgada em um pedaço de arame farpado descartado.

Em um momento, Henry encontrou um pedaço de pano esfarrapado. Hesitante, ele mostrou o tecido, e ficou extremamente aliviado quando ela balançou a cabeça.

Agora, outras pessoas começaram a se juntar a eles. Logo as margens do riacho e as colinas circundantes estavam cheias de gente — fazendeiros e agricultores, empresários que não pararam para trocar os ternos risca de giz, mulheres, algumas ainda usando os aventais, algumas carregando bebês no quadril, os mais velhos, os mais jovens, qualquer que podia caminhar e gritar estava procurando o garotinho.

O sol se escondeu atrás de uma montanha distante, mas eles não desistiram da busca. Vozes ecoando pelas colinas chamando: “Danny — Danny”. Era assustador. Quase surreal. Agora havia comentários sussurrados e semblantes cheios de medo. Os mesmos que oraram para encontrar o menino agora começaram a temer que não pudessem. Certamente, se Danny ainda estivesse vagando pelas colinas ou seguindo as águas revoltas, eles já o teriam encontrado.

A escuridão começou a descer. Henry percebeu que formaram alguns aglomerados aqui e ali. As pessoas estavam se reunindo. Logo seria impossível enxergar.

Rogers foi até ele. Ele acenou para Henry se afastar da mãe de Danny e manteve sua voz baixa.

— Eles estão se perguntando quanto tempo mais, pois não conseguimos enxergar mais nada esta noite. Precisamos retomar a busca pela manhã.

Henry detestava ter que concordar, mas tinha que concordar.

— Deixe as pessoas irem. Oriente que nos procuram pela manhã, para saber se precisaremos de ajuda novamente.

Quanto a ele, ainda não podia desistir, não estava pronto para desistir.

Sabia que já havia coberto cada centímetro acima e abaixo do riacho por quilômetros.

Henry não disse nada quando foi até onde Sam estava ouvindo

uma vizinha. Ele esperou a mulher mais velha se afastar, e então se aproximou.

— Está muito escuro para enxergarmos esta noite. Por que você não vai para casa com alguém? Tente dormir. Nós vamos...

O que eles fariam? Henry realmente não sabia. Não podia fazer promessas ridículas.

— O que você está planejando fazer? — Sam questionou com os lábios tremendo.

Henry hesitou. Detestava conceber a ideia de drenar o riacho....

O policial queria um ou dois bons cães. Talvez pudesse telefonar e pediu que trouxessem alguns para a área. Mas mesmo enquanto considerava isso, Henry sabia que os cães teria dificuldade em farejar algum cheiro específico. A área tinha sido cruzada repetidas vezes por inúmeras pessoas.

— Pensei em olhar em volta mais um pouco — ver se a lua aparece para clarear.

— Eu esperava que você dissesse isso.

Henry sabia que Sam não tinha intenção de voltar para casa.

Eles caminharam chamando pelo garoto, e tropeçaram pelo caminho em meio a densas trevas. Pesadas nuvens pesadas impediam a lua de iluminar o mundo aos seus pés.

Por fim, Henry soube que eles tinham que parar, pois estava ficando frio, e nenhum deles tinha um casaco.

— É melhor irmos para casa — disse finalmente. — Vamos começar de novo assim que o sol nascer.

Henry percebeu que Sam estava chorando de novo. Não havia nenhum som, mas ele a viu passar a mão nas bochechas na escuridão. Ele queria confortá-la, mas não sabia como. Henry estendeu a mão para pegar o braço dela.

— Cuidado, esse é um caminho difícil.

Sam o deixou conduzi-la de volta para o carro sem protestar.

Era bom estar longe do frio. Ele ligou o motor e partiu em direção à cidade.

— Você quer que eu a leve para a casa de seus pais?

— Não.

Isso foi tudo... apenas não.

— Você pode dormir melhor se...

— Eu não vou dormir.

Henry não achava que conseguiria dormir muito também.

—Você acha que é minha culpa, não é? — Sam o surpreendeu perguntando.

— Sua culpa? Por que?

— Se eu tivesse deixado que ele fosse com os meninos... Se eu tivesse deixado você...

— Nem pense nisso — interrompeu ele. — Isso não tem nada a ver com aquilo.

— Eu não tenho tanta certeza.

Sam enterrou o rosto nas mãos e os soluços sacudiram seu corpo. Henry não tinha ideia do que fazer, então continuou dirigindo.

— Desculpe-me — ela finalmente disse —, mas não posso enfrentar...

Ele ficou em silêncio.

— Você estava certo — continuou ela. — Danny precisa aprender coisas... de um homem. — Ela fez uma pausa para respirar fundo. — Ele precisa de um modelo a seguir, eu sei disso. Mas eu fico apenas... com medo. Quando... quando o pai dele morreu, decidi que nunca mais queria sentir esse tipo de dor novamente. Nunca. Doeu muito. Um minuto eu estava viva e feliz, e no próximo... — Ela olhou pela janela para a escuridão além. — A polícia chegou. Muito de mim morreu naquela noite. Eu teria morrido completamente se... se não fosse por minha fé. De alguma forma, Deus me ajudaria a superar isso. Eu me agarrei nesse sentimento. E no Danny. Meu filho me deu uma razão para viver.

Henry não se atreveu a pegar a mão dela, nem a fazer comentários. Sabia que devia dar a Sam a liberdade de abrir a alma enquanto apenas ouvia.

— Eu saí de onde estava morando, vim para cá — para uma nova vida. Meus pais se mudaram para cá e papai tinha um bom negócio. Mas as mãos dele — a artrite —, ele não podia mais trabalhar. Então eu tomei conta do negócio. Até deixei que... eles

mudassem meu nome. Foi uma brincadeira no começo, mas logo todos simplesmente aceitaram — até eu mesma. Eu não me importava. Eu não era a pessoa que era antes de qualquer maneira, então me tornei a pequena Sam — ou a Jovem Sam —, ou Lady Sam. Logo era apenas Sam. — Ela fez uma pausa para assoar o nariz. — Esse não é meu verdadeiro nome.

Eu sei, ele queria dizer, mas não disse nada.

— Me desculpe — disse ela de repente. — Eu não quis dizer...

— É bom falar sobre isso — disse Henry em tom encorajador.

Ela soluçou novamente.

— Sim ... você sabe sobre isso. Você é um policial.

— Espero ser mais do que isso — disse ele suavemente. — Espero ser um amigo.

A jovem pareceu refletir nesse fato por um momento.

— Sim, faz diferença irmos para a mesma igreja. Que nós dois sejamos crentes.

Ela pareceu ganhar um pouco de confiança com essa declaração.

— Acho que é por isso que continuei me abrindo. Não porque você é um policial, mas porque é um companheiro crente.

— Faz diferença — concordou ele.

Eles chegaram às ruas da cidade. Ainda havia luzes acesas nas janelas de muitas casas. Famílias — subjugadas e preocupadas por um menino... e sua mãe.

— Tem certeza que não quer ficar com seus pais?

— Sim. Se ele voltar para casa... ele vai voltar para cá.

Henry a acompanhou até a porta da frente, perguntando-se o que dizer, como dizer alguma coisa... Ele a observou secar as bochechas novamente.

Querido Deus, ele pranteou silenciosamente, se alguém tiver que trazer a ela a notícia de que perdeu o filho, por favor, não deixe que seja eu. Mas imediatamente mudou a oração. Se tiver que ser eu, me ajude. Ajude-a...

— Tem certeza de que ficará bem?

— Tanto quanto posso estar sob tais as circunstâncias.

Henry assentiu.

A jovem mãe se moveu em direção à porta. Henry se virou para ir embora, quando a luz do poste iluminou algo em uma das cadeiras de salgueiro.

Ele se moveu com cautela em direção à cadeira e se agachou.

A luz incidiu sobre o rosto de um menino pequenino, muito sujo, encolhido em posição fetal, e a vara de pescar próxima a ele. A criança estava dormindo profundamente.

Henry se endireitou, e seu coração batia forte, com a mente girando entre orações ação de graça.

A mãe estava de costas para ele, enquanto se atrapalhava com a fechadura da porta. Henry deu um passo na direção dela.

— Amber.

Amber virou-se ao ouvir seu nome.

— Olhe.

Ela olhou, um pequeno grito escapou de sua garganta antes que pudesse abafar com a sua mão.

— Ele está bem, está apenas dormindo.

E então, Amber estava em seus braços, chorando, agarrando-se à frente de sua camisa, com a cabeça dela enterrada contra o peito dele enquanto toda a emoção reprimida do longo dia derramava-se em uma torrente de lágrimas. Henry apenas a abraçou.

Capítulo 22

Ela não chorou por muito tempo, pois estava ansiosa demais para ver o Danny por si mesma. Amber se afastou de Henry e caminhou para perto da criança.

— Danny... Danny — ela sussurrou suavemente, tomando-o em seus braços.

O garoto se mexeu e olhou para a mãe confuso. Então pareceu recordar. Ela o pegou, segurando-o com tanta força que Danny se contorceu nos braços da mãe.

— Onde a senhora estava? — questionou o garoto. — Eu estava preocupado.

A mãe riu tremulamente. Henry se questionou se ela se tornaria

histórica, mas Amber manteve a voz bem controlada.

— Você estava preocupado? Eu estava quase morrendo de medo.

Danny pareceu não entender a preocupação da mãe. Depois olhou para cima, para Henry.

— Eu fui pescar — disse ele.

— Por que? Por que saiu sem pedir permissão? — ela perguntou ao filho.

— Mas eu pedi permissão — o menino respondeu com simplicidade. — Eu perguntei ao Papa Sam. Você disse que ele é meu chefe quando estou em sua casa.

— Papa Sam não sabia que você pretendia ir pescar naquele momento. Hoje.

— Ele não sabia?

— Não... ele pensou que você quisesse dizer... um dia.

O garotinho pareceu refletir sobre aquela informação.

— Eu não consegui pescar de qualquer maneira — disse ele finalmente com tristeza. — A água era muito grande.

— Tudo bem...você está aqui agora... são e salvo. Vamos. Vamos levá-lo para a cama.

— Posso comer algo primeiro?

— É claro. Venha, vou pegar um pouco de cereal e torradas para você.

— Não tenho que levar a vara do Papa Sam para casa primeiro?

— Não. A vara do Papa Sam pode esperar até amanhã. Mas nós precisamos telefonar para ele imediatamente e dizer que você está bem.

— Ele também estava preocupado?

— Estava sim. Ele e a cidade inteira. Estávamos todos procurando por você — disse a mãe, apertando-o novamente.

A notícia pareceu surpreendê-lo.

Henry estava esperando para ter certeza de que ficariam bem. Ele estava prestes a desejar a eles boa noite quando Amber voltou sua atenção à ele.

— Você também deve estar morrendo de fome. Não quer entrar? Não sei o que tenho para cozinhar depressa, mas vamos encontrar algo.

— Que tal um pouco de cereal? — ele sorriu.

— Pode ser — respondeu ela com um sorriso irônico.

Ela se virou e os direcionou para dentro da casa.

— Você também pode se juntar a nós na cozinha — ela disse enquanto entravam. — Preciso alimentar este garoto, limpá-lo e colocá-lo na cama.

Amber acomodou Danny em uma cadeira junto à mesa, primeira vez que ela tirava o menino de seus braços.

— Sente-se aí e eu pego seu cereal. Talvez o sargento Delaney possa colocar alguns pães na torradeira.

Eles se revezaram lavando as mãos na pia do canto, e ela limpou o rosto e as mãos sujos de lama de Danny.

Henry recebeu as fatias de pão enquanto ela servia cereal em uma tigela amarela e acrescentava o leite. Amber foi para o telefone avisar os que estava tudo bem.

Ele pensou que a jovem mãe fosse começar a chorar de novo, mas ela conseguiu manter a compostura. Não foi uma conversa longa, apenas muito empolgada.

O cheiro da torrada lembrou Henry de quão faminto estava. Fazia horas que não comia nada.

Enquanto Danny comia, Amber colocou o café no bule para aquecer e trouxe um pouco de bacon e ovos.

Danny tinha terminado cerca de metade do cereal quando seus olhos começaram a se fechar.

— Não acho que ele vai conseguir terminar — Henry observou com uma risada. — Ele está prestes a adormecer em cima da comida.

Amber riu. Um som tão diferente, ele pensou. Verdadeiramente feliz. Totalmente à vontade.

— Que tal se eu o carregá-lo até a cama? — sugeriu Henry. — Você apenas mostra o caminho.

A cabeça da criança caiu sobre o ombro de Henry, e seus braços

pequenos rodearam seu pescoço. Henry reprimiu a vontade de beijar a cabeça despenteada. Ele era um rapazinho durão.

Amber não se preocupou em vestir um pijama no garoto, apenas tirou os sapatos e meias empoeiradas e colocou-o debaixo das cobertas.

— Vou terminar de limpá-lo amanhã.

Ela ficou ao lado da cama, seu rosto mostrando sua admiração por ter o filho de volta. A mãe tocou na testa do garoto e enfiou os cobertores ao redor dele mais uma vez.

Quando voltaram para a cozinha, o café estava em ebulição.

— Você se importa se eu usar seu telefone? — Henry perguntou.
— Eu tenho alguns oficiais que ficarão muito contentes em ouvir boas notícias.

Enquanto Henry telefonava, Amber fritava o bacon e os ovos.

O estômago dele roncou quando desligou o fone. Era atribuição dele fazer mais torradas.

Os dois se sentaram para desfrutar da refeição simples, na pequena e organizada cozinha azul e branca de Amber. Henry sentiu que nunca tinha desfrutado de um banquete melhor em toda a sua vida.

— Eu me pergunto por quanto tempo ele ficou sentado naquela cadeira, enquanto nós vasculhávamos as margens do riacho no escuro? — meditou Amber, com a xícara na mão. — Preocupação boba, não é?

— Sim — concordou ele. — A vida pode ser um pouco boba às vezes.

A moça ficou quieta por vários minutos. Henry sentiu que seus pensamentos estavam longe, e não estava inclinado a se intrometer neles.

— Você me chamou de Amber — disse ela por fim.

Henry sentiu seu rosto esquentar.

— Como você sabia meu nome? — ela se perguntou.

Como poderia explicar isso... mas como não poderia? Não podia mentir.

Amber colocou a xícara de café na mesa e o encarou

diretamente, com a cabeça apoiada em uma mão.

— Foi você... não foi? O policial que veio à minha casa?

Ele assentiu.

— E você sabia quem eu era... todo esse tempo?

Outro aceno de cabeça.

— Você não disse nada.

— Eu não sabia o que dizer.

A jovem sorriu, um pouco hesitante.

— É irônico. Eu sempre disse a mim mesma que se eu encontrasse aquele policial novamente, daria a ele meu agradecimento.

— Agradecimento? — ele ficou chocado.

— Por ser tão gentil. Por tentar ajudar... em uma situação terrível. Por não me abandonar.

Henry não conseguia falar.

— E quando o conheci, tudo que fiz foi falar de forma ríspida...

— Ora, não foi ríspida. Ora, talvez um pouco... mas pelo menos não mordeu.

A brincadeira diminuiu um pouco a tensão do momento.

Amber rapidamente ficou séria novamente.

— Eu realmente agradeço. Profundamente. Ainda estou agradecida.

— Obrigado — disse ele simplesmente, mas ficou mais emocionado com aquelas palavras do que poderia dizer.

Amber pegou a xícara novamente e segurou-a com as duas mãos.

— Você acha que nós... poderíamos meio que começar de novo?

— Eu ia gostar disso.

Henry deslizou a mão sobre a mesa, com a palma para cima. Amber não hesitou, mas estendeu a mão para encontrar a dele, entrelaçando os dedos. Quando Amber não tirou a mão imediatamente, Henry colocou a mão sobre a dela.

— Você tem um garotinho maravilhoso — disse ele, com as palavras cheias de significado vindo do fundo de seu coração.

Os olhos de Amber brilharam com lágrimas, mas Henry soube que ela não iria chorar de novo.

— Eu sei — disse ela sussurrando. — E sabe o que mais? Acho que ele adoraria acampar.

— Eu também gostaria. — Henry sorriu e ela sorriu de volta. Ele soltou a mão dela e se levantou. — Agora sugiro algum sono. A menos que possa ajudar a lavar esses pratos.

— Nem pensar em pratos, não essa noite. Para ninguém. Estou exausta.

— Então é melhor eu ir para casa. Obrigado pelo jantar. Essa foi a melhor refeição que já tive.

— Você estava quase morrendo de fome — ela disse rindo. — Você teria comido até mesmo purê de batata frio.

Ambos riram. Então Henry disse:

— Mesmo que não estivesse com tanta fome, ainda teria sido a melhor refeição que eu já tive.

— Nós tínhamos motivo para comemorar, não é?

O jovem policial olhou para o rosto dela e acenou com a cabeça, e achou que ela entendeu.

Amber o seguiu até a porta. Henry pegou o chapéu no sofá e desejou-lhe boa noite. Enquanto Amber estava ali, banhada pela luz suave da varanda, segurando a porta e tentando mais uma vez expressar seu agradecimento, Henry se perguntou como seria abraçá-la num momento em que ela não estivesse chorando. Em seu coração ousou deixar nascer a esperança de que não ia demorar muito para que descobrisse.

Poucos dias depois, Henry parou na barbearia no caminho de casa. Seu coração martelava no peito. Será que entendera errado? Será que tinha sido apenas uma mãe extenuada expressando seu alívio quando falou sobre recomeçar?

O que ‘recomeçar’ significava para ela? Será que Amber realmente abriu a porta para a amizade — ou tinha sido apenas uma fresta?

Bem, logo descobriria. Mas o próprio pensamento o assustava. A resposta dela à sua pergunta decidiria sobre qualquer relação no

futuro.

Henry esperava fervorosamente que não houvesse um cliente na cadeira de barbeiro.

Um fazendeiro da vizinhança estava saindo da loja, enfiando a carteira no bolso de trás,. Os homens trocaram cumprimentos, e Henry entrou pela porta que o homem segurava para ele.

Amber estava dobrando a capa, de costas para ele. Henry removeu o chapéu, respirou fundo e disse:

— Bom dia.

A jovem olhou para cima, capturando a imagem dele refletida no espelho, então se virou lentamente, esboçando um sorriso que iluminava seus lábios e seus olhos.

— Bom Dia. Já precisa de um corte de cabelo?

— Não... na verdade, eu estava passando... — Henry começou a dizer, então rapidamente alterou sua declaração para: — Não, isso também não está certo. Tive que fazer um desvio para chegar aqui.

O sorriso de Amber tornou-se ainda mais iluminado. Ela esperou que ele continuasse.

— Estava pensando... tenho o sábado de folga. Pensei que talvez pudéssemos levar o Danny naquele passeio para pescar. Mas vamos para o lago — não para o riacho.

Henry prendeu a respiração e esperou, o coração batendo tão frenético, que o rapaz temia que Amber pudesse ouvir.

— Ele ia adorar — disse ela, e não houve um momento hesitação.

— E você?

— Eu também ia gostar.

Ela souou como se realmente quisesse ir. Não disse que achava que seria adorável, mas seus olhos diziam com todas as letras que achava que sim.

— Vou preparar um lanche para levarmos — continuou ela. — A que horas devemos estar prontos?

— Por volta de dez horas?

— Dez parece ótimo. Danny vai ficar tão animado.

Amber abriu outro sorriso, que enviou uma descarga de

adrenalina ao coração já sobrecarregado de Henry.

— Até lá então.

Henry inclinou o Stetson e saiu pela porta, e fez de tudo para não gritar. Seria terrivelmente difícil esperar pelo sábado.

Os três se divertiram muitíssimo.. Danny estava tão animado que só conseguiu parar de tagarelar depois que andaram os primeiros quatro quilômetros da viagem. Henry riu, lembrando-se de como foi quando ele tinha sido um menino a caminho do lago com uma vara de pescar. Evidentemente, ele era consideravelmente mais velho do que Danny na época em que teve sua primeira oportunidade, mas a felicidade era a mesma.

Eles passaram a manhã no cais. Henry pegou peixes de bom tamanho e Danny conseguiu pegar um.

Até sua mãe tentou pescar. Henry teve que mostrar a ela como segurar a vara, como observar a boia. Amber gritou de alegria quando um peixe mordeu sua isca — mas o perdeu antes de conseguir trazê-lo para a superfície.

Almoçaram na sombra de uma árvore. O clima aquecera, e eles se sentiram contentes e sonolentos. Enquanto Amber reembalava o almoço na cesta, Henry deitou-se para olhar as nuvens que se moviam suavemente acima deles. Ele sorriu enquanto observava Danny imitá-lo — deitado de um lado, apoiando a cabeça no pequeno punho.

— As nuvens são brancas — falou o garotinho.

— São brancas — concordou Henry.

— Às vezes são pretas.

Henry se virou para estudar o rosto do menino.

— Você sabe o que faz a diferença?

— Na verdade não.

O menino meneou a cabeça.

— O sol.

— O sol?

— Sim. Se as nuvens são muito espessas para deixar o sol brilhar através delas, temos dias escuros e nublados. Às vezes elas até parecem cruéis e feias. Se o sol consegue brilhar sobre elas, as

nuvens parecem brancas e fofas — bonitas. Se pudéssemos olhar para elas do outro lado, lá em cima, onde fica o sol, elas sempre pareceriam lanosas, brancas e fofas.

— Você quer dizer do lado de Deus?

— O lado de Deus — disse Henry. — Ele tem uma maneira muito diferente de ver as coisas.

Henry sabia que Amber havia parado de empilhar os pratos.

Será que também estava pensando nas nuvens — no sol — e em Deus?

— Gosto mais das brancas — observou Danny.

— Acho que todos nós gostamos. Mas precisamos das escuras. Eles trazem a chuva — que faz as coisas viverem e crescerem. Mas ficamos sempre felizes quando as nuvens escuras terminam o seu trabalho e vão embora.

Danny se sentou e estendeu suas mãozinhas de menino.

— 'Causa de que, se não tivesse chuva, não ia tê lagos. Então não podíamos ir pescar.

Henry estendeu a mão e bagunçou o cabelo do garoto.

— Isso mesmo, meu rapazinho. E se vamos pegar o suficiente para compartilhar com o papai Sam e a vovó, é melhor voltarmos para o lago.

Ele não precisou oferecer um segundo convite.

Henry e Amber se viam com frequência. O jovem policial não precisava mais se perguntar se seus convites seriam rejeitados. Ele era saudado com um sorriso que tocava não apenas seus lábios, como a moça teria recebido um cliente — mas que iluminava todo o rosto. E Danny sempre corria para encontrá-lo, reivindicando sua mão enquanto tagarelava sobre alguma nova aventura ou mostrava uma descoberta emocionante.

Uma noite, Henry e Amber sentaram-se amigavelmente na varanda da frente depois que Danny foi acomodado para dormir. Permaneceram ali, ouvindo os sons da noite, bebendo café fumegante. As duas cadeiras de salgueiro que o velho Sam fabricara — antes da artrite —, foram aproximadas uma da outra. A um braço de distância, Henry tinha percebido. O rapaz calmamente

alcançou a mão dela, que descansava no braço de salgueiro liso.

Amber olhou para cima, seus dedos apertando os dele.

— Bem pacífico, não é?

Henry concordou, estava sentindo a mesma coisa.

— É... a vida parece... um pouco mais fácil? — a voz dele era suave.

A moça acenou com a cabeça, apertando um pouco mais forte a mão do policial.

O casal ficou sentado em silêncio. Henry desejava saber os pensamentos de Amber, mas não queria estragar o momento com uma pergunta.

Por fim, ela falou novamente.

— Por um tempo pensei que o sol acima daquela nuvem terrivelmente escura nunca mais brilharia sobre mim. Mas ele estava lá — o tempo todo. Do lado de Deus. Eu só tive que deixar ele aparecer.

Henry apertou os dedos dela.

— Fico feliz que tenha aparecido.

Grilos ali perto cantavam uma canção em uníssono. Em algum lugar, a distância, um cachorro latiu e recebeu a resposta de outro companheiro.

— Eu... vou fazer uma pequena viagem — disse Henry. — Eu tinha planejado uma folga, para assistir ao casamento da minha irmã mais nova. Bem... não vai haver casamento agora. As coisas não deram certo para eles...

Havia um certo tom de tristeza nas palavras. Henry ainda sentia pesar por Christine e seu coração partido.

— Mas eu ainda vou viajar para Athabasca. Para ver meus pais.

— Ora... isso vai ser bom para você.

— Eu me pergunto... há alguma chance de você e Danny virem comigo?

Henry virou-se para ela. A luz do poste iluminou o rosto de Amber, deixando seu cabelo castanho dourado, e seus olhos ainda mais violetas.

— Eu... Você tem certeza?

— Nunca tive tanta certeza de nada em minha vida.

— Eu... Eu realmente ia gostar de ir.

Ele pensou ter visto algo brilhando no canto dos olhos da moça.

— Meus pais ficarão muito felizes em conhecê-la. Eu contei a eles sobre você.

— Você contou?

— contei. Eu já... contei a eles sobre a Amber. Não sobre a Sam. Você se importa?

Henry pensou por um momento que Amber fosse chorar. Mas não, não chorou. Em vez disso, Amber ergueu o queixo e olhou para ele com firmeza.

— Gostei. Eu adoraria ser Amber... de novo.

Henry se inclinou e a beijou suavemente. Foi uma promessa que ela aceitou.



Capítulo 23

Já era tarde quando eles finalmente chegaram na casa familiar em Athabasca. A luz da varanda iluminava a passarela e o banco de tronco na escadaria de madeira. As luzes de dentro surgiam através das janelas cobertas de cortinas, desenhando formas amareladas sobre o gramado verde bem aparado. Para Henry, era voltar para casa.

Mas voltar para casa de uma maneira diferente. Nem tanto para aprovação — mas para bênção. Henry sabia em seu coração que os pais amariam Amber e seu filhinho, mas queria que eles realmente compartilhassem sua alegria por tê-la encontrado novamente, por ser convidado por olhos, sorrisos e mãos estendidas para

compartilhar sua vida.

Foi isso que fez cantar o coração de Henry cantar quando ele se abaixou e desligou a ignição, então sorriu para ela, e assentiu.

— Aqui estamos.

O sorriso que recebeu de Amber parecia um pouco hesitante. Ele tomou a mão dela e apertou suavemente.

— Você vai gostar deles — tenho certeza disso.

— Não é isso que me preocupa.

Antes que Henry pudesse responder, a porta se abriu. Ali estava uma mulher, banhada em luz. Ela olhava para a noite, as mãos cruzadas na frente do corpo, o rosto suavemente emoldurado por um halo de cabelo.

— Ela parece adorável — Amber sussurrou.

— Ela é — respondeu o rapaz. — Ela realmente é.

A jovem se mexeu.

— Ela está esperando.

Henry moveu-se rapidamente, saindo do carro, abrindo a porta de Amber, guiando-a adiante.

Elizabeth aguardou paciente, com o rosto cheio de expectativa enquanto observava eles chegarem.

— Mamãe — Henry disse ao alcançá-la.

Ele raramente a chamava de mamãe. Era seu pequeno termo especial de carinho. Henry a tomou em seus braços e segurou a mãe pelo que pareceu um longo tempo. Lágrimas faziam brilhar o rosto da mulher mais idosa. O filho lhe beijou a testa e ela beijou a bochecha bem barbeada, antes que Henry finalmente a soltasse.

— Esta é a Amber. Amber, essa é minha mãe.

As mulheres trocaram saudações. Amber recebeu um abraço de recepção de boas-vindas. Henry sabia que teriam muito a dizer uma para a outra.

Outras figuras se amontoaram na porta de entrada da casa. Henry foi agarrado no abraço de urso do pai, que então cumprimentou a jovem de forma mais gentil e moderada, mas com grande cordialidade. Amber abriu um sorriso aliviado para Henry. Ela já era parte da família.

Uma jovem adiantou-se quase ao mesmo tempo que um grande husky siberiano reuniu-se a eles no círculo, com a cauda abanando e movendo o corpo todo. Não havia dúvida de que o cachorro se lembrava de Henry, e o rosto do jovem policial recebeu uma lambida empolgada quando se agachou para cumprimentar o velho companheiro.

Mas então Henry se levantou e se virou para Christine. Segurou a irmã, e balançou-a para frente e para trás, demonstrando seu cuidado e preocupação. Christine se agarrou ao irmão e chorou. Henry estava mais uma vez compartilhando a dor de outra pessoa.

— Onde está o menino?

A pergunta de Elizabeth trouxe a atenção de todos de volta ao presente. Henry riu.

— Ele está dormindo, no banco de trás.

— Oh — murmurou Elizabeth com um cuidado de avó. — Traga o pobrezinho para dentro, e o levaremos para a cama.

Henry deu um beijo final em Christine no topo de sua cabeça e se virou para buscar Danny, com Amber ao seu lado. Eles logo voltaram, Henry carregava o menino adormecido e Amber a bolsa de mão.

— Mãe, você vai deixar os mosquitos entrarem — Henry brincou com Elizabeth na porta aberta.

— Não acho que eles vão querer entrar aqui — disse Wynn rindo. — Eles não gostam de fumaça, e foi a Christine que preparou o jantar.

Sua tentativa de iluminar a atmosfera funcionou, e todos eles riram juntos.

— Eu estava apenas brincando — Wynn acabou explicando. — Ela é ótima cozinheira, lembra até como preparar pemmican.

Elizabeth estava totalmente envolvida em cuidar do menino.

— Ele é lindo — ela sussurrou quando finalmente teve um vislumbre do rostinho adormecido. Henry beijou a cabeça do menino e alisou o cabelo para trás enquanto Elizabeth tirava os sapatos dele.

— Eu coloquei uma cama no quarto do meio — Elizabeth explicou para Amber. — Espero que não se importe de dividir o

quarto com ele, querida.

— De maneira nenhuma.

— Temo que estejamos um pouco lotados. Não há muito espaço...

— Vai tudo ficar bem.

Estava tudo bem. Tudo limpo e arejado com cortinas rendadas nas janelas e um edredom caseiro nas duas camas. Levou pouco tempo para colocar o garotinho entre os confortáveis lençóis de flanela.

Logo o resto estava reunido na sala de estar. Não havia nenhum fogo na lareira porque aquela era uma noite cálida — não só por causa do clima ameno, mas aquecida com o calor da reunião familiar.

Eles estavam juntos mais uma vez.

Henry esperava de todo o coração, embora ainda não tivessem conversado sobre o assunto — que a família em breve incluiria dois novos membros. Enquanto olhava para os rostos felizes ao redor da sala e ouvia a conversa suave, Henry teve certeza de que haveria uma abundância de boas-vindas. Ele nunca se sentiu mais feliz em toda a sua vida.

Os próximos dias foram passados com os Delaneys conhecendo Amber e Danny. Não foi difícil. Danny era o catalisador que os unia. Eles riam de suas travessuras, compartilhavam suas aventuras e maravilhavam-se novamente com o dom especial da infância. Fizeram caminhadas e organizaram piqueniques, praticaram canoagem e pesca, jogaram e brincaram com Teeko. Foi relaxante, um momento de diversão em família, e passou rápido demais.

Próximo ao final da curta visita, quando Henry estava confiante de que Amber se sentia confortável quando deixada na companhia de Elizabeth, ele decidiu separar algum tempo a sós com sua irmã.

— Acho que Christine e eu vamos dar uma olhada naquela plantação de morangos, que costumávamos visitar.

— Essa é uma boa ideia — disse Elizabeth. — Você pode não encontrar muitos morangos, sobraram poucos, mas pode haver uma ou duas frutas ainda escondidas.

Amber acenou com a cabeça em assentimento. Henry já havia

discutido seu plano com ela.

Os irmãos nem chegaram ao antigo canteiro de morangos. Tão logo estavam fora da vista da pequena cidade, Christine foi até um grande tronco e acomodou-se nele, colocando o balde de lado.

— Não há morangos — atestou a jovem. — Podemos muito bem economizar nossa energia.

Henry não discutiu, mas se abaixou e se sentou no chão.

— Eu gostaria de conversar — Henry disse diretamente. Eles sempre foram francos e abertos um com o outro.

— Eu também queria conversar.

Henry arrancou uma folha de grama e colocou uma extremidade na boca, apreciando o sabor fresco do caule partido.

— Quer me contar sobre o que aconteceu?

Christine o fez, contando toda a triste história de seu namoro e separação.

— Não preciso dizer que você certamente tomou a decisão certa — disse ele quando a irmã terminou, enxugando as lágrimas.

— Eu sei — admitiu Christine —, mas com certeza não foi fácil.

— Vai ficar mais fácil — conforme o tempo passar. Vai superá-lo, sabe disso.

— De certa forma — disse Christine honestamente —, acho que já o superei. Posso orar por ele agora... com sinceridade, pela salvação dele. Por sua segurança. Ouvi dizer que ele se alistou. Tudo isso me assusta. Papai tem certeza de que em breve estaremos em uma guerra. Ele não fala muito sobre isso, pois não quer preocupar a mamãe.

Lá estava ela novamente, aquela nuvem sinistra pairando sobre o país — sobre o mundo inteiro. Todos os ses e quandos mantinham o mundo em suspense coletivo.

Mas Christine continuava falando.

— É fácil para mim entender por que Boyd é como é. Mas... mas me incomoda com a minha atitude.

— Sua atitude?

— Como eu pude julgar tão mal as coisas? Onde estavam todas aquelas lições de fé? Todas aquelas coisas que mamãe e papai nos

ensinaram ao longo dos anos? Eu sei o que a Bíblia diz. Como eu pude me desviar dessa maneira? Não sei se poderei confiar em mim mesma novamente.

Henry estendeu a mão e deu um tapinha no sapato pendurado no pé da irmã que estava perto de sua cabeça, a única parte que poderia alcançar sem se levantar.

— Certamente pode. Estava tudo lá ainda — enterrado um pouco mais profundamente, por um tempo — mas ainda estava lá. Você não permitiu que a convencessem a ir morar com eles. Isso teria sido desastroso. E você percebeu — a tempo —, que não poderia se casar com o cara. Agradeço a Deus por isso. Você poderia ter passado uma vida inteira sendo... agredida fisicamente.

Apenas o fato de pensar nisso fez Henry ficar com raiva, e ele jogou a haste o mais longe que pôde.

— Quer saber... o que mais me incomoda é que eu estava orando. Durante todo o relacionamento... Eu estava orando. Pedindo a Deus que me conduzisse. Pedindo a Ele que me mostrasse... e ainda quase cometi o maior erro da minha vida.

— Você acha que Deus a decepcionou? — perguntou Henry suavemente.

— Não. Não... Nada disso. Eu apenas O desliguei. Não quis ouvi-Lo falar. É assustador.

Christine hesitou, e Henry ponderou no que ela acabara de dizer.

— Quando você realmente quer alguma coisa — ela continuou —, você pode dobrar a vontade do Senhor para se ajustar à sua. Eu aprendi isso, e realmente me fez refletir. Se você realmente deseja a vontade de Deus para sua vida, precisa fazer muito mais do que orar. Precisa ouvir a resposta... e obedecer, mesmo que vá contra o que tinha esperado.

Henry ouviu e concordou. Lamentava profundamente que Christine tivesse passado por tais circunstâncias difíceis. Mas sua irmã mais nova parecia ter aprendido uma das lições mais importantes da vida.

— Então para onde você vai... daqui? — questionou Henry.

Ela riu.

— Estou fazendo planos... Em breve terei que arrumar um

emprego lucrativo. O pai e a mãe tem sido muito carinhosos em cuidar do meu coração partido... mas não se pode continuar sendo mimado para sempre.

— Para onde você irá?

— Já andei buscando algo por aqui, mas não há muito trabalho. Acho que vou voltar para a cidade.

— Que tal ir comigo? — Henry ofereceu. — Certamente há algo para você naquela região... e você ainda estaria com a família.

No começo, o semblante de Christine se iluminou e Henry pensou que a irmã concordaria. Então ela balançou a cabeça lentamente.

— Não acho que agora seja um bom momento.

— Você não precisa se apressar. Poderia viver comigo e tomar tempo para encontrar...

— Não estava pensando em mim.

— Então pensava em quem?

— Você... e Amber.

— Mas isso não iria...

— Sim, iria. Você tem um relacionamento maravilhoso, Henry, como eu oro, para que um possa desfrutar... com alguém. Amber é uma moça maravilhosa. Eu já a amo. Mas ela não precisa da minha intromissão — tomando seu tempo e atenção. Basta que haja uma criança, que você precisa encaixar nos planos.

A princípio, Henry estava pronto para argumentar, mas enquanto Christine ainda falava, o rapaz percebeu a sabedoria das palavras ditas pela irmã. Ele ficou satisfeito com o altruísmo de Christine, por sua maturidade e discernimento. Henry se levantou e estendeu a mão para dar-lhe um empurrãozinho de , como costumavam fazer.

— Para uma criança... você não é tão burra. Acho que vai se sair bem.

Eles sorriram afetuosamente um para o outro. Era hora de pegar o balde de frutas vazio e ir para casa.

A família só teve mais um dia juntos. O tempo passou muito rápido. De acordo com Danny, eles deveriam apenas ficar onde estavam.

— Por que não podemos morar aqui? — perguntou o garoto a

Elizabeth, parecendo triste. Ela deu-lhe um abraço e disse-lhe que eles, os avós, estavam ansiosos para que ele voltasse, mas em seu coração, Elizabeth sabia o quanto adoraria mantê-lo por perto.

Bem, ele a chamava de “Vovó Beth”, por sugestão dela, e a boa mulher estava certa de que era apenas uma questão de tempo até que...

— Não seria maravilhoso sermos avós? — comentou ela para Wynn, quando se preparavam para dormir.

Wynn devia saber para onde os pensamentos dela estavam indo.

— Danny é um excelente garotinho — Wynn respondeu com uma risada.

— Ela é doce também, não é? — Elizabeth sabia que não precisava explicar.

— Ela é muito doce.

— Estou tão feliz por eles.

— Você não está se precipitando um pouco?

— Acho que não. Eu vejo aquele olhar nos olhos dos dois.

— Como você viu no meu quando eu estava me apaixonando por você? — disse Wynn provocador.

— Ao contrário! Você escondeu tão bem que eu jamais poderia imaginar — respondeu Elizabeth com falsa arrogância.

Wynn a puxou para seus braços.

— Você vê agora?

Elizabeth o fitou e concordou com a cabeça, com os olhos repentinamente umedecidos.

— Eu vejo agora.

— É isso que conta — disse ele e beijou-a no nariz.

Em sua última noite, Henry e Amber saíram para dar uma caminhada sob as estrelas de junho. Eles fizeram poucos passeios noturnos, por causa dos mosquitos ferozes, mas agora, com Danny já coberto para dormir, Henry ousou sugerir o passeio, e Amber concordou rapidamente.

O casal caminhou amigavelmente por algum tempo, desfrutando da proximidade, a tranquilidade da noite. A escuridão crescente estendeu uma cortina ao redor deles, gerando uma proximidade

especial entre mente e espírito.

— Quando eu era criança, sempre parava para ouvir os lobos essa hora da noite — Henry disse pensativamente.

— Lembro-me dos lobos. Nunca aprendi a gostar do som.

— Papai me ensinou a amá-los. Quase sinto que os conheço.

— Que você era um deles na matilha? — brincou Amber.

Henry apertou de leve a mão dela.

— Agora, sinto que gostaria de ser o chefe da minha própria matilha.

— De lobos? — brincou ela novamente.

— Não... não de lobos.

Eles riram baixinho juntos.

Henry parou e se virou para ela, puxando-a para os seus braços.

— Um bando de pessoas — ele sussurrou. — Tem sido difícil ser paciente. Parecem anos e anos de espera e oração. Mas agora... atrevo-me a ter esperança?

A voz de Amber ressoou logo abaixo do queixo dele.

— Não sei. Você teria que me perguntar.

— Acho que posso fazer isso.

Henry ergueu o queixo de Amber e deixou a lua iluminar seus olhos.

— Eu te amo, Amber. Você e seu garotinho maravilhoso. Eu ficaria muito orgulhoso de tê-la como minha esposa. Você aceita?

— Eu ficaria feliz em me juntar ao seu bando — respondeu Amber em um sussurro.

Lá no céu, a lua parecia piscar para eles. O vento suave tocava as canções dos bosques por entre os choupos. Henry sentia tudo, mas não estava ciente de nada — nada além da música em seu coração e a mulher em seus braços.

Amber não estava chorando.

Henry queria correr de volta e gritar a notícia maravilhosa.

E ele o faria. Momentaneamente. Henry tinha a sensação de que ninguém ficaria surpreso. Mas primeiro ele queria permanecer ali — saborear aquele momento especial de felicidade. Amber disse que

sim, e isso fez seu coração cantar. Acima, além da lua e das estrelas, Henry sentiu o Pai sorrindo para eles gentilmente com aprovação divina, de algum lugar lá em cima. Seu coração suspirou uma oração sincera de ação de graças. Verdadeiramente, Deus era bom.



Fim

Vencedora do Gold Book Award
(500.000 cópias vendidas)
A Escritora



JANETTE OKE nasceu em Champion, Alberta, filha de canadense, fazendeiro de pradaria, e sua esposa, e cresceu em uma grande família cheia de risos e amor. Formou-se na Faculdade Mountain View Bible, em Alberta, onde conheceu seu marido, Edward, e eles se casaram em maio de 1957. Depois de pastorear igrejas em Indiana e no Canadá, os Okes passaram alguns anos em Calgary, onde Edward serviu em diversos cargos em faculdades, enquanto Janette continuou a escrever. Ela escreveu mais de quatro dezenas de romances para adultos e crianças, e as vendas de seus livros totalizam mais de vinte e dois milhões de cópias.

A família Oke têm três filhos e uma filha, todos casados, e o casal está desfrutando de seus doze netos. Edward e Janette são ativos na igreja local e vivem perto de Didsbury, Alberta.

Leia mais de Janette Oke

Nada em sua privilegiada educação preparou Elizabeth para os desafios da vida na fronteira...

Elizabeth Thatcher é jovem, bonita, culta e educada. Mas quando viaja para o Oeste para ensinar na escola no sopé das Montanhas Rochosas canadenses, ela está completamente despreparada para as condições que encontra.

Ainda assim, ela está determinada a ser bem-sucedida na formidável tarefa de se adaptar aos local e moldar os corações e mentes dos alunos sob seus cuidados. Ela está igualmente determinada a não entregar seu coração a nenhum dos homens da fronteira local.

Até conhecer um membro da Real Polícia Montada do Canadá...

QUANDO CHAMA O CORAÇÃO

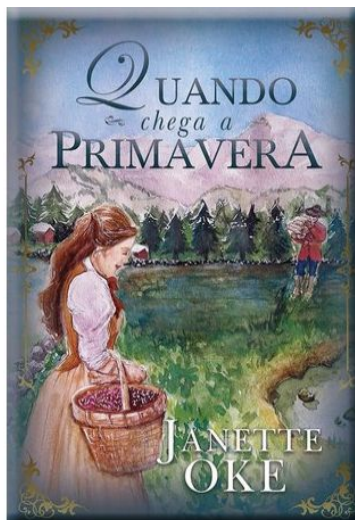
204 páginas - 16x23cm

O casamento era tudo o que ela sonhara - e então...

Depois de um ano ensinando em uma escola na fronteira ocidental, Elizabeth planeja seu casamento com Wynn Delaney, um membro da Real Polícia Montada do Canadá.

Quando eles começam sua nova vida juntos em seu posto isolado no extremo Norte, Elizabeth não está preparada para a solidão que sente e os rigores da vida sem nenhuma das conveniências a que está acostumada. Seu profundo amor por Wynn e sua fé em Deus parecem ser tudo o que ela tem. Mas, isso será suficiente?

QUANDO CHEGA A PRIMAVERA - 152 páginas - 16x23cm



Deixando para trás seus queridos amigos em Beaver Creek, Elizabeth e Wynn assumem um posto avançado da Real Polícia Montada Canadense ainda mais primitivo no noroeste do país. Elizabeth fica totalmente isolada quando as indígenas locais têm medo até de se comunicar com ela. Os Delaney pensaram que já haviam enfrentado a decepção mais esmagadora de suas vidas quando viram o pequeno Sammy desaparecer de vista nos braços de seu pai. Eles serão capazes de sobreviver aos desafios que virão? .

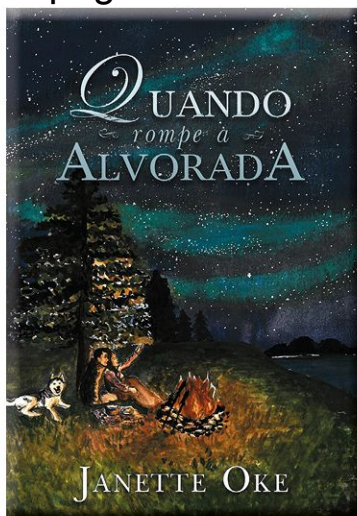
QUANDO RENASCE A ESPERANÇA

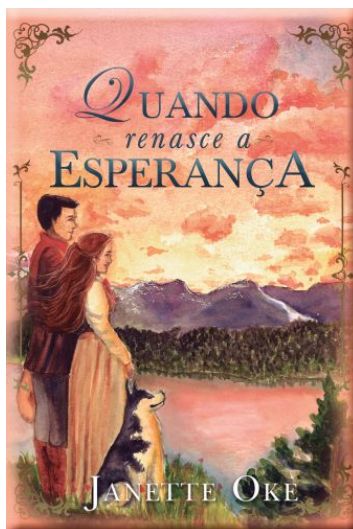
204 páginas - 16x23cm

Tendo sobrevivido à dureza de seu primeiro ano no extremo Noroeste, Elizabeth e Wynn - seu Royal Canadian Mountie - agora enfrentam novos desafios. Quando fazem novos amigos e começam uma nova escola, eles recebem um novo destacamento. Parece que os sonhos de Elizabeth de ter uma família e uma casa própria não acontecerão. Será que o amor mútuo, a esperança no futuro e a fé em Deus os farão atravessar decepções esmagadoras?

QUANDO ROMPE A ALVORADA

188 páginas - 16x23cm





Série Oeste Canadense

Em breve traremos o sexto livro, que completa a série Oeste

Canadense.

Daí partiremos para a saga Retorno ao Oeste Canadense.

Aguardamos todos nessa viagem nas histórias da
talentosíssima escritora Janette Oke.

